

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDO SCHUBERT

AS BANDURAS DE IVÁN BOJKO EM CURITIBA: EXPLORANDO AS RELAÇÕES
SOCIAIS E CULTURAIS POR MEIO DE ARTEFATOS MUSICAIS

CURITIBA

2023

FERNANDO SCHUBERT

AS BANDURAS DE IVÁN BOJKO EM CURITIBA: EXPLORANDO RELAÇÕES
SOCIAIS E CULTURAIS POR MEIO DE ARTEFATOS MUSICAIS

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção de grau de Mestre em Design, no setor
Programa de Pós-Graduação em Design, Setor de
Artes, Comunicação e Design, Universidade
Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Bergmann Filho

CURITIBA
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA DE ARTES COMUNICAÇÃO E DESIGN - CABRAL

S384 Schubert, Fernando
As banduras de Iván Bojko em Curitiba: explorando relações sociais
e culturais por meio de artefatos musicais. / Fernando Schubert. – 2023.
1 recurso online : PDF

Orientador: Prof. Dr. Juarez Bergmann Filho

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de
Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Design.
Inclui referências.

1. Design. 2. Cultura material. 3. Bandura. I. Schubert, Fernando.
II. Universidade Federal do Paraná. Setor de Artes Comunicação e
Design. Programa de Pós-graduação em Design. III. Título.

CDD: 745.2

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação DESIGN da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **FERNANDO SCHUBERT** intitulada: **As Banduras de Iván Bojko em Curitiba: Explorando as Relações Sociais e Culturais por Meio de Artefatos Musicais**, sob orientação do Prof. Dr. JUAREZ BERGMANN FILHO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 02 de Junho de 2023.

Assinatura Eletrônica

09/06/2023 10:30:05.0

JUAREZ BERGMANN FILHO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

26/07/2023 13:52:37.0

ROGERIO BUDASZ

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA)

Assinatura Eletrônica

06/06/2023 18:32:06.0

RONALDO DE OLIVEIRA CORRÊA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

RESUMO

Iván Bojko (Konyukhy, 1919 - Curitiba, 2016) foi um imigrante ucraniano refugiado da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que chegou ao Brasil em 1948, e estabeleceu-se em Curitiba, Paraná, onde viveu até seu falecimento. Em 1962, ao ver uma foto de um grupo de banduristas, Bojko, de forma autodidata e pioneira, teve o ímpeto de construir banduras, instrumento musical símbolo da Ucrânia. Ao longo de sua vida laboral, Bojko construiu diversos desses instrumentos e contribuiu para a manutenção, criação e atualização das práticas culturais de um coletivo de sujeitos com ligações ucranianas em Curitiba. No âmbito desta pesquisa, foram analisados quinze instrumentos de autoria de Iván, que são propriedade do Grupo Folclórico Ucraniano Poltava. A pesquisa explora como esses artefatos sonoros incorporam rastros e revelam as ações não apenas do seu construtor, mas também das pessoas envolvidas em seu circuito de circulação e uso. Além disso, a pesquisa aborda a forma pela qual sujeito e artefato se constituem durante o processo de construção, conceito abordado por Daniel Miller (2010) e trata do conceito de artífice de Sennett (2009). Os métodos utilizados foram revisão bibliográfica assistemática, pesquisa documental e história oral. Como resultado, observou-se que as experiências de vida e profissional de Bojko lhe forneceram as habilidades e conhecimentos necessários para dar início ao processo de construção do instrumento, desmistificando, assim, a noção de que sua capacidade era exclusivamente derivada da observação visual.

Palavras-chave: design; cultura material; bandura; Iván Bojko.

ABSTRACT

Iván Bojko (Konyukhy, 1919 - Curitiba, 2016) was a Ukrainian immigrant and refugee from World War II (1939-1945) who arrived in Brazil in 1948 and settled in Curitiba, Paraná, where he lived until his passing. In 1962, upon seeing a photo of a group of bandurists in a Ukrainian newspaper, Bojko, in a self-taught and pioneering manner, felt compelled to build banduras, the iconic musical instrument of Ukraine. Throughout his working life, Bojko constructed numerous instruments and contributed to the preservation, creation, and updating of cultural practices within a community of individuals with Ukrainian connections in Curitiba. As part of this research, fifteen instruments authored by Iván were analyzed, which are owned by the Ukrainian Folk Group Poltava. The research explores how these sound artifacts incorporate traces and reveal the actions not only of their builder but also of the people involved in their circulation and use. Additionally, the research addresses the way in which subject and artifact are constituted during the construction process, a concept discussed by Daniel Miller (2010) and the notion of craftsmanship by Sennett (2009). The methods employed included unsystematic bibliographic review, documentary research, and oral history. As a result, it was observed that Bojko's life and professional experiences provided him with the necessary skills and knowledge to initiate the instrument-building process, thus demystifying the notion that his ability was solely derived from visual observation.

Keywords: design; material culture; bandura; Iván Bojko.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 - IVÁN BOJKO E SUAS BANDURAS EM SUA OFICINA.....	11
FOTOGRAFIA 2 - O PESQUISADOR AO LADO DE BOJKO E ANA POVALUK	16
FOTOGRAFIA 3 - RECORTE DO JORNAL O <i>LAVRADOR</i>	23
FOTOGRAFIA 4 - ANA POVALUK.....	39
FOTOGRAFIA 5 - GUTO PASKO.....	40
FOTOGRAFIA 6 - VIVIAN WONS	41
FOTOGRAFIA 7 - HAMILTON E LILIA WONS	42
FOTOGRAFIA 8 - KOBZA.....	43
FOTOGRAFIA 9 - ANA POVALUK TOCANDO A BANDURA	46
FOTOGRAFIA 10 - VISTA TRASEIRA DE UMA BANDURA. DETALHE DOS CAVALETES.....	49
FOTOGRAFIA 11 - GRUPO DE BANDURISTAS	51
FOTOGRAFIA 12 - RECORTES DE JORNAIS SOBRE APRESENTAÇÕES DO GRUPO DE BANDURISTAS.....	54
FOTOGRAFIA 13 - JORNAL UCRANIANO MOSTRANDO GRUPO DE BANDURISTAS	57
FOTOGRAFIA 14 - CAPA DO <i>THE UKRAINIAN WEEKLY</i> , 1º DE MARÇO DE 1987	59
FOTOGRAFIA 15 - DETALHE DA PLACA PATRIMONIAL	61
FOTOGRAFIA 16 - IDENTIFICAÇÃO FEITA EM PAPEL	62
FOTOGRAFIA 17 - PAPEL QUE MOSTRA AUTORÍA DE IVÁN BOJKO	63
FOTOGRAFIA 18 - COMPARAÇÃO DAS EFES DA BANDURA (ESQUERDA) E DO VIOLONCELO (DIRETA)	64
FOTOGRAFIA 19 - COMPARAÇÃO DAS VOLUTAS DA BANDURA (ESQUERDA) E DO VIOLONCELO (DIRETA).....	65
FOTOGRAFIA 20 - COMPARAÇÃO DA ALMA DA BANDURA (ESQUERDA) E DO VIOLONCELO (DIREITA)	65
FOTOGRAFIA 21 - A PRIMEIRA BANDURA.....	66
FOTOGRAFIA 22 - BANDURA A.....	67
FOTOGRAFIA 23 - BANDURA B	68
FOTOGRAFIA 24 - BANDURA C	69
FOTOGRAFIA 25 - BANDURA E	70

FOTOGRAFIA 26 - BANDURA G	71
FOTOGRAFIA 27 - DETALHE DA ROSETA FABRICADA COM MADEIRA E CONCHAS E DA BOCA DE UM VIOLÃO	73
FOTOGRAFIA 28 - BOCA E ROSETA CONFECCIONADA EM MADEIRAS DE UM BANDOLIM	73
FOTOGRAFIA 29 - DETALHE DAS BOCAS DAS BANDURAS PEQUENAS	74
FOTOGRAFIA 30 - ROSETAS CONFECCIONADAS EM MOSAICO	75
FOTOGRAFIA 31 - MENINA COM TRAJE TÍPICO TOCANDO BANDURA. ABAIXO, PÊSSANKAS.....	76
FOTOGRAFIA 32 - DETALHE DOS ORNAMENTOS DAS BANDURAS PEQUENAS	77
FOTOGRAFIA 33 - BANDURA 41	78
FOTOGRAFIA 34 - BANDURA 43	79
FOTOGRAFIA 35 - BANDURA 44	80
FOTOGRAFIA 36 - BANDURA 45	81
FOTOGRAFIA 37 - BANDURA 46	82
FOTOGRAFIA 38 - BANDURA 48	83
FOTOGRAFIA 39 - BANDURA 49	84
FOTOGRAFIA 40 - BANDURA 50	85
FOTOGRAFIA 41 - BANDURA DOADA POR PEDRO KYSTMA	86
FOTOGRAFIA 42 - DETALHE DAS BOCAS DAS BANDURAS GRANDES	88
FOTOGRAFIA 43 - DETALHE DOS ORNAMENTOS DAS BANDURAS GRANDES	89
FOTOGRAFIA 44 - TRYZUB NA FACHADA DO CENTRO PAROQUIAL SÃO JOSAFAT EM PRUDENTÓPOLIS (PR)	91
FOTOGRAFIA 45 - TRYZUB ORNAMENTANDO BANDURAS GRANDES	92
FOTOGRAFIA 46 - FOLHAS ORNAMENTANDO BANDURAS PEQUENAS.....	92
FOTOGRAFIA 47 - MOLDE DE UMA BANDURA GRANDE	93
FOTOGRAFIA 48 - MOLDE DA BANDURA GRANDE EM DETALHE.....	94
FOTOGRAFIA 49 - FORMATO DA VOLUTA.....	95
FOTOGRAFIA 50 - MOLDES DO FUNDO (esquerda) E TAMPO (direita) DE BANDURA PEQUENA	96
FOTOGRAFIA 51 - ESQUEMA DA POSIÇÃO DAS BARRAS ESTRUTURAIS DA BANDURA, DESENHADO POR IVÁN.....	99

FOTOGRAFIA 52 - ESQUEMA DE CONSTRUÇÃO DA ESTRUTURA DA BANDURA, DESENHADO POR IVÁN	99
--	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MAPA DA UCRÂNIA, COM DESTAQUE PARA TERNÓPIL.....	30
FIGURA 2 - DETALHAMENTO DA BANDURA	44
FIGURA 3 - PINOS DE AFINAÇÃO.....	47
FIGURA 4 - VISTA TRASEIRA DO CAVALETE.....	48
FIGURA 5 - DETALHE DO CRUZAMENTO DAS CORDAS DA BANDURA	49
FIGURA 6 - PADRÕES DE DESENHOS UTILIZADOS POR BOJKO.....	89
FIGURA 7 - FORMA RESUMIDA DE PROVÁVEL SEQUÊNCIA DE OPERAÇÕES.....	98
FIGURA 8 - ESTRUTURA INICIAL.....	100
FIGURA 9 - ESTRUTURA INICIAL CONCLUÍDA.....	101
FIGURA 10 - JUNTA DO TAMPO E FUNDO	102
FIGURA 11 - JUNTA DO TAMPO/FUNDO REALIZADA	103
FIGURA 12 - REFORÇOS INTERNOS DO TAMPO DA BANDURA	103
FIGURA 13 - REFORÇO INTERNO DO CORPO DO INSTRUMENTO	104
FIGURA 14 - FORMATO DO CORPO DA BANDURA CONCLUÍDO	105
FIGURA 15 - VISTA LATERAL DA BANDURA	105

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - MODELO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	26
TABELA 2 - MODELO DE TRANSCRIÇÃO DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS	27
TABELA 3 - MODELO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS DE PROGRAMAS DE TV	27
TABELA 4 - COMPARAÇÃO ENTRE MEDIDAS E DETALHES DAS BANDURAS PEQUENAS	72
TABELA 5 - COMPARAÇÃO ENTRE MEDIDAS E DETALHES DAS BANDURAS GRANDES.....	87
TABELA 6 - MEDIDAS DOS MOLDES DAS BANDURAS.....	96

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
2.1	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA ASSISTEMÁTICA	20
2.2	PESQUISA DOCUMENTAL.....	21
2.3	HISTÓRIA ORAL – ENTREVISTAS REALIZADAS PELO PESQUISADOR.....	24
2.3.1	Transcrições	25
2.4	VISITA AO GRUPO FOLCLÓRICO UCRANIANO POLTAVA.....	28
2.5	VISITA A PRUDENTÓPOLIS	29
2.6	INTERLOCUTORES.....	29
2.6.1	Iván Bojko.....	29
2.6.2	Ana Ester Povaluk	38
2.6.3	Guto Pasko.....	39
2.6.4	Vivian Bojko Wons.....	40
2.6.5	Hamilton Wons e Lilia Wons	41
3	AS BANDURAS	43
3.1	O INSTRUMENTO.....	43
3.1.1	Por quem a bandura é tocada	50
3.1.2	Onde e quando a bandura é tocada	52
3.2	AS BANDURAS DE IVÁN.....	56
3.2.1	Série de banduras de Iván.....	60
4	ANÁLISE DA SÉRIE DE BANDURAS DE IVÁN	63
4.1	A PRIMEIRA BANDURA.....	63
4.2	BANDURAS PEQUENAS.....	67
4.2.1	Bocas.....	72
4.2.2	Ornamentos laterais	77
4.3	BANDURAS GRANDES	78

4.3.1	Bocas.....	88
4.3.2	Ornamentos laterais	89
4.3.3	Outros ornamentos	90
4.4	MOLDES	92
4.5	DETALHAMENTO DAS ETAPAS DE CONSTRUÇÃO	97
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS.....	110
	APÊNDICE 1 – ENTREVISTA COM ANA POVALUK.....	113
	APÊNDICE 2 – ENTREVISTA COM VIVIAN WONS	142
	APÊNDICE 3 – ENTREVISTA COM GUTO PASKO.....	158
	APÊNDICE 4 – ENTREVISTA COM HAMILTON WONS.....	198
	ANEXO 1 – DOCUMENTÁRIO <i>MADE IN UCRÂNIA</i>	226
	ANEXO 2 – ENTREVISTA DE CARLA LIMA COM GUTO PASKO	229
	ANEXO 3 – ENTREVISTA DE NATHÁLIA LUKJANENKO COM IVÁN BOJKO ...	238
	ANEXO 4 – ENTREVISTA DE MALU MAZZA COM IVÁN BOJKO	253
	ANEXO 5 – ATA DE FUNDAÇÃO SOCIEDADE “BANDURRA” DE FOLCLORE UCRANIANO NO BRASIL	255
	ANEXO 6 – DISCURSO DE 15 DE JUNHO DE 1972	256
	ANEXO 7 – DISCURSO DE 15 DE JUNHO DE 1970	257
	ANEXO 8 – IVÁN É CHAMADO DE PROFESSOR.....	258
	ANEXO 9 – JORNAL <i>O LAVRADOR</i>	259
	ANEXO 10 – BANDURA DE IVÁN NO UKRA BAR.....	260
	ANEXO 11 – QUADRO DE DESTAQUE SOBRE IVÁN NO UKRA BAR.....	261

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação, inserida no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal do Paraná, tem uma abordagem multidisciplinar, abrangendo, ainda que de forma introdutória, os campos da música, história e luteria. Foi baseada na história de um sujeito e de um instrumento musical construído por ele.

Sendo assim, esta pesquisa tem como objeto de estudo uma série de banduras construídas por Iván Bojko (Konyukhy, 1919 – Curitiba, 2016) em Curitiba, entre 1962 e 2016.

Iván Bojko foi um imigrante ucraniano que chegou ao Brasil na condição de refugiado da Segunda Guerra Mundial. Após alguns anos de seu estabelecimento em Curitiba, Iván iniciou a construção das banduras de forma pioneira na capital paranaense, criando, ao longo de sua trajetória laboral, várias unidades deste instrumento e, dessa forma, contribuindo com a criação, manutenção e atualização das práticas culturais ucranianas em Curitiba. Segundo o historiador Anderson Prado (2017), “ao se estabelecerem em uma nação que não a sua de origem, os imigrantes, juntamente com a luta prática para se estabilizar em novas terras, mantêm ou até desenvolvem práticas identitárias que os une enquanto povo” (PRADO, 2017, p. 17).

FOTOGRAFIA 1 - IVÁN BOJKO E SUAS BANDURAS EM SUA OFICINA



FONTE: Henry Milleo/Gazeta do Povo (2015).

Nesse sentido, buscou-se apresentar nesta pesquisa que construir e tocar instrumentos musicais pode ser entendido como uma dessas práticas.

Conforme a professora do departamento de instrumentos folclóricos da *Academy of Music de Dnipropetrovsk*, Marina Berezutskaya (2020), banduras são instrumentos musicais originários da Ucrânia tidos como símbolo nacional do país:

O instrumento musical favorito do povo ucraniano é a bandura, sendo a característica mais distinta da bandura a chamada *Spivogra* (literalmente, “cantar + tocar um instrumento”): quando um *performer* se acompanha musicalmente durante o canto. O grupo de banduristas é um fenômeno único da cultura ucraniana e o orgulho do povo ucraniano: várias dúzias de banduristas cantando e tocando ao mesmo tempo. Performances de bandura sempre foram muito populares na Ucrânia. (BEREZUTSKAYA, 2020, p. 2, tradução nossa).

A isto, a autora adiciona que

A bandura tem existido e se desenvolvido com o povo ucraniano desde seu nascimento. Banduras tiveram um papel importante na transformação da etnia ucraniana em uma nação. Em todos os estágios da história ucraniana, a bandura uniu ucranianos e ajudou-os a compartilhar o luto por suas perdas, bem como a alegria de suas conquistas. É por isso que a bandura é o instrumento musical favorito dos ucranianos e o símbolo musical da Ucrânia. (BEREZUTSKAYA, 2020, p. 16, tradução nossa).

Apesar de existirem diversos estudos sobre a bandura em língua ucraniana, no Brasil, até o presente momento, há apenas um artigo científico publicado cuja autoria é de Juarez Bergmann Filho (2018) e o título é “Iván Boiko e a bandura: o design e a construção de instrumentos musicais como símbolo cultural”. Neste artigo, Bergmann Filho documenta a história de vida de Iván Bojko e os processos utilizados na construção de suas banduras, assim como as significações e os sentidos atribuídos a elas. Além disso, o autor destaca a importância de considerar as trajetórias dos artefatos e dos construtores na análise e observação cultural, visando compreender a complexidade de elementos que influenciam a construção de um artefato.

No final do texto, o Bergmann Filho apresenta lacunas possíveis para estudos futuros: aspectos específicos da construção das banduras, escolha de materiais, ferramentas utilizadas, performance musical, entre outros.

Esta pesquisa procura abranger algumas das lacunas apontadas por Bergmann Filho, assim como propõe outros temas, como por exemplo: a constituição

mútua de sujeitos e artefatos em processos de construção, conceito apresentado pelo antropólogo Daniel Miller (2010); a circulação desses instrumentos musicais, tema que pode ser entendido a partir dos conceitos do antropólogo Arjun Appadurai sobre a circulação de mercadorias; as memórias evocadas por meio de objetos, ideia desenvolvida pelo professor Peter Stallybrass (2008);

Pesquisas mais recentes ligadas ao Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal do Paraná, abordando temas em diálogo com as áreas de Design e Luteria, abriram caminho para que essa dissertação também fosse inserida no programa.

A dissertação de Rodrigo Mateus Pereira (2014)¹ reconstrói e discute a construção de guitarras elétricas no Brasil nas décadas de 1960 e 1970 com base na História Oral, as narrativas dos próprios construtores da época possibilitaram, por meio de suas memórias, traçar um panorama da atividade. O mesmo autor, em 2019, desenvolveu em sua tese² a história da luteria das guitarras no Brasil na década de 1960. Nessa pesquisa, Pereira explicita não só as particularidades técnicas da profissão de construtor, como também as suas relações com os instrumentos, com as ferramentas, com os materiais e com os processos produtivos que criavam e utilizavam.

A tese de Juarez Bergmann Filho (2018)³, que aborda a relação entre artífices e artefatos no processo de construção de rabecas no litoral paranaense. Bergmann Filho embasa seus argumentos em autores das áreas da Cultura Material, Estudos Culturais e Estudos Culturais de instrumentos musicais.

Essas pesquisas contribuíram com a introdução de artefatos sonoros, campo da Luteria, como objetos de estudos no campo do Design no âmbito da Universidade Federal do Paraná, propiciando um diálogo entre duas áreas, Design e Luteria, cujas afinidades são numerosas. “O design é considerado uma atividade de criação e projeto, de como fazer (processo) e do que fazer (artefato). Isso permite que o artefato, assim como a forma pela qual este é produzido, possa ser tomado como objeto de

¹ PEREIRA, R. M. Construção e design de guitarras nos anos 1960-1970: narrativas sobre o trabalho e trajetórias em São Paulo -SP e Porto Alegre-RS. Curitiba, 2014.

² PEREIRA, R. M. História da luteria de guitarras elétricas: memória e trabalho nos anos 1960 em São Paulo. Curitiba, 2019.

³ BERGMANN FILHO, J. Artífices, artifícios e artefatos: As narrativas e trajetórias no processo de construção da rabeca brasileira. Curitiba, 2018.

estudo.” (PEREIRA; TESSARI; CORRÊA, 2020, p. 15). Além das pesquisas de Pereira e Bergmann Filho citadas anteriormente, destaca-se que, para complementar a fundamentação teórica desta pesquisa, além dos autores amplamente estudados e utilizados nas pesquisas relacionadas ao Design, o autor buscou respaldo em outras teses e dissertações realizadas no PPGDesign da UFPR.

É importante salientar que os artefatos sonoros também são um meio que possibilitam entender, ou ao menos apontar indícios, de diversas práticas culturais, como por exemplo: os processos construtivos, as memórias evocadas, os significados incorporados, as representações, trajetórias e narrativas sobre um ou grupo de sujeitos – Bates (2012), Bergmann Filho (2018), Dawe (2011), Pereira (2014; 2019). É nesse contexto que essa pesquisa está inserida e essas são questões de relevante interesse para o Design, no âmbito das teorias da Cultura Material.

Analisar uma série de artefatos, nesse caso, artefatos sonoros construídos por Bojko, entender a escolha de materiais, as estratégias de confecção e processos, observar as atualizações dos processos de construção e as ornamentações por ele utilizadas, permite que sejam extraídas diversas informações a respeito não só do instrumento, mas também de quem o fez e o toca. “São nas imperfeições, nas assimetrias, nas pequenas singularidades possíveis entre os artefatos de uma produção pode ser possível notar a presença daqueles(as) que o fizeram” (TESSARI, 2014, p.19). Nesse contexto, em consonância com Tessari, Sennett indaga “o que o processo de feitura de coisas concretas revela a nosso respeito” (SENNETT, 2009, p.18). Além disso, o musicólogo Kevin Dawe (2011) argumenta que o estudo de instrumentos musicais não é somente o estudo sobre madeiras e física, e sim um estudo sobre etnomusicologia, antropologia e estudos culturais. O autor destaca que um instrumento musical ajuda a moldar as sociedades e as culturas. Dessa forma, procurou-se observar e entender o que instrumentos musicais podem revelar sobre seus construtores, músicos e ouvintes.

Os instrumentos musicais são formados, estruturados e esculpidos a partir da experiência social, da mesma forma em que são construídos a partir de uma grande variedade de materiais naturais e sintéticos. Eles existem em uma intersecção de material, mundos sociais e culturais onde eles são construídos pela força das mentes, culturas, sociedades e histórias tanto quanto por machados, serras, furadeiras, formões, máquinas e madeiras. (DAWE, 2011, p. 275, tradução nossa).

Portanto, buscou-se entender, a partir de um mapeamento nos contextos de fabricação e uso, os significados atribuídos e incorporados por instrumentos musicais.

Nesta trajetória biográfica dos artefatos, Arjun Appadurai (2008) destaca que um objeto, nesse caso, instrumentos musicais, não deve ser analisado meramente a partir de sua função, como produtor de som, e nem ser interpretado isoladamente, pois “seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos, suas trajetórias. Somente pela análise destas trajetórias podemos interpretar as transações e os cálculos humanos que dão vida às coisas” (APPADURAI, 2008, p. 17). Segundo o musicólogo e etnomusicólogo Eliot Bates (2012), em consonância com Appadurai, é preciso considerar as complexas redes de relações que os conectam, entre objetos e humanos, humanos e humanos e objetos e outros objetos. Dessa forma, Bates propõe a ideia de que os instrumentos musicais possuem uma vida social. Por isso, buscou-se entender os contextos de uso e de circulação das bandura. Quem as toca? Onde as tocam? Em quais ocasiões são tocadas?

As motivações pessoais deste pesquisador para a realização deste estudo estão ligadas ao fato de possuir experiência na fabricação e restauração de instrumentos musicais de cordas, visto que é formado em Música e em Luteria⁴ pela Universidade Federal do Paraná. Em 2015, surgiu a necessidade de restaurar diversas banduras pertencentes ao grupo folclórico ucraniano Poltava, localizado em Curitiba-PR. Contudo, dado que esse tipo de instrumento não era comumente trabalhado, foi imprescindível buscar a assistência de Bojko, uma vez que muitas delas eram de sua autoria. Infelizmente, devido à idade avançada de Iván, ele já estava aposentado e não realizava mais restaurações ou construções.

Durante a aproximação com Iván Bojko, cujo objetivo era obter informações e esclarecer dúvidas sobre as banduras, ocorreu algo inesperado. Logo na primeira visita, Iván compartilhou histórias sobre sua vida na Ucrânia, incluindo sua experiência durante a “guerra e sobre os *soviets*⁵”. Ele também mostrou suas fotos tocando banduras. O que deveria ter sido uma visita rápida se transformou em uma conversa de mais de duas horas entre dois desconhecidos com uma diferença de idade de 65 anos, mas que compartilhavam interesses e assuntos em comum. Foi a partir desse

⁴ “Palavra em português que designa a atividade de construir, reparar e realizar manutenção em instrumentos musicais de cordas” (PEREIRA, 2019, p. 100).

⁵ Forma com a qual Iván se referia ao regime comunista que havia invadido a Ucrânia.

encontro que o interesse em estudar a trajetória de Bojko surgiu, embora não fosse inicialmente com objetivo acadêmico.

FOTOGRAFIA 2 - O PESQUISADOR AO LADO DE BOJKO E ANA POVALUK



FONTE: O autor (2016).

Em adição ao interesse voltado à Luteria, esta pesquisa aborda, ainda que de forma superficial, um pouco de Música e História. Luteria⁶, Música⁷ e História Militar⁸ são áreas de formação deste pesquisador e, por isso, houve forte motivação para realizar o presente estudo.

Além dos motivos pessoais mencionados anteriormente, previamente ao ingresso no Programa de mestrado, o pesquisador teve a oportunidade de frequentar, como aluno especial, as aulas de Design e Teorias da Cultura Material oferecidas pelo PPGDesign da UFPR em 2018. Durante essas aulas, ministradas pelos professores Ronaldo de Oliveira Corrêa e Juarez Bergmann Filho, o pesquisador teve seu primeiro contato com autores como Daniel Miller e Peter Stallybrass, o que possibilitou a

⁶ No ano de 2015, o pesquisador graduou-se em Tecnologia em Luteria pela Universidade Federal do Paraná.

⁷ No ano de 2011, o pesquisador graduou-se no curso de Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Paraná.

⁸ No ano de 2021, o pesquisador concluiu a especialização em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.

compreensão de como o luthier é construído pelos instrumentos que ele constrói e como os objetos medeiam o processo de lembrar ao acionarem memórias e significados. Adicionalmente, o conceito de **artífice** elaborado por Richard Sennett (2009), também apresentado nas aulas do PPGDesign, será utilizado nessa pesquisa. Para o autor:

O artífice explora essas dimensões de habilidade, empenho e avaliação de um jeito específico. Focaliza a relação íntima entre a mão e a cabeça. Todo bom artífice sustenta um diálogo entre práticas concretas e ideias; esse diálogo evolui para o estabelecimento de hábitos prolongados, que por sua vez criam um ritmo entre a solução de problemas e a detecção de problemas. A relação entre a mão e a cabeça manifesta-se em terrenos aparentemente tão diferentes quanto a construção de alvenaria, a culinária, a concepção de um playground ou tocar violoncelo - mas todas essas práticas podem falhar em seus objetivos ou em seu aperfeiçoamento. A capacidade para a habilidade nada tem de inevitável, assim como nada há de descuidadamente mecânico na própria técnica (SENNETT, 2009, p. 20).

Sobre o conceito de artífice de Sennett, Bergmann Filho (2018) complementa que os artífices, no processo de construção:

são os sujeitos que realizam tarefas de forma consciente, os que têm ideia de um projeto total e não somente de etapas e buscam constantemente um aprimoramento por meio da detecção e resolução de problemas, em um diálogo constante entre o fazer e o refletir, entre as mãos e a cabeça (BERGMANN FILHO, 2018, p.96).

Esses entendimentos foram fundamentais para a concepção inicial desta pesquisa acadêmica que foi realizada por meio de múltiplos métodos: pesquisa bibliográfica sistemática, história oral, pesquisa documental e análise de artefatos. Tais métodos foram escolhidos para fornecer subsídios com a finalidade de responder à pergunta problema: como as banduras e Iván Bojko se constituíram nos processos de construção, circulação e uso em desses instrumentos durante os anos de 1962 a 2016, em Curitiba, Paraná, Brasil?

O objetivo geral pretendido é entender, por meio das banduras de Iván Bojko, como sujeitos e instrumentos musicais se constituem nos processos de construção, circulação e uso.

Como suporte ao objetivo geral, são três objetivos específicos: a) mapear e analisar as banduras construídas por Bojko localizadas no Grupo Poltava; b) Mapear sujeitos envolvidos nos processos de circulação e uso das banduras e documentar e analisar suas narrativas; c) entender os significados incorporados e acionados a partir

desses instrumentos; De acordo com Miller (2010), ao aprofundar a apreciação de uma coisa, a bandura no caso desta pesquisa, pode-se chegar a uma apreciação mais profunda das pessoas, nesse caso, Iván Bojko e outros sujeitos presentes nos circuitos de circulação das banduras. Esta ideia pode ser corroborada por Lopes Ramos, quando comenta que

Os objetos são veículos privilegiados para o pensamento sobre a própria historicidade do ser humano atual. Afinal, somos criadores e criaturas de artefatos. Fazemos e usamos os objetos e, na mesma medida, somos feitos e usados por objetos (LOPES RAMOS, 2016, p. 71).

A presente pesquisa foi estruturada em cinco capítulos. No primeiro, os procedimentos metodológicos utilizados são apresentados. Informações sobre realização e transcrições das entrevistas, revisão bibliográfica e categorização de fontes são descritas para que o leitor tenha compreensão de como a pesquisa foi elaborada.

No segundo capítulo, tendo em vista que a trajetória de vida de Iván Bojko e a construção de banduras são temas indissociáveis, são fornecidas informações sobre algumas passagens importantes da vida do artífice e as motivações que o levaram a construir tais instrumentos. Esse capítulo está baseado em depoimentos dos familiares, amigos e do próprio Iván.

Esses interlocutores são cinco pessoas que de alguma forma se relacionaram com Bojko: a bandurista Ana Povaluk; Vivian Wons, neta de Iván Bojko; Guto Pasko, pesquisador e cineasta responsável pelo documentário *Made in Ucrânia* e o filme *Iván – De volta para o passado*; Hamilton Wons e Lilia Wons, genro e filha de Iván Bojko⁹. Sobre isso, deve-se destacar que devido às relações de proximidade, alguns depoimentos são marcados por um componente emocional de forma que não exista uma versão dos fatos isenta de sentimentos por parte dos interlocutores.

O sociólogo Peter Stallybrass (2008), trata sobre as memórias que os objetos medeiam no processo de rememoração. O autor se refere a roupas especificamente, porém, para essa pesquisa, deve-se adaptar tais conceitos aos artefatos musicais.

Eu lia sobre roupas e falava aos amigos sobre roupas. Comecei a acreditar que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma. E quando nossos pais,

⁹ O detalhamento sobre cada interlocutor será apresentado no segundo capítulo dessa pesquisa.

os nossos amigos e os nossos amantes morrem, as roupas ainda ficam lá, penduradas em seus armários, sustentando seus gestos ao mesmo tempo confortadores e aterradores, tocando os vivos com os mortos. (STALLYBRASS, 2008, p. 10).

Stallybrass indica que os objetos incorporam as memórias e as relações sociais: são presença material e, ao mesmo tempo, servem de código para outras presenças materiais e imateriais. Nesse sentido, fundamentado neste autor, pode-se dizer que Iván Bojko se faz presente a partir das banduras construídas por ele, visto que tais instrumentos carregam rastros das ações e escolhas de Bojko até os dias atuais.

No terceiro capítulo, o instrumento bandura é apresentado, abordando sua origem, contexto de uso e fornecendo descrições detalhadas

Isso tem como objetivo proporcionar uma compreensão mais clara e aprofundada dos temas que serão explorados nos capítulos seguintes. Além disso, são fornecidas informações sobre as banduras construídas por Iván Bojko e a série de banduras que serão analisadas nesta pesquisa.

O próximo capítulo é referente a análise da série de quinze banduras. Aspectos de construção e ornamentação são apresentados. Além disso, com base nas informações coletadas nesta pesquisa, foi criado um detalhamento dos processos construtivos realizados por Bojko. Para finalizar, o quinto capítulo é dedicado as considerações finais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos que fornecem suporte para a realização desta pesquisa são: revisão bibliográfica assistemática, pesquisa documental e história oral. O primeiro se deu por meio de buscas sobre o tema em portais de periódicos online; o segundo, caracterizado por se tratar de fontes primárias não tratadas cientificamente, por meio da análise de documentos obtidos diretamente com a família de Iván Bojko, filmes e entrevistas cedidas a programas de TV; e o terceiro, por fim, por meio de entrevistas semiestruturadas.

Conforme a categorização de fontes estabelecida por Caroline Müller (2021)¹⁰ em sua tese, as fontes foram tratadas como tridimensionais, orais e textuais. Foram categorizadas como fontes tridimensionais os moldes de construções utilizados por Bojko e os documentos cedidos por sua família para essa pesquisa. Fontes orais são os interlocutores apresentados anteriormente, as entrevistas cedidas por Bojko a programas de televisão e pesquisadores particulares, as suas falas no documentário *Made in Ucrânia* e *Iván – De volta para o passado*; Fontes textuais são os artigos, monografias, dissertações, teses e livros utilizados nesta pesquisa¹¹.

2.1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA ASSISTEMÁTICA

A escolha deste método ocorreu pelo fato de não haver pesquisas suficientes direcionadas a Iván Bojko e as banduras. Dessa forma, devido à escassez de material, este pesquisador decidiu de forma arbitrária quais seriam os autores que forneceria as respostas aproximadas ao conteúdo desta pesquisa.

Após aprofundada pesquisa nos meios específicos de fontes acadêmicas, como Portal de Periódicos da Capes, VosViewer, SciELO e Google Acadêmico, descobriu-se que, até o presente momento, existe apenas um artigo relacionado a Iván Bojko e as banduras. Tal artigo, como já explicitado anteriormente, é de autoria de Juarez Bergmann Filho e foi publicado em 2018. Por esse motivo, as buscas foram

¹⁰ MÜLLER, C. Memórias Luso-Brasileiras sobre o consumo e a circulação de roupas brancas femininas (1900-1920). Curitiba, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/72232>. Acesso em: 14/03/2022;

¹¹ A lista completa desses materiais está especificada em Referências.

redirecionadas à bandura. Só então os resultados de produções acadêmicas apareceram em grande número.

É necessário apontar que a palavra bandura isolada, nos portais de pesquisa, remetem a Albert Bandura, psicólogo canadense com contribuições importantes principalmente para a pedagogia. Dessa forma, para obter os resultados desejados, é preciso associar a palavra bandura a mais alguma informação, como: Musical Instrument, Ukraine e, até mesmo, Stalin. Entretanto, por se tratar de um instrumento de origem ucraniana, grande parte do material existente foi escrito com o alfabeto ucraniano, variante do alfabeto cirílico. Por isso, com a pouca familiaridade deste pesquisador com tal alfabeto, tais documentos foram procurados em inglês e foi constatado que alguns destes documentos haviam sido traduzidos. Por outro lado, os artigos, dissertações e teses que não apresentavam tradução para o alfabeto romano (latino), foram, arbitrariamente, descartados.

2.2 PESQUISA DOCUMENTAL

Como mencionado anteriormente, é necessário destacar que o pesquisador teve acesso a uma pasta pessoal de Iván Bojko, gentilmente cedida pela família Bojko, na qual foram arquivados diversos documentos organizados por ele. Nesta pasta constam: 135 partituras, algumas destas com as letras das músicas; 27 programas das apresentações da orquestra de banduristas de Bojko; 02 atas de reuniões sobre a criação do grupo de banduristas; 02 recortes de jornais com matérias relacionadas a Bojko, um em ucraniano e um em inglês; 04 discursos de apresentações do grupo escritos por Bojko, 01 em ucraniano e 03 em português; 02 cartas de agradecimento relativos a apresentações dos banduristas; 05 arquivos com informações sobre os instrumentos ucranianos, dentre os quais a bandura; 12 fotografias sobre as apresentações dos banduristas, reuniões e a foto que Bojko utilizou como inspiração para dar início a construção das banduras. Todos os arquivos foram digitalizados e uma cópia será enviada à família de Iván.

Além desses documentos, Iván entregou a este pesquisador, no ano de 2015, os moldes utilizados por ele para a fabricação de suas banduras e duas plantas, apresentadas anteriormente, nas quais Iván descreve detalhes da construção de suas banduras.

A respeito de fontes audiovisuais, salienta-se que, em um primeiro momento, ainda na fase de projeto de pesquisa, grande parte do material existente nas plataformas de vídeo *online* sobre Iván e as banduras foi localizado. Nesse momento, foram coletados trechos de documentários, entrevistas de televisão e o filme sobre sua vida, realizado por Guto Pasko. Além disso, havia um programa feito pela RPC TV de cuja existência se sabia, porém não estava disponível *online*. Por isso, após diversas tentativas de contato formal com a rede de televisão e sem respostas, a redatora do programa Meio-Dia Paraná, Ana Carolina Oleksy, foi contatada através do *Instagram* para que pudesse auxiliar, se possível fosse, a encontrar tal programa. Essa tentativa teve resultado positivo e a matéria realizada foi coletada. Nesse contexto, as jornalistas Carla Lima e Malu Mazza, que também haviam entrevistado Iván Bojko, foram contatadas pelo *Instagram*, com a finalidade de descobrir se havia algum material gravado que não tivesse sido publicado. Ambas informaram que nenhum material excedente fica arquivado e que, portanto, somente o que foi ao ar é mantido em arquivo.

Por outro lado, em uma sugestão do *Youtube*, chegou-se a um pequeno documentário chamado “Para Nina, com amor” realizado por Nathália Lukjanenko. Em um trecho desse filme, Iván Bojko é mostrado tocando bandura. Por isso, Nathália foi contatada pelo *Facebook* a respeito de algum material gravado e que não estivesse no filme. Lukjanenko enviou por *WeTransfer* uma entrevista inédita feita em 2015 com Iván que contém 56 minutos de duração.

Nesse contexto, também houve coleta de fontes documentais na Casa da Memória, localizada no Largo da Ordem, centro de Curitiba. Através de e-mail, foi solicitado qualquer material disponível sobre Iván Bojko e as banduras. Duas peças foram encontradas. A primeira delas é um jornal chamado “O Lavrador”, escrito em ucraniano em quase sua totalidade (ANEXO 9). Em apenas um local desse jornal existe um texto em português onde há menção a uma apresentação de Bojko com seu grupo de banduristas realizada em 1985 (FOTOGRAFIA 3).

FOTOGRAFIA 3 - RECORTE DO JORNAL O LAVRADOR

Logo a seguir teve início o programa da noite, com a apresentação do Folclore Ucraniano "Barvinok", o qual com seu magistral desempenho, confirmou o êxito obtido nos palcos do Canadá e Estados Unidos, obtendo do público presente calorosos aplausos. O coral do "Barvinok" executou diversas canções populares ucranianas, o grupo infantil da Escolinha dos Sábados - diversas danças do folclore e o conjunto dos banduristas, sob a direção do sr. Ivan Boiko - duas canções acompanhadas por este instrumento tradicional ucraniano, a bandurra, ainda pouco difundido nas terras brasileiras.

FONTE: Casa da Memória de Curitiba.

A segunda peça é uma dissertação feita por Lara Janek Babbar sobre a música religiosa ucraniana do Paraná, apresentada em 2008 para o programa de pós-graduação em Música da Universidade Federal do Paraná. Em um pequeno trecho dessa pesquisa, Babbar comenta sobre o uso das banduras na música religiosa ucraniana.

Por ser a bandura um instrumento profano, os grupos de banduristas não atuam durante as celebrações religiosas ucranianas, mas podem participar antes ou depois da celebração, em ocasiões solenes. Isso ocorreu em 2006 durante a cerimônia religiosa de nomeação do atual Bispo-Eparca da Igreja Católica Ucraniana Brasileira, Dom Volodemer Koubetch na Eparquia São João Batista, em Curitiba, na qual atuou o grupo Fialka (BABBAR, 2008, p. 93).

Bergmann Filho cedeu a este pesquisador diversos materiais angariados por ele para realização do artigo sobre Bojko e as banduras. Esse material contém vídeos com depoimento do artífice, fotos de Bojko em sua oficina e os arquivos de áudio referentes a estes depoimentos.

2.3 HISTÓRIA ORAL – ENTREVISTAS REALIZADAS PELO PESQUISADOR

A utilização da história oral como parte do método desta pesquisa ocorreu por dois motivos: em primeiro lugar, as pessoas que tiveram algum envolvimento na vida de Bojko e/ou estão ligadas às banduras sempre demonstraram interesse em preservar e transmitir essa história, que não se encontra nos livros. Em segundo lugar, as teses do PPGDesign da Universidade Federal do Paraná, previamente mencionadas, em grande parte adotam a história oral como método. Para isso, optou-se pelo uso de entrevistas semiestruturadas. Essa escolha foi feita devido ao fato de que as pessoas selecionadas possuem uma conexão próxima com Iván, o que poderia resultar na descoberta de novas informações relevantes para o andamento da pesquisa. Essa abordagem não seria possível por meio de entrevistas estruturadas.

A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. (GASKELL, 2012, p. 65).

As perguntas dirigidas aos interlocutores foram elaboradas com o propósito inicial de compreender questões relacionadas à produção, circulação e uso das banduras de Iván. Nesse contexto, utilizou-se o conceito de "tópico guia" proposto pelo professor George Gaskell (2012). Segundo o autor, esse conceito é planejado para abordar os objetivos e finalidades da pesquisa, e desempenha um papel fundamental para o sucesso da entrevista. O tópico guia serve como um lembrete para o entrevistador sobre as questões que devem ser abordadas durante as entrevistas, e deve ser apresentado aos interlocutores de forma clara, utilizando uma linguagem simples e termos familiares adaptados a cada entrevistado. Embora o tópico guia deva ser preparado de maneira abrangente no início do estudo, ele deve ser utilizado com flexibilidade (*Ibid*, 2012).

As perguntas formuladas, doze a princípio, foram pensadas de forma que as respostas pudessem sanar as dúvidas relacionadas aos três grupos trabalhados nessa pesquisa: produção, circulação e uso das banduras.

Sendo assim, com antecedência de, em média, quatro dias, as perguntas foram enviadas por *e-mail* e/ou *Whatsapp* para os participantes. Algumas perguntas são comuns para todos, porém, cada entrevistado, por ter particularidades

relacionadas ao tema da pesquisa, foi questionado acerca de assuntos diferentes. Todos os entrevistados, com exceção de Hamilton Wons, iniciaram a entrevista falando sobre sua biografia e qual a ligação com a Ucrânia. Após essa breve apresentação, as perguntas específicas foram introduzidas.

As entrevistas de Pasko, Povaluk e Vivian Wons foram feitas e gravadas, após consentimento, com o auxílio da plataforma *Zoom*. No caso específico da entrevista de Hamilton Wons, não houve tempo para formular as perguntas visto que o entrevistado avisou que poderia participar da pesquisa no mesmo dia, dali a poucos minutos e presencialmente. Nesse caso, a entrevista foi improvisada e gravada no telefone celular.

2.3.1 Transcrições

As transcrições dessas entrevistas foram realizadas com o auxílio do *Parlatype*, software desenvolvido com a finalidade de facilitar transcrições. Todo o conteúdo das conversas foi transcrito, conforme o procedimento da primeira etapa. Após o envio para os participantes para eventuais correções, as respostas foram organizadas por temas.

As transcrições das entrevistas semiestruturadas feitas pelo pesquisador seguem os protocolos utilizados na tese de Rodrigo Mateus Pereira (2019), conforme modelo abaixo (TABELA 1), porém com pequenas adaptações necessárias no cabeçalho. Neste modelo, *turno* se refere a cada troca de quem fala, *legenda* é o nome de quem fala, e *transcrição* é o conteúdo relatado por quem fala.

TABELA 1 - MODELO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Nome do/a entrevistado/a:		
Vínculo do/a entrevistado/a:		
Data da entrevista:		
Local da entrevista:		
Horário de início:		Horário de término:
Entrevistador:		Instituição:
Data da transcrição:		
Turno	Legenda	Transcrição
1	x	
2	y	
3	x	
4	y	
...	...	

FONTE: adaptado de PEREIRA (2019).

Para as transcrições de filmes e documentários, o mesmo protocolo foi adaptado de maneira a atender às necessidades deste tipo de documento. Vale ressaltar ainda que, no caso de *Made in Ucrânia*, foram transcritas apenas as falas relacionadas a Iván Bojko, já que não fazia sentido trazer para esta pesquisa os demais sujeitos apresentados no documentário. O modelo de transcrição apresenta-se, portanto, alterado conforme TABELA 2. Neste modelo, *minutagem* se refere ao momento de fala, *legenda* é quem fala ou trecho da fala, e *transcrição* é o conteúdo relatado por quem fala.

As transcrições das entrevistas, filme e documentário estão disponíveis como apêndices desta pesquisa.

TABELA 2 - MODELO DE TRANSCRIÇÃO DE FILMES E DOCUMENTÁRIOS

Título:		Tipo:
Nome do/a entrevistado/a:		
Diretor:		Produtor:
Produtora:		Ano:
Link do programa:		
Data da transcrição:		
Minutagem	Legenda	Transcrição
00:00:00	x	
00:00:01	y	
00:00:02	Fala nº 3	
00:00:03	Fala nº 4	
...	...	

FONTE: Adaptado de PEREIRA (2019).

Por fim, um modelo intermediário entre a transcrição de entrevistas de Pereira (2019) e a adaptação para filmes e documentários proposta acima foi criado para satisfazer as transcrições de entrevistas realizadas por programas televisivos (TABELA 3). As divisões da tabela, *turno*, *legenda* e *transcrição* têm o mesmo significado definido na tabela 1.

TABELA 3 - MODELO DE TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS DE PROGRAMAS DE TV

Programa:		Canal:
Nome do/a(s) entrevistado/a(s):		
Nome do/a entrevistador/a:		
Data da entrevista:		
Link do programa:		
Data da transcrição:		
Turno	Legenda	Transcrição
1	x	
2	y	
3	x	
4	y	
...	...	

FONTE: Adaptado de PEREIRA (2019).

2.4 VISITA AO GRUPO FOLCLÓRICO UCRANIANO POLTAVA

Em agosto de 2022, foram realizadas duas visitas ao Grupo Poltava com o propósito de analisar as banduras de Iván Bojko que estão sob posse do grupo. O pesquisador já tinha conhecimento de que algumas banduras de Bojko faziam parte do acervo do clube, mas a quantidade de instrumentos e seu estado de conservação eram desconhecidos.

A primeira visita foi organizada por meio do WhatsApp, com a participação de Rodrigo Hermann, um dos responsáveis pela Capela de Banduristas Fialka. Durante a visita, foi comunicada a necessidade de analisar individualmente cada instrumento, e, para isso, um sábado foi escolhido como dia, considerando que as famílias frequentam o grupo nesse dia.

Com o intuito de realizar as análises dos instrumentos, foram levados materiais de medição utilizados na Luteria, como réguas, trenas e paquímetros. Além disso, as fotografias para documentação foram tiradas com um telefone celular.

As banduras são armazenadas verticalmente dentro de capas feitas de material sintético que se assemelha ao couro, em nichos individuais dentro de um armário de dois andares localizado no segundo andar do Clube Poltava, onde ocorrem os ensaios com as banduras. Rodrigo Hermann apresentou o local, explicou como manusear os instrumentos e se retirou do recinto. Durante a visita, foi constatado que havia um total de quinze banduras, entre grandes e pequenas, que foram utilizadas nesta pesquisa.

Entretanto, o local não possuía uma estrutura adequada para fotografar os instrumentos devido à falta de uma mesa ou suporte para apoiá-los, iluminação desfavorável e ausência de paredes com cores sólidas para destacar os instrumentos. Por esse motivo, as imagens foram feitas com as banduras apoiadas em cadeiras ou seguradas pelo pesquisador. Foram tiradas fotos frontais, laterais e traseiras das banduras. Em alguns exemplares, foram tiradas fotos que mostram detalhes interessantes do ponto de vista do pesquisador, como adornos ou avarias nos instrumentos. As imagens dos instrumentos podem ser encontradas nos Apêndices 5 a 19 desta pesquisa.

Para obter as medidas maiores, como comprimento e largura das banduras, utilizou-se uma trena. Com a bandura apoiada em uma cadeira, uma das extremidades da trena era posicionada na mão do instrumento, e a outra extremidade

era colocada no ponto mais distante, formando uma linha reta. Para medir a largura das banduras, as extremidades da trena foram posicionadas na porção mais larga do corpo do instrumento. As medidas de espessura do tampo e fundo, assim como a largura da mão e da caixa de pinos de afinação, foram aferidas com o paquímetro.

Após aproximadamente uma hora, foi acordado com o responsável pelas banduras que haveria uma segunda visita, pois Rodrigo Hermann precisou se ausentar do local e as medições das dimensões ainda não tinham sido realizadas. Uma semana depois, ocorreu a segunda visita, na qual os procedimentos mencionados anteriormente foram repetidos.

Os dados obtidos durante as medições foram organizados em tabelas para facilitar a comparação e os resultados estão apresentados na seção de análise das banduras de Bojko, conforme mencionado anteriormente.

2.5 VISITA A PRUDENTÓPOLIS

Durante a pesquisa, decidiu-se visitar o Museu do Milênio em Prudentópolis, uma cidade que recebeu muitos imigrantes ucranianos. A visita, realizada em janeiro de 2023, tinha como objetivo encontrar materiais relacionados às banduras e possivelmente informações sobre Iván Bojko. Embora tenha sido culturalmente enriquecedora, não foi possível coletar uma quantidade significativa de materiais que se enquadrem ao recorte da pesquisa. No entanto, em uma sala menor do museu, havia uma bandura em exposição que foi doada por Ana Ozioba, uma professora, em 1995. Além disso, a disposição dos objetos na sala e a iluminação precária dificultaram a fotografia de itens interessantes.

2.6 INTERLOCUTORES

2.6.1 Iván Bojko

Iván Bojko nasceu em 15 de junho de 1919 na Ucrânia, em uma vila de Ternópil (FIGURA 4) chamada Konyukhy. Seus pais eram camponeses e donos de uma pequena propriedade rural. Nesse período, com o avanço do domínio soviético a oeste, cujo poder era representado pela Rússia por meio de Joseph Stalin, foi iniciado

o processo de coletivização das propriedades. Ou seja, os proprietários das terras tinham que doar as suas propriedades ao Estado, conforme relata Iván:

Começaram a tirar todos os bens do povo. A Rússia queria adaptar tudo para o coletivo. Meu pai, como tinha sítio, também teve que entregar. Teve que assinar um abaixo-assinado dizendo que entregava todos os bens com boa vontade para o regime comunista soviético. Tinha que dar tudo: carroça, cavalo...o que tinha. Só sobrou a nossa casa e mais nada (BOJKO, Made in Ucrânia, Turno 1).

FIGURA 1 - MAPA DA UCRÂNIA, COM DESTAQUE PARA TERNÓPIL



FONTE: www.britannica.com/place/Ukraine. Destaque do autor.

Conforme explicitado por Bojko, Prado (2017) destaca que o Comitê Central Russo exercia um controle rigoroso sobre a produção e distribuição de quase a totalidade dos cereais cultivados pela Rússia e dos países sob seu domínio.

Os principais afetados pelo comunismo de guerra foram os camponeses. Para eles a política de requisição de excedentes agrícolas foi maciça. O campesinato que já era atingido por colheitas escassas, ainda teve de contribuir com boa parte do seu cultivo, na maioria das vezes, de maneira compulsória. Esta política foi responsável, em plena Guerra Civil, por um período de moléstia e fome entre a população camponesa (PRADO, 2017, p. 30).

Com o passar do tempo, a União Soviética perdeu parte desse território para a Alemanha nazista, comandada por Adolf Hitler. Nesse contexto, durante a invasão alemã à Ucrânia, segundo relato de Iván, foi dada a ordem de que, em casas que

existissem mais de três pessoas jovens, uma seria obrigada a trabalhar na Alemanha. No caso da família de Iván, seria, pela ordem de idade, sua irmã mais velha. Porém, com a finalidade de protegê-la, Iván, aos vinte e dois anos, apresentou-se em seu lugar. Bojko, comentou que pensou em fugir, mas não deu tempo. Segundo ele, os alemães falaram que quem quisesse fugir teria que ter ciência de “que sua família iria para trás do arame farpado¹²”. Em consequência, Bojko trabalhou na Alemanha entre 1942 e 1945. Bojko comenta:

Vocês nem imaginam o que nós sofremos. Cada um, cada um. Um trabalhou na lavoura, outro trabalhou na fábrica, mina de carvão. Eu fui escalado na mina de carvão. Depois, Graças a Deus, que dei jeitinho para escapar e fui trabalhar pra lavoura (BOJKO em LUKJANENKO, 2016, turno 47).

Sendo assim, durante seu período de trabalho na Alemanha, além da dor por deixar a família e sua pátria para trás, havia o sofrimento decorrente de ser prisioneiro de guerra. Bojko comenta que foi obrigado a usar a mesma peça de roupa durante seis meses e que, ao longo do extremo inverno europeu, não havia vestimentas adequadas para que pudesse suportar as baixas temperaturas. Sobre esse assunto, Bojko relata:

Essa roupa serviu para trabalhar, para passear no domingo, para dormir e para, de novo, trabalhar. Era muita geada. Muita. Aquele patrão não se interessava, parecia um homem sem alma: “se morrer, morreu”. Eu, o dia inteiro nessa geada, tremia, chorava. Chamei minha mãe, isso nunca me esqueço, isso está me doendo. Chamei minha mãe, chorei e disse: por que você não me afogou quando me deu o primeiro banho? (BOJKO, ParanáTV, 2015, turno 3).

Em contrapartida, conforme comentou Vivian Wons (2021), neta de Iván, o trabalho forçado de Bojko não foi exatamente igual ao da grande maioria dos prisioneiros de guerra na Alemanha. Segundo ela, seu avô relatava que, excluindo o primeiro lugar em que trabalhou, o outro local era melhor e não havia maus-tratos (Wons, 2021, turno 58). Ainda, havia festas como a comemoração do Natal, entre outras, inclusive existem fotos que registram esses momentos (*Ibid.*). Wons complementa que, de acordo com afirmações do avô, o trauma foi ter sido arrancado da família, e não a guerra (*Ibid.*).

¹² Iván Bojko, turno 2, em entrevista concedida a Malu Mazza em 2015.

Com o final da guerra em 1945, a Ucrânia estava sob o jugo soviético. Segundo o relato de Bojko em *Made in Ucrânia* (2005), quem havia trabalhado na Alemanha era considerado traidor pelo regime socialista e, por isso, deveria ser mandado para a Sibéria para trabalhar nos *Gulags*¹³ (BOJKO, *Made in Ucrânia*, turno 3). Por isso, no ano de 1948, com o auxílio da Cruz Vermelha, Iván saiu da Europa e aportou no Brasil e, em maio daquele ano, chegou a Curitiba, onde viveu até 2016, ano em que faleceu (BERGMANN FILHO, 2018).

O Brasil, mais especificamente, o estado do Paraná, recebeu os imigrantes ucranianos, que eram, “em quase sua totalidade, camponeses analfabetos e com suas vidas completamente ligadas às atividades na terra e com pouco acesso à educação” (GUÉRIOS, 2012). Nesta questão da imigração, houve três grandes levadas de cidadãos ucranianos que chegaram ao Brasil em épocas distintas e por diversas motivações (PASKO, 2021, turno 4). Em um trecho do documentário *Made in Ucrânia* do cineasta Guto Pasko, Iván Bojko declara que:

No começo, no Brasil, não tinha nenhum instrumento. A primeira e segunda leva de imigrantes que vieram ao Brasil não trouxeram o instrumento. Um dia alguém falou pra mim “Faz esse instrumento”. E eu comecei a fazer. Com a minha vontade. (BOJKO, *Made in Ucrânia*, turno 5).

Bojko comenta que não havia bandura no Brasil. Destaca-se que essa é uma impressão de Iván e que havia a possibilidade, ainda que baixa, de existir bandura em terras brasileiras. Porém, pelo tamanho e uso do instrumento, pode-se deduzir que a possibilidade de a bandura ser trazida numa viagem de navio, na qual os imigrantes traziam consigo os principais itens para sua mudança de moradia, é muito pequena. Portanto, é pouco provável que a bandura tenha sido trazida para o Brasil dessa forma.

Assim que Bojko chegou ao Brasil, especificamente em Curitiba, rapidamente se integrou à comunidade ucraniana já estabelecida, por meio da Igreja e da sociedade ucraniana, conforme relatou a Bergmann Filho em uma entrevista realizada em 2013.

– (Entrevistador) E o senhor veio pra Curitiba mesmo?

¹³ Literalmente, acrônimo para “Glavnoe Upravlenie Lagerei”, ou “Administração Central dos Campos”, foram campos de trabalho forçado voltado para presos criminais e políticos, crianças e mulheres e faziam parte do sistema soviético de punição (APPLEBAUM, 2010).

– Curitiba direto. Quando eu cheguei em Curitiba, no primeiro dia eu perguntei: tem Igreja ucraniana aqui por perto? Tem! Tem Sociedade (ucraniana) também? Tem. É longe? Não, aqui a três quadras! Então tinha a Sociedade Ucraniana e eles nos acolheram, não é? Aquele grupo que veio junto comigo, nem me lembro de quantas pessoas éramos... Um grupo! E já no primeiro domingo quando eu cheguei na Igreja, sem dominar o idioma, todo mundo na rua (disse)... “entra na igreja, eles são conhecidos e tal” e eles falavam idioma em português, não é?

– (Entrevistador) Sim...

– Aí uma senhora... já falecida, disse: “Vocês podem me dizer, vocês vieram da Europa?”

– Vim sim senhora.

– “Então vem no Coral cantar junto com a gente”.

Foi daquele dia que comecei a entrar, assim, como participante da comunidade. Já entrei na Sociedade. Um grande Coral, as músicas, e assim na participação no folclore. Sempre! Todos os anos...sempre participei... E assim foi indo minha vida, até 1960... (BERGMANN FILHO, 2018, p.82).

Participante ativo da comunidade ucraniana em Curitiba, Bojko foi um dos fundadores da “Sociedade Bandurra de Folclore Ucraniano no Brasil”. A criação desta tinha por objetivo oficializar a difusão da cultura ucraniana em território nacional e estava atrelada ao órgão oficial do governo do Paraná, responsável por coordenar os grupos folclóricos atuantes no estado. Sua fundação data de agosto de 1974 (ANEXO 5).

Já estabelecido em Curitiba, dentre os diversos serviços, Iván trabalhou como sapateiro da Polícia Militar do Paraná. Durante os períodos de folga, costumava realizar algum tipo de trabalho manual em uma pequena oficina que havia em sua casa. Bojko, em entrevista a Bergmann Filho no ano de 2013, relatou um pouco da sua experiência profissional:

- (Entrevistador) E o senhor trabalhava aqui, com o que seu Ivan? Aqui em Curitiba.

- Minha profissão era tudo. Tudo o que eu podia pegar eu fazia, para sobreviver. Ajudava também. Alguém assim que fazia alguma coisa, eu ajudava para aprender. Eu trabalhei em sapataria, trabalhei como marceneiro, mas marceneiro só seis meses, trabalhei, assim, do lado de alfaiate, ajudante de pedreiro. Tudo o que podia para sobreviver!” (BERGMANN FILHO, 2018, p. 82).

A partir do relato acima, pode-se entender que os trabalhos manuais realizados por Bojko em diversas áreas, somado ao seu interesse pela música, pela prática de coral, de certa forma, desenvolveram suas aptidões para dar início ao processo de construção de instrumentos musicais.

Nesse contexto, a filha de Bojko, Lilia Wons, afirma que o primeiro instrumento construído pelo pai foi um violoncelo, também confeccionado de maneira autodidata

utilizando algumas fotos como referência¹⁴. Segundo Lilia e Hamilton, Bojko participava de um grupo musical que realizou diversas gravações em discos de vinil, porém tal material foi perdido e não há mais registros (WONS, H. 2021. Turno 20).

Para Pereira (2014), essas habilidades, mesmo que distintas do trabalho do luthier, descrevem características e perfis singulares que talvez sejam determinantes para a atividade. Sobre o processo de construção, Pereira, Tessari e Corrêa (2020) destacam que são diversos os tipos de conhecimento envolvidos, tanto para os métodos de produção manuais quanto para métodos de produção industrializados.

Um processo construtivo comumente envolve uma ampla gama de conhecimentos, técnicas, utilização de materiais, desde os incorporados de formas produtivas manuais aos modos de produção industrializados. Barato (2011) considera que o aprendizado, o manejo, e a compreensão das ferramentas de um ofício, incluindo desenhos esquemáticos e plantas, acontecem a partir de "(...) uma prática social que elabora continuamente um saber coletivo" (BARATO, 2011, p.20). A competência em produzir se vincula à leitura das representações, bem como à execução. O saber não é desvinculado do fazer (BARATO, 2011) (PEREIRA, TESSARI, CORRÊA, 2020, p. 15).

Como já mencionado anteriormente, esta pesquisa aborda, também, a trajetória laboral de Iván Bojko, bem como os instrumentos musicais por ele construídos. Conforme será detalhado no decorrer do texto, o início da construção das banduras ocorreu após Iván receber um jornal da Ucrânia no qual havia uma foto com um grupo de banduristas. No entanto, é importante ressaltar que, embora Bojko seja apenas um indivíduo entre muitos, sua história apresenta semelhanças com a de outros construtores de instrumentos musicais.

Ao explorar outros casos de pessoas que foram impulsionadas a construir um instrumento após verem uma imagem, o pesquisador reconhece a importância desse feito e compreende que essas pessoas são consideradas uma espécie de heróis dentro de seu próprio círculo de influência. No entanto, é válido destacar que esse reconhecimento está vinculado ao contexto em que circulam.

Um exemplo apresentado é o de Nelson dos Santos (1947-2019), mais conhecido como Nelson da Rabeca, que trabalhava como cortador de cana em Alagoas. Bezerra (2022) destaca que Nelson começou a construir rabecas aos 54 anos, inspirado por um instrumento que viu na televisão, o violino. Embora nunca

¹⁴ Em entrevista concedida a esse pesquisador em 2021, turno 110.

tenha recebido instruções formais sobre como construir ou tocar rabecas, sua habilidade com o facão permitiu que ele esculpisse e cortasse a madeira para construir seus próprios instrumentos. Nelson da Rabeca disse certa vez: "Eu cortava cana com esse facão. Agora eu faço a rabeca com ele. Tá curtinho, tá curtinho, mas ainda tá bom. Foi encurtando porque eu fui fazendo a rabeca e ainda gasta mais do que cortando cana." (Nelson da Rabeca apud ROSSI, 2019, p. 29). Além disso, o rabequeiro, aos dezenove anos, teve experiência com música, quando iniciou o estudo da sanfona (ROSSI, 2019, p.36).

Nelson da Rabeca, como salienta Fiammenghi (2008), construiu suas rabecas de acordo com as madeiras disponíveis no momento, por isso a utilização de diversas espécies como: "fruta-pão; raiz de figueira; gameleira; praíba (pau paraíba); pau-mijão, entre outros. (FIAMMENGHI, 2008, p. 210).

Sendo assim, pode-se entender que Iván Bojko não é um caso isolado de pessoas que iniciaram a construção de instrumentos a partir de uma foto ou pela televisão. Em ambos os casos, experiências laborais anteriores forneceram suporte para que seus corpos tornassem capazes de iniciar a construção de instrumentos musicais sem que tivessem um aprendizado formal na área da Luteria. Nesse sentido, tanto Bojko quanto Nelson da Rabeca, desenvolveram seus próprios métodos de construção de seus instrumentos.

Além disso, destaca-se que os métodos de construção abrangiam, também, formas de solucionar outros tipos problemas referentes aos seus instrumentos. Como por exemplo, falta de encordoamento específico para banduras.

Para Bojko, o encordoamento foi um problema ao iniciar as construções das banduras. Apesar de ser facilmente encontrado na Ucrânia, não existiam cordas do instrumento no Brasil. Após muitas tentativas com arames de calibres diferentes e sem resultado favorável, Iván começou a utilizar cordas de piano. Segundo Hamilton Wons, as cordas eram compradas na fábrica de pianos Essenfelder¹⁵, em Curitiba¹⁶. Apesar da disponibilidade das cordas, Bojko ainda não havia resolvido os problemas de forma definitiva. Por isso, desenvolveu uma máquina para que pudesse fabricar suas próprias cordas. Com materiais fornecidos pelo genro, Bojko conseguiu amenizar

¹⁵ Fábrica de pianos centenária situada em Curitiba.

¹⁶ Em entrevista concedida a esse pesquisador em 2021, turno 21.

o problema da falta de encordoamento específico para suas banduras. A neta de Bojko comenta que, posteriormente, com o auxílio da internet, ela o ajudava a comprar algumas cordas vindas da Alemanha e Inglaterra¹⁷. Segundo relata Hamilton Wons:

E ele começou a querer fabricar bandura. Aí, com fotografias e desenhos ele conseguiu fabricar. Mas, fabricando mesmo na mão. Na mão. Ele cavava a madeira com formão. Trabalhava por fora com sistema de puxar, é ancinho? Tem um nome. Tem dois cabos de madeira. E assim ele começou. Aí evoluiu, começou a fazer as cordas (WONS, H. 2021, turno 4).

(...) No começo ele pegava corda, eu não sei quem era esse amigo que ele tinha no Pianos Essenfelder, alguém de lá cedia cordas. Aí, quando a Essenfelder fechou, ele começou a fabricar as cordas em casa. Aí ele fez um dispositivo com dois motorzinho. Dois motores de ventilador. Sucata. Sucata (WONS, H. 2021, turno 21).

Infelizmente, durante as visitas à oficina de Bojko, não foi possível presenciar o funcionamento dessa máquina, uma vez que já estava desmontada e fora de uso há algum tempo. No entanto, com base no conhecimento deste pesquisador na área de Luteria, é possível fazer deduções sobre seu funcionamento. No caso das banduras, destaca-se que as cordas têm diâmetros e comprimentos variados. As cordas mais espessas consistem em um núcleo de liga metálica que é envolvido por várias voltas de enrolamento metálico, adicionando massa ao núcleo. A espessura desse enrolamento em torno do núcleo determina a espessura da corda e, conseqüentemente, seu timbre¹⁸.

Nesse sentido, supõe-se que Bojko fixasse as duas extremidades do núcleo da corda em pontos distantes, formando assim uma linha reta. Logo à frente dessa linha, encontrava-se o motor do ventilador. O material a ser enrolado no núcleo era posicionado de modo que uma de suas extremidades ficasse no centro do rotor do ventilador, onde a hélice normalmente é fixada. Com o movimento giratório do rotor, o material a ser enrolado mantinha uma velocidade constante, permitindo que Bojko pudesse enrolar a extremidade solta desse material ao redor do núcleo da corda.

Os dois construtores, Iván e Nelson da Rabeca, compartilham do mesmo traço: a habilidade de usar a criatividade para solucionar problemas. Por sua vez,

¹⁷ Em entrevista concedida a esse pesquisador em 2021, turno 22.

¹⁸ Característica sonora que nos permite distinguir se sons da mesma frequência foram produzidos por fontes sonoras conhecidas, o que nos permite diferenciá-las. É pelo timbre que distinguimos uma mesma nota tocada por um violino e por um piano, por exemplo (PEREIRA, 2019, p. 153).

Nelson da Rabeca, com a necessidade de resolver dificuldades relacionadas ao volume de seus instrumentos, teve a iniciativa de criar um amplificador para sua rabeca.

Desde que ele começou a se apresentar, quando ele tinha um problema, ele achava uma solução que estava ao alcance dele. Então ele precisava amplificar a rabeca, o que ele fez no primeiro momento, pegou o microfone do telefone, tirou e soldou, e usou esse microfone de telefone durante muito tempo. Até recentemente, ele usava falantes que ele soldou invertido, de forma que eles funcionavam como um microfone (ROHRER apud ROSSI, 2019, p. 39).

Além de Nelson da Rabeca, Bergmann Filho (2018) apresenta outro exemplo de construtor que, mesmo sem qualquer ligação anterior com a construção de instrumentos musicais, iniciou o seu processo de construção por ímpeto, ao ver uma fotografia de um violino em um jornal. Como é o caso de Memerto Ortiz, da Costa Rica, que:

Ao se deparar com uma imagem de um violino em um jornal local, sentiu o ímpeto de construir tal instrumento (ACEVEDO, 1986), como resultado, Ortiz fabricou a sua leitura e versão daquele instrumento europeu. Neustadt (2007), analisando tal fenômeno, argumenta que o construtor Ortiz, faz uma imagem de uma cópia de um instrumento europeu, e assim cria seu próprio "original" a partir de soluções e materiais consequentes a tal processo construtivo. (BERGMANN FILHO, 2018, p. 79)

Optou-se em apresentar outros dois construtores cujo impulso para a construção de um instrumento ocorreu de forma similar à história de Iván com o intuito de mostrar que o caso de Iván Bojko não é único. Nos casos narrados, os construtores tiveram a vontade de construir um instrumento ao observar uma foto ou um vídeo. Porém, não detinham o conhecimento específico necessário para realizar tal atividade. Dessa forma, ao constatar um problema ou uma dificuldade durante o processo foi necessário usar criatividade, improvisação e criar maneiras de solucioná-los, por meio do repertório laboral previamente formado. Tal fato dialoga com o conceito de artífice apresentado no início desta pesquisa.

Além disso, este subcapítulo foi escrito com o propósito de destacar momentos significativos na vida de Bojko que estejam de alguma forma relacionados à construção das banduras. A escolha por abordar sua trajetória desde o impacto causado pela guerra até sua chegada e estabelecimento em Curitiba é necessária

com a finalidade de compreender a importância de tais eventos em sua formação como construtor de banduras.

Para realizar esta pesquisa, foram contatadas várias pessoas a fim de obter as informações necessárias conforme pretendido pelo pesquisador. Dentro do escopo do estudo, foram selecionados cinco interlocutores: Ana Povaluk, Vivian Wons, Guto Pasko e Hamilton e Lilia Wons. Já na fase de concepção do projeto de pesquisa, Povaluk foi escolhida devido à sua experiência como bandurista e à sua proximidade com o pesquisador, uma vez que ela fornecia informações sobre as banduras durante o período em que ele realizava restaurações para o Grupo Folclórico Ucraniano Poltava. Esta escolha foi baseada na relevância do seu conhecimento e na relação estabelecida com o pesquisador.

A partir da entrevista com a bandurista, os nomes de Vivian Wons e Guto Pasko foram adicionados como prováveis interlocutores. Após conversa prévia com ambos, as entrevistas foram agendadas e realizadas. Foi possível constatar pela entrevista de ambos que o nome de Hamilton Wons seria de grande importância para a continuidade desta pesquisa. Segue abaixo o detalhamento da rede de interlocutores.

2.6.2 Ana Ester Povaluk

Descendente de ucranianos da primeira leva que chegou ao Brasil por volta de 1890. Ana Povaluk é musicista, toca bandura e participa do Grupo Folclórico Poltava desde 1991. Nessa época, iniciou os estudos musicais através da flauta doce porque seus pais acreditavam que a música ajudaria na concentração. Entre os anos de 1991 e 1992, começou o estudo das banduras com as *“baby poltasky”*, banduras de tamanhos reduzidos voltadas para as crianças.

Ana Povaluk foi escolhida para participar da rede de interlocutores pelo fato de ser a principal bandurista de Curitiba, por ser amiga de Iván Bojko e por demonstrar interesse em participar dessa pesquisa de mestrado.

É interessante notar que a foto escolhida e enviada pela interlocutora para a utilização neste trabalho, tem a intencionalidade de mostrá-la com a sua bandura e com uma bandeira da Ucrânia. A bandura presente na foto não foi analisada no âmbito desta pesquisa por não ter sido uma criação de Iván Bojko.

FOTOGRAFIA 4 - ANA POVALUK



FONTE: Acervo pessoal de Ana Povaluk.

2.6.3 Guto Pasko

Guto Pasko se denomina brasileiro de alma ucraniana. Descendente de imigrantes ucranianos que chegaram ao Brasil, especificamente em Prudentópolis, no ano de 1896, na primeira grande leva. Pasko ressalta que até os oito anos de idade não havia falado nenhuma palavra em português e salienta que foi criado como um ucraniano.

Diretor e produtor de cinema, dono da GP7 Cinema há vinte anos, trabalha na área de audiovisual produzindo filmes e séries de TV. Dentre os filmes produzidos está o documentário *Made in Ucrânia*, de 2005, e do filme *Iván – de volta para o passado*, de 2010. No total, são cinco filmes e documentários produzidos por Pasko que retratam a questão ucraniana.

A escolha de Guto Pasko como interlocutor desta pesquisa ocorreu por diversos motivos, dentre os quais se destacam ser pesquisador da história ucraniana no Paraná, amigo de Iván Bojko e responsável pela viabilização e direção do filme sobre sua história, além de detentor dos diários escritos por Bojko nos quais este registrou suas memórias para que não fossem mais esquecidas.

Em relação ao entrevistado, pode-se observar que este vestiu-se com roupa tradicional ucraniana e, ao fundo, no alto e à esquerda, pendurada na parede, nota-se uma bandura construída por Iván Bojko, conforme a foto abaixo. (FOTOGRAFIA 5).

Apesar de não poder ter essa afirmação confirmada, pode-se entender que Guto Pasko se preparou para essa entrevista, tanto pelo uso da roupa quanto pelo enquadramento da câmera para que a bandura aparecesse, de forma que a sua identidade como ucraniano fosse reconhecida. Ao contrário do caso de Ana Povaluk, a bandura presente na parede de Pasko é de autoria de Bojko. Porém, pela falta de compatibilidade de agenda tanto de Pasko quanto deste pesquisador, essa unidade não faz parte da série de banduras analisadas neste trabalho.

FOTOGRAFIA 5 - GUTO PASKO



FONTE: Acervo pessoal de Guto Pasko.

2.6.4 Vivian Bojko Wons

Vivian Bojko Wons é neta de Iván Bojko. Aos três anos, iniciou com a dança em grupo ucraniano chamado Barvinok. Após um período afastada, voltou a dançar entre os doze e dezoito anos. Depois de entrar na faculdade de engenharia, teve que parar devido à falta de tempo. Recentemente, por volta dos 35 anos, voltou a dançar, mas dessa vez, no grupo Poltava.

Wons comenta que, apesar de ter nascido em uma família totalmente ucraniana, sua relação com a Ucrânia é mais leve, “afinal, estamos no Brasil” (2022). Nesse sentido, diferente de muitos descendentes de ucranianos, Vivian comenta que não fez a primeira comunhão ucraniana, e sim a do colégio Santa Maria. Ela ainda destaca que cresceu ouvindo ucraniano, tanto na família materna quanto na família paterna, e que aprendeu as letras do alfabeto cirílico ainda quando criança, porém não fala a língua.

Vivian Wons foi escolhida como interlocutora desta pesquisa após as realizações das entrevistas de Ana Povaluk e Guto Pasko, nas quais ambos apontaram a provável contribuição de Vivian devido ao fato de fazer parte da família de Bojko.

FOTOGRAFIA 6 - VIVIAN WONS



FONTE: Acervo pessoal de Vivian Wons.

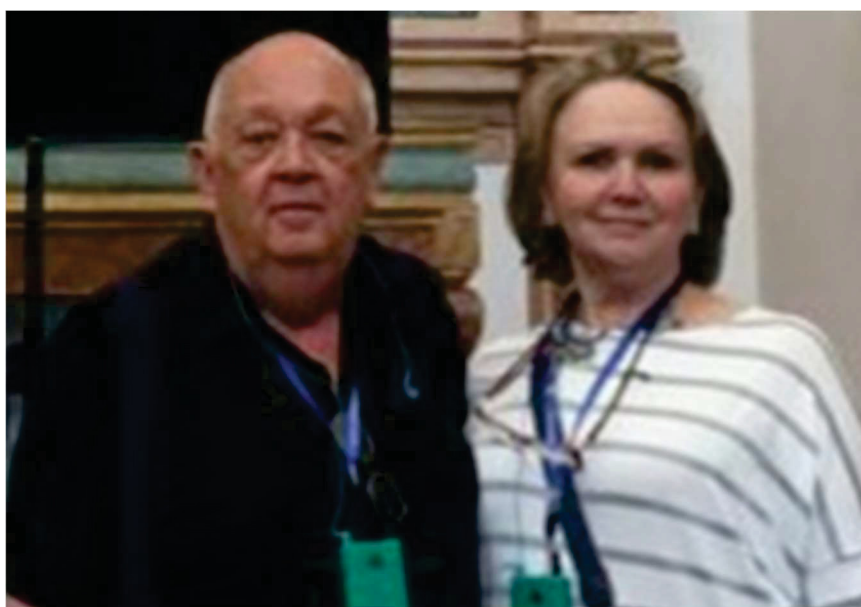
2.6.5 Hamilton Wons e Lilia Wons

Hamilton é pai de Vivian, casado com Lilia, filha de Iván, e também é descendente de ucranianos por parte de pai e mãe. Foi indicado por Vivian Wons e Guto Pasko durante suas entrevistas. Por ser genro de Bojko, era a pessoa certa, segundo os entrevistados, para fornecer informações importantes que Pasko e Vivian

não sabiam responder. Nesse caso, é importante destacar a participação de Hamilton no processo de construção das banduras. Ele foi o responsável por conseguir madeiras e cordas para que Bojko pudesse confeccioná-las. Além disso, Hamilton trouxe Iván para morar em sua casa quando este já estava com idade mais avançada. Nesta casa, foi construída uma oficina destinada à construção das banduras do sogro.

A entrevista de Hamilton Wons aconteceu de forma improvisada. É importante apontar que, durante esse processo, a filha de Bojko, Lilia, que não se sentia à vontade para dar entrevista, aproximou-se aos poucos do local onde a gravação estava sendo realizada. Algum tempo depois, contribuiu com uma informação, depois com outra e assim por diante. Porém, como a maior parte das respostas vinha de Hamilton, ele foi escolhido como interlocutor principal.

FOTOGRAFIA 7 - HAMILTON E LILIA WONS



FONTE: Acervo pessoal de Hamilton Wons.

3 AS BANDURAS

3.1 O INSTRUMENTO

Neste capítulo, com a finalidade de explorar e compreender o universo da bandura, o pesquisador parte dos questionamentos: “com quantas histórias se faz um objeto? Como foi feito? Por quem? Por quê? Quando? Como foi amado ou odiado? Como foi permitido ou proibido?” (LOPES RAMOS, 2016, p.75). Ao se adaptar tais ideias para o contexto da bandura, outras indagações surgem: como é tocada? Que tipo de música toca? Quem a toca? Onde é tocada? Além disso, a história da bandura e suas principais características enquanto instrumento musical são apresentadas de forma introdutória.

As canções dos banduristas refletem as ideias dos ucranianos sobre si em todos os estágios do seu desenvolvimento histórico e, portanto, fornecem a resposta para uma questão importante para qualquer nação: quem somos nós? Isso torna possível considerar a arte da bandura não somente uma manifestação de identidade nacional, mas um instrumento para moldar a nação ucraniana (BEREZUTSKAYA, 2020, p.15).

A bandura é um instrumento musical, cordófono, que surgiu entre os músicos profissionais no século XVI. Devido ao aprimoramento das técnicas de execução do instrumento e da expansão do repertório, o Kobza (FOTOGRAFIA 8), instrumento que originou a bandura, não atendia mais às necessidades dos músicos (BEREZUTSKAYA, 2010).

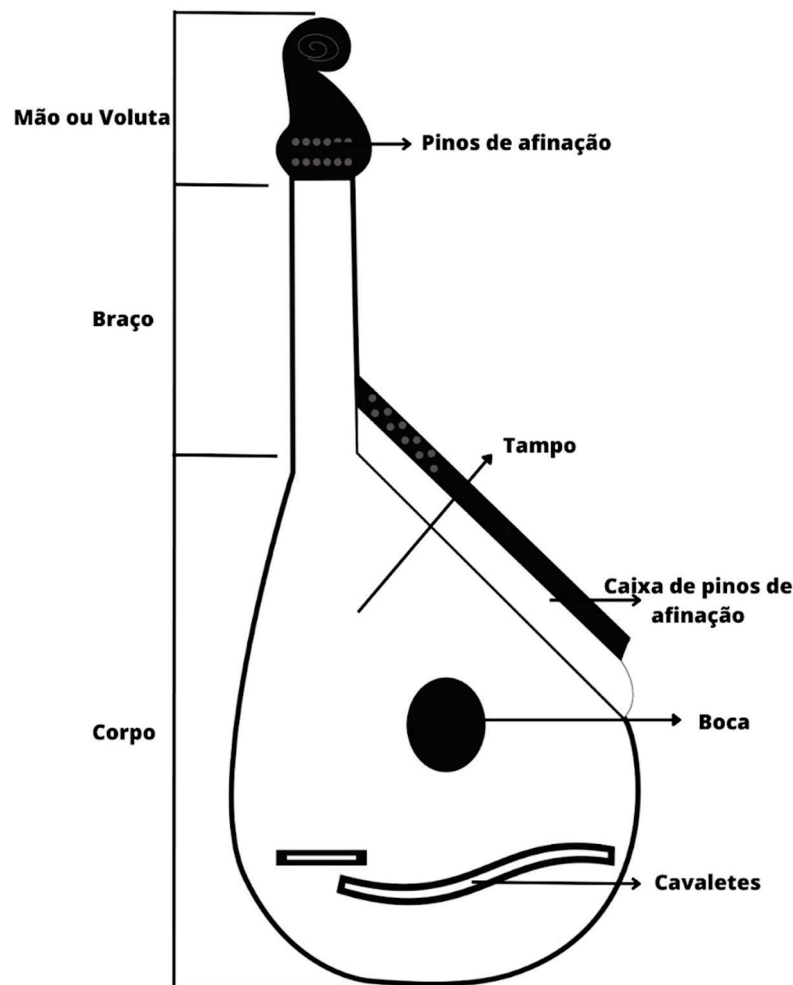
FOTOGRAFIA 8 - KOBZA



FONTE: <https://fashion-en.decorexpro.com/muzykalnye-instrumenty/kobza/>

A solução encontrada foi adicionar mais cordas, modificar o formato do corpo do instrumento, que passou a ser assimétrico, o que tornou a bandura diferente de qualquer outro instrumento (BEREZUTSKAYA, 2010). Geralmente, possui 56 cordas e seu formato se assemelha à letra *b* minúscula, em que a haste da letra corresponde ao braço e a parte arredondada ao corpo do instrumento.

FIGURA 2 - DETALHAMENTO DA BANDURA



FONTE: o autor (2023).

Em discurso realizado ao público em um dos concertos de Bojko e seu grupo de banduristas, Iván definiu a bandura da seguinte forma:

É um instrumento tipicamente ucraniano que conta com, aproximadamente, 1.200 anos de existência. À princípio, compunha-se de três cordas, mas com o tempo e a evolução da arte a mesma passou a ser aumentada em tamanho e acrescida de mais cordas, assim que hoje conta de 32 a 54 cordas. Bandura é o instrumento tradicional do nosso povo, que era usada desde as grandes cidades até pequenos vilarejos. Assim, como por exemplo, o violão e a viola

aqui no Brasil. Chamavam-na de instrumento do povo, ou amor do povo (BOJKO, 1972, Anexo 6).

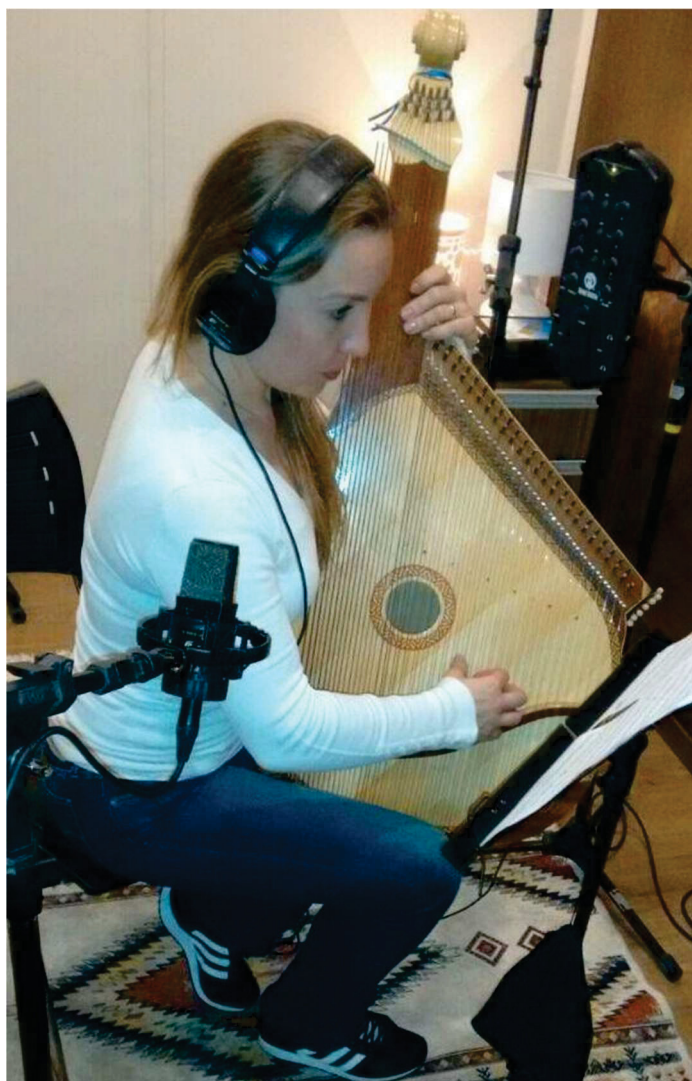
Sobre a bandura, Guto Pasko destaca que:

A bandura expressa a alma do povo ucraniano. Ela, de alguma forma, é a expressão desse sentimento do povo ucraniano. Essa coisa do espírito ucraniano. Essa coisa que eles chamam de “dushá ukrayina”, a alma ucraniana (...) E a bandura, pra mim, é a maior expressão disso. Desde Taras Shevchenko¹⁹ e as poesias dele e a bandura, as letras das músicas populares ucranianas, as músicas patrióticas, elas são muito fortes e os ucranianos sabem essas letras de cor (...) então ela representa muito essa resistência do povo ucraniano. Então esse é o símbolo dela, muito forte nesse sentido (PASKO, 2021, turno 20).

No discurso de Bojko, nota-se um teor explicativo para o público sobre a história da bandura. Iván ainda se utiliza de uma comparação com o violão e a viola no Brasil a fim de demonstrar a popularidade do instrumento na Ucrânia. Na fala de Pasko, ocorrida quase cinquenta anos depois, nota-se semelhanças com o discurso de Iván, no sentido de entender a bandura como representante do povo ucraniano. Nesse contexto, pode-se entender que a importância e significados das banduras são transmitidos entre os descendentes ucranianos de Curitiba da mesma forma durante o passar do tempo.

¹⁹ Taras Shevchenko (1814-1861), é considerado o maior poeta da Ucrânia. Seus escritos retratam a liberdade do povo e o amor pelas terras ucranianas. (Fonte: <https://www.kobzar.pt/>, acesso em 18/05/2023).

FOTOGRAFIA 9 - ANA POVALUK TOCANDO A BANDURA



FONTE: Acervo pessoal de Ana Povaluk.

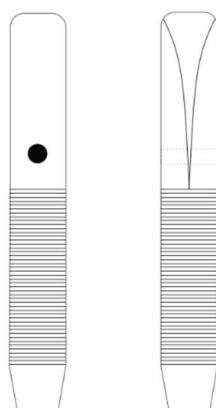
Conforme a imagem acima, ao tocar a bandura, o/a músico/musicista se posiciona sentado(a), mantendo o instrumento em posição vertical e apoiado entre as pernas. O braço esquerdo é utilizado para equilibrar o instrumento e tocar as notas mais graves, próximas à junção do braço com a mão da bandura, na porção superior do instrumento, em torno da altura da testa do executante. Já a mão direita é responsável por tocar as cordas na porção inferior do instrumento, onde se encontram a maioria delas. A mão direita se movimenta paralelamente às cordas, para cima e para baixo (em direção ao cavalete), a fim de obter as notas desejadas. O antebraço fica a cerca de 90 graus em relação ao braço do(a) executante (FOTOGRAFIA 9).

Os pinos de afinação responsáveis pelo tensionamento das cordas são localizados no extremo superior do braço do instrumento, local chamado de mão, e

na parte superior do corpo do instrumento, denominada aqui de caixa de pinos de afinação²⁰.

O tensionamento das cordas ocorre com o objetivo de chegar na nota musical desejada para aquela corda. Por exemplo, a nota Lá vibra na frequência de 440Hz²¹. Se o som emitido pela corda for diferente dessa frequência, entende-se que a corda está desafinada. Para obter a afinação desejada, o/a executante, por meio dos pinos de afinação, torna a corda mais ou menos tensa até que o resultado de 440Hz seja atingido.

FIGURA 3 - PINOS DE AFINAÇÃO



FONTE: o autor (2023).

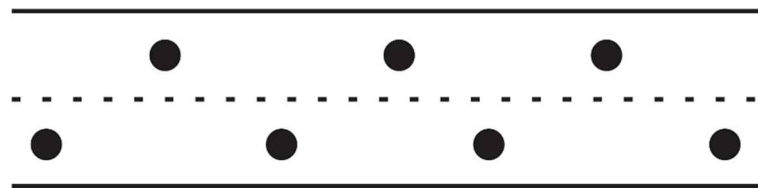
Na imagem acima, observa-se em detalhes um pino de afinação. A parte inferior do pino, representada com ranhuras, fica inserida na bandura, em contato direto com a madeira. É o atrito entre o pino e a madeira que suporta a tensão exercida pela corda. O círculo preto no pino da esquerda, demonstra uma pequena abertura pela qual a corda passa. Ao girar o pino, a corda é tensionada ou afrouxada para atingir a afinação pretendida.

²⁰ Denominação criada pelo autor. Devido à escassez de material relacionados à bandura escritos em alfabeto romano, não foi possível acessar denominações técnicas deste instrumento.

²¹ Fonte: <http://www2.eca.usp.br/prof/iazzetta/tutor/acustica/introducao/tabela1.html>.

Uma bandura geralmente é composta por aproximadamente quatro oitavas²² de cordas nas quais a melodia²³ é tocada. Essas cordas partem de duas alturas diferentes no cavalete. Uma corda sai da metade superior do cavalete²⁴, enquanto a subsequente sai da metade inferior e assim sucessivamente. Na imagem abaixo, pode-se observar em detalhe a vista traseira do cavalete na qual a linha tracejada indica a metade da peça e os círculos são as aberturas por onde as cordas passam.

FIGURA 4 - VISTA TRASEIRA DO CAVALETE



FONTE: o autor (2023).

Em uma das banduras construídas por Bojko (FOTOGRAFIA 10), é possível observar as cordas atravessando o cavalete conforme citado acima.

²² A oitava é uma relação de 2:1 entre frequências de duas notas musicais. A nota Lá (440Hz) e a nota La (880 Hz), são a mesma nota, porém a segunda está uma oitava acima. Devido a sua vibração duas vezes maior, o seu som é mais agudo. (Fonte: <https://conceito.de/oitava>)

²³ A melodia é uma sequência de notas musicais isoladas. De forma simples, é a parte de uma música que pode ser cantada. (<https://conceito.de/melodia>)

²⁴ Componente dos cordofones acústicos que tem por função a fixação ou a delimitação de uma das extremidades das cordas, geralmente no corpo do instrumento. Nos instrumentos acústicos, o cavalete é responsável por transmitir as vibrações geradas pelas cordas para o tampo (PEREIRA, 2019, p. 42).

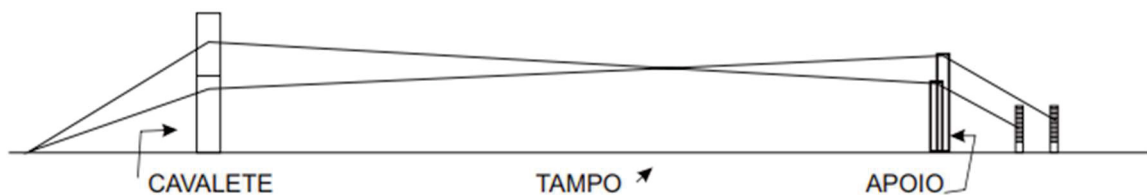
FOTOGRAFIA 10 - VISTA TRASEIRA DE UMA BANDURA. DETALHE DOS CAVALETES.



FONTE: o autor (2022).

Da mesma forma, ocorre a chegada nos pontos de apoio próximos aos pinos de afinação. As cordas que saíram da parte superior do cavalete, chegam no apoio mais baixo na outra extremidade, enquanto as cordas que saíram da parte inferior do cavalete, chegam no apoio mais alto. Portanto, existem duas alturas de ponto de partida e duas alturas de ponto de chegada.

FIGURA 5 - DETALHE DO CRUZAMENTO DAS CORDAS DA BANDURA



FONTE: O autor (2023).

Conforme visto na imagem acima, a bandura possui cordas que se cruzam, porém uma não encosta na outra. Dessa forma, existe um grupo de notas localizado antes da região na qual as cordas se cruzam, e outro grupo após essa região. Esse agrupamento de notas serve para facilitar a execução das notas pretendidas pelo músico/musicista. Pelo fato de ser um instrumento com mais de 50 cordas, essa

divisão em dois grupos auxilia o/a executante a localizar as notas desejadas de forma mais fácil e rápida, facilitando a execução das músicas. Nesse sentido, o/a bandurista move a mão direita na porção superior do instrumento para tocar um grupo de notas e na porção inferior para tocar outro grupo de notas.

Após apresentar detalhes técnicos das banduras com a finalidade de apresentar ao leitor um instrumento pouco conhecido, será respondida abaixo outra questão elaborada a partir de Lopes Ramos (2016) apresentada no início deste subitem: Por quem é tocada?

3.1.1 Por quem a bandura é tocada

Para responder a essa pergunta, optou-se por entender um pouco da história da bandura desde sua concepção, na Ucrânia. Dessa forma, há a possibilidade de comparação em seu contexto de uso tanto no seu país de origem, quanto no contexto brasileiro, especificamente em Curitiba.

No século XVI, os Cossacos, grupos paramilitares criados para resistir ao ataque dos Tártaros da Crimeia, utilizavam o Kobza para acompanhar suas canções, cuja temática tratava de amizade, amor e das belezas naturais ucranianas. Tal repertório era exclusivamente ucraniano, por isso o Kobza passou a ser associado à Ucrânia tanto entre os próprios ucranianos como também por outros povos. Tal fato contribuiu para a formação da identidade nacional do povo ucraniano (BEREZUTSKAYA, 2010).

Ainda no século XVI, os primeiros músicos profissionais começaram a aparecer entre os Cossacos que tocavam o Kobza. Estes músicos eram soldados que não atuavam mais nas batalhas devido às mutilações sofridas durante os combates. Muitos destes eram cegos, pois os Tártaros e Turcos costumavam cegar os Cossacos cativos. As funções destes estavam relacionadas a criação e a performance musical (*ibid*, 2010).

Segundo Berezutskaya (2010), os cossacos foram os responsáveis por transmitirem, na ausência da linguagem escrita, de geração a geração, o mais importante reconhecimento sobre si mesmos, desempenhando um papel significativo na autoconfiança e consciência do povo ucraniano.

No Brasil, é comum que mulheres toquem a bandura, embora historicamente tenha sido um instrumento tocado por homens. De acordo com Bergmann Filho

(2018), instrumentos musicais de outras culturas, que foram construídos fora de seus países de origem, possuem características distintas em termos de técnicas de construção, materiais utilizados, processos de produção e significados. Portanto, mesmo sendo tradicionalmente associada ao uso masculino, a bandura é frequentemente tocada por mulheres no contexto brasileiro.

Sobre isso, a bandurista Ana Povaluk comenta que, em sua passagem pela Ucrânia, foi hostilizada em uma região mais afastada da capital, Kiev. Segundo ela, os Kobzares falaram que as mulheres não poderiam tocar bandura devido ao fato de o instrumento ficar entre as pernas da musicista e, para isso, as pernas precisam ficar abertas. Povaluk complementa apontando para o fato dessa proibição existir em alguns locais da Ucrânia, porém, em outras localidades, as mulheres são permitidas como banduristas (POVALUK, 2021, turno 32).

Em fotos das apresentações dos grupos criados por Iván Bojko, um dos primeiros registros feitos é do ano de 1964 e mostra cinco banduristas, dentre os quais, duas mulheres. Em outro registro do mesmo ano, no Ginásio do Tarumã, o grupo de banduristas é formado exclusivamente por mulheres (FOTOGRAFIA 11). Sobre isso, Iván comentou que “no início, como tudo na vida, foi difícil. Comecei organizando um grupo feminino, ele não foi adiante. Quatro anos depois estou recomeçando, chegando a isto que os senhores estão vendo” (BOJKO, 1970, Anexo 7).

FOTOGRAFIA 11 - GRUPO DE BANDURISTAS



FONTE: Acervo da família Bojko.

De acordo com o exposto, pode-se observar que os contextos de uso da bandura no Brasil diferem da forma utilizada na Ucrânia. O relato de Povaluk e as fotos do acervo da família Bojko demonstram que não há preocupação com o fato do/da executante ser homem ou mulher. Bergmann Filho (2018) baseado em Neustadt (2007), explica que tais mudanças de contexto se devem ao hibridismo cultural presente em culturas latino-americanas e que o uso de instrumentos musicais nessas culturas é diferente dos usos dos instrumentos em seus países de origem.

Além disso, buscou-se compreender o circuito de circulação desses instrumentos em Curitiba. Em quais locais a bandura é tocada? Essa é outra questão que teve por base as perguntas de Lopes Ramos (2016).

3.1.2 Onde e quando a bandura é tocada

A bandura, conforme apresentado anteriormente, tem usos diferentes no Brasil e na Ucrânia. No Brasil, mais especificamente em Curitiba, a bandura é utilizada por grupos folclóricos ucranianos. Porém, o uso não se restringe somente a apresentações desses grupos. Conforme relata a bandurista Ana Povaluk, elas são utilizadas não só em momentos de celebrações e comemorações, como também em momentos de tristeza, como no velório de Iván Bojko.

Situações dentro da comunidade exigem a presença da bandura. Por exemplo, no lançamento do documentário do Seu Iván, estivemos lá fazendo uma apresentação. Imagine, tinha que ter uma bandura. Duas situações de Helena Kolody: no lançamento do seu livro, que foi no grupo Barvinok, nossos colegas e parceiros de folclore. Dança? Entraria. Mas a música, sentar e tocar no lançamento de um livro de poemas, não tem como não ter bandura. E também tocamos no enterro de Helena Kolody. Sim, tocamos no cemitério. Assim como aconteceu no falecimento do Seu Iván Bojko em 2016. Às vésperas do *Sviatei Vetchir* (Natal). Tocamos canções natalinas no velório do Seu Iván. Não tinha como não ter (POVALUK, 2021, turno 20).

A musicista complementa que, além do explicitado acima, a bandura também é tocada em casamentos, ordenação sacerdotal, episcopal e apresentações diversas em praças públicas (POVALUK, 2021, turno 22). Além disso, Povaluk também comenta como foi o uso da bandura em sua casa.

Inclusive, meu pai, já falecido, ele sempre quando estava triste ou pra baixo... Teve um dia de trabalho horrível, chegou em casa, tá sacudo. Aí minha mãe empurrava "Ana, toca alguma coisa pro seu pai". Eu tocava qualquer coisa, tipo "Luar do Sertão" na bandura. E aí ele já esquecia e pronto, já tava

pirando ali. Nossa, que legal. Que bom. Já acalmava e colocava ele pra cima. Enfim, a bandura fez parte desse momento. Na verdade, depois que meu pai faleceu eu fiquei dois anos, praticamente, sem tocar a bandura (POVALUK, 2021, turno 4).

Com relação à declaração de Povaluk, é importante destacar um aspecto relevante. O pesquisador observa o hibridismo cultural presente quando Ana escolhe tocar a música "Luar do Sertão"²⁵ para proporcionar conforto ao seu pai após um dia de trabalho. Surge então a questão: por que ela não escolheu uma música que fizesse referência à Ucrânia ou que fosse baseada em um poema de Taras Shevchenko? Embora a bandura seja um instrumento nacional ucraniano e seja comumente tocado em eventos relacionados à cultura ucraniana, as palavras de Povaluk revelam uma adaptação desse instrumento ao repertório brasileiro, pelo menos quando tocado fora dos contextos tradicionais.

Outro uso da bandura é apresentado pela pesquisadora Lara Babbar em um trecho de sua dissertação na qual ela relata o uso das banduras em contexto religioso. Babbar (2008) argumenta que a bandura não pode ser tocada durante as celebrações religiosas, mas o seu uso está permitido antes ou depois da celebração.

Por ser a bandura um instrumento profano, os grupos de banduristas não atuam durante as celebrações religiosas ucranianas, mas podem participar antes ou depois da celebração, em ocasiões solenes. Isso ocorreu em 2006 durante a cerimônia religiosa de nomeação do atual Bispo-Eparca da Igreja Católica Ucraniana Brasileira, Dom Volodemer Koubetch na Eparquia São João Batista, em Curitiba, na qual atuou o grupo Fialka (BABBAR, 2008, p. 93).

O professor Paulo Guérios (2012) cita que turistas americanos e canadenses, de origem ucraniana, tinham vindo conhecer o Rio de Janeiro, as Cataratas do Iguaçu e as colônias do Paraná. "Foram recebidos com 'tradicional' oferta de pão e sal em frente à estátua de Taras Shevchenko, enquanto um grupo de banduristas se apresentava à sua volta" (GUÉRIOS, 2012, p. 261). A partir dessa afirmação, pode-se entender que os turistas foram acolhidos de forma a enfatizar a tradição compartilhada que os une como povo, mesmo que venham de países diferentes, criando um senso de comunidade e igualdade.

Nos arquivos pessoais de Bojko, foram encontrados diversos registros das apresentações realizadas por ele com seu grupo de banduristas realizadas em

²⁵ Composição de Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco no ano de 1914.

teatros. Alguns recortes de jornais guardados por Iván foram editados e colocados na imagem a seguir (FOTOGRAFIA 12).

FOTOGRAFIA 12 - RECORTES DE JORNAIS SOBRE APRESENTAÇÕES DO GRUPO DE BANDURISTAS

JORNAL DO ESTADO
17 ABR 1985

teatro  (68)

SALA FUNARTE

Para dar prosseguimento aos concertos da Rede Nacional de Música o Escritório Regional da Funarte programou um Concerto de Bandurras, na Sala Funarte, à Rua Cruz Machado, 98, às 20 horas. A apresentação estará a cargo da "Capela de Bandurristas", da União Agrícola Instrumental da filial do Portão, com regência de Ivan Boiko, com entrada franca. A apresentação será dia 25 próximo. A bandurra é um instrumento musical ucraniano, com 12, 30 ou mais cordas, de origem ocidental-europeia.

O ESTADO DO PARANÁ
17 ABR 1985

ZIGUE ZAGUE

CONCERTO DE BANDURRAS
No próximo dia 25, prosseguindo com os concertos da Rede Nacional de Música, a Funarte promoverá em sua sala, à Rua Cruz Machado, 98, um concerto de bandurras. A apresentação será feita pelo grupo "Capela de bandurristas", da União Agrícola Instrumental da filial do Portão. A regência ficará com Ivan Boiko. Bandurra é um instrumento musical ucraniano, com 12 e até 30 cordas, conhecido desde o século XVI. No Paraná este instrumento é muito conhecido em vista da grande colônia ucraniana aqui radicada.

Folha de Curitiba
24 ABR 1985

Bandurras amanhã na Sala Funarte (68)

Um concerto de Bandurras - instrumento típico da Ucrânia - será o próximo programa da Rede Nacional de Música, amanhã, às 20 horas, na Sala Funarte, à rua Cruz Machado, 98, com entrada franca. A apresentação estará a cargo do grupo "capela de Bandurras" da União Agrícola Instrumental, filial do Portão, com regência de Ivan Boiko.

A bandurra foi introduzida no Brasil pelos imigrantes ucranianos, notadamente, no Paraná, onde hoje ela é fabricada, chegando mesmo a ser exportada. É um instrumento tipicamente ocidental - europeu com 12, 30 ou mais cordas. Seu surgimento na Ucrânia se deu a partir do final do século XVI e desde o XVII tornou-se instrumento nacional. A Rede é um projeto do Instituto Nacional de Música da Funarte numa promoção do Escritório Regional de Curitiba, do Clube Ucraniano-Brasileiro e da União Agrícola Instrutiva do Portão, com apoio da Cronográfica Editora.

Em maio a Rede Nacional de Música promoverá mais dois concertos: dia 13, às 21 horas, Camerata Antiqua de Curitiba, e dia 30, Arthur Moreira Lima.

Exposição sobre cultura europeia e japonesa abre férias de julho

A cultura e a tradição da França, Itália, Rússia e Japo são os temas da exposição que o Shopping Center Iguatemi abre a partir de hoje, como parte da sua programação de férias. Além de pinturas, fotografias, cartões e cartões postais, estarão se apresentando tocadores de bandura da Ucrânia, dançarinos da Tarantela italiana e intérpretes japoneses da Cerimônia do Chá.

A abertura da programação será às 20 horas, com a apresentação do grupo vocal da Casa de Cultura Francesa. A participação da Rússia começa no dia 8, com uma exibição dos tocadores de Bandura do Centro de Estudos Ucranianos do Paraná. O Japo ocupará o espaço no período de 14 a 18 de julho, com uma exposição de porcelanas, bonecas e comidas típicas. A Itália encerra a programação no período de 20 a 22, tendo como destaque a apresentação do Grupo de Tradições Ceurenes, dançando a Tarantela, tradicional dança italiana.

Cultura e tradição europeia em exposição no Iguatemi

A cultura e a tradição da França, União Soviética, e Japo, estarão em exposição a partir de hoje, no Shopping Center Iguatemi, como parte de sua programação de férias. São mostras e shows internacionais como apresentação dos tocadores de Bandura do Centro de Estudos Ucranianos; a dança Tarantela, da Itália, e a milenar Cerimônia do Chá.

A abertura da programação cultural tem início hoje no Shopping Iguatemi com a apresentação do show do grupo vocal da Casa de Cultura Francesa na UFC, às 20 horas. Estará em exposição permanente no hall do Shopping reproduções fotográficas de pinturas francesas, cartões e fotografias sobre a Revolução Francesa, cartões postais e exposição de fotografias sobre a arte da França.

Como atração também da França será instalado um stand com comidas típicas, bonecos com roupas de regiões francesas e vitrines com objetos curiosos legitimamente franceses, como as bonecas de porcelana. Numa tela serão exibidos VTs sobre a História, arte, turismo, além de dois filmes sobre o país, que serão apresentados até o final da participação da França, dia 6 de julho.

A apresentação da União Soviética começará dia 8, com show dos tocadores de Bandura do Centro de Estudos Ucranianos do Paraná. Estará em exposição permanente, até o dia 12, o xadrez da União Soviética, artesanato, adesivo bibliográfico, discos soviéticos, fotografias do "Pai da Poesia Russa", Alexandre S. Pushkin, e posters dos autores russos mais importantes.

Também a URSS mostrará em vitrine objetos peculiares ao país e, num stand poderão ser encontrados pratos típicos soviéticos, além de bonecas com roupas das várias regiões da União Soviética. Num telão tapes sobre Leningrado, Moscou, Museu de Etniologia e regiões soviéticas. Toda a ambientação do hall do Iguatemi será decorada com posters com paisagens, monumentos, curiosidades etc. O encerramento, dia 12, constará de apresentação do GTC com dança da Ucrânia e da Rússia.

FONTE: Acervo da família Bojko.

Em algumas apresentações, Bojko realizava um discurso de apresentação acerca do grupo de banduristas, da bandura, do povo ucraniano e da Ucrânia, conforme imagem abaixo de um discurso feito em 15/06/1972. Bojko define o povo ucraniano da seguinte maneira:

Povo que passou a maior parte de sua história em guerras, a saber: de início, luta contra os Bárbaros, que passavam pela Ucrânia rumo a Europa. Depois, contra seus vizinhos, os quais cobiçavam e queriam apoderar-se de seu território rico em minérios e das terras mais férteis em trigo do mundo. E, ultimamente, a Ucrânia foi invadida pelos comunistas Soviéticos, que fizeram e obrigaram com que seu povo se dispersasse e migrasse para diversos países, como: França, Itália, Áustria, Inglaterra, Austrália, Alemanha, Estados Unidos, México, Canadá, Brasil e etc. Mesmo dispersados, levaram consigo a arte, os costumes, o folclore, as tradições e etc. No exílio, deram continuidade a esta cultura, que já passou a fazer parte da cultura brasileira. Razão pela qual hoje, a nossa arte, folclore e música fazem parte de festas, apresentações, exposições aqui no Brasil, sendo parte da cultura brasileira e do povo que o integra (BOJKO, 1972, Anexo 6).

Em outro discurso, ocorrido em 15/06/1970, Iván comenta sobre a sua história e a de seus companheiros e sobre o início do grupo de banduristas criado por ele.

Desejo aqui lembrar algumas passagens minhas. Minhas e de meus companheiros. Devido às vicissitudes da guerra, fomos obrigados a deixar a nossa terra de nascimento, a Ucrânia, escolhendo como nova Pátria este querido Brasil, Terra de Santa Cruz, e aqui trabalhar, e, nas horas vagas, dedicar-se à arte, à música, formando, aqui e acolá, grupo de BANDURISTAS para que, no futuro, a música popular ucraniana seja propalada, seja lembrada. (...) O início, como tudo na vida, foi difícil. Comecei organizando um grupo feminino, ele não foi adiante. Quatro anos depois estou recomeçando, chegando a isto que os senhores estão vendo (BOJKO, 1970, Anexo 7).

Este pesquisador destaca que, em algumas das apresentações, Bojko costumava realizar discursos para o público, abordando temas como as banduras, o povo ucraniano e suas dificuldades em montar um grupo de banduristas. Essa prática pode ser um indício de que Bojko aproveitava essas oportunidades de apresentação como uma forma de expressão pessoal. Através de histórias, discursos e músicas, ele utilizava esse momento para compartilhar o que considerava importante, sendo também um momento em que ele era reconhecido como uma figura de destaque.

De acordo com os arquivos pessoais de Iván Bojko, foram diversas apresentações realizadas com seus grupos. Neste documento, apenas algumas foram apresentadas. Um dos concertos dos quais Iván se orgulhava, conforme comentado

por Guto Pasko²⁶, foi realizado em Fortaleza, Ceará, em 11 de julho de 1988. Sendo assim, é possível notar que as banduras de Iván foram tocadas fora do circuito das quais faziam parte tradicionalmente na cidade de Curitiba. Além disso, destaca-se que levar um grupo de bandurista para realizar uma apresentação em Fortaleza tem um custo elevado.

Em uma carta enviada a Bojko, os organizadores do evento agradeceram a oportunidade que tiveram de conhecer mais sobre a cultura ucraniana e se desculparam por alguns jornais terem chamado a bandura de *balalaika*, instrumento russo. Nesta carta, é possível notar que Iván grifou, com caneta azul e vermelha, o seu nome precedido pela palavra “professor”. No mesmo arquivo, Bojko guardou um papel timbrado do Hotel em que se hospedou. Por não haver outros registros de hotéis nos arquivos de Bojko, sendo esse um hotel cinco estrelas, pode-se inferir que Iván sentia-se orgulhoso e reconhecido por todo trabalho realizado (ANEXO 8).

Neste subitem, foi apresentado que as banduras são tocadas em contextos familiares, religiosos e em eventos culturais. Nos discursos de Iván, fica evidente que ele se apresentava com seu grupo para preservar e promover a cultura ucraniana.

3.2 AS BANDURAS DE IVÁN

No ano de 1962, Bojko recebeu um jornal ucraniano no qual havia uma foto de um grupo de banduristas fazendo uma apresentação. Nesse momento, inspirado por essa foto, Iván decidiu fazer sua primeira bandura, conforme comenta:

Eu vi na página essa fotografia (FOTOGRAFIA 13). Eu senti como se fosse uma volta para o passado. Era domingo. Na segunda, peguei martelo, fui procurar madeira e comecei a fazer o instrumento (BOJKO, 2015, Anexo 4).

²⁶ Em entrevista concedida a esse pesquisador em 2021, turno 46.

FOTOGRAFIA 13 - JORNAL UCRANIANO MOSTRANDO GRUPO DE BANDURISTAS



FONTE: Acervo da família Bojko.

Na imagem acima, é perceptível que dentre os vários banduristas integrantes deste grupo, não há nenhuma mulher, cujo papel parece ser restrito ao coral. Essa ausência evidencia uma associação predominantemente masculina com o instrumento. Além disso, essa constatação corrobora o comentário feito por Povaluk, onde ela menciona que enfrentou, durante sua visita a Ucrânia, certa resistência por ser uma mulher tocando bandura, e nem todos aceitaram bem essa ideia.

Além disso, ao compararmos a imagem acima com a fotografia da primeira apresentação do grupo de banduristas de Iván em 1962²⁷, nota-se uma semelhança em relação a disposição dos músicos e cantores no palco. Em ambas as imagens, os/as banduristas estão em primeiro plano e o coral é posicionado logo atrás. O posicionamento dos integrantes do grupo de Bojko também pode ter sido inspirado na mesma fotografia que o influenciou a construir banduras.

²⁷ Apresentada no subitem “Por quem é tocada”, Fotografia 11.

Sobre a atitude de Iván em construir as banduras, Pasko comenta que o intuito de Iván era estabelecer uma conexão emocional com a Ucrânia, como se fosse uma extensão de sua terra natal. Ele destaca que o sentimento de patriotismo foi o que motivou Bojko a iniciar a construção desses instrumentos²⁸. Além disso, Vivian Wons, ressalta que seu avô construía as banduras para ajudar sua esposa, Ana, a amenizar a saudade de seu país. Vivian comenta que sua avó sempre desejou retornar à Ucrânia e não gostava de viver no Brasil. Outro aspecto mencionado por Vivian é que, embora Iván não mencionasse com frequência, ele considerava as banduras instrumentos revolucionários. Segundo a neta do artífice, Iván era um revolucionário e esses instrumentos o ajudavam a recordar o período vivido no país, onde Bojko fazia parte de um grupo de militância política²⁹.

Durante sua carreira, Iván construiu várias banduras, embora a quantidade exata não seja precisamente conhecida. Segundo uma notícia publicada no jornal *The Ukrainian Weekly* em 1987, Iván já havia construído 38 banduras (FOTOGRAFIA 13). Após uma conversa com Bojko, Guto Pasko estimou que, considerando o tempo necessário para a construção de cada instrumento e a dedicação do artesão, o número de banduras se aproximava de 50³⁰. Por outro lado, Hamilton Wons, genro de Bojko, afirma que o número é de 72 unidades. Isso se deve ao fato de que houve um período em que Bojko conseguiu construir em série, graças ao maquinário apropriado, como uma serra-fita e uma lixadeira elétrica³¹.

Sobre o uso das ferramentas citadas acima, deve-se apontar que a produção em série citada por Wons não tem o mesmo sentido de uma produção em série industrial. No caso de Bojko, a produção continua sendo manufaturada, porém, com algumas etapas realizadas de forma mais rápida. O uso da serra-fita permite serrar a madeira em um tempo muito menor em comparação com a serra manual. Com o tempo otimizado, aumenta-se a quantidade de instrumentos construídos. A

²⁸ Guto Pasko em entrevista à jornalista Carla Lima, em 2016, turno 8.

²⁹ Em entrevista concedida a esse pesquisador em 2021, turno 14.

³⁰ Em entrevista concedida a esse pesquisador em 2021, turno 44.

³¹ Em entrevista concedida a esse pesquisador em 2021, turno 168.

lixadeira elétrica, da mesma forma, possibilita que o acabamento³² das peças seja feito em menos tempo.

FOTOGRAFIA 14 - CAPA DO *THE UKRAINIAN WEEKLY*, 1º DE MARÇO DE 1987



FONTE: Acervo da família Bojko.

Ao longo dos anos, durante o processo de construção, Bojko precisou realizar testes e adaptar o tipo de construção das banduras à sua realidade. A escolha das madeiras, a falta de acesso a um encordoamento específico e as dificuldades financeiras foram barreiras que precisaram ser contornadas.

Ele era praticamente assalariado. Então ele passava muita dificuldade. Inclusive, uma vez, ele contou que ele teve até, isso na década de 60, ele teve um problema lá de cortarem a luz por falta de pagamento porque ele não pagou a luz pra fazer instrumento (WONS, H, 2021, turno 29).

Inicialmente, Bojko teve dificuldades para escolher uma madeira que aguentasse a tensão exercida pelas cordas do instrumento. Algumas das banduras envergaram, segundo Pasko³³. Hamilton Wons³⁴ explica que, após alguns testes, Bojko chegou à conclusão de que a Peroba Rosa (*Aspidosperma polyneuron*³⁵) era a

³² Processo da construção de um instrumento musical no qual as marcas deixadas pelas ferramentas são eliminadas das madeiras pelo processo de lixamento.

³³ Em entrevista concedida a esse pesquisador em 2021, turno 48.

³⁴ Em entrevista concedida a esse pesquisador em 2021, turno 4.

³⁵ Fonte: https://www.ipt.br/informacoes_madeiras3.php?madeira=25.

madeira ideal para o corpo do instrumento. Essa madeira era trazida do litoral paranaense pelo genro do artífice. Da mesma forma, Wons era o responsável por fornecer as madeiras para o tampo das banduras. Essas madeiras, Pinho Europeu, chegavam ao Brasil em caixas de equipamentos importados, principalmente da Alemanha, pela empresa em que Wons trabalhava.

3.2.1 Série de banduras de Iván

Conforme apurado com os interlocutores, o número de banduras construídas por Bojko passa de cinquenta unidades. Dessas, muitas unidades pertencem a acervos particulares e, por isso, não se sabe a localização e o estado de conservação desses instrumentos.

Sendo assim, a pesquisa aborda quinze exemplares que fazem parte do acervo da Capela de Banduristas Fialka, do grupo folclórico ucraniano Poltava, localizado em Curitiba. Tais instrumentos se dividem em cinco banduras pequenas, e dez banduras grandes.

A maioria desses instrumentos possui uma placa patrimonial elaborada pelo grupo Poltava, fixada na parte de trás. Nessa placa, constam o nome do grupo, o número da bandura e agradecimento a Iván Bojko e colaboradores, conforme foto abaixo.

FOTOGRAFIA 15 - DETALHE DA PLACA PATRIMONIAL



FONTE: o autor (2022).

Por não haver algum tipo de identificação feita pelo autor, como etiquetas e assinaturas, que possibilitem acessar informações como data e local de construção, são utilizados os números fornecidos pela placa patrimonial para identificar cada unidade analisada. As banduras pequenas possuem marcação com corretivo escolar. No lugar do número patrimonial, foram marcadas as letras A, B, C, E e G. As banduras

grandes, por sua vez, são identificadas pelos números 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50³⁶. Uma unidade possui diferença na identificação por ter sido uma doação. Nela, conforme foto abaixo, existe um papel com escrita feita a caneta com o nome do doador Pedro Kytmaa (FOTOGRAFIA 16), identificada no decorrer da análise como “P. K”.

FOTOGRAFIA 16 - IDENTIFICAÇÃO FEITA EM PAPEL



FONTE: o autor (2022).

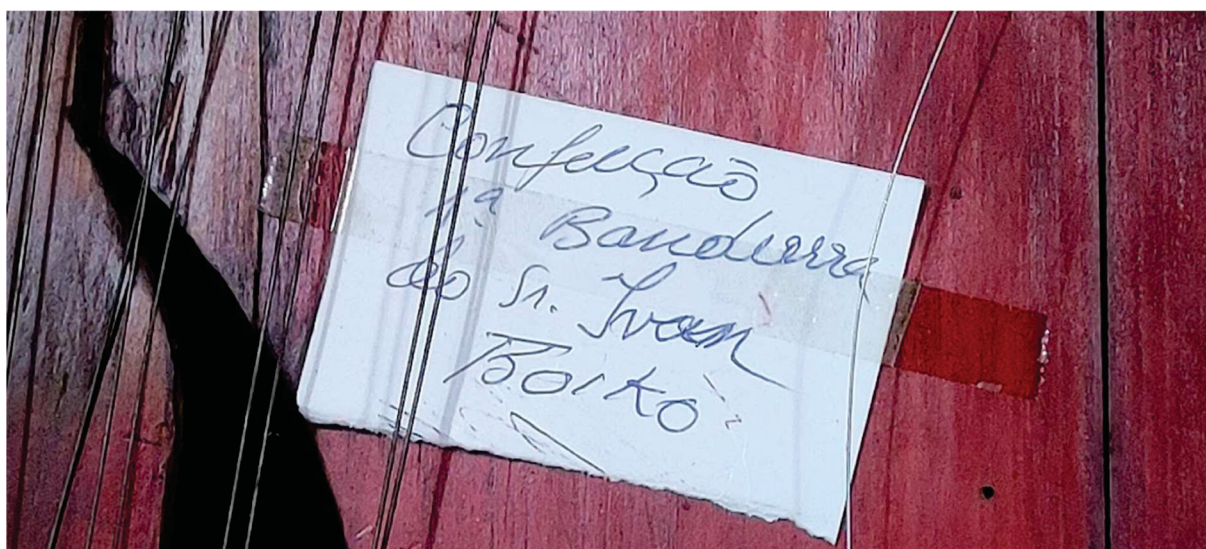
³⁶ Quanto aos números das placas patrimoniais, não foi possível descobrir se eles se referem apenas às banduras ou se abrangem outros tipos de patrimônio também. Além disso, é perceptível que faltam algumas unidades na sequência numérica e alfabética. O motivo para a ausência desses instrumentos não é conhecido.

4 ANÁLISE DA SÉRIE DE BANDURAS DE IVÁN

4.1 A PRIMEIRA BANDURA

Dentre as banduras grandes, em primeiro lugar, é apresentada a bandura que se diferencia das demais que compõem essa série. Tal instrumento, vale destacar, é guardado em outro local do Clube Poltava e não está disponível para uso por apresentar avarias que não permitem seu funcionamento. Segundo Rodrigo Hermann, responsável pela Capela de Banduristas Fialka, esse instrumento foi a primeira bandura construída por Iván Bojko. Tal informação é corroborada por um papel afixado sob o tampo dessa bandura.

FOTOGRAFIA 17 - PAPEL QUE MOSTRA AUTORÍA DE IVÁN BOJKO



FONTE: o autor (2022).

Ao analisar detalhes dessa construção, são observadas características comuns ao violoncelo. Elas reforçam a possibilidade de que esse exemplar seja um dos primeiros construídos visto que o violoncelo foi o primeiro instrumento fabricado por Bojko antes de se dedicar às banduras.

Sendo assim, são três semelhanças que merecem destaque: as efes³⁷ (FOTOGRAFIA 18), a voluta³⁸ (FOTOGRAFIA 19) e a alma³⁹ (FOTOGRAFIA 20). Nas imagens abaixo, estão destacados os pontos de semelhanças citados acima, estando a bandura do lado esquerdo da imagem e o violoncelo do lado direito.

FOTOGRAFIA 18 - COMPARAÇÃO DAS EFES DA BANDURA (ESQUERDA) E DO VIOLONCELO (DIRETA)



FONTES: o autor (2022) e https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8c/Cello_front_side.jpg

As efes, comparadas ao violoncelo, estão mais próximas entre si e possuem abertura maior. A parte superior termina sem o formato arredondado presente na parte inferior, enquanto essa termina em uma abertura parecida com um círculo.

³⁷ Refere-se ao formato da boca específico de alguns instrumentos de corda, como os integrantes da família do violino, das guitarras acústicas e de alguns modelos de guitarras semiacústicas. Tem esse nome devido à semelhança visual com a letra F manuscrita (PEREIRA, 2019, p.66).

³⁸ Forma espiral presente na natureza, muito semelhante ao caramujo. É utilizada como adorno arquitetônico e de decoração desde a Antiguidade. Na luteria, trata-se do ornamento na mão dos instrumentos de arco, como violino e seus similares. Também é comum usar o termo para denominar toda a mão do instrumento (PEREIRA, 2019, p. 168).

³⁹ Parte de alguns instrumentos tocados a arco (como os exemplares da família do violino) que corresponde a um pedaço de madeira cilíndrico encaixado internamente e de forma perpendicular, apoiado entre o tampo e o fundo, ajustado próximo ao pé do cavalete do lado das cordas agudas. Proporciona modificações estruturais, suportando a tensão das cordas, e a modificação do regime de oscilação, influenciando no som do instrumento (PEREIRA, 2019, p.18).

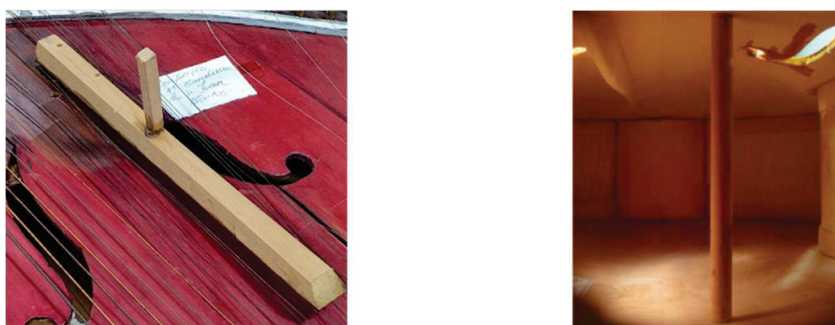
FOTOGRAFIA 19 - COMPARAÇÃO DAS VOLUTAS DA BANDURA (ESQUERDA) E DO VIOLONCELO (DIREITA)



FONTES: o autor (2022) e <https://www.mviannacruz.com/folio/strumento-105/?lang=pt-br>

A voluta foi confeccionada de forma muito similar ao violoncelo, entretanto, no lugar das quatro cravelhas⁴⁰ características desse instrumento, existem sete pinos. Cada pino recebe uma corda e são responsáveis pela afinação⁴¹ das cordas graves deste instrumento.

FOTOGRAFIA 20 - COMPARAÇÃO DA ALMA DA BANDURA (ESQUERDA) E DO VIOLONCELO (DIREITA)



FONTES: o autor (2022) e <https://br.pinterest.com/pin/445997169347312482/>

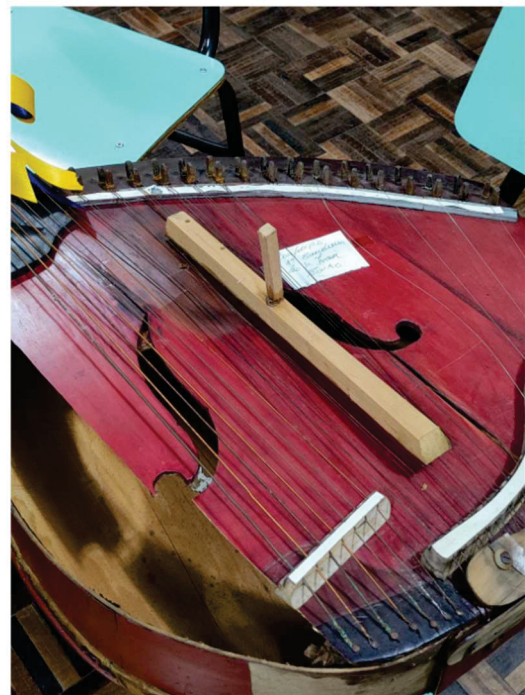
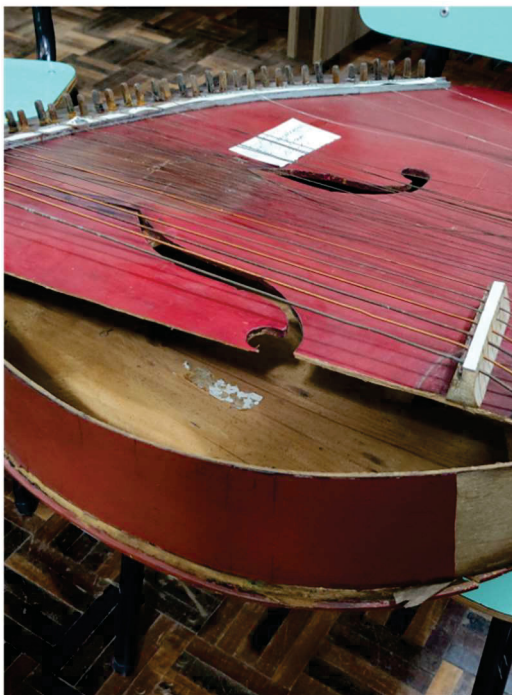
Em relação a alma, não há como saber qual a forma de uso idealizada pelo autor visto que esse instrumento está muito danificado. A alma estava solta na parte interna do instrumento e foi colocada acima do tampo apenas para registro.

⁴⁰ Dispositivo, normalmente de madeira, instalado em cordofones, que permite, quando acionado, alterar a tensão das cordas, procedendo-se assim a afinação do instrumento. Consiste em uma pequena peça de madeira, de formato semelhante a uma chave, com um eixo de perfil cônico, que recebe a corda (PEREIRA, 2019, p. 52).

⁴¹ Refere-se ao ajuste das cordas de um instrumento musical (cordófono) seguindo um padrão internacional que considera a frequência específica para cada corda (PEREIRA, 2019, p. 14).

Esse exemplar está danificado e não apresenta qualquer possibilidade de funcionamento sem antes passar por restauros realizados por um Luthier.

FOTOGRAFIA 21 - A PRIMEIRA BANDURA

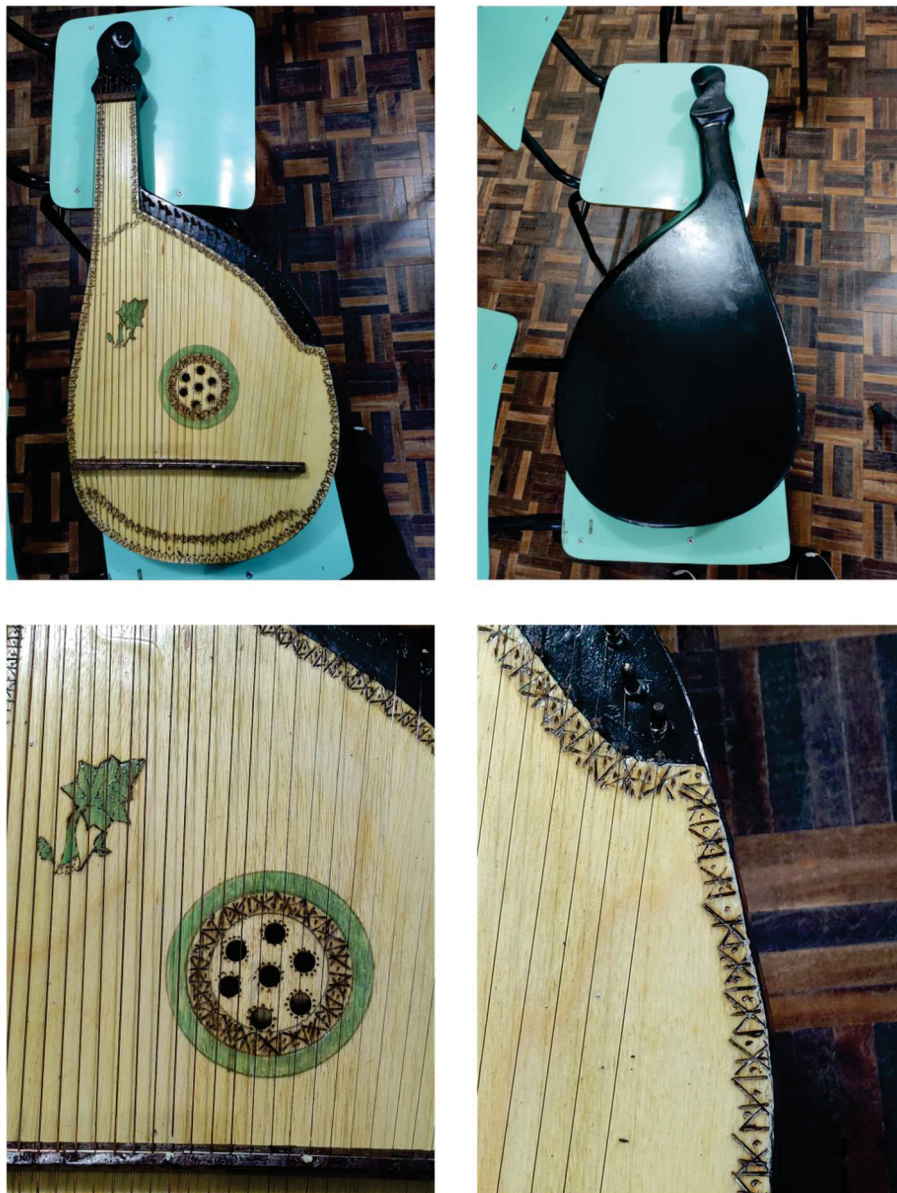


FONTE: o autor (2022).

4.2 BANDURAS PEQUENAS

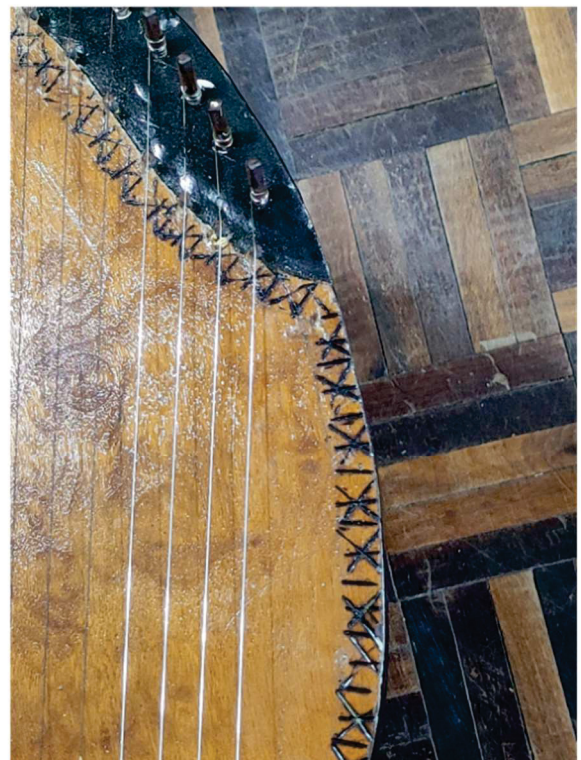
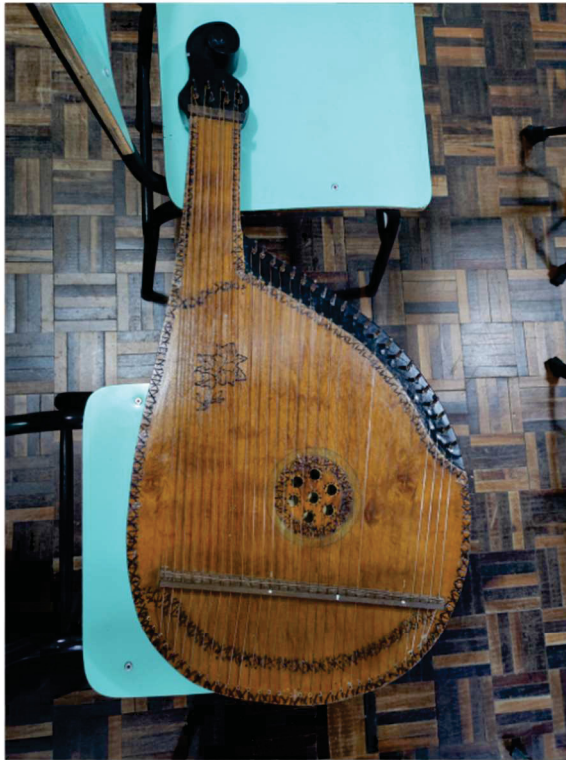
As banduras pequenas, como mencionado anteriormente, são destinadas ao uso infantil, pois possuem tamanho reduzido e número menor de cordas, e estão disponíveis no Grupo Poltava para as crianças praticarem. De acordo com Rodrigo Hermann, em conversa durante uma das visitas, algumas das banduras são emprestadas para as crianças levarem para casa. No entanto, não se sabe a quantidade exata dessas banduras nem se foram feitas por Iván Bojko.

FOTOGRAFIA 22 - BANDURAA



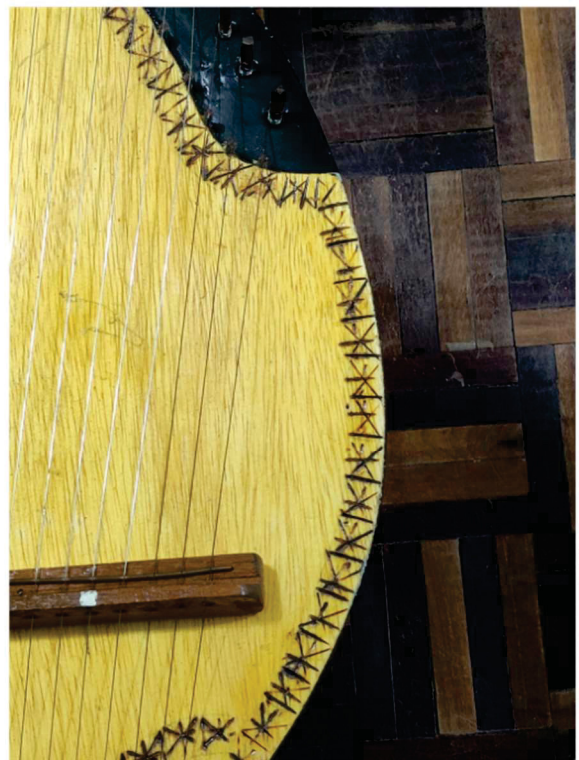
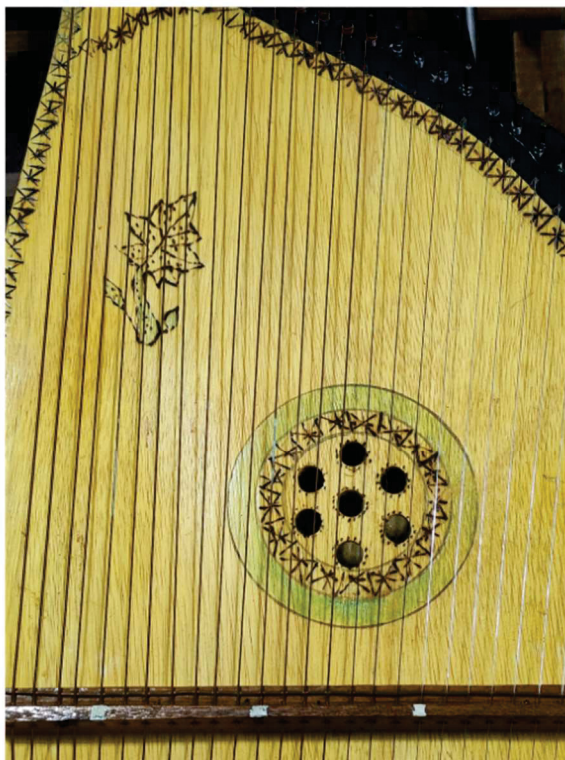
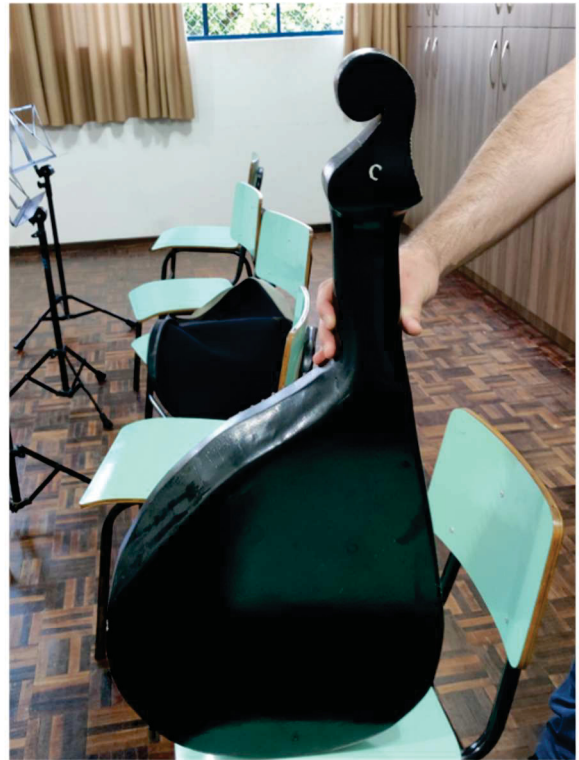
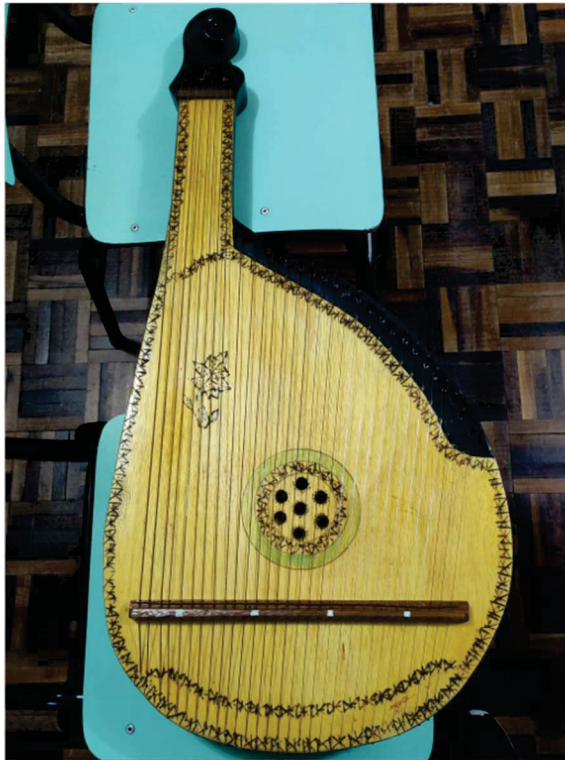
FONTE: o autor (2022).

FOTOGRAFIA 23 - BANDURA B



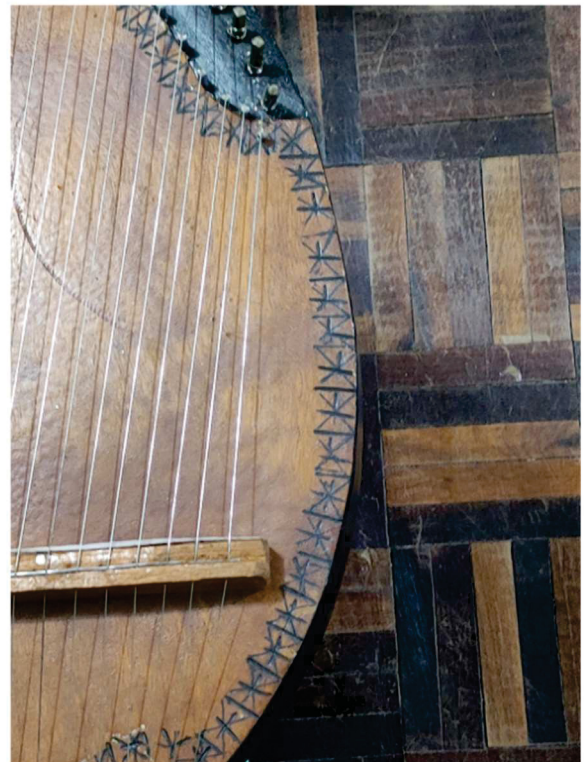
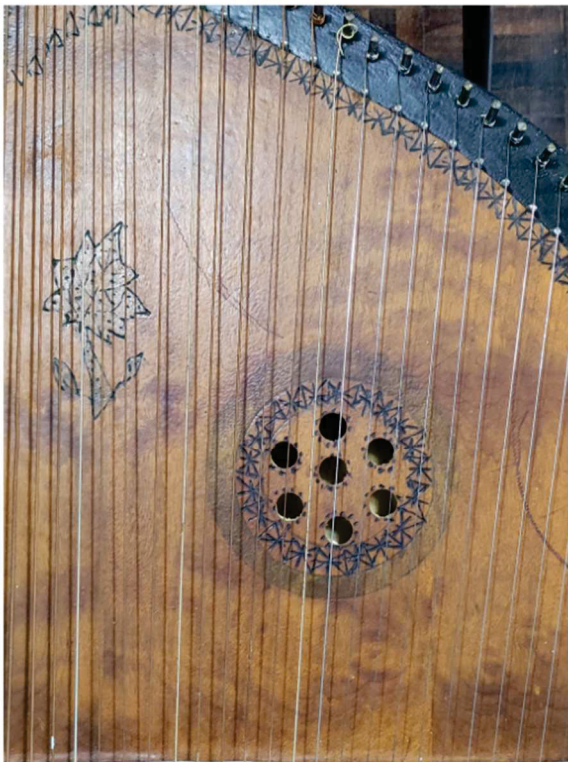
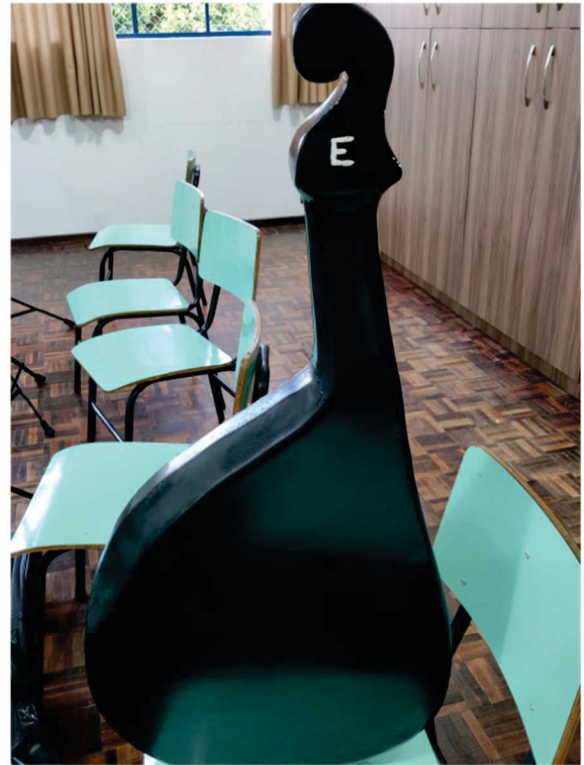
FONTE: o autor (2022).

FOTOGRAFIA 24 - BANDURA C



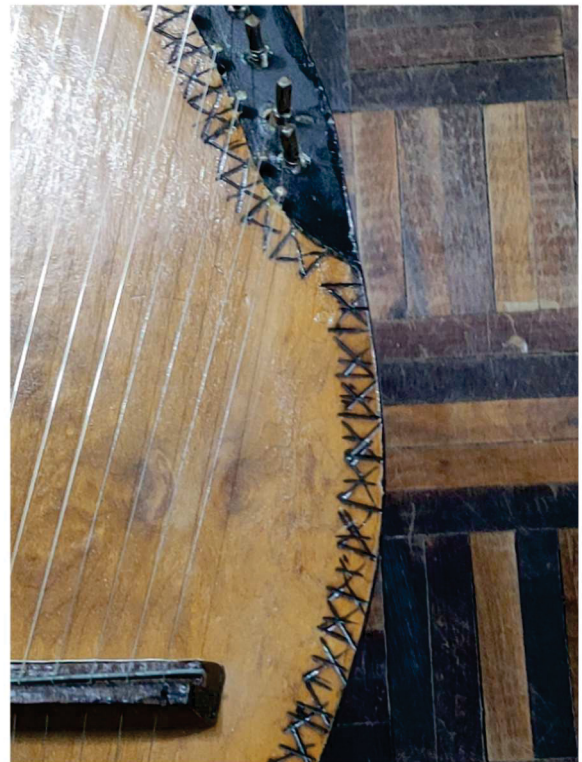
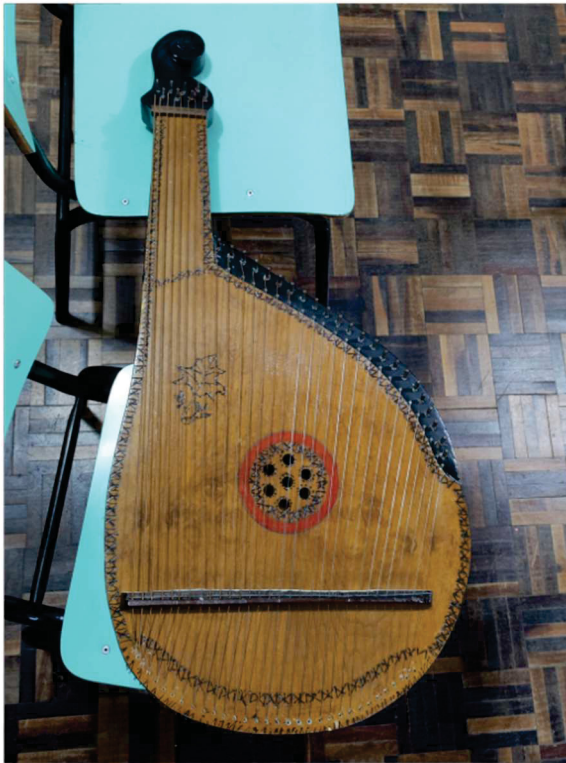
FONTE: o autor (2022).

FOTOGRAFIA 25 - BANDURA E



FONTE: o autor (2022).

FOTOGRAFIA 26 - BANDURA G



FONTE: o autor (2022).

As banduras pequenas foram submetidas a medições e os resultados foram compilados na tabela abaixo.

TABELA 4 - COMPARAÇÃO ENTRE MEDIDAS E DETALHES DAS BANDURAS PEQUENAS

Bandura	A	B	C	E	G
Comprimento	875	860	880	880	900
Largura	420	405	410	410	410
Espessura Total	62	61	74	75	65
Espessura do tampo	5	3,5	4	4	4
Largura da mão	90	92	91	88	93
Espessura da caixa de cravelhas	28	29	24	33	30
Roseta ⁴²	Caneta Verde	Pirografia	Caneta Verde	Pirografia	Caneta Vermelha + Pirografia
Ornamentos	Pirografia	Pirografia	Pirografia	Pirografia	Pirografia
Observações	Folha Pirografada e pintada	Folha Pirografada	Folha Pirografada	Folha Pirografada	Folha Pirografada

FONTE: o autor (2022).

4.2.1 Bocas

O termo "boca" é comumente utilizado em violões para se referir à abertura por onde o ar é expelido nos instrumentos acústicos. Essa abertura, localizada geralmente no centro do tampo dos instrumentos, desempenha um papel essencial na estrutura e no som dos mesmos, conforme explicado por Pereira (2019). O pesquisador opta por utilizar esse termo ao se referir a essa parte específica da bandura. Essa escolha decorre da escassez de materiais disponíveis sobre as banduras, o que dificulta o conhecimento detalhado de sua construção. Dessa forma, ao utilizar o termo "boca", o pesquisador estabelece uma conexão com o vocabulário tradicionalmente utilizado em instrumentos como os violões. Essa abordagem visa facilitar a compreensão e a familiaridade com a estrutura do instrumento para os leitores.

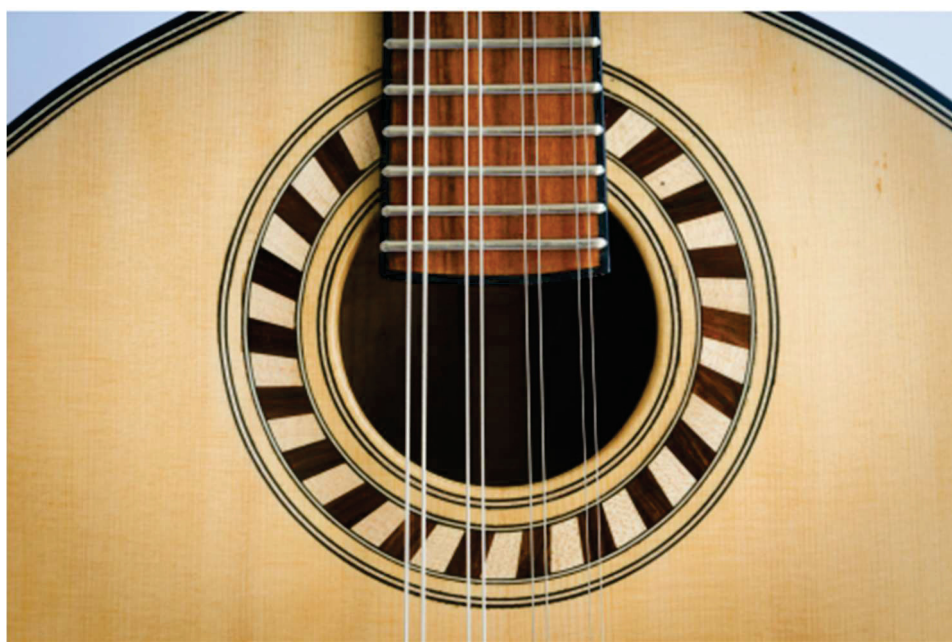
⁴² Na Luteria refere-se a um tipo de decoração utilizada em alguns instrumentos musicais. Em cordofones como os violões e assemelhados, a roseta se encontra no perímetro da boca (neste caso, a roseta também é chamada de mosaico). é considerada uma assinatura do construtor ou construtora, pois se trata de um trabalho singular que caracteriza a identidade e originalidade do instrumento (PEREIRA, 2019, p. 139).

FOTOGRAFIA 27 - DETALHE DA ROSETA FABRICADA COM MADEIRA E CONCHAS E DA BOCA DE UM VIOLÃO



FONTE: Carlos Eduardo Galera de Souza – Luthier

FOTOGRAFIA 28 - BOCA E ROSETA CONFECCIONADA EM MADEIRAS DE UM BANDOLIM

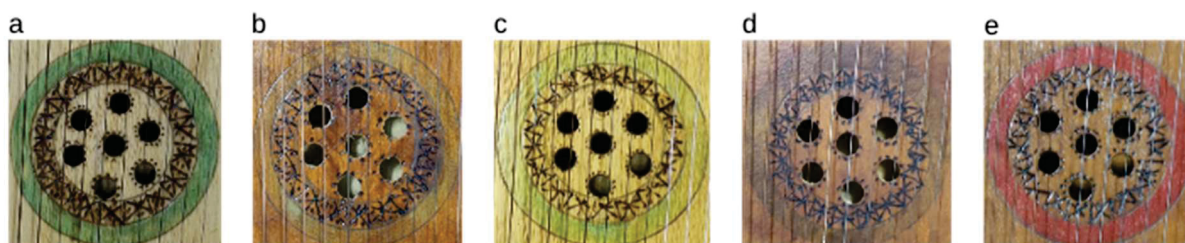


FONTE: Thales Barros – Luthier

Ao compararmos essas aberturas com as aberturas da primeira bandura, pode-se perceber que o construtor passou a utilizar “bocas” em vez de “efes”. Esse fato pode ser compreendido com um processo de atualização nos processos de construções de Bojko.

No detalhe da imagem abaixo, são mostradas as cinco bocas das banduras pequenas. Pode-se observar uma abertura central circundada por outras seis de mesmo diâmetro. Na função de roseta, nota-se o uso de pirografia envolta em círculos coloridos com lápis-de-cor.

FOTOGRAFIA 29 - DETALHE DAS BOCAS DAS BANDURAS PEQUENAS



FONTE: o autor (2022).

Para fornecer um melhor entendimento sobre o tema abordado no próximo subitem, é importante discorrer sobre os ornamentos presentes em instrumentos musicais. É válido ressaltar que as informações a seguir são embasadas no conhecimento deste pesquisador, principalmente em relação aos instrumentos mais comuns, como o violão e o violino.

Em termos de estética, os ornamentos têm uma finalidade decorativa, visando tornar o instrumento mais atrativo visualmente. Para esse fim, costumam ser utilizados pequenos mosaicos, incrustações feitas com materiais como madeira, conchas e até metais. Esses ornamentos podem ser considerados como marcas de época, origem e construtores. Por exemplo, nos violões construídos por luthiers, é comum observar características específicas nas ornamentações que ajudam a identificar o autor de cada instrumento.

Além de sua função estética, em certos instrumentos, os ornamentos também têm uma função estrutural. Nos violões, é frequente encontrar o uso de um mosaico ao redor da boca do instrumento. Geralmente, esse mosaico é composto por pedaços de madeira colados em diferentes direções, proporcionando suporte e reforço estrutural à área em que foi realizada a abertura da boca do violão.

FOTOGRAFIA 30 - ROSETAS CONFECCIONADAS EM MOSAICO



FONTE: Lucas Guilherme Schafhauser – Luthier

É importante destacar que essas informações se aplicam principalmente aos instrumentos mencionados, como o violão e o violino, e podem variar em outros tipos de instrumentos musicais. Cada instrumento pode possuir suas próprias tradições e práticas ornamentais, refletindo a diversidade e a criatividade presente no mundo da luteria.

Durante o processo de pesquisa, foi possível acessar diversos objetos tradicionais ucranianos como vestimentas, itens decorativos e pêsankas⁴³. Nesses objetos, observa-se padrões de ornamentações que se repetem formando mosaicos. Este pesquisador entende que os ornamentos utilizados por Bojko em suas banduras, tem inspiração nos tradicionais mosaicos ucranianos. Porém, devido ao recorte desta pesquisa, não foi possível aprofundar tal discussão.

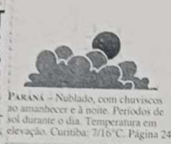
Na imagem abaixo, observa-se uma menina com trajes ucranianos tocando a bandura. Logo abaixo, nota-se os mosaicos presentes nas pêsankas.

⁴³ Forma tradicional ucraniana de ornamentação em ovos com padrões decorativos.

FOTOGRAFIA 31 - MENINA COM TRAJE TÍPICO TOCANDO BANDURA. ABAIXO, PÊSSANKAS.

A Ucrânia brasileira

Prudentópolis, a 207 quilômetros de Curitiba, preserva tradições ucranianas



PARANÁ - Nublado, com chuvinhas ao amanhecer e à noite. Períodos de sol durante o dia. Temperatura em elevação. Curitiba: 21/16°C. Página 24

ANO 81 N.º 25.411

Em Prudentópolis, a Ucrânia brasileira mantém raízes fortes



A Ucrânia brasileira fica a 207 km de Curitiba. É Prudentópolis, o novo ponto da parada da expedição Coração do Brasil. Naquele município, as raízes da cultura ucraniana permanecem fortes e a música é um dos fatores decisivos para essa preservação (na foto, grupo musical com as bandurras, instrumentos típicos do folclore daquele país, posa diante da igreja de São José). Mas os ucranianos de Prudentópolis gostam de ressaltar: "Somos brasileiros". (Caderno G)

Guga passa para a vendo perseguições políticas e religiosas. Até a decadência da União Soviética, a Ucrânia era última extensão do domínio russo. Em busca de liberdade, condições melhores de vida e das terras oferecidas para povoamento, milhares de imigrantes vieram aportar no Brasil, a partir de 1891. Até 1945, levam e levam ucranianos cruzaram o Atlântico para recomendar suas vidas. Hoje o número de imigrantes e descendentes chega a 300 mil pessoas, dos quais 90% estão no Paraná. As dificuldades foram grandes. Praticamente sem assistência brasileira, muitos imigrantes atuaram como novos bandeirantes, desbravando um interior quase intocado.

Preservação

o de boa parte desta saga, Prudentópolis é o centro onde a ucraniana está mais adiante no país. Mas imaginar como um enclave ucraniano no Brasil é um engano que os ucranianos rejeitam. "Manos nossas raízes, pois sabemos que quem não tem do não tem futuro", diz a sora Merloslawa Krevel, adora do Museu do Milênio, cado à memória da imigração. "Mas somos brasileiros. Não é praticamente todo como de imigrantes". A também professora Celomena Procek, especialista na pintura das pêsankas — ovos decorados que um dos símbolos máximos da cultura religiosa ucraniana —, completa: "Nossa tradição foi mantida mas também se abraçou. As pêsankas que fazemos aqui, por exemplo, são diferentes das feitas na Ucrânia. Têm mais cor, por influência da vegetação tropical, apesar de trazerem os mesmos símbolos de

vida, prosperidade, fertilidade e outras aspirações".

A grande determinante para a manutenção dos laços culturais entre os imigrantes ucranianos e seu país natal é a religião. "A religiosidade faz parte da personalidade da nação ucraniana", diz a professora Merloslawa. "A partir dali, a liberdade oferecida no Brasil fez com que florescessem outras manifestações da nossa cultura, como a língua e as artes".

Os ritos da Igreja Católica Ucraniana são diferentes dos latinos. Estão ancorados na tradição oriental da liturgia bizantina. As missas, geralmente rezadas em ucraniano, caracterizam-se pelos cantos e os diálogos entre o padre e os fiéis. Na arquitetura das igrejas, chama a atenção a presença dos "iconostásis" (parede com imagens de santos que separa altar dos fiéis) e das cúpulas em metal. A bela igreja de São José, construída em 1928 no centro da cidade, é um belo exemplo desta influência do estilo bizantino. Na área rural, podem ser encontradas dezenas de templos com esta estética, muitas delas ainda em madeira.



Francieli Barella, de Prudentópolis, empunha a "bandura", instrumento típico do folclore ucraniano.

A população de origem ucraniana no Brasil beira a casa das 300 mil pessoas — 90% destas estão no Paraná



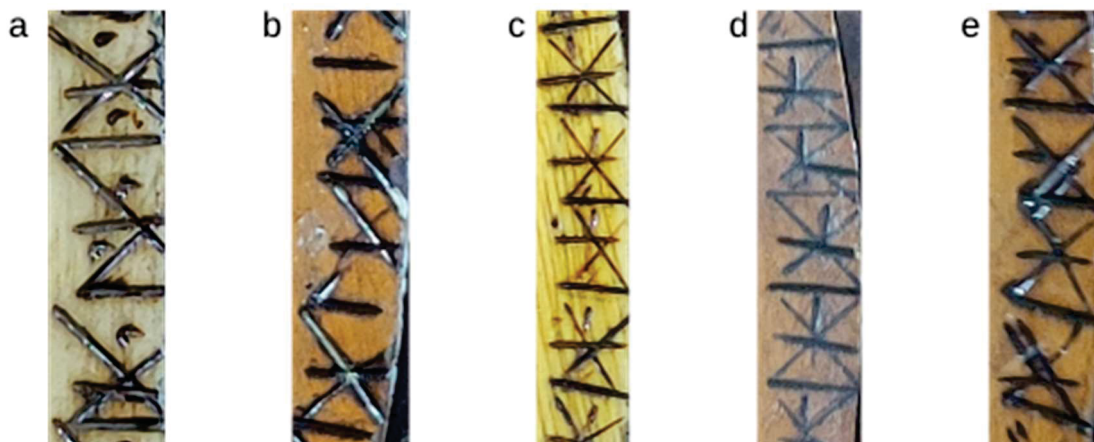
Pêsankas de Celomena Procek: costume preservado ganhou colorido brasileiro.

pF na estrada

FONTE: Foto tirada pelo autor no Museu do Milênio em Prudentópolis (2023).

4.2.2 Ornamentos laterais

FOTOGRAFIA 32 - DETALHE DOS ORNAMENTOS DAS BANDURAS PEQUENAS



FONTE: o autor (2022).

Conforme os detalhes apresentados na imagem acima evidenciam, Iván Bojko utilizou a técnica de pirografia para realizar as ornamentações nos bordos laterais do tampo dos instrumentos.

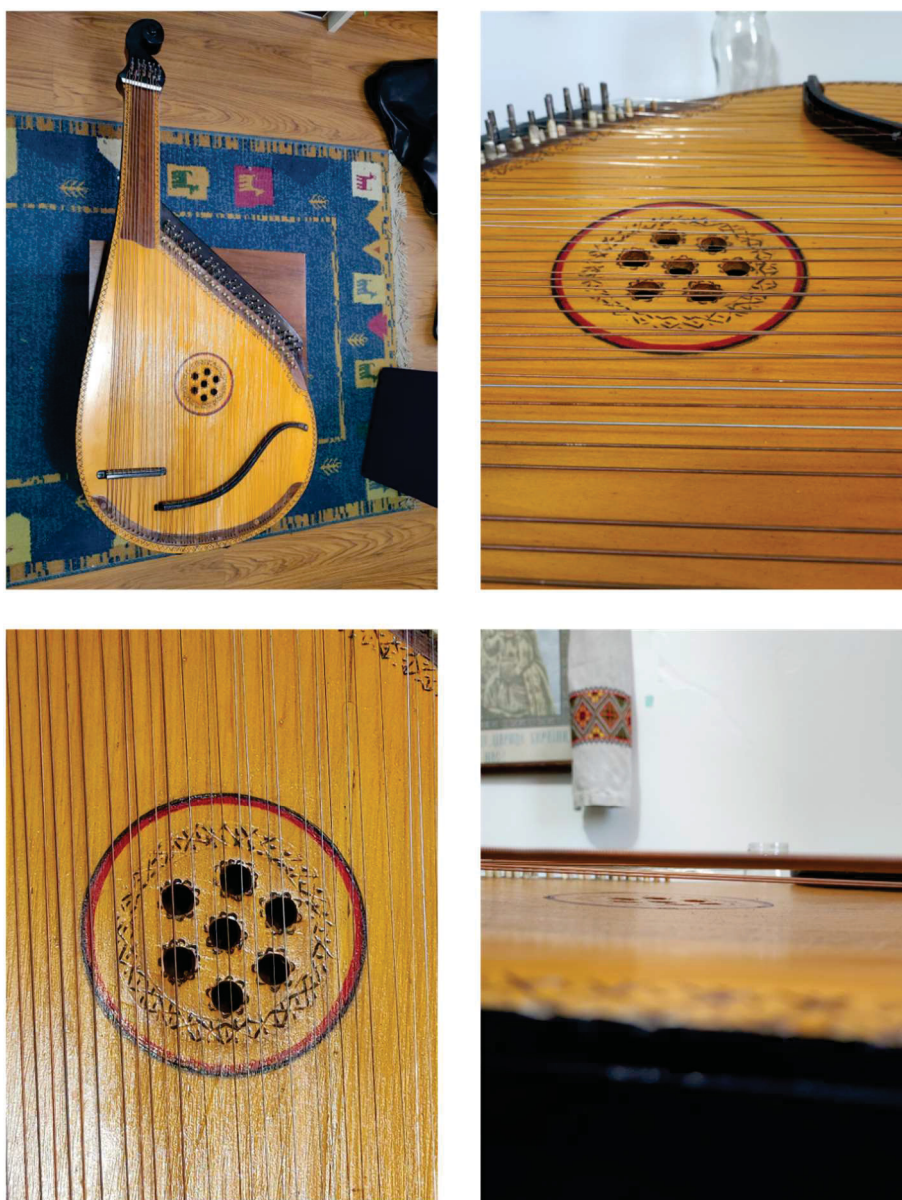
Essa ornamentação, no entender do pesquisador, foi baseada nos filetes de instrumentos acústicos, como por exemplo o violão e violino. Filetes, segundo Pereira (2019), são lâminas coladas nas bordas dos instrumentos musicais, feitos normalmente de madeira, plástico ou conchas. O autor complementa ressaltando que, além da função estética, os filetes ajudam a prevenir que as madeiras do fundo e tampo rachem devido a impactos.

Embora não seja possível determinar o motivo exato pelo qual Bojko optou pelo uso da pirografia, uma reflexão mais aprofundada sobre a vida do artífice durante a pesquisa nos leva a considerar algumas possibilidades para essa escolha. Essas possibilidades são apresentadas apenas com o intuito de reflexão, uma vez que não há meios de fornecer respostas definitivas. Algumas das razões possíveis incluem: o pirógrafo atendia às necessidades de Bojko em relação à ornamentação desejada; Bojko poderia não ter conhecimento dos benefícios de proteção ao tampo proporcionados pelos filetes; ou simplesmente, Bojko não teria interesse em realizar esse processo devido ao aumento do tempo de trabalho necessário para essa etapa. Essas são apenas algumas conjecturas que podem explicar a escolha de Bojko, sem uma conclusão definitiva.

4.3 BANDURAS GRANDES

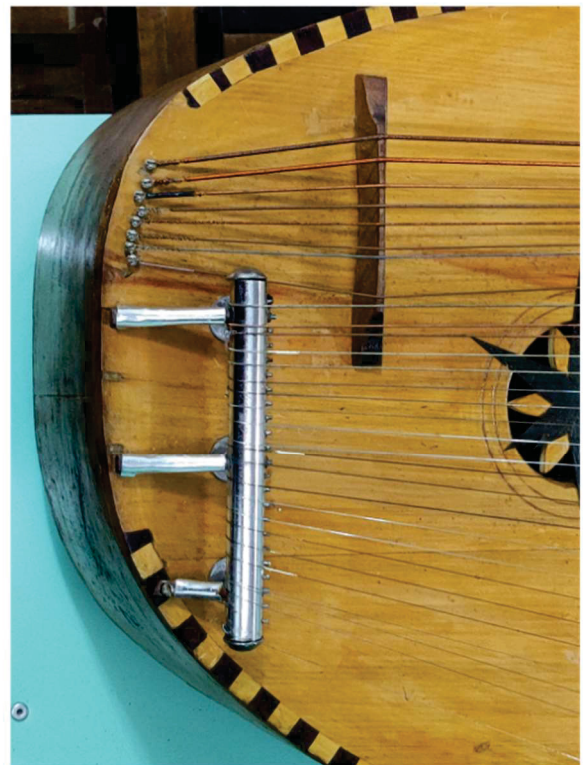
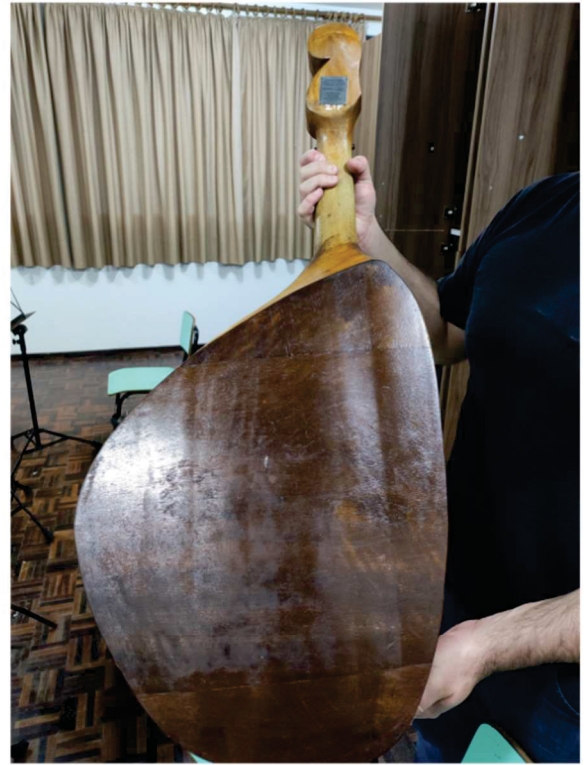
Da mesma forma que ocorreu a análise das banduras pequenas, as outras dez unidades de banduras que compõem essa série do estudo foram analisadas e, suas informações mais importantes foram colocadas em uma tabela com a finalidade de facilitar a comparação dos dados obtidos. Salienta-se que a bandura número 1 não faz parte da tabela abaixo por ter características muito diferentes em relação às demais.

FOTOGRAFIA 33 - BANDURA 41



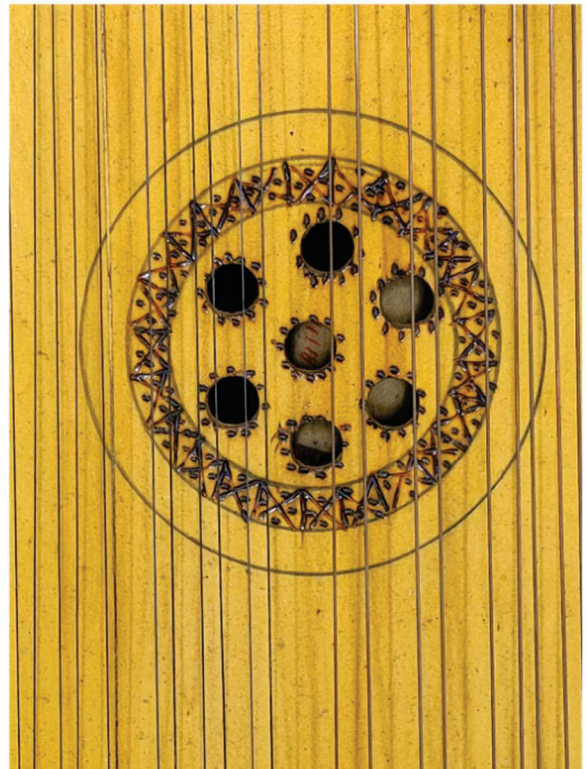
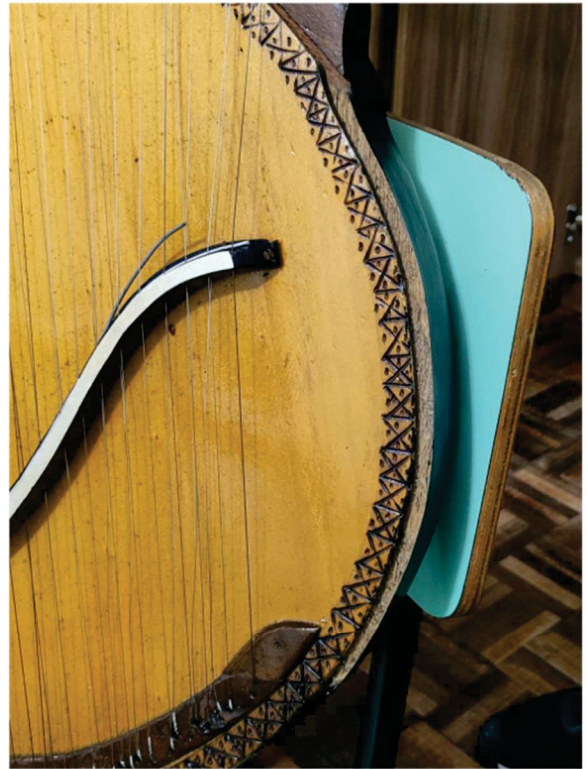
Fonte: O autor (2022).

FOTOGRAFIA 34 - BANDURA 43



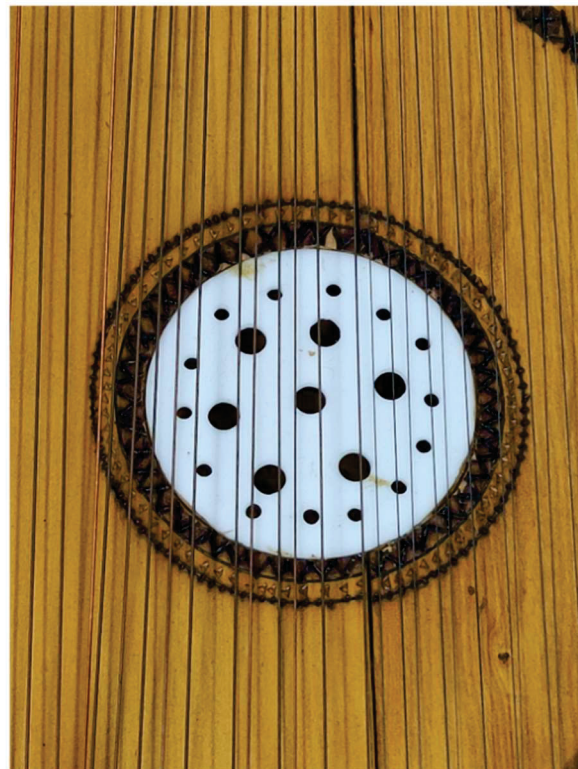
Fonte: O autor (2022).

FOTOGRAFIA 35 - BANDURA 44



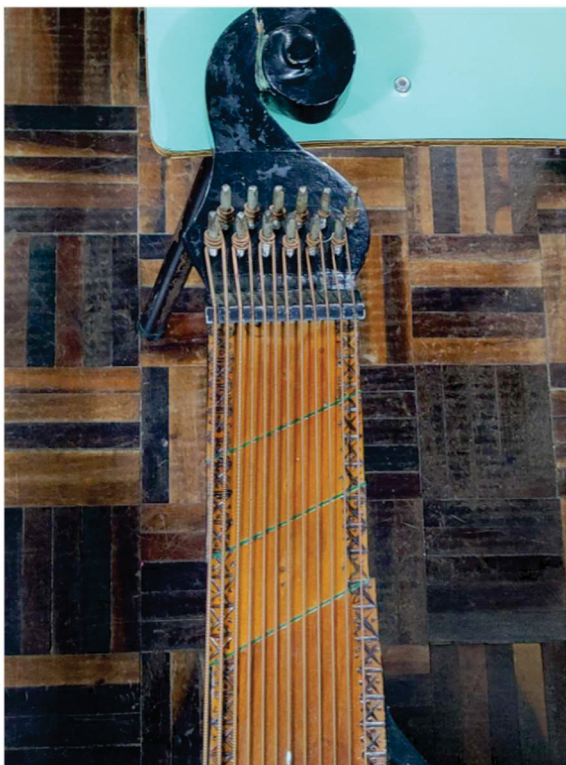
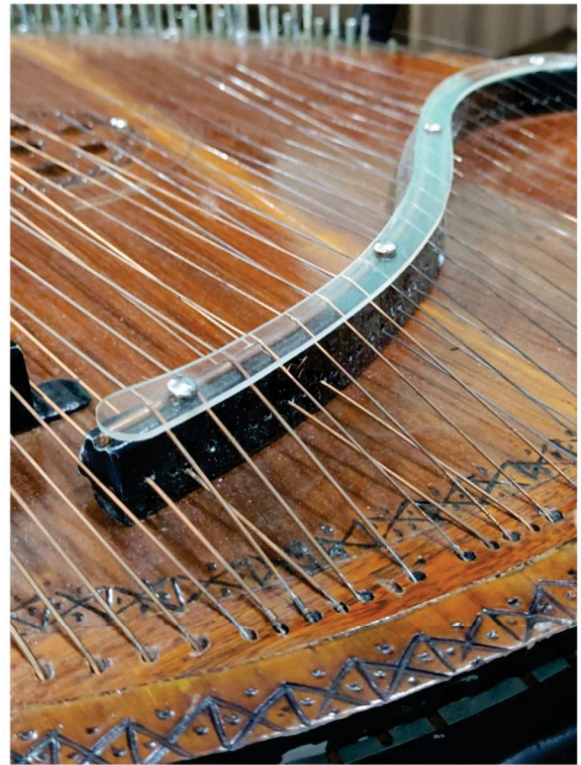
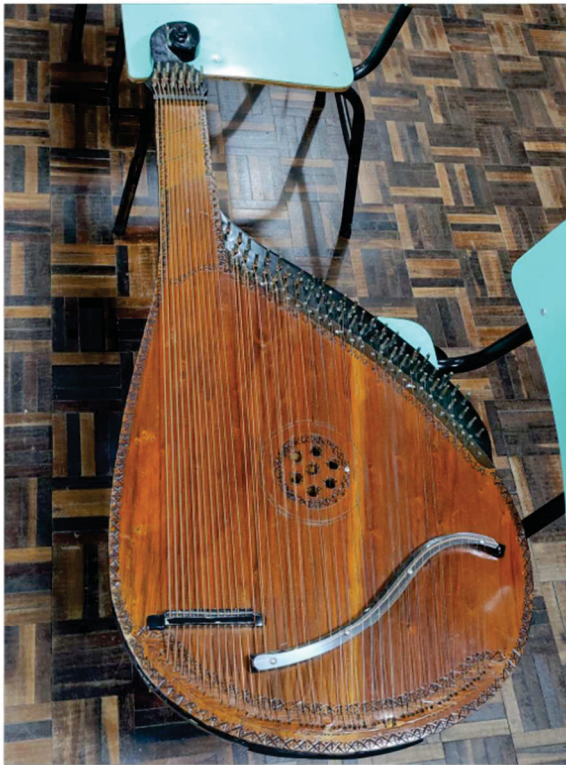
Fonte: O autor (2022).

FOTOGRAFIA 36 - BANDURA 45



Fonte: O autor (2022).

FOTOGRAFIA 37 - BANDURA 46



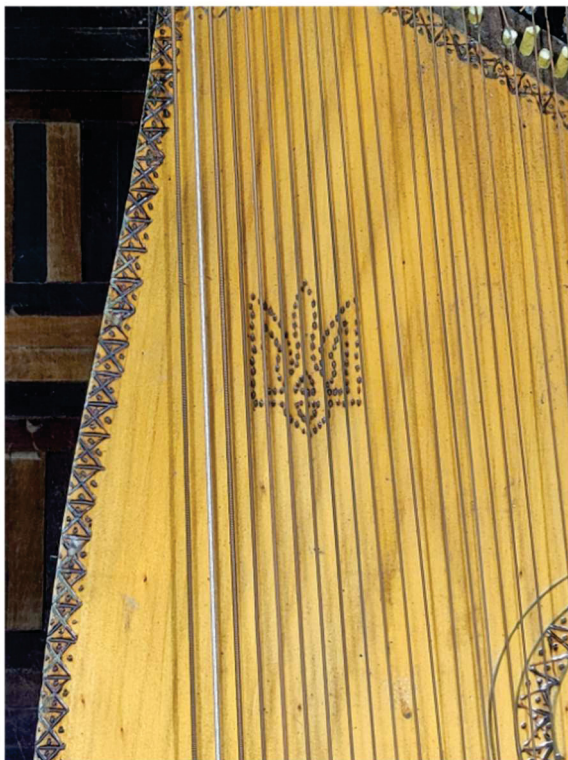
Fonte: O autor (2022).

FOTOGRAFIA 38 - BANDURA 48



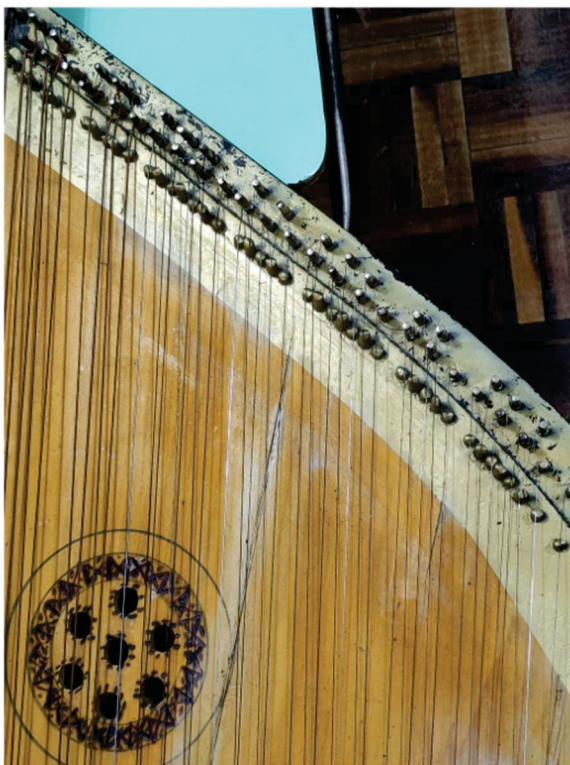
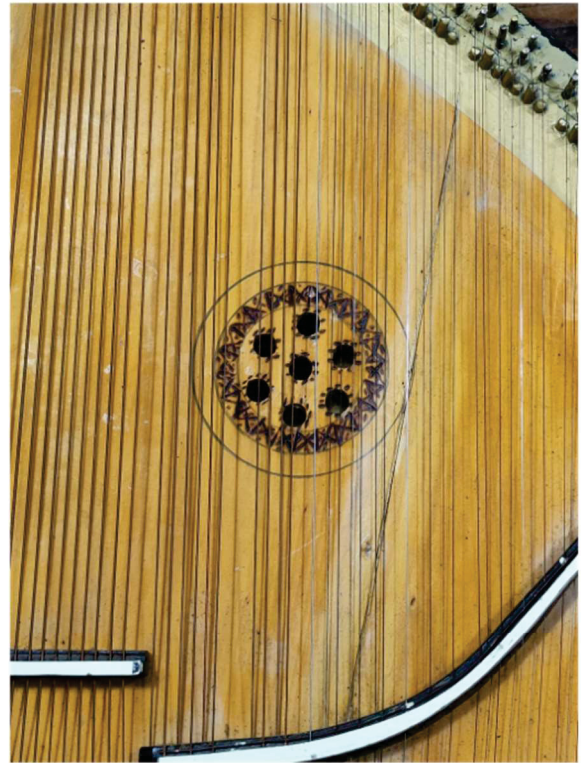
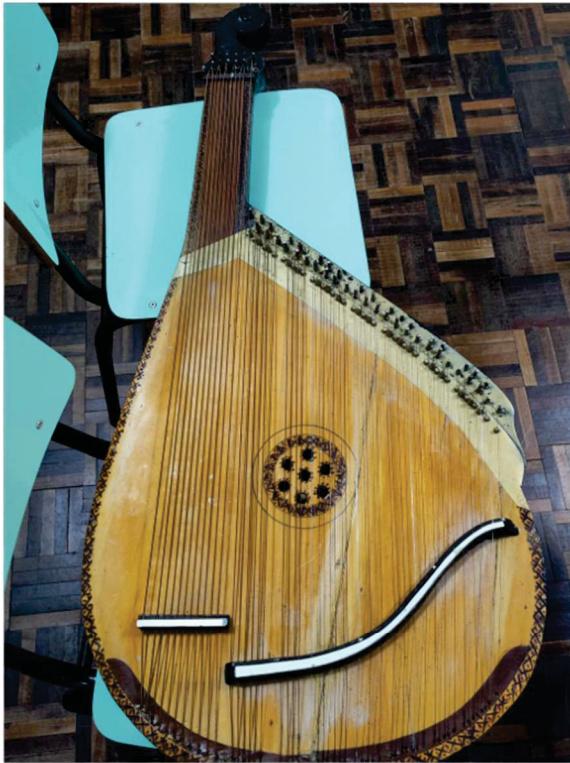
Fonte: O autor (2022).

FOTOGRAFIA 39 - BANDURA 49



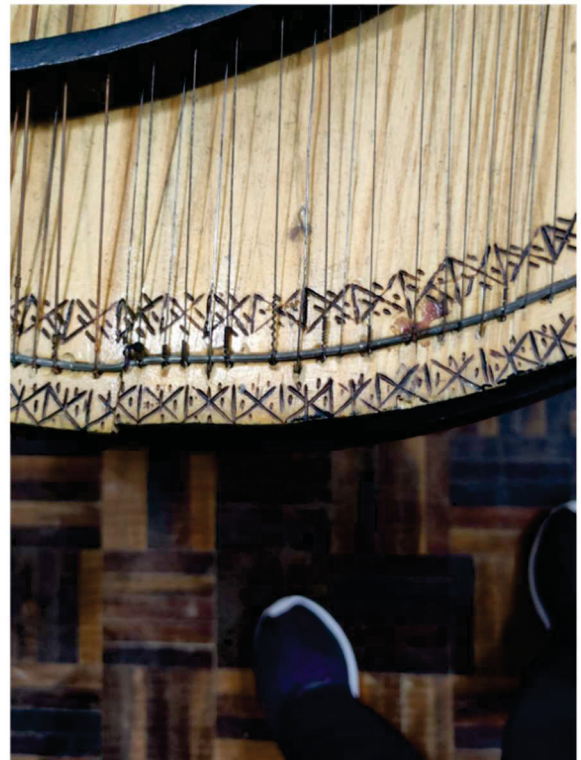
Fonte: O autor (2022).

FOTOGRAFIA 40 - BANDURA 50



Fonte: O autor (2022).

FOTOGRAFIA 41 - BANDURA DOADA POR PEDRO KYSTMA



Fonte: O autor (2022).

TABELA 5 - COMPARAÇÃO ENTRE MEDIDAS E DETALHES DAS BANDURAS GRANDES

Bandura N°	41	43	44	45	46	48	49	50	P.K.
Comprimento	1070	970	1090	1010	1060	1070	1060	1080	1090
Largura	550	430	530	455	500	510	510	520	510
Espessura Total	68	110	74	620	60	71	80	72	67
Espessura do Tampo	6	8	7	6	9	7	7	5,4	7
Largura da mão	92	86	95	85	97	93	85	95	94
Espessura da caixa de cravelhas	43	x	34	x	30	30	34	40	36
Roseta	Caneta	Marchetaria	Pirografia		Pirografia	Pirografia	Pirografia	Pirografia	Pirografia
Ornamentos	Pirografia	Marchetaria	Pirografia		Pirografia	Pirografia	Pirografia	Pirografia	Pirografia

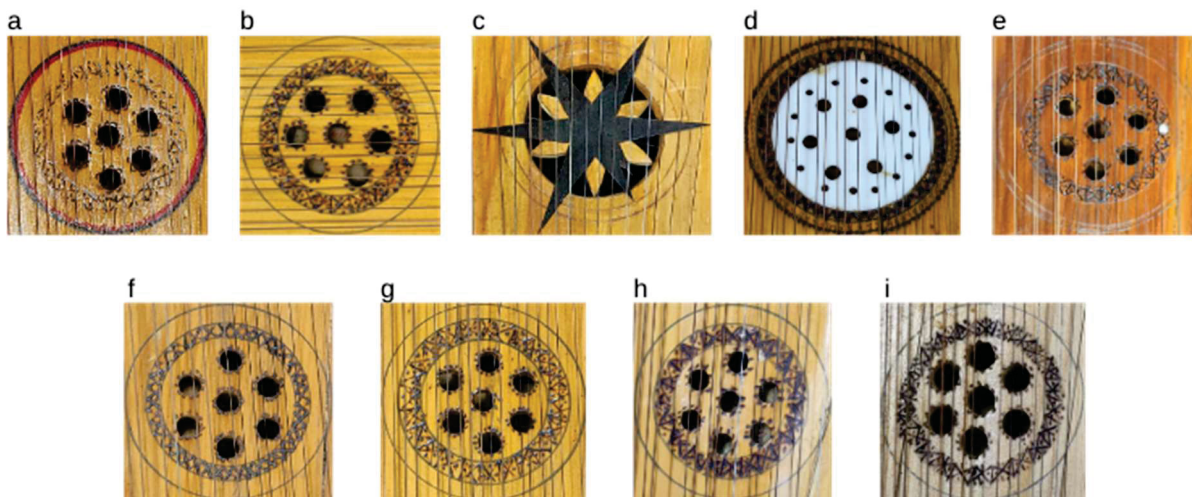
FONTE: o autor (2022).

Conforme os dados da tabela acima, observa-se que são poucas as medidas que se repetem. Em relação ao comprimento, duas banduras apresentam a medida de 1060mm, outras duas apresentam 1070mm e outras duas, 1090mm. Porém, mesmo nessas unidades nas quais medidas coincidem, outras medidas são diferentes. Tal análise permite entender que Bojko não seguia um modelo único na construção de seus instrumentos.

Um resultado que chama a atenção é relacionado a espessura dos tampos das banduras. Observa-se que há medidas que se repetem. Ao excluir as unidades com espessura de 5,4mm e 9mm, que se diferenciam das demais, as banduras restantes apresentam uma variação de dois milímetros. Além disso, os números encontrados (6mm, 7mm e 8mm) são valores inteiros, o que sugere que Bojko provavelmente não se preocupava em trabalhar as espessuras dos tampos visando uma melhor qualidade sonora, ao contrário do que luthiers de instrumentos acústicos como violão e violino costumam fazer. Por experiência deste pesquisador, os tampos que foram devidamente trabalhados pelos construtores raramente apresentam números inteiros. Por tais motivos, em relação à espessura, é possível entender que Bojko utilizava as madeiras da mesma forma com a qual chegavam a ele.

4.3.1 Bocas

FOTOGRAFIA 42 - DETALHE DAS BOCAS DAS BANDURAS GRANDES



FONTE: o autor (2022).

As bocas dessa série possuem uma abertura central e seis laterais que a circundam, rodeados por uma circunferência ornamentada com pirografia que se relacionam com os adornos laterais no tampo desses instrumentos. Para completar a ornamentação, o autor utilizou uma circunferência que envolve todos os elementos apresentados. Essa, por sua vez, também realizada com pirógrafo.

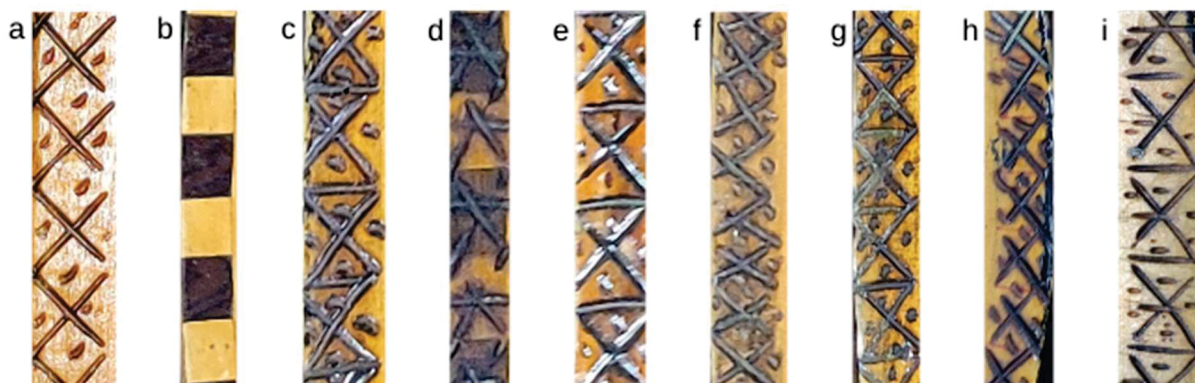
Uma das banduras, a letra A da imagem acima, também possui uma marcação em cor vermelha na parte interna da circunferência que abrange a boca do instrumento. A unidade marcada com a letra D se diferencia das demais por haver um pedaço de plástico com o furo central e os seis furos no entorno, e ainda com quatorze furos de diâmetro menor em relação aos outros.

O instrumento legendado com a letra C chama atenção em relação à técnica utilizada e, por isso, se diferencia das demais. Pode-se notar que Bojko utilizou a técnica da marchetaria⁴⁴ para a confecção da boca desse instrumento. Observa-se o uso de uma madeira escura com a forma semelhante a uma estrela embutida no tampo do instrumento. Unindo cada raio dessa figura, existe um pequeno losango de madeira clara.

⁴⁴ Nome dado à técnica de ornamentar superfícies através da montagem de imagens recortadas em lâminas de madeira (ou outros materiais) contrastantes, com fins de decoração em móveis, instrumentos musicais e outras peças.

4.3.2 Ornamentos laterais

FOTOGRAFIA 43 - DETALHE DOS ORNAMENTOS DAS BANDURAS GRANDES

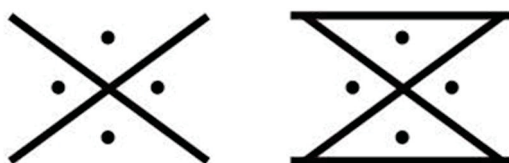


FONTE: o autor (2022).

Ao se analisar os adornos feitos na porção lateral do tampo das banduras grandes, nota-se o uso do pirógrafo em todas as unidades, com exceção da bandura identificada com a letra B na imagem acima. Nessa e no instrumento identificado com a letra D, a técnica de marchetaria, utilizando madeira clara e escura foi utilizada. A diferença entre os dois exemplares é que a pirografia está presente de forma que dificulta, em um primeiro momento, visualizar o padrão de madeiras claras e escuras utilizado na letra D.

Com base em Goulart (2014), observou-se os padrões de desenhos utilizados nas ornamentações dos instrumentos. A maioria dos desenhos partem de duas linhas que se cruzam em formato da letra X, alguns mais alongados, como nas letras A, C, E e I. Já outros são mais curtos, como nas letras F e H. Nas unidades C, E, G e I, observa-se uma barra horizontal que delimita o espaço de cada desenho em formato de X. Nos quatro ângulos formados pela intersecção das retas foi grafado um ponto.

FIGURA 6 - PADRÕES DE DESENHOS UTILIZADOS POR BOJKO



FONTE: o autor (2022).

Ao aprofundar a análise, observa-se que existem padrões de desenhos mais definidos, com linhas mais precisas e pontos dispostos de forma mais simétrica, como

as letras A e E (FOTOGRAFIA 43). Nas letras F e H, nota-se que o desenho está mais espremido, com a madeira mais queimada pela ferramenta, e com os pontos mais próximos das linhas, comprometendo a visualização do desenho. Não se pode afirmar, mas a utilização da marchetaria somada a pirografia, conforme aparece na letra d, aponta vestígios de que tal escolha possa ter sido um teste realizado pelo artífice, visto que, dentro da série analisada, não há outra unidade que siga esse padrão de ornamentação.

Nesse sentido, há indícios de que a técnica de ornamentação de Bojko sofreu atualizações durante sua vida laboral.

4.3.3 Outros ornamentos

Além dos ornamentos laterais e ao redor da boca presentes em todos os instrumentos desta série, Bojko também utilizou outros enfeites em algumas unidades. Em duas banduras grandes, a figura do Tryzub ucraniano, que é o brasão de armas do país, foi pirografada de forma pontilhada. Esse símbolo tem diferentes significados associados a ele. No século X, representava a Santíssima Trindade e, frequentemente, é utilizado como um símbolo da cultura, história e nacionalidade da Ucrânia. Não é possível determinar a intenção de Bojko ao utilizar esse símbolo em suas banduras; no entanto, é compreendido que o construtor, ao marcar suas banduras com esse símbolo, reforçava a identidade ucraniana. Em outros casos, observou-se esse símbolo sobre uma bandeira vermelha e preta, sendo atualmente utilizado de forma política pela extrema direita ucraniana.

FOTOGRAFIA 44 - TRYZUB NA FACHADA DO CENTRO PAROQUIAL SÃO JOSAFAT EM PRUDENTÓPOLIS (PR)



FONTE: o autor (2023).

FOTOGRAFIA 45 - TRYZUB ORNAMENTANDO BANDURAS GRANDES



FONTE: o autor (2022).

Ainda, em três banduras infantis, foram pirografadas folhas. Duas delas estão coloridas com a cor verde.

FOTOGRAFIA 46 - FOLHAS ORNAMENTANDO BANDURAS PEQUENAS



FONTE: o autor (2022).

4.4 MOLDES

No ano de 2016, em uma das visitas à oficina de banduras de Iván Bojko, foram entregues a esse pesquisador alguns moldes⁴⁵ utilizados pelo artífice para a construção de tais instrumentos. Segundo Bojko relatou a este pesquisador em certa ocasião, os moldes foram confeccionados por ele para facilitar a replicação dos instrumentos. Porém, não é possível determinar a partir de que data eles começaram a ser utilizados, nem mesmo quais instrumentos foram confeccionados com o uso de tais objetos.

⁴⁵ Forma preparada de acordo com o que se deseja produzir e que permite replicar seu formato para o material. Na luteria, utiliza-se o molde para desenhar e riscar, bem como para cortar peças com o uso de máquinas como a tupia (PEREIRA, 2019, p. 106).

Os moldes foram confeccionados em diversos materiais, tais como MDF com sete milímetros de espessura, compensado com dois milímetros e papelão. Ao analisar os moldes, pode-se inferir a finalidade para qual foram feitos. Porém, alguns itens, cuja fabricação foi feita em papelão, não permitem saber a forma de utilização idealizada por Bojko, pelo menos sem conhecimento prévio.

Na imagem abaixo, observa-se um dos moldes cujo desenho é referente ao corpo de uma bandura grande. O formato da mão do instrumento, entretanto, não está presente nessa peça. O molde é feito com chapas de compensado unidas por pequenos pregos. Seu comprimento é de 95 centímetros e a largura é de 51 centímetros.

FOTOGRAFIA 47 - MOLDE DE UMA BANDURA GRANDE



FONTE: o autor (2022).

Nota-se que existem algumas informações de medidas escritas a caneta, como a indicação de distância de 17 milímetros entre os pinos de afinação. A

marcação de 48 milímetros, na parte inferior do molde, pode ser um indício de medida da largura da peça de madeira correspondente a essa parte. Porém, como não houve a possibilidade de analisar um instrumento aberto, não é possível confirmar tal indício.

Outra indicação de medida escrita nessa peça está bem destacada com caneta preta, na parte superior, onde se localizam os pinos de afinação. Há a inscrição “Preto 2 ½” e, logo abaixo, “Normal 2 ½”. Após análise com o paquímetro, observou-se que “2 ½” é a medida de 2,5 centímetros. Tal medida corresponde ao desenho de linhas paralelas equidistantes a 2,5 centímetros, que delimitam a área na qual os pinos de afinação são instalados. Por outro lado, não foi possível entender, até o presente momento, as inscrições “Preto” e “Normal”.

FOTOGRAFIA 48 - MOLDE DA BANDURA GRANDE EM DETALHE



FONTE: o autor (2022).

Ainda em relação às banduras grandes, destaca-se outro molde. É o desenho do formato da mão e voluta do instrumento. Por ter sido fabricado com papelão, sua preservação está um pouco deteriorada e, na parte superior do molde, há uma fita adesiva unindo um rasgo no material. Ainda assim, é possível utilizar o gabarito como guia para desenhar na peça de madeira a ser utilizada em uma construção.

FOTOGRAFIA 49 - FORMATO DA VOLUTA



FONTE: o autor (2022).

Além dos exemplares mostrados acima, existem mais três que são referentes às banduras pequenas. Destes, um é feito com chapas de compensado unidas por pregos, e também não contempla o formato da mão do instrumento, assim como o primeiro molde mostrado anteriormente. Porém, ao contrário do anterior que possui medidas e informações de posicionamento de peças, esse não traz qualquer informação.

Em contrapartida, existem dois moldes cuja construção foi feita em MDF de oito milímetros de espessura. Pode-se observar que, em questão de preservação, são os melhores exemplares. São numerados com os números 1 e 2 e foram construídos de forma espelhada entre si. O molde marcado com o número 1, tem no seu verso a seguinte inscrição: "Molde tampo e laterais". Nele não há indicações de medidas com números, porém, ao analisar cuidadosamente, observa-se uma linha feita a lápis, a uma distância de três centímetros da borda externa do instrumento nas regiões laterais e quatro centímetros na região da parte de baixo do molde. Essa região, próxima ao cavalete, é o local onde as cordas das banduras são fixadas e saem em direção aos pinos de afinação na extremidade oposta. Mais uma vez, não é possível afirmar definitivamente, mas essa variação de medida na madeira aponta para o fato de que o construtor costumava reforçar essa parte do instrumento pois é um local onde a tração das cordas é exercida diretamente. Esse molde possui 735 milímetros de comprimento e 385 milímetros na porção mais larga do corpo.

Por sua vez, o molde marcado com o número 2, não apresenta qualquer indicação de medidas, nem com números nem feitas a lápis, como já mencionado no molde número 1. A única inscrição existente está na parte de trás do molde e diz “Molde fundo negativo”. Suas medidas são 735 milímetros de comprimento e 385 milímetros na porção mais larga do corpo.

Tanto os moldes das banduras grandes quanto os moldes das banduras pequenas não abrangem o desenho da mão do instrumento. Por tal motivo, ao observar tal evidência, algumas perguntas surgem: Por qual motivo o autor não utilizava molde para essa parte do instrumento? Em algum momento algum molde foi utilizado? Levando em consideração que não existe molde, por qual motivo o autor escolheu essa parte do instrumento para construir de forma livre?

FOTOGRAFIA 50 - MOLDES DO FUNDO (esquerda) E TAMPO (direita) DE BANDURA PEQUENA



FONTE: o autor (2022).

Com a finalidade de comparar as banduras dessa pesquisa com os moldes fornecidos por Bojko, optou-se por organizar as medidas dos gabaritos analisados em tabela.

TABELA 6 - MEDIDAS DOS MOLDES DAS BANDURAS

Molde	Comprimento (mm)	Largura (mm)
Bandura Grande	950	510
Bandura Pequena 1	735	385
Bandura Pequena 2	735	385
Formato da mão	x	93

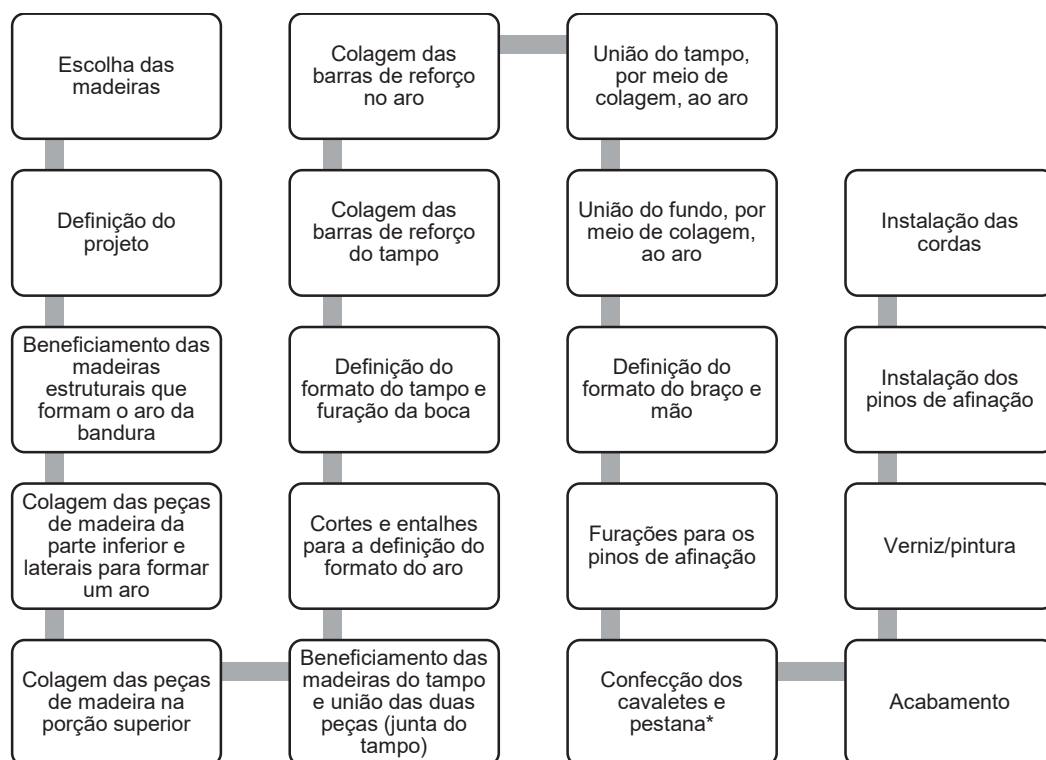
FONTE: o autor (2022).

4.5 DETALHAMENTO DAS ETAPAS DE CONSTRUÇÃO

Durante a análise da série de banduras nesta pesquisa, observaram-se algumas características de construção utilizadas por Bojko. Isso despertou o interesse em compreender de maneira mais detalhada as etapas do processo de construção das banduras.

O pesquisador Bergmann Filho teve a oportunidade de acompanhar de perto o processo de construção de rabecas no litoral paranaense. Ele esteve em contato direto com os construtores, o que lhe permitiu esclarecer dúvidas diretamente com os artífices interlocutores daquela pesquisa.

No entanto, neste estudo em particular, devido ao falecimento de Bojko, não foi possível acompanhar as etapas de trabalho relacionadas à construção das banduras. Nesse caso, o pesquisador utilizou seus conhecimentos na área de Luteria, aliados aos dados obtidos durante a pesquisa. Portanto, o detalhamento das etapas de construção apresentadas é uma sugestão de uma sequência provável de operações. Além disso, a ordem em que os processos são apresentados não são necessariamente uma sequência linear na qual uma etapa depende da anterior para ser realizada. Por exemplo, etapas que envolvem colagem podem ser feitas enquanto outro procedimento é realizado.

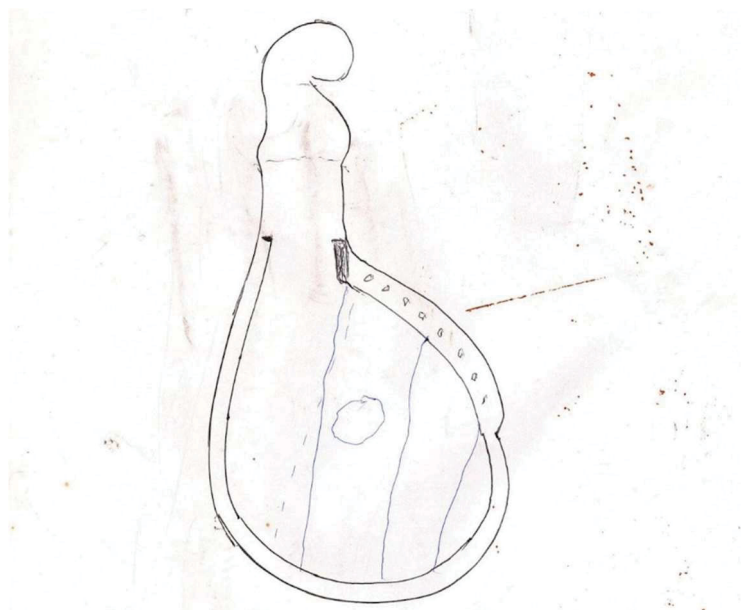
FIGURA 7 - FORMA RESUMIDA DE PROVÁVEL SEQUÊNCIA DE OPERAÇÕES⁴⁶

FONTE: adaptado de Bergmann Filho (2018).

Com base nas informações descritas acima e em referências como Jones (1995) e o próprio Iván Bojko, foram selecionados desenhos que oferecem melhor compreensão de alguns processos das etapas de construção. Nos desenhos criados, as linhas tracejadas com o formato da bandura foram colocadas com a finalidade de fornecer um melhor entendimento por parte do leitor.

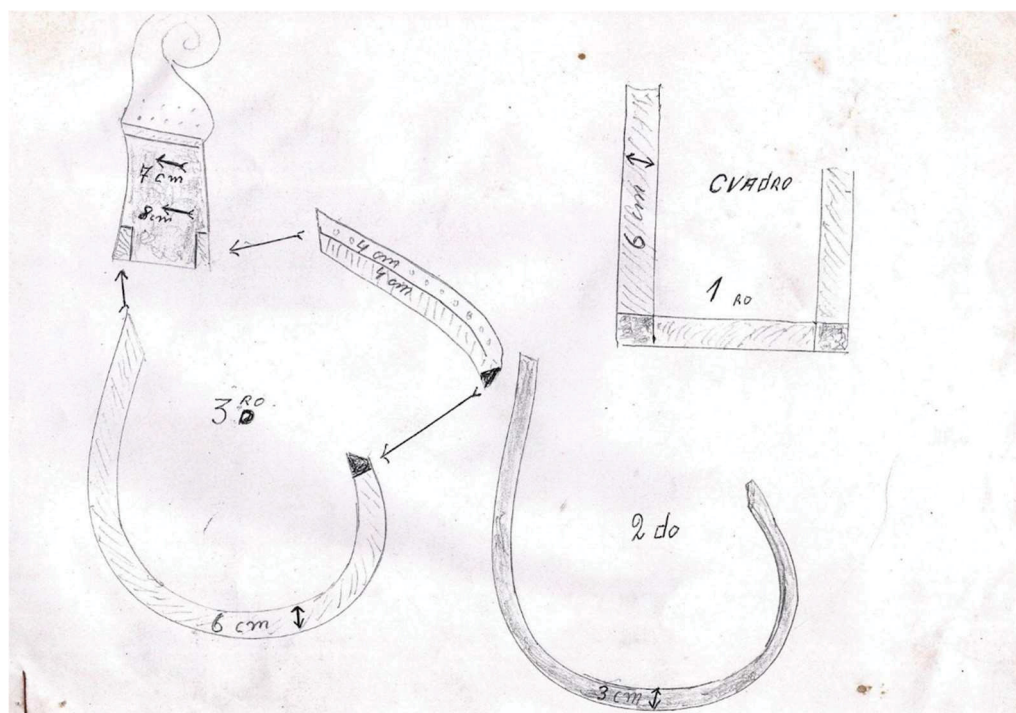
⁴⁶ *Pestana: "Apoio que determina uma das extremidades da corda vibrante (diapasão ou escala) em um instrumento de cordas e se localiza no início do braço (...) Também tem a função de controlar o espaçamento entre as cordas (...) Tradicionalmente feita em osso, marfim ou madeira" (PEREIRA, 2019, p.121).

FOTOGRAFIA 51 - ESQUEMA DA POSIÇÃO DAS BARRAS ESTRUTURAIS DA BANDURA, DESENHADO POR IVÁN



FONTE: Acervo do pesquisador (2015).

FOTOGRAFIA 52 - ESQUEMA DE CONSTRUÇÃO DA ESTRUTURA DA BANDURA, DESENHADO POR IVÁN



FONTE: Acervo do pesquisador (2015).

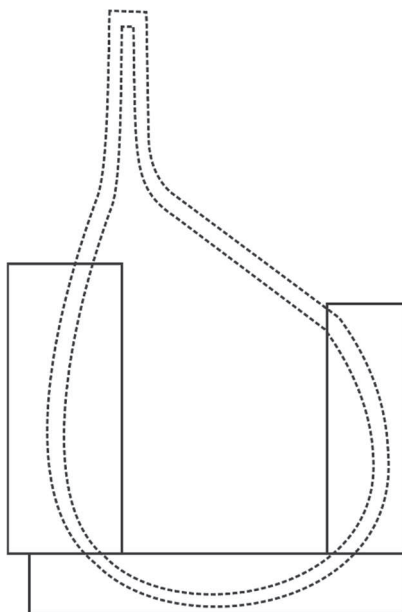
Na imagem acima, visualiza-se um esquema de construção desenhado por Iván Bojko e entregue a este pesquisador no ano de 2015. Sobre isso, pode-se

entender que Bojko considerava importante ter anotações e registros de etapas de seu trabalho. Além disso, a atitude de Iván ao doar seu desenho para alguém que também constrói instrumentos pode ser entendida como uma forma demonstrar interesse em uma possível continuidade de construção de banduras em Curitiba.

As informações presentes nesse esquema criado por Bojko foram utilizadas para realizar o detalhamento das etapas de construção que serão demonstradas abaixo.

Inicialmente, três pedaços retangulares de madeira são dispostos de forma que duas peças fiquem posicionadas verticalmente enquanto outra faz a união dessas peças, horizontalmente, ligando-as pela porção inferior, tal qual a imagem abaixo. Essas peças são coladas e fazem parte da estrutura inferior e lateral do corpo da bandura.

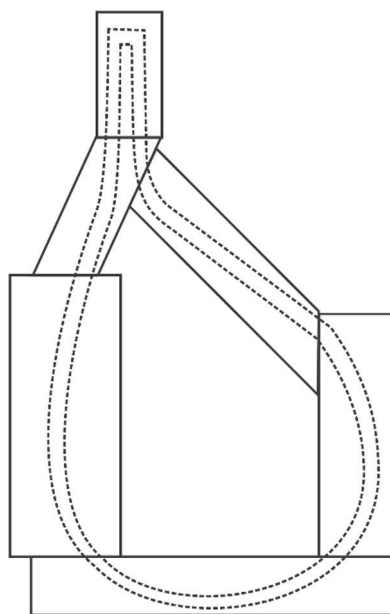
FIGURA 8 - ESTRUTURA INICIAL



FONTE: o autor (2023).

Em seguida, mais três peças retangulares de madeira são coladas na estrutura já existente.

FIGURA 9 - ESTRUTURA INICIAL CONCLUÍDA



FONTE: o autor (2023).

Primeiramente, duas unidades são adicionadas na parte superior da estrutura, delimitando, assim, a área interna do corpo do instrumento. Na sequência, uma peça de madeira, com largura suficiente para que o braço e a mão do instrumento sejam esculpidos, é adicionada na porção superior da estrutura formada conforme o passo anterior. Esses pedaços retangulares de madeira serão esculpidos de forma que a silhueta do instrumento apareça.

Conforme informações coletadas nas entrevistas com os familiares (fonte), a madeira utilizada por Iván para os passos descritos acima foi a Peroba Rosa (*Aspidosperma Polyneuron*⁴⁷).

Outra etapa que faz parte do processo de construção é a junta⁴⁸ realizada nas madeiras tanto do tampo quanto do fundo do instrumento. Tal etapa consiste na junção por meio de colagem de duas peças de madeira com a finalidade de obter uma única peça que compreenda as medidas necessárias para o formato final do tampo e

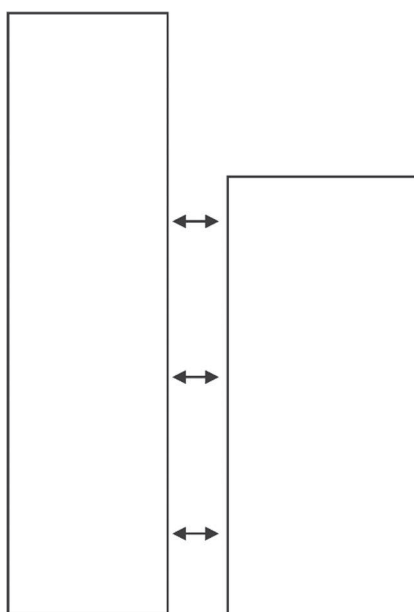
⁴⁷ Fonte: https://www.ipt.br/informacoes_madeiras3.php?madeira=25

⁴⁸ Local da junção das metades do fundo ou tampo de instrumentos acústicos (PEREIRA, 2019, p. 93).

do fundo. Na imagem abaixo, as setas indicam o local onde ocorre a colagem das duas peças⁴⁹.

Nos instrumentos analisados, as espessuras do tampo variam entre 5,4 e 9 milímetros nas banduras grandes e 3,5 e 5 milímetros nas banduras pequenas. As medidas dos fundos dos instrumentos não puderam ser analisadas pois as banduras foram pintadas com tinta preta e, por isso, não foi possível localizar a separação entre as madeiras das laterais e do fundo.

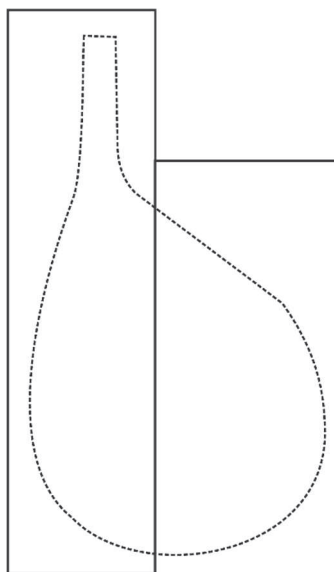
FIGURA 10 - JUNTA DO TAMPO E FUNDO



FONTE: o autor (2023).

⁴⁹ Na imagem, o pesquisador utilizou retângulos de comprimentos diferentes com a finalidade de mostrar que as peças de madeira não precisam necessariamente terem o mesmo comprimento para a confecção da bandura, visto que esse é um instrumento de formato assimétrico.

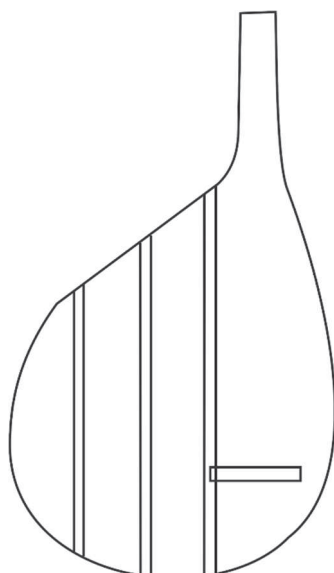
FIGURA 11 - JUNTA DO TAMPO/FUNDO REALIZADA



FONTE: o autor (2023).

Em seguida, para a estrutura do tampo, são fixadas três barras longitudinais ligeiramente inclinadas que fornecem suporte para o tampo do instrumento. Essas barras, também feitas de madeira, recebem o nome de leque⁵⁰. Também é colado um reforço de madeira na posição onde o cavalete das cordas graves se localiza.

FIGURA 12 - REFORÇOS INTERNOS DO TAMPO DA BANDURA

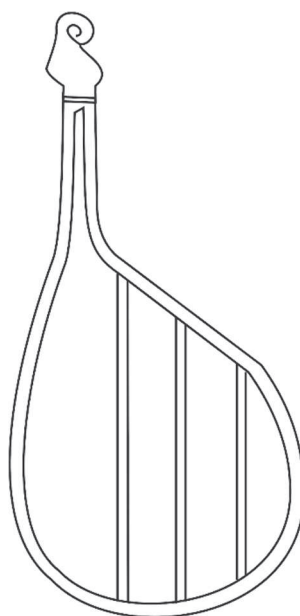


FONTE: o autor (2023).

⁵⁰ Nome utilizado para as estruturas internas (de reforço e/ou controle sonoro) do tampo do violão (ou instrumentos semelhantes), devido à sua disposição em formato de leque. Atualmente é usada para denominar qualquer tipo de estrutura interna do tampo do violão (PREREIRA, 2019, p. 96).

A partir da experiência profissional deste pesquisador com os restauros de banduras durante os anos de 2015 a 2019, foi possível observar que algumas unidades desses instrumentos, por algum motivo ainda não entendido, sofreram deformação no sentido horizontal. Apesar de esse abaulamento não ser comum a todos os instrumentos, esse pesquisador sugere a inclusão de três barras de madeira no corpo do instrumento de tal forma que sua instalação forneça suporte à tensão exercida pelas cordas, conforme indicado na imagem abaixo.

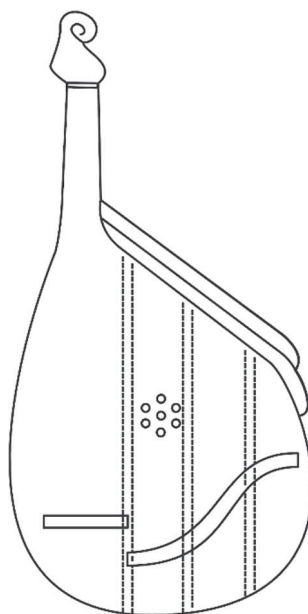
FIGURA 13 - REFORÇO INTERNO DO CORPO DO INSTRUMENTO



FONTE: o autor (2023).

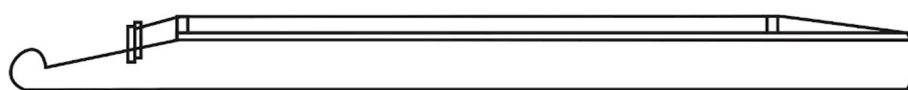
Após a união de tampo e fundo na estrutura do corpo do instrumento, uma peça de madeira, na qual serão instalados os pinos de afinação das cordas, é fixada por meio de colagem na parte superior do corpo do instrumento. Após essa etapa, a silhueta da bandura está pronta para ser definida. Em seguida, ocorre a confecção dos dois cavaletes. O cavalete das cordas graves fica apoiado no tampo do instrumento e sua posição é mantida pela tensão exercida pelas cordas. O outro cavalete, sustenta o maior número de cordas, é fixado em uma de suas extremidades por um pequeno parafuso. Após esses procedimentos, ocorre a montagem do instrumento.

FIGURA 14 - FORMATO DO CORPO DA BANDURA CONCLUÍDO



FONTE: o autor (2023).

FIGURA 15 - VISTA LATERAL DA BANDURA



FONTE: o autor (2023).

Após examinar cuidadosamente a série de banduras e os moldes feitos por Bojko, é evidente que a maioria dos instrumentos apresenta diferenças significativas em suas medidas. Isso indica que a existência dos moldes, que teoricamente serviriam para a replicação exata dos instrumentos, não desempenhou um papel determinante na construção dessas unidades. Nesse contexto, compreende-se que o artesão utilizava os moldes apenas como um guia, mas não se sentia obrigado a seguir estritamente as medidas e formatos estabelecidos.

Além disso, é possível inferir que Bojko adaptava suas construções de acordo com os materiais disponíveis. Assim, a falta de uma madeira adequada para construir uma bandura de acordo com o molde não foi um impedimento para a produção de várias unidades, pois, com algumas adaptações nas medidas, os instrumentos foram concluídos.

Em contrapartida, é possível observar padrões de construção e de ornamentações que se repetem na grande maioria dos instrumentos, sejam os pequenos ou os grandes. A boca, formada por uma abertura central e outras seis

aberturas que a circundam ocorre em treze das quinze unidades analisadas. Os adornos laterais pirografados foram feitos em quatorze instrumentos. Destes, existem pequenas variações dos motivos geométricos utilizados por Iván. Além disso, nota-se o uso da pirografia na função de roseta com motivos geométricos que se relacionam com os adornos laterais dos instrumentos.

A presença predominante da tinta preta aplicada por Iván na maioria das banduras desta série dificulta uma análise mais aprofundada dos instrumentos. Devido a essa camada de tinta, torna-se impossível identificar quais ferramentas foram utilizadas pelo artífice, uma vez que não há vestígios de seu uso visíveis. Além disso, a falta de clareza na área de junção entre as madeiras do corpo e do fundo do instrumento impossibilitou a determinação da espessura das madeiras do fundo.

Surgem questionamentos sobre o processo de trabalho de Bojko em relação às variadas espessuras encontradas nos tampos das banduras. É importante lembrar que as madeiras utilizadas nessa parte eram provenientes de caixas de transporte de maquinário da Alemanha, conforme relatado por Hamilton Wons⁵¹. As variações de espessura nos tampos levantam algumas questões: Bojko alterava deliberadamente a espessura das madeiras ou as utilizava da forma como chegavam da Alemanha? Será que o artífice tinha a preocupação de ajustar a espessura do tampo para influenciar na sonoridade do instrumento? São questionamentos que até o presente momento não foi possível responder no decorrer desta pesquisa.

⁵¹ Em entrevista a este pesquisador em 2021, turno 4.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, a partir da centralidade das banduras criadas por Iván Bojko, buscou-se, ao analisar seus instrumentos, mapear e entender os processos construtivos, os contextos de uso, e de que forma elas acionam e medeiam relações sociais.

No âmbito deste estudo, os artefatos sonoros são as banduras construídas por Iván Bojko em Curitiba. Conforme apresentado no decorrer desta pesquisa, baseado em Appadurai (2008), para entender o significado e rastros presentes nas banduras, foi necessário analisá-las não só como objetos produtores de som, mas também entender suas trajetórias e usos.

Sendo assim, houve a possibilidade de responder à pergunta inicial dessa pesquisa: como as banduras e Iván Bojko se constituíram nos processos de construção, circulação e uso em desses instrumentos durante os anos de 1962 a 2016, em Curitiba, Paraná, Brasil?

Em relação a construção destes instrumentos, a pesquisa apontou a forma de criação, os procedimentos técnicos, os materiais, algumas ferramentas e os ornamentos utilizados por Bojko.

Em relação ao uso da bandura, foi possível identificar os contextos nos quais ela é tocada, por quem ela é tocada e os locais onde são tocadas. Além disso, destaca-se que outros usos também são atribuídos às banduras: Como objeto de decoração, observou-se na imagem do interlocutor Guto Pasko, a bandura em um lugar de destaque na casa do cineasta. Do mesmo modo, a bandura também foi usada em um bar de temática ucraniana localizado em Curitiba, o Ukra Bar⁵². Nesse sentido, entende-se que a bandura represente uma forma de marcador identitário. Além disso, no Museu do Milênio, em Prudentópolis, há uma bandura exposta como forma de preservar e exibir a cultura ucraniana.

Da mesma forma, buscou-se compreender a trajetória de Bojko antes de se tornar um artífice. Os eventos que ele vivenciou na Ucrânia, sua terra natal, e na Alemanha, onde foi prisioneiro de guerra, também tiveram influência em suas ações no Brasil e, consequentemente, na sua relação com as banduras. É importante ressaltar que, inicialmente, Bojko não era um construtor de banduras na Ucrânia.

⁵² Anexo 10.

Portanto, este pesquisador tencionou entender de que forma este sujeito tornou-se um construtor e quais foram suas motivações para iniciar a construção desses instrumentos.

Para responder algumas das questões sobre Bojko e sobre as banduras, o pesquisador utilizou como fonte de história oral cinco interlocutores: Ana Povaluk, bandurista; Guto Pasko, cineasta, pesquisador e detentor dos diários escritos por Iván; Vivian Bojko Wons, neta do artífice; Hamilton e Lilia Wons, genro e filha de Bojko. É importante considerar que esses interlocutores possuem algum tipo de relação pessoal ou proximidade com Iván Bojko. Tal relação pode influenciar a maneira como eles percebem e comunicam informações sobre o artífice e suas obras. Como são familiares ou pessoas próximas, é provável que suas perspectivas estejam influenciadas por emoções, memórias pessoais e vínculos familiares. Portanto, suas narrativas podem ter uma inclinação subjetiva.

Por meio dos depoimentos dos interlocutores, tornou-se possível identificar que Bojko construiu banduras por diversos motivos, dentre os quais destacam-se: o sentimento de pertencimento a uma comunidade; uma maneira de lembrar seu país de origem, para o qual nunca havia retornado; e, também, aplacar a saudade que sua esposa sentia da Ucrânia. Entretanto, ao analisar documentos coletados nesta pesquisa, notou-se em um dos recortes de jornal que falavam sobre Bojko, que ele havia grifado a palavra “professor”, forma pela qual o chamaram na reportagem. Tal fato é um indício de que Iván sentia-se orgulhoso pelo reconhecimento de seu trabalho por meio da validação de outras pessoas.

Nesse sentido, também foi possível compreender que as experiências vivenciadas por Iván Bojko antes de 1962, ano da construção de sua primeira bandura, tiveram grande importância em sua formação como construtor de instrumentos musicais. Suas habilidades manuais desenvolvidas em sua pequena oficina e como sapateiro, juntamente com suas experiências como membro de um coral, o capacitaram a iniciar o processo de construção das banduras. Posteriormente, a partir de suas práticas, suas habilidades se desenvolveram conforme foi possível observar na apresentação de seus instrumentos.

A pesquisa inclui o mapeamento e a análise dos instrumentos fabricados por Bojko. Após inventariar as unidades construídas pelo artífice, foi possível analisar um total de 15 banduras, sendo 10 de tamanho grande e 5 de tamanho pequeno, todas pertencentes ao grupo folclórico ucraniano Poltava, localizado em Curitiba.

Após análise da série de banduras, pode-se entender que Bojko não tinha um padrão de formato de instrumento como objetivo final. Foi observado que, devido às variações de medidas, o artífice se adaptava ao material disponível. Portanto, para Iván, concluir a construção dos instrumentos, mesmo que diferentes entre si, era mais importante do que ter unidades perfeitamente iguais.

Apesar de não ser possível acompanhar diretamente o processo de construção das banduras neste estudo, houve um esforço em detalhar algumas etapas do processo com base na coleta de materiais realizada durante a pesquisa. Essa abordagem detalhada pode ser considerada uma contribuição relevante para o campo acadêmico, especialmente devido à escassez de informações disponíveis sobre as banduras no Brasil, mesmo que se baseiem nos métodos de construção de Bojko, portanto, de forma experimental.

Devido ao escopo desta pesquisa, algumas questões de interesse deste pesquisador não puderam ser abordadas, deixando lacunas que poderão ser exploradas em futuros trabalhos. Por exemplo, no campo da Luteria, é interessante analisar as semelhanças e diferenças entre os processos construtivos de Bojko e os processos realizados na Ucrânia. Além disso, vale investigar se os contextos de uso e o repertório tocado pelas banduras em Curitiba, após o hibridismo cultural e ao longo do tempo, refletem práticas semelhantes às da Ucrânia atualmente ou estão mais relacionados ao período em que os imigrantes deixaram seu país de origem. Além disso, lacunas não respondidas sobre o processo de construção, materiais e ferramentas utilizados, além de entender melhor seus contextos de uso também poderão ser investigados.

Para finalizar, é importante destacar que Iván Bojko chegou ao Brasil na condição de refugiado de guerra em 1948. Como forma de resistência, dedicou parte de sua vida em não deixar suas memórias, vivências e identidade relacionadas a práticas de seu país acabar, mesmo em terras distantes. Sua história de vida e seu legado como construtor de banduras são um lembrete poderoso da importância da arte como expressões de identidade cultural.

Esse trabalho é dedicado à memória de Iván Bojko.

REFERÊNCIAS

APPLEBAUM, A. **Gulag**: uma história dos campos dos prisioneiros soviéticos. São Paulo: Ediouro, 2010.

APPADURAI, A. **A Vida Social das Coisas**. Niteroi: EdUFF, 2008.

BABBAR, L. **Características, transformações e adaptações da música religiosa ucraniana no paraná**. Curitiba, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/17660>. Acesso em: 14/03/2022;

BATES, E. The social life of musical instruments. **Ethnomusicology**, v. 56, n. 3, p. 363-395, 2012.

BEREZUTSKAYA, M.: The history of bandura art or how bandura became the musical symbol of the Ukrainian nation, **National Identities**, 2020.

BEREZUTSKAYA, M.: The development of bandura music art between the 1920's and 1940's. **Journal of Ethnology and Folkloristics** 14 (2): 44–66, 2020.

BERGMANN FILHO, J. Ivan Boiko e a Bandura: o design e a construção de instrumentos musicais como símbolo cultural. **DAPesquisa**, Florianópolis, v. 13, n. 21, p. 076-092, 2018. DOI: 10.5965/1808312913212018076. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/1808312913212018076>. Acesso em: 26 fev. 2022.

BERGMAN FILHO, J. **Artífices, artifícios e artefatos**: narrativas e trajetórias no processo de construção da rabeca brasileira. Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45231/R%20-%20T%20-%20JUAREZ%20BERGMANN%20FILHO.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14/03/2022.

BEZERRA, S. C. T. A voz da rabeca alagoana: Sr. Nelson da Rabeca. Maceió, 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/9321/1/A%20voz%20da%20rabeca%20alagoana%20-%20sr.%20Nelson%20da%20Rabeca.pdf>. Acesso em: 20/02/2023.

DUTCHAK, V.: The ukrainian bandura as a musical instrument of the chordophone group. **Journal of Vasyl Stefanyk Precarpathian National University**, 2017.

DAWE, K. The Cultural Study of Musical Instruments. In: MARTIN CLAYTON, T. H. A.R. M. **The Cultural Study of Music**. Londres: Routledge, 2003. p. 274-283.

FIAMMENGHI, L. H. O violino violado: rabeca, hibridismo e desvio do método nas práticas interpretativas contemporâneas: tradição e inovação em José Eduardo Gramani. Campinas, 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1608266>. Acesso em 18/05/2023.

GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

GOULART, F. G. Urbano Ornamento: um inventário de grades ornamentais em Belo Horizonte (e outras belezas). Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9KPHJR>. Acesso em 14/01/2023

GUÉRIOS, P. R. **A Imigração Ucraniana ao Paraná**: Memória, Identidade e Religião. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

JONES, S. S. **The Lira da Braccio**. Indiana University Press, 1995.

MILLER, D. **Trecos, Troços e Coisas**: Estudos Antropológicos sobre a Cultura Material. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MÜLLER, C. Memórias Luso-Brasileiras sobre o consumo e a circulação de roupas brancas femininas (1900-1920). Curitiba, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/72232>. Acesso em: 14/03/2022;

PEREIRA, R. M. Construção e Design de Guitarras nos anos 1960 e 1970: Narrativas sobre trabalho e trajetórias em São Paulo - SP e Porto Alegre - RS. Departamento de Design, dissertação de Mestrado. ed. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/62470/R%20-%20T%20-%20RODRIGO%20MATEUS%20PEREIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14/03/2022.

PEREIRA, R. M. **História da Luteria de guitarras elétricas**: Memória e trabalho nos anos 1960 em São Paulo. Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/62470>. Acesso em: 21/03/2023.

PEREIRA, Rodrigo; TESSARI, Valéria; CORRÊA, Ronaldo. **Como produzimos artefatos**: Notas sobre as formas de documentação. Editora: Edutfpr. Curitiba, 2020.

PEREIRA, R. M. **Luteria: coletânea de termos técnicos**. Ed. UFPR. Curitiba, 2019

PRADO, A. O jornal ucraniano-brasileiro Prácia: prudentópolis e a repercussão do Holodomor (1932-1933). Tese (doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6378>. Acesso em: 14/03/2022;

RAMOS, F. R. L. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

RAMOS, F.R.L. OBJETO GERADOR: Considerações sobre o museu e a cultura material no ensino de história. **Revista Historiar**, Vol. 08, N. 14, Ano 2016.1. p. 70-93.

ROSSI, C. S. Da cana-de-açúcar às mesas de som: Histórias da rabeca através dos rabequeiros. Campinas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=483326>. Acesso em: 20/05/2023

SENNETT, R. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

STALLYBRASS, P. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Tradução de Tomaz Tadeu. - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TESSARI, V.F.S. Fazer é pensar, pensar é fazer: O trabalho e os artefatos na fábrica Zeferino, Novo Hamburgo, RS. Curitiba, 2014. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/749>. Acesso em: 08/12/2022.

VÍDEOS

LUKJANENKO, Nathalia. Para Nina, com amor. Youtube, 01/09/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IAm9IKwOczc>. Acesso em: 14/03/2022

MADE IN UCRÂNIA. Diretor: Guto Pasko. Produtor: Pietro Barana; Curitiba/PR; Produtora: GP7 Cinema; 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UOq1gR2u-fg>. Acesso em: 14/03/2022.

ENTREVISTAS CONCEDIDAS

Ana Povaluk, entrevista concedida em 17/11/2021;

Vivian Wons, entrevista concedida em 22/11/2021;

Guto Pasko, entrevista concedida em 05/12/2021;

Hamilton e Lilia Wons, entrevista concedida em 21/12/2021.

ENTREVISTAS CEDIDAS POR TERCEIROS

Iván Bojko, realizada por Nathália Lukjanenko em 2015.

Iván Bojko, realizada por Juarez Bergmann Filho em 2013.

PROGRAMAS DE TELEVISÃO

ParanáTV – Série: Paraná que acolhe imigrantes. Entrevistadora: Mallu Mazza. 2015. Youtube: <https://globoplay.globo.com/v/4591957/>

APÊNDICE 1 – ENTREVISTA COM ANA POVALUK

Nome da entrevistada: Ana Ester Povaluk		
Vínculo da entrevistada: Bandurista do Grupo Fialka		
Data da entrevista: 17/11/2021		
Local da entrevista: Plataforma Zoom		
Horário de início: 14h		Horário de término: 15h20
Entrevistador: Fernando Schubert		Instituição: UFPR
Data da transcrição: 22/11/2021		
Turno	Legenda	Transcrição
1	Schubert	Ana, primeiramente muito obrigado pelo seu tempo, pela sua paciência e pela sua história que você vai compartilhar comigo para a minha pesquisa. Fico muito feliz de ter você aqui comigo e é uma honra pra gente reescrever um pouco da história do Sr. Iván porque ele merece, né.
2	Ana Povaluk	Sim, Fernando. Primeiro de tudo é um grande prazer participar desse projeto. Uma dissertação de mestrado é um documento valiosíssimo. Ter as memórias do Sr. Iván, não só no filme e no documentário da GP7, mas também numa dissertação de mestrado tem grande valia e é um legado que vai permanecer, né. Nos conhecemos através da música, através da bandura né, Fernando. Eu me chamo Ana Ester Povaluk, sou descendente de ucraniana. Primeiro de tudo, me apresentar. Quem sou eu? Eu sou uma engenheira civil, especialista em projetos de engenharia, recentemente mestre em engenharia civil. O que? Mas e a questão da bandura? Ah, eu já vou explicar. Onde que entra a bandura na história dessa maluca, né? Eu participo do grupo folclórico ucraniano Poltava desde 1991, portanto esse ano eu estou completando 30 anos de

	grupo folclórico. Dos quais existe há 40. Esse ano completamos 40 anos de grupo folclórico ucraniano Poltava. E só há 30 eu participo. Sou casada com descendentes de italiano. Diferente da cultura ucraniana. É um pouco diferente na alimentação, mas nos festejos é meio parecido. Todos são europeus, gostam de música, gostam de festa e de comida boa. Então deu certo o casamento. Casada há 11 anos. Tenho duas gêmeas. As filhas Helena e Sofia de 3 anos que apareceram aí na história pra mudar um pouquinho a minha história e possivelmente a minha atuação dentro do grupo. Qual que é a minha ligação com a Ucrânia? Como falei sou descendentes de ucranianos, né. Meus pais são nascidos em colônia ucraniana em Santa Catarina. Que nasceram de descendentes de ucranianos na primeira leva de imigração lá em 1890, na virada do século. Então foi a primeira onda imigratória que veio da Ucrânia pro Brasil. Que supostamente deveriam ir pra São Francisco do Sul, então os meus antepassados pegaram o navio errado. Não atracaram nos Estados Unidos e atracaram em São Francisco do Sul e não São Francisco, Califórnia. E, com isso, criaram, se depararam com um ambiente hostil, um país hostil, um clima diferente, mais tropical. Possivelmente da região de Ternópil. Não cheguei a rever e visitar esses parentes na Ucrânia mas é mais ou menos ali de onde o Seu Iván veio, Ternópil. Mais ou menos daquela região. Camponeses, né. Então basicamente os primeiros imigrantes eram camponeses. Então, aí explica a descendência ucraniana. Tá, legal. Mas agora vamos entender como é que foi o meu contato, o meu primeiro contato com a bandura. Então, se meus pais nascidos em Santa Catarina numa colônia que saíram da colônia pra estudar numa metrópole, Curitiba, ficaram muito afastados dos costumes, da tradição. Estavam
--	---

	numa cidade, desgarrados. Não sabiam pra quem recorrer. Então, a cultura ucraniana, antes de mais nada, começa pela religiosidade. São muitos religiosos. Sejam católicos ou ortodoxos, sempre tem aquela ligação com a igreja. Então, primeiro de tudo, meus pais, que na época eram noivos, buscaram a igreja. Vamos as missas no domingo. Então, numa missa, aqui em Curitiba, no bairro Água Verde, estavam na catedral ucraniana e souberam nos avisos depois da missa que haveria um almoço de dia das mães, isso em 1990. Maio de 1990. Vocês podem participar, todos vocês estão convidados por adesão. Vocês podem participar e assistir o grupo folclórico ucraniano Poltava. Venham aqui pro almoço. Po, legal. Vamo, né. Não temos onde comer. Vamos ver, comer a comida da máma. Lembrar lá do Varenik o perorrê e ver qual que é dessa turma aí que tá cantando e dançando as nossas tradições. Com o passar do tempo, poxa, pera aí, temos a filha Ana, mais velha, eu, a Rose e o Sávio. Os três estão desgarrados da cultura. Vamos introduzir eles nesse folclore. Ah, a Ana mais velha é imperativa. A diretora da pré-escola “poxa, busque alguma forma de manter a concentração dessa menina”. Ainda existe essa cultura de que, agora eu to lendo bastante sobre musicalização infantil por causa das minhas filhas, mas existe muito o desempenho escolar estar atrelado à prática musical. O quanto influencia na concentração da criança, no desenvolvimento intelectual, cognitivo relacionado a música. Então, minha mãe “poxa, vou matricular.” E assim foi. É muito engraçado, Fernando, na família, como falei, a religiosidade ela sempre está marcada no povo ucraniano. A minha família tem muito religiosos: Irmãs, padres. A irmã da minha mãe, agora já falecida, desde 2014, ela sempre teve cargos altos dentro da religião, dentro da irmandade,
--	--

		da qual ela participava, que ela era ligada. Ela viajou muito por Canadá. Então ela viu a comunidade canadense ucraniana no Canada, Alemanha e também Ucrânia. Lá ela aprendeu umas musiquetas, umas musiquinhas infantis. E ela ensinou o Rora carpata rotil bege (verificar) que diz mais ou menos a alegria de viver nos montes cárpatos. Ela ensinou isso, essa cançãozinha, nós aprendemos e sem ensaio apresentamos pra maestrina do grupo folclórico ucraniano Poltava.
3	Schubert	A dona Isabel?
4	Ana	Dona Isabel. Dona Isabel Krevey. Ela achou “puxa, bacana. Que bonitinho. Elas estão sabendo cantar. Então vamos vestir um traje e ela vão se apresentar”. “Mas como agora? Não tem ensaio?”. “Sim. Agora, mãe. É dia das mães. Vocês vão comer o perorrê e elas vão cantar o Róra Carpata”. Então foi assim a primeira a apresentação em 1990 no grupo folclórico ucraniano Poltava. Até aí, deixei de lado Seu Iván Bojko e Seu Iván Bojko tem uma ligação, claro que tem a ligação porque ele sempre cuidou das banduras e a dona Isabel sempre esteve à frente da capela de banduristas Fialka. Mas o mais interessante dessa história é que Seu Iván, ele veio fugido da Ucrânia, se não me engano, na I Guerra Mundial.
5	Schubert	Na Segunda. Ele chegou em 48 aqui.
6	Ana	48. Em 1948. E ele tinha uma ideia do que seria uma bandura e ele queria a bandura. Mas como tocar bandura se não há bandura? Vou construir uma bandura. Aí começa a caminhada audaciosa do Seu Iván Bojko. Até no documentário pouco se relatou, mas o que aconteceu? Seu Iván ele tinha um grupo de banduristas e eram todos jovens, todos adultos. Seu Iván estava à frente. Não durou muito pouco, na década de 60 se dissolveu esse grupo. Esse grupo se dissolveu. Existia uma personalidade

		chama João Kotenski, que era um dos banduristas do grupo do Seu Iván que teve a ideia de que “puxa, vou continuar. Seu Iván quer cuidar das banduras, ele não quer estar a frente de um grupo tocando a bandura, entoando a bandura. Então, pelo menos eu vou seguir”. Só que esse seu João Kotenski teve uma morte súbita. Morreu de um infarto fulminante e o projeto parou. Dom Efrain, que era um então padre da igreja ucraniana católica do Brasil gostou dessa ideia e falou “poxa, vida. Precisamos de um grupo de banduristas aqui no Brasil. Vamos começar de uma maneira diferente. Se João Kotenski, ele teve um infarto, ele já estava um pouco velho. Então vamos fazer o contrário. Vamos começar pelas crianças. Então vai dar muito mais tempo. Vamos começar pelas crianças. Porque aí cativa as crianças, traz pra perto do ensino religioso, do ensino da língua, dos costumes das línguas. Então vamos começar. Quem vai ficar à frente?” Dona Isabel Krevey, irmã do então eparca. Aí começa a história de Dona Isabel e pode parecer que Seu Iván, timidamente, não ficou à frente de um palco, pra frente de uma regência, mas ele sempre estava ali nos bastidores, no backstage ali dos banduristas. Foi mais ou menos essa história que aconteceu, né. E aí, onde que entra toda essa história? Vinda de 1991, então comecei a prática musical, iniciando pelas flautas. Flauta doce, então iniciamos a musicalização pela flauta doce. Até adquirir maturidade pra poder tocar uma bandura. Então as banduras, as baby poltalsky, que são as pequenas banduras foram as primeiras. Então em 1991, 1992.
7	Schubert	Essa aula de flauta que você fez foi lá no Poltava também?
8	Ana	Isso. Dona Isabel tem uma formação pela antiga Belas Artes. Não chega a ser música, mas é um curso que agora já tá erradicado. Era um curso de Artes e Educação

		artística, mas focada na música. Essa foi a diplomação dela. Com isso, ela pensava “poxa vida, como é que eu vou pegar uma criança bruta que não tem conhecimento nenhum musical e soltar uma bandura? Como é que eu vou fazer elas gostarem da coisa?” Então, começando com flauta pra aprender ritmo, um pouco da teoria musical e aí avançando com os anos a prática musical da bandura. Foi assim que aconteceu e acontece até hoje. Hoje funciona dessa maneira. Apesar de estarem acontecendo evoluções. Dona Isabel também, de três anos pra cá, ela está ficando nos bastidores. Então tem toda uma equipe que mantém o trabalho dela, mais ou menos nos moldes, mas já estamos avançando com mais técnica, com mais aula de teoria musical, enfim, pra trazer essas crianças. Há um projeto, que ainda não está bem definido, mas a ideia é que a Capela de Bandurista Fialka, que tem as crianças e adolescente, vá abastecer a orquestra do grupo folclórico ucraniano Poltava. A ideia é que seja o próprio Fialka vire uma escola que vá entregar pro folclore músicos que, mesmo sendo ainda amadores, já possam continuar dentro e se desenvolver dentro do grupo, na música também, não só na dança.
9	Schubert	Nossa, que legal.
10	Ana	Então é algo que nos próximos tende a acontecer. E assim, a bandura pra mim. O que eu posso falar da bandura? É claro que ela é uma variante da cultura da ucraniana, chama muita atenção, que é muito peculiar. Desde o começo eu tive mais afinidade com a música do que com a dança. Eu sempre gostei da música, mas tocando e não dançando.
11	Schubert	Sei bem como é que é...
12	Ana	(Risos) Eu tive a possibilidade de testar os dois e falar não, dança pra mim não dá. Eu prefiro ficar sentada numa

		cadeira lá, tocando. Eu acho que o espírito Kobzar, né, a bandura primitiva então é aquela pessoa sentada, aquela pessoa prostrada, tocando aquelas canções, geralmente as canções melancólicas. Então eu me via muito mais nesse ambiente do que num ambiente festeiro e saltitante da dança. Então é bom porque é democrático. Tem pra mundo, pra todos os gostos. Agora, com o passar do tempo, tem uma questão de requinte, né. É refinado você tocar. “Nossa, mas não é aquele instrumento que parece uma harpa?” e eu “Sim, é parecido com uma harpa, tem o som angelical. Só pessoas muito introspectivas que tocam... não, todo mundo pode tocar bandura”. Tem que ter um pouquinho de delicadeza na alma pra tocar qualquer instrumento. Vai dizer que não, Fernando? Toda forma de arte é arte, mas a música ela toca um pouquinho mais a alma, né. Às vezes, o que você não consegue expressar falando, gesticulando você expressa tocando. Não tem erro, né.
13	Schubert	Ana, surgiu uma dúvida que não está no roteiro. Eu fiquei pensando, quando você chegou lá no Poltava, você lembra qual foi sua primeira impressão de ver uma bandura pessoalmente. Nem que não tenha sido lá. Mas qual foi sua primeira impressão? Ele é um instrumento imponente. É grande, pesado, corda pra caramba.
14	Ana	Foi uma impressão, justamente por ser um instrumento grandioso, a imponência dele foi um pouco assustador porque eu sempre via, ouvia violão, violino, violoncelo, de repente tantas cordas. “Nossa, isso deve ser muito difícil”. É algo sempre apoiado, ligando agora Seu Iván com Dona Isabel, sempre eles conversavam muito nos bastidores e a Dona Isabel sempre falou “poxa, tem criança que tem até a curiosidade, mas ela para na porta e fica estática. Chama ela pra sentar no canto da sala”. Seu Iván dizia

	isso. E a Dona Isabel nunca cansou de dizer “aquele que talvez não tenha tanto potencial, mas tá curioso, pode aparentar que não tem potencial. Uma apresentação, duas apresentações, três...vai chegar o momento em que “Puxa, eu gosto desse instrumento” tem que ter afinidade com que você vai tocar”. Então, desde a mais tenra idade as crianças podiam tocar o instrumento, tocar num instrumento, ver, sacar da capa, olhar. “Cuidado, cuidado, vocês não podem estragar, mas toquem o instrumento pra sentir o som”. Eu acho que isso que, digamos, eu sem ser bandurista, primeira vez que eu vi, então eu fiquei maluca. “Nossa, flauta super me atende. Tem furinhos, eu toco... uma bandura?” E a primeira apresentação com bandura também foi num evento. Então já cito qual é a aplicação da bandura. No que que a gente pode incorporar uma apresentação de bandura? Basicamente, está dividido em eventos culturais e religiosos. A minha primeira apresentação com bandura, porque eu falei eu cantando o Rora Carpata, no palco, com o microfone na mão, a dona Isabel segurando o microfone porque eu tinha vergonha de segurar. Eu tenho foto desse momento, desse instante. Eu e minha irmã em cima do palco cantando rora carpata. A primeira vez que eu toquei, que eu não tava tocando nada, eu fazia de conta. A criança parece que não é esperta, mas é, foi no aniversário do eparca. Então, todo ano tinha-se o costume de reunir o pessoal do grupo e fazer uma pequena apresentação dentro das dependências do grupo folclórico. Então, eu peguei a bandura. A baby poltarka. A bandurinha pequena. E eu fazia “blém, blém, blém” olhando pro Bispo porque tinha me falado “olha, esse é o Bispo. É ele quem tá fazendo aniversário”. E eu fazendo “blém, blém, blém”. Nossa, minha mãe sorrindo e aplaudindo. Nossa, eu sabia que eu
--	---

		não tava tocando nada. Mas eu falei “nossa, que bom. Todo mundo tá aplaudindo. Estão curtindo. Não sei o que tô tocando, mas enfim.” Senti um pouquinho desse prazer de você ter um instrumento diferente, falar pros colegas da escola que toca um instrumento que tem várias cordas. Não é violão, é bandura. Mas o que é uma bandura? Que som que tem? Então era algo mágico. Eu sentia uma coisa diferente e especial. E até hoje, bandurista, diferente e especial. É uma coisa que eu carrego. Então a bandura tem essa questão de ser especial, de ser diferente e ser muito peculiar à cultura. A cultura que é da minha família e dos meus antepassados. É isso.
15	Schubert	Só jogando conversa fora. Eu lembrei agora que eu escolhi tocar contrabaixo porque todos os meus amigos foram pra guitarra e eu não queria fazer a mesma coisa que eles. E não que eu quisesse, mas a minha personalidade é essa. Então guitarrista quer aparecer, quer fazer solo. Eu não quero isso, quero ficar lá atrás. Aí eu fui tocar baixo, foi mais ou menos parecido.
16	Ana	Exatamente. É por esse ângulo. Eu tenho irmãos que agora nem frequentam mais o folclore, mas a minha irmã era a Barbie dançarina, parecia um pião dançando no palco. Eu não queria ser a dançarina, eu queria ficar lá na minha tocando. Toquei um ou outro instrumento. Tô me ensaiando há muito tempo pra começar o violão ou violino, mas eu não consigo. Sinto que estou traindo a bandura. Estou deixando pra trás a bandura. Inclusive, meu pai, já falecido, ele sempre quando estava triste ou pra baixo. Teve um dia de trabalho horroso, chegou em casa, tá sacudo. Aí minha mãe empurrava “Ana, toca alguma coisa pro seu pai”. Eu tocava qualquer coisa, tipo “Luar do Sertão” na bandura. E aí ele já esquecia e pronto, já tava pirando ali. Nossa, que legal. Que bom. Já acalmava e

		colocava ele pra cima. Enfim, a bandura fez parte desse momento. Na verdade, depois que meu pai faleceu eu fiquei dois anos, praticamente, sem tocar bandura.
17	Schubert	Por causa dessa ligação?
18	Ana	É. Digamos que agora não tem mais alegria, não tem mais o meu pai. Mas, não, pera aí, meu pai estaria feliz se eu estivesse tocando. E não o contrário. Não deixar a bandura ensacada num canto do quarto. Aí retomei. Isso foi de 2005 pra 2006 foi um breve, só toquei na igreja. Me dediquei a tocar na igreja. A bandura tem, de cunho cultural. A gente pode se apresentar, eu tava justamente relembando os fatos e escrevendo alguma aqui, pra nossa conversa. Eu lembrei, por exemplo, apresentações em festivais de dança, apresentações em teatros e anfiteatros, em escolas. Então tem um apelo muito legal, principalmente em escolas que tem a equipe de pedagogia que segue a música, que tem aulas de música. Então é interessante, né. Mas também em situações dentro da comunidade que exigiram apresentação, a presença de uma bandura. Por exemplo o lançamento do documentário do seu Iván, estivemos lá fazendo uma apresentação. Imagine, tinha que ter uma bandura. Duas situações: Helena Kolody. Lançamento do livro dela. Então foi lá no grupo Barvinok. Nossos colegas e parceiros de folclores. Então foi lançado o livro dela. Então apresentamos o que? Dança? Entraria. Mas a música, sentar e tocar pro lançamento pra um livro de poemas, não tem como não ter a bandura. E também no enterro da Helena Kolody. Tocamos, sim, no cemitério. Em 2004 estávamos lá. Assim como aconteceu no falecimento do Seu Iv[an Bojko em 2016. Às vésperas do Sviatei Vetchir tocamos canções natalinas no velório do Seu Iván. Não tinha como não ter.
19	Schubert	Eu lembro que eu tava indo pro Estados Unidos. Eu tava

		acordando pra viajar e acho que você ou a Júlia me mandou a mensagem falando que ele tinha falecido. Foi horrível.
20	Ana	Pois é. São coisas que não tem como controlar, né. Eu tava em Curitiba, muita gente viajando e a Júlia falou “E agora? Seu Iván...” E eu “vamos tocar pro seu Iván”. Aí apareceu a Vanessa, uma antiga bandurista, que já está afastada há muito tempo. Conseguimos duas crianças e elas tocaram no velório, com medo, mas entraram na sala de velório e enfim. Acostumem-se porque é disso pra frente. Então desde casamento, lançamento de livro, velório, ordenação sacerdotal, episcopal, apresentações diversas, praça pública. Que é uma coisa horrorosa. Por exemplo, vamos tocar lá na praça do Taras Shevchenko aqui em Curitiba, lá em Prudentópolis. Poxa, tem a dificuldade sonora. A bandura se perde no meio de tudo isso, mas enfim, tocamos, vamos embora. No parque Tingui vai ter uma festividade, tocamos também. E aí, agora, com o advento da pandemia, estamos passando por ela, atravessando, acho que vai ter um fim se Deus quiser. Entre mortos e feridos nós sobrevivemos, Graças. Com toda essa situação de distanciamento social, mais do que nunca, é importante as redes sociais. Então houveram vários vídeos e, como estou na orquestra, a primeira bandurista, posso me autointitular primeira bandurista que pertence a uma orquestra com vários instrumentos. Gravamos vários vídeos, vários. Durante a pandemia, não podíamos nos reunir, cada uma edita na sua casa, manda, cola, faz a mixagem e pronto: tem um vídeo de Natal, um de Páscoa, um de aniversário. Isso é legal, né. Bom que a gente tem a tecnologia a nosso favor. Puxa vida, eu falo com tanta propriedade do Seu Iván, das pessoas da comunidade, mas fica aquela questão: Como que eu

	conheci o Sr. Iván Bojko? Pois é. São coisas que não tem como controlar, né. Eu tava em Curitiba, muita gente viajando e a Júlia falou “ E agora? Seu Iván...” E eu “vamos tocar pro seu Iván”. Aí apareceu a Vanessa, uma antiga bandurista, que já está afastada ha muito tempo. Conseguimos duas crianças e elas tocaram no velório, com medo, mas entraram na sala de velório e enfim. Acostumem-se porque é disso pra frente. Então desde casamento, lançamento de livro, velório, ordenação sacerdotal, episcopal, apresentações diversas, praça pública. Que é uma coisa horrorosa. Por exemplo, vamos tocar lá na praça do Taras Shevchenko aqui em Curitiba, lá em Prudentópolis. Poxa, tem a dificuldade sonora. A bandura se perde no meio de tudo isso, mas enfim, tocamos, vamos embora. No parque tinguí vai ter uma festividade, tocamos também. E aí, agora, com o advento da pandemia, estamos passando por ela, atravessando, acho que vai ter um fim se Deus quiser. Entre mortos e feridos nós sobrevivemos, Graças. Com toda essa situação de distanciamento social, mais do que nunca, é importante as redes sociais. Então houveram vários vídeos e, como estou na orquestra, a primeira bandurista, posso me autointitular primeira bandurista que pertence a uma orquestra com vários instrumentos. Gravamos vários vídeos, vários. Durante a pandemia, não podíamos nos reunir, cada uma edita na sua casa, manda, cola, faz a mixagem e pronto: tem um vídeo de Natal, um de Páscoa, um de aniversário. Isso é legal, né. Bom que a gente tem a tecnologia a nosso favor. Puxa vida, eu falo com tanta propriedade do Seu Iván, das pessoas da comunidade, mas fica aquela questão: Como que eu conheci o Sr. Iván Bojko? Eu não consigo acreditar na concentração que a gente tem, por exemplo, aqui em Curitiba, somos em trinta
--	--

	mil se não me engano, isso dados de uns três anos, está meio defasada essa minha informação. Em trinta mil descendentes ucranianos, principalmente, com documentário da GP7, não tem como não conhecer o Sr. Iván. E aí, mais específico, pessoas ligadas ao folclore. Então se eu sou mera imigrante, então talvez, quem sabe, ouvi falar. Mas, pra quem é descendente, que está ligado a cultura, que está envolvida, é obrigatório você saber quem foi Seu Iván. Uma pessoa, eu chego a dizer, nós estivemos lá, meses antes do Seu Iván falecer, foi no ano do falecimento dele, de uma humildade tão grande, de uma grandiosidade tão pequena e uma pessoa tão pequena que se transforma numa pessoa tão grande. Eu acho que estamos perdendo na comunidade, pessoas que tem uma grandiosidade e que se mantém e que se mantém na sua humildade e que passa seu conhecimento por uma conversa tácita e tá passando seu conhecimento, sem se vangloriar, sem, digamos, eu não sei qual é a palavra que dá pra descrever, né. Sem querer a gente acaba sempre se orgulhando ou se vendendo, seja na questão profissional, nos hobbies, digamos a bandura não é algo profissional, é um hobby. Eu gosto de falar da bandura, desse lance do folclore com amor, com carinho e com orgulho, mas um orgulho puro, não uma coisa vendida, não pro ego. Sem querer “Sou a melhor porque faz trinta anos que estou...” Não, não é. E ter personalidades com Seu Iván é um aprendizado grandioso. Então, não só aprender o que é um instrumento, como melhor cuidar, como armazenar, mas como você se relaciona com as outras pessoas, com os amigos, com os irmãos descendentes que são seus irmãos. Como é que você se relaciona com as pessoas. Então dá um parecer moral, de ética que está se perdendo
--	---

		na sociedade em geral. Então, ter esse tipo de personalidade ou ter tido contato só enriquece, com certeza não subtrai. Só enriquece pra quem teve o prazer e o privilégio, né Fernando. É muito incrível. Assim que conheci o Seu Iván, sempre nos bastidores, não diminuído mas sempre aumentado, cada vez. Isso é incrível. Foi muito, muito bom ter ele junto da gente.
21	Schubert	Eu lembro que uma vez eu tava lá. Fui antes de você ainda lá. Eu fui e ele me recebeu sem saber nem quem eu era. A gente ficou conversando no portão. Aí acho que ele viu que não era uma ameaça e me chamou pra ir lá na oficina dele. Aí ele contou que as banduras que ele fazia com o dinheiro que ele tinha e que às vezes ele não tinha. Tinha que comprar uma ferramenta e às vezes faltava pra pagar alguma conta. Eu não sei quantas ele fez, mas ele fez muito bandura e distribuiu. Ele não tinha essa, claro que algumas ele vendia e tal. Parecia que não era uma coisa dele.
22	Ana	Não era um lance comercial.
23	Schubert	Era pra manter a cultura.
24	Ana	Vamos multiplicar. É isso. É incrível, como eu te disse, é um aprendizado, né. Porque a vida cosmopolita nos obriga a ser competitivo. Então, minhas filhas já estão matriculadas, o ano que vem começam na escola. Método construtivista, método não sei o que, tem que ter disputa. Não, péra aí. São crianças, não tem que ficar disputando quem é mais quem é melhor. Calma, né. E isso é visto no Seu Bojko, exatamente. Distribuir banduras. Que obrigação que ele tinha de distribuir instrumentos?
25	Schubert	Eu fico pensando, só o tempo que ele investiu é muito tempo. Porque ele fazia tudo. Todas as pecinhas e tudo. Imagine o gasto, imagine o tempo. E ele fez, né?
26	Ana	Totalmente desprendido. Então, até realmente a gente tem

		diferença de uma bandura genuína ucraniana. A Tchernihilska que são as mais difundidas aí no mundo todo. É um toque legal, enfim. Segura a afinação legal. É claro que é diferente da madeira que o Seu Bojko conseguia encontrar, o metal pra cravelha pra segurar a corda. Será que ia segurar a afinação ou não? Eram as ferramentas que ele tinha, com os insumos que ele tinha, era o melhor que ele podia fazer. Claro que existem banduras. Eu uso uma bandura na orquestra que ela é uma bandura de orquestra. Então o ministro da Cultura esteve aqui no Brasil em 2008 ou 2009 e doou uma bandura dessas pro Poltava. “Pô, eu quero”. Em 2008 eu estive na Ucrânia a convite do Ministério da Cultura.
27	Schubert	Do Ministério da Cultura daqui?
28	Ana	Ucraniano. Em 2008 o Ministério da Cultura Ucraniano percebeu que precisava fazer um chamamento porque não era tanto pra diáspora, nós que estamos fora da Ucrânia, somos descendentes. Mas, principalmente, quem ficou lá. Porque existiu, na Guerra Fria, União Soviética é russo, falamos russo. Ucraniano é camponês, do mato, não tem cultura. Ucraniano é ruim. Vamos gostar do russo. Muitos colegas, até tem um casal, que frequenta o folclore que tem uma criança que é nascida na Ucrânia, justamente nessa fase de infância eles tiveram na União Soviética. Então, eles tinham vergonha de dizer que eram ucranianos. Então, o Ministério da Cultura precisou, de alguma maneira, dar um chacoalhão na nossa população pra dizer que ser ucraniano é legal. E aí eles fizeram um projeto bem audacioso e em tempos áureos. Acho que agora não há mais recursos pra isso. Nunca mais ouvir falar. Foi convidar, lançar convites pra dois descendentes de ucranianos que estão espalhados pelo mundo. A Dona Isabel recebeu o convite, mas “Ah, eu estou com a idade

		muito avançada, não quero ir pra Ucrânia. Ana, você tá a fim? As custas vão ser bancadas pelo governo da Ucrânia, você paga sua passagem de ida e de volta". "Mas, Meu Deus, é claro que quero, Dona Isabel. É lógico. Tô indo. Tô lá". E assim foi. E aí existiu Dona Cecilia Strehar que é uma catequista que iniciou um projeto anos atrás lá em Prudentópolis, que existia uma capela de banduristas mas agora parece que está meio off. Não tem ninguém à frente, ela saiu do lance da congregação das catequistas então não tem ninguém à frente que quis assumir esse projeto. Fomos eu e ela, ela de mais idade, e eu nos tempos áureos da juventude, recém noiva, Meu Deus, eu ficaria na Ucrânia se não fosse meu noivo italiano aqui no Brasil. Eu deveria ter feito o convite pra ele, quem sabe ele teria engatado e ter ido pra Ucrânia. Mas o que eu conheci aqui, foi através do folclore, através da família a cultura mais específica da parte religiosa. Aí, com relação ao folclore, ele se detém a um momento histórico da ucrânia e fica trabalhando nesse momento histórico. Aí, quando cheguei lá, me deparei com apresentações que eu fiquei "caramba, eu não acredito que existe isso." Aqui era muito bem dividido. Nosso grupo folclórico ucraniano era música, coral bem pouco, um pouco da música e muito da dança. E aí, lá, pude ter a acesso a assistir ensaios da orquestra de instrumentos folclóricos NAONI, se chama Naoni (verificar) que eles faziam horrores. Eles tinham instrumentos de orquestra, parecido com o Poltava, com instrumentos étnicos. Victor Rudssal (verificar) que é o maestro até hoje, o regente até hoje. E eu tenho visto nas últimas semanas, eles estão fazendo, esse NAONI, que é a orquestra de instrumentos folclóricos ucraniano de Lviv, eles estão se ligado à grupos mais...nem sei que tipo de música, mas é algo bem tecno, misturando instrumentos
--	--	--

		folclóricos. Então assim, você vê a galera trajada e uma música mais tecno. Estão se reinventando pra se manter de pé. E, quando vim da Ucrânia, então fiz o curso, assisti ópera em Lviv. Então você vê o coral, o balé, a orquestra, numa casa de espetáculo de Lviv que caramba, era incrível. Assisti ensaios malucos. Ir nos selós, no interior, as famílias trajadas, tomando Roriulka e aquela mesa farta. Era assim que se fazia antigamente. Então foi uma mexida, acho que tanto pra quem assistiu. Então tinham colegas bielorrussos, franceses descendentes de ucranianos, canadenses, América Latina, América do Norte. Então você várias pessoas, descendentes de ucranianos e todas tendo contato. O museu Ivano Kontchara, se não me engano, de Kiev apresentando os trajes, a cultura, instrumentos rudimentares, coisas mais atuais. Então, assim, eles tendo contato com descendentes ucranianos, digamos assim, o maestro “Não, mas espere aí. Brasil? Vocês estão no Brasil? Mas Brasil? Mas onde está o Brasil?” “Isso é o Brasil.” “Nossa, que país enorme. Não acredito que lá tem ucraniano”. “Sim, tem bandurista. Eu sou bandurista”. Assim como foram convidados, também, o pessoal da dança. Então teve coreógrafos aqui do Brasil que foram também. Então foi uma grande miscigenação cultural. Então, a gente assim E.T. Eu olhando “uau, eu toco bandura.” “Meu Deus, você toca bandura?”. Então foi espelho, reflexivo, né. Então tem um impacto que isso se perdurou, ficou por um tempo. Aí, logo depois, tiveram, que ainda estão em problemas com as fronteiras, problema na Crimeia e toda essa situação, então não foi muito longe. Aconteceu o midaunf, que aí foi de novo, né, os jovens se levantando “pera aí, esse território é nosso”, então um acontecimento em cima do outro e, quem sabe, tudo isso vá manter.
--	--	---

29	Schubert	Agora que você tava contando essa história, surgiu outra dúvida aqui. Pelas pesquisas que eu fiz, ainda estou pesquisando, não sei grande parte do assunto, mas eu vejo, pelo menos na Ucrânia, muito mais homem na tocando do que mulher. Quando você chegou lá. Primeiro, uma brasileira, que já é um impacto. De repente, uma brasileira, tocando bandura e tocando bem. Teve algum tipo de reação?
30	Ana	Reação e objeção. Vou te falar. A primeira etapa do curso ficamos numa região próxima, como se fosse região metropolitana de Kiev. Lá existia, até hoje não consigo lembrar o nome, um engenheiro eletricitista, que abandonou. Ele é descendente de ucraniano no Canadá. Ele abandonou a vida dele no Canadá e migrou pra Ucrânia. Lá ele tem feito muito trabalho musical, bandura e, basicamente, kobza. Ele tem a pegada mais primitiva. Kobza. E ele tava junto de...ele tem a cabeça mais aberta, mas existiam dois senhores que eles mal direcionavam o olhar pra mim e pra Dona Cecília. Então, brasileiras? Mulheres? Vocês abrem as pernas e colocam a bandura entre as pernas pra tocar? Sim. É assim que a gente aprende. É o jeito que tem que tocar. Pois então, por isso que não pode ser tocada por mulher. Kobzares são homens. Então quase hostilizadas. Nós ficamos numa região metropolitana. Uma espécie de um penhasco, tava nevando bastante já. Eu lembro que a primeira noite liguei pro meu noivo chorando. “Que eu tô fazendo aqui, eu fui hostilizada”. Mas esses falavam ucraniano e teve outra dificuldade que, em partes do curso, tivemos contato com gente que falava russo. E eu achei que ia chegar com meu ucraniano arranhado e ia sofrer. Não. Ainda mais. Russo? E o meu ucraniano é o nosso da diáspora de cem anos atrás. Então, toda essa situação. Mas voltando ao assunto,

		realmente, assim, por isso que tá errado, você tinha que não tocar. Você não tinha que estar aqui. Quem mandou o convite pra vocês? Eu vou falar com o ministro. Tá tudo errado. Enfim, senti sim. Mas isso os Kobzares tradicionalistas. Então, aquela parte mais radical. Aí, depois, no decorrer do curso, tive contato com outras formas de cultura, outras formas de entoar as suas canções na bandura e aí mulheres eram admitidas. Então, existe ainda esse patriarcado. Aquela coisa rígida. É um pouco assustador, fiquei um pouco assustada. Mas já esqueci. A primeira noite foi horrível, mas já esqueci. Já tava feliz da vida, não tive mais contato com esses cara “Falou, seus otários. Eu toco bandura e não to nem aí pra que vocês pensam”. Posso ser, como se diz, a frente do meu tempo. Coloco a bandura no meio das pernas e toco. Uau (gargalhada). Incrível, né. Mas aconteceu. Sim, aconteceu. Você resgatou essa memória.
31	Schubert	Fiquei curioso a hora que você falou. Apareceu outra que não tava no roteiro, mas vamos lá. Hoje eu fui na casa da memória fazer uma pesquisa. Achei uma pesquisa feita em 2008. Ela tava falando do culto religioso e que as banduras, por serem profanas, não eram usadas nos cultos religiosos. Só que agora, no começo da nossa conversa, você falou que tocavam na igreja também
32	Ana	Ainda tocamos, inclusive.
33	Schubert	Será que é uma coisa da diáspora que chegou no Brasil e deu uma aliviada nas regras?
34	Ana	Eu vou te dizer uma coisa. Eu tenho até dúvidas, porque aí entramos na questão que não é do meu conhecimento. Não tenho conhecimento total. Então talvez eu esteja falando grande bobagem. A Ucrânia, apesar de oficialmente, ser católica, ela é basicamente ortodoxa. E os ortodoxos são ortodoxos, são rígidos. E aí eu imagino

	que, nessa corrida da imigração, veio mais a galera católica. A igreja católica, padres católicos, freiras católicas. Então eles deram um salto. Saíram, correram e largaram na frente. E aí, onde tinha lá um grupo de ucranianos no Brasil, lá tinha uma igreja e lá tinha a comunidade. Eu acho que foi aí que permitiu adentrar a bandura. Eu imagino que os ortodoxos, até hoje nós temos as igrejas ortodoxas aqui em Curitiba e ficamos de pé. Não tem essa proximidade. Não tem um banco pra sentar, escutar o sermão do padre, olhar a pintura lá do teto, não. Você fica de pé, de frente pra..né. Aí, o contrário, que acontece lá na Ucrânia, os padres são casados. Mas, mas, eles são casados, eles têm que iniciar a vida religiosa antes de se casar. Então, você tem que fazer a escolha, um voto perpétuo da igreja. Depois, sim, você pode casar. E não o inverso. Que é uma coisa amuito chocante. Então, alguns padres que vieram pra cá, jamais poderiam, porque a igreja católica latina não permite o casamento. Como é que ia justificar um padre que vinha com família, filho, esposa e tal. Então, teve algumas adaptações. Provavelmente a bandura entraria nessa. Porque a bandura, ela entra no momento, digamos assim. O que eu tenho conhecimento, que nos foi passado, era que a bandura, inicialmente, era os kobzares que tocavam umas canções e não eram canções festivas, alegres iguais as crianças. Não, eram músicas pesadas, com letras pesadas, envolvendo lutas, guerra, eram, digamos, um grito de lamentação. Não era um instrumento. Um hino de um anjo lá dentro da igreja. Não, era uma coisa muito carregada, muito pesada. O exército ucraniano. Os cossacos, eles tavam lutando. Muito bonito o folclore traduzir isso fazendo peshka, dançando e brincando com espada, mas não era assim que acontecia. E a Kobza, a
--	---

		ancestral da bandura, ela entrava como uma coisa muito séria, muito rígida. Alguma coisa do Seu Iván, até a gente tá divagando, alguma eu entendi que existiu uma fuga ou uma espécie de reclusão de Seu Iván Bojko com relação a KGB. Não sei se isso é mito, se foi comprovado, mas existiu alguma coisa. Ele estava fugindo da KGB. É verdade isso?
35	Schubert	O que eu pesquisei sobre ele, ele não chegou a falar exatamente KGB. Mas ele falava Soviet Union. Ele foi preso na Alemanha e, quando ele voltou pra Ucrânia, a União Soviética tinha tomado conta da aldeia dele. E eles acusavam quem estava na Alemanha de traidor. Por isso que ele veio correndo. Ele chegou e 48 aqui, com a ajuda da cruz vermelha, senão ele iria ser preso e, provavelmente morto, pela União Soviética. Provavelmente com a KGB agindo, mas ele nunca falou KGB.
36	Ana	Não explicitamente, né? Mas é algo que aconteceu com meu orientador de mestrado que também foi algo mais ou menos parecido. Ele, apesar de ser russo, apesar de ter nascido numa região que, na verdade era ucraniana, mas tava sob domínio russo. Ele tem parentes ucranianos. Aí ele sofreu inquisição, sofreu tortura e todo esse tipo de situação, né. E também não deixava explicitamente. A pesquisa dele, que trabalha com resíduo industrial, ele tinha que explicar por A + B que não tinha nada a ver com espionagem industrial. Sempre denotativo de alguma que está sendo espionada, ou tá espionando. Então, sempre ficar quieto, não fazer muita pergunta, não falar muita resposta. Então, assim, é um povo sofrido. Passou por poucas e boas, a gente nem imagina. Nossa vida é tão pacata, tão chata, tão rotineira, tão tradicional. E de repente, caramba. Sobreviveram e ficaram aí pra contar

		história. Incrível, né.
37	Schubert	Essa pesquisa que eu tenho feito, tenho pesquisado várias coisas sobre Seu Iván e consegui achar vários materiais sobre ele. Você começa a ler e você fala “Meus Deus do céu...”
38	Ana	“...que insignificante que sou. Que vidinha medíocre que eu tenho.” Tá, e daí? Toco bandura há 30 anos e o que mais? Só isso? Mais nada?
39	Schubert	Inclusive, agora que você falou isso, quando estive na casa dele e ele não me conhecia e começou a contar a história dele. Eu lembro quando ele chegou nessa parte da Soviet Union o olho dele encheu de lágrima. Imagine, depois de tantos anos...
40	Ana	Tantos anos e ainda dói.
41	Schubert	Você vê o olho cheio de lágrimas. É muito triste.
42	Ana	E pra um desconhecido. Um homem barbado que chegou a minha porta, falando de bandura... enfim. Toca, né? É uma coisa incrível.
43	Schubert	Uma pena eu não ter registrado essa conversa, mas eu não tinha intenção de fazer mestrado nem nada.
44	Ana	Sim, mas essas coisas a gente guarda. Muita coisa, eu passei a gravar em áudio, né. Principalmente, Dona Isabel. São conversas que a gente tem que eu tô guardando. Vou guardando. De 2015 pra cá, virou e mexeu, eu gravo um audiazinho. Então, agora tá ocupando espaço no celular, eu tenho que descarregar no computador. Uma hora vira relíquia.
45	Schubert	Isso. Material riquíssimo, né.
46	Ana	Com certeza. Eu não sei, na verdade, do roteiro, basicamente... que era uma coisa que você falou “não sei se tem muitas banduras do Seu Iván”, são oito pessoas tocando bandura ali na capela de banduristas. Tem oito banduras dele.

47	Schubert	Eu vou ter que visitar e fazer levantamento do acervo.
48	Ana	Precisa. É importante.
49	Schubert	E agora, conversando com você, me deu uma ideia que não estava no roteiro, por isso que é bom fazer uma entrevista não estruturada. Eu vou ter que entrevistar a Dona Isabel, né?
50	Ana	Não tem como fugir dela. Com certeza. Está tudo interligado. Tem a dificuldade de ela ser catequista, então há o pudor de receber o Fernando Schubert. Mas é o cara que arruma bandura, então é claro que ela vai receber. Ela está reclusa. Na metade do ano, eu consegui quebrar o jejum dela, que tava presa dentro de casa com medo da pandemia. Consegui resgatar um vídeo dela parabenizando o grupo folclórico pelos quarenta anos. Foi a única pessoa que ela permitiu que fosse. Ela “Ana, eu fiz um resumo. Você corrige, vê, daqui a três dias volta.” Aí, ela repassou três vezes antes de gravar. Levou muito à sério. Era pra ser uma coisa espontânea e me deu uma aula de como fazer a coisa a certa, né (risos). Mas tem que ter o relato dela também. Coisas que talvez a gente não saiba, que ela talvez não tenha falado. Ela falou que Seu Iván sempre dizia “cuide da bandura”. Seu Iván sempre falou “aquele que tá lá no canto da sala, chama ele, cativa ele. Dá oportunidade”. Se toca desafinado, toca errado, deixa ele tocar. Uma hora deslancha. Ela seguiu esse conselho e deu boa. Muitos banduristas que estavam desacreditados, que eram dançarinos horrosos, que mal cantavam, que mal conseguiam falar o idioma e, de repente, estavam tocando bandura muito bem. Aí é até um lance engraçado, né. Dona Isabel teve um grupinho que ficou dois anos estagnado na flauta doce e não conseguia tocar nada. Já era o segundo Guaíra e aí “putz, como é que vamos fazer? Cortar o áudio, de novo, das flautas?

		Mas aí corta o canto e corta a bandura. Como a gente vai captar?" Aí assim, fita crepe nos furinhos. "Toquem, crianças". (risos) "Não interessa, Ana", "Mas Dona Isabel, vedamos os furinhos da flauta. Agora não vai ter som", "É, mas vão achar que tão tocando e isso vai dar segurança pra elas". Então, já no outro ano já saíram tocando, porque já era o terceiro Guaíra. São pequenas traquinagens...
51	Schubert	Que funcionam.
52	Ana	Funcionam. Não é da maneira mais certa possível, mas funcionou. Esses velhinhos têm muita coisa a ensinar.
53	Schubert	E a gente tem a obrigação de pegar a história deles porque se eles não passarem pra ninguém, quando eles morrerem, acabada tudo. Eu não me conformo de acabar a história.
54	Ana	E que trabalhão que você tem pela frente. Claro que vai dar muito certo. Com certeza já deu.
55	Schubert	Eu tô na torcida. Tô tentando entrevistar pessoas que são importantes nesse meio. Você foi a primeira.
56	Ana	É um piloto. Deu errado (risos). Oportunidades de melhorias. Entrevistas uma pessoa plausível. Então, a gente começa pela peneira. Um nome que eu acho muito importante que deveria ter, Andrei Choma. Esse é o cara que participa do grupo folclórico Barvinok, mas ele não é aqui de Curitiba. É um grande estudioso da cultura ucraniana. Acho que a formação dele é advogado, porém ele esteve comigo, sem nós sabermos, a gente se conheceu, apesar de ser da cultura ucraniana no Brasil, nos conhecemos na Ucrânia nesse curso que eu fui fazer e ele é coreógrafo. Ele foi além, eu fiquei feliz e me reinventei com a bandura dentro da orquestra porque eu vi na Ucrânia que era possível eu incluir a bandura numa orquestra. Ele foi além. Ele migrou pro Canadá e lá ele estudou a cultura ucraniana. Ele é uma enciclopédia

		ambulante.
57	Schubert	Vou atrás dele.
58	Ana	Eu falo de maneira coloquial as impressões que eu tenho, as coisas que eu escutei, as coisas que eu vi e as coisas que eu acho que são. Ele tem conhecimento de causa e sabe o que é. Então, volta e meia ele está ministrando cursos pra comunidade ucraniana aqui em Curitiba com minicurso de coreografia, de música, de tradição, enfim. Ele organizou a última edição em 2019, antes da pandemia, que ele tinha quatro módulos. Ele se organizou em vários sábados pra galera. O cara é fera, fera. Gente boníssima. Esse daí vale a pena mesmo. E eu acho que se não me engano ele fez um mestrado em cultura ucraniana lá no Canadá. O cara é fenomenal. É a cerejinha do bolo. Ele tem bastante material. Ele deve ter bastante coisa publicada, acho que vale a pena. Acho bacana conversar com ele.
59	Schubert	Quando a gente vê, está com uma rede enorme de entrevistados.
60	Ana	Se não me engano ele é de Mallet. Ele sabe contar muita coisa, sobre exatamente quase tudo. Ele tá fora das redes, faz um tempo que ele não publica, mas ele sabe muita coisa. Acredito que até nesse lance da minissérie da Globo, o seriado Desalma, acho que teve participação dele. Ele contribuiu com algumas coisas pra roteiristas. Teve alguma coisa aqui de Curitiba, o pessoal do Barvinok e teve a participação dele porque ele teve conhecimento de causa. Vale a pena conversar com ela.
61	Schubert	Já anotei e vou correr atrás.
62	Ana	Esse, de olhos fechados eu recomendo. E os demais, quando eu lembrar, eu encaminho.
63	Schubert	A gente vai conversando. Com certeza vai ter muita dúvida.

64	Ana	Com certeza. Pra essa qualificação acho que não vai faltar questionário respondido. Então, eu respondi as perguntas, vou anexar as fotos das ocasiões que a gente utiliza a bandura. Então, desde velório à lançamento de livro. Então eu tenho as imagens e tô colocando na sequência e coloco uma legenda pra você entender e sentir um pouco do que a bandura é capaz de fazer.
65	Schubert	Eu lembro quando suas filhas nasceram e você fez um book, pode ser que eu esteja enganado, mas eu tenho quase certeza que a bandura estava lá nessas fotos.
66	Ana	Pois então. Aí, isso aí é a Ana resgatando a história da família dela. Porque em Santa Catarina, nessa colônia, meus pais eram vizinhos quando nasceram. Os avós, por parte de pai eram padrinhos da minha mãe. Então a família era quase irmã. Um quase de frente pro outro. Eles não sabem quando se apaixonaram. Desde sempre eram apaixonados. Coisa linda, história linda de amor. A casa do meu pai, que é a casa em que eu fiz questão de fazer os flashes, esse ano, perto do carnaval, eu levei a Carla Lorentz, que me fotografou no Guaíra, que eu tava de barrigão, levei ela porque ela tem uma pegada legal. Ela tirou foto da família toda, inclusive o maridão vestido de ucraniano na casa em que meu pai. É uma casa que já é centenária e está prestes a ser demolida. Então, antes que ela seja demolida pela família, deixa eu registrar minhas filhas aqui. Essa história tem que ficar aqui. Fazia quinze anos, pelo menos, que eu não levava a bandura pro interior. Então, eu levei. Meu pai enterrado lá. Toquei no cemitério. Eu fui tocar pro meu pai. Então, maior maluquice. Fui tocar no cemitério, toquei na casa dos parentes. Tinha que ter esse registro, né. Muito legal o book gestante, dá pra fugir do trivial, né. Tem muito mais significado do que os bookzinho mequetrefe que aparece

		por aí nas mídias. Eu fiz bastante foto e é claro, à partir do ano que vem, eu acredito que volte, já voltamos aos ensaios, desde de setembro já estamos ensaiando a orquestra e dança. Me parece que as crianças o ano que vem vão voltar. Então, assim que as meninas estiverem condições, ou seja, desfraldadas, vão voltar. Chega lá, fica lá no cantinho, dá uma olhada na mamãe ensaiando. Vai na hora do recreio brincar com as crianças. Pra elas se sentirem acolhidas e aí pronto. Aí vai embora. É assim que vai perpetuar. E o marido apoia. Então vamos embora.
67	Schubert	Muito Bom. Ana, acho que a gente matou tudo.
68	Ana	Já extrapolou. Mais um pouco vamos comprar um frango e ficar conversando a tarde inteira, né (risos)
69	Schubert	Foi maravilhoso. Agradeço demais o seu tempo e contar sua história pra dividir comigo um pouco. Caso eu precise, vou te chamar mais uma vez.
70	Ana	Olhe, no que puder desdobrar. Eu tenho material. Separei bastante material. Livros que eu trouxe da Ucrânia. Por exemplo, CDs. Aqui no Brasil existem três CDs. Esse aqui foi o último, foi na semana que as meninas nasceram e eu não pude lançar. O primeiro CD da orquestra e coral do Poltava, que a bandura está presente. Isso é muito legal. Existem vários instrumentos, inclusive os étnicos. Tsembali e bandura. Sonoridades do Paraná. Olha que legal.
71	Schubert	Como é o nome dele?
72	Ana	Sonoridades do Paraná: temas ucranianos. É da fundação cultural, tem apoio da prefeitura. Parabolé, educação e cultura. Tô tocando na igreja e um amigo tocava o baixo elétrico na época e disse “nossa, vi você numa capa” e me deu o cd. Aí tem várias coisas da cultura, de casamento, de canções populares e aí fizeram um apanhado da cultura ucraniana. Bem legal. E esse aqui foi o primeiro CD

		da bandura do folclore que você já sabe. São músicas de Natal, foi em 2008 que foi lançado. Foi gravado em 2007. Então, sem querer entrar isso no lado pessoal. Cara, participei de três discos com bandura. Caramba. Digamos assim, muito legal, né, participar de tudo isso. De graça. Sem me preocupar, sem nenhuma pretensão e, cara, é incrível. Simplesmente incrível. Quando eu penso que já deu pra mim, agora tenho filhas. Chega o maestro e me chama pra um novo projeto. “Vamo embora”. Acho que dia 05/12 vamos tocar no Bosque do Papa. Vai ser uma coisa natalina. Assim que tiver o flyer eu mando pra você. Eu não entendi direito quem que vai, mas a orquestra e coral Poltava vai estar lá. Vai ser bem legal. Vamo embora. E aí apareça qualquer dia no Ukra bar pra gente tomar umas béra.
73	Schubert	Eu conversei com eles essa semana. Mandeí uma mensagem lá porque tem uma bandura pendurada na parede. Aí eu não sabia se era do Seu Iván.
74	Ana	Ai que vergonha. É do Seu Bojko. E eu coloquei as cordas. Tem corda de guitarra, tem corda de baixo, tem corda de tudo (grito). A casa caiu.
75	Schubert	Mas pra mim interessa que ela esteja sendo usada em decoração. Sem julgamentos (risos)
76	Ana	Tá bem jaguara. Não dá um close. Dentro das condições, enfim. É a neta do Seu Bojko, a Vivian, que tinha essa bandura e aí ela doou pro Ukra. Porque a ideia do Ukra era o que você tiver de foto, de objeto, de família, alguma coisa que remeta a Ucrânia, traga pra nós pra fazer parte da decoração. Aí ela tinha uma bandura que estava sem corda. Eu eu coloquei as cordas pra eles pendurarem na parede.
77	Schubert	Eu lembro que a gente conversou na época.
78	Ana	A Ana Paula chegou com uma sacolada de corda aqui em

		casa e ela tá lá, bonita. E é do Seu Bojko sim.
79	Schubert	Já é mais uma que eu sei existe.
80	Ana	Então, mais uma que existe.
81	Schubert	E vai pro meu inventário.
82	Ana	Ta lá de adorno no Ukra bar. E é isso, Fernando. Tá na hora do café (risos). Beleza. Sempre que precisar me chama que eu tô aí, tá bom. Beleza? Beijo pra vocês.
83	Schubert	Pra você também, muito obrigado. Tchau. Obrigado.

APÊNDICE 2 – ENTREVISTA COM VIVIAN WONS

Nome da entrevistada: Vivian Bojko Wons		
Vínculo da entrevistada: Neta de Iván Bojko		
Data da entrevista: 22/11/2021		
Local da entrevista: Plataforma Zoom		
Horário de início: 14h		Horário de término: 14h45
Entrevistador: Fernando Schubert		Instituição: UFPR
Data da transcrição: 28/12/2021		
Turno	Legenda	Transcrição
1	Schubert	Então, Vivian. Eu gostaria que você se apresentasse, falasse um pouco de você. Quem você é, de onde você veio? E já emendar na segunda pergunta de saber qual a sua ligação com a Ucrânia.
2	Vivian	Meu nome é Vivian Bojko Wons, sou neta do Iván Bojko. Eu sempre dancei em folclore ucraniano. Quando era pequena dançava muito. Na verdade, eu dançava no Barvinok, que é o outro grupo que tem. Lá que eu entrei pra fazer ucraniano, tudo. Como meus pais já são mais tranquilos na cultura ucraniana, não são tão ferrenhos, sabe? Eles gostam. Meu pai é bem ucraniano, minha mãe também é bem ucraniana, mas “moramos no Brasil”. Então, com 3 anos, entrei no Barvinok e tinha que fazer uma prova de ucraniano. Falei que não ia fazer, me tranquei no banheiro e não fiz a prova. E saí do grupo. E aí, com 12 anos, voltei pro grupo porque eu queria dançar. Aí dancei dos 12 aos 18, se não me engano, lá. Aí saí, porque entrei da Federal na engenharia. Aí o horário totalmente diferente e não consegui ficar, saí. Aí, com 35 anos mais ou menos, eu decidi voltar, mas eu vou pro Poltava. Quero ver como

	que é o Poltava. E foi assim. Em 2016, metade de 2016. Final de 2016 o dido morreu. E eu não tinha entrado no grupo. E ali eu falei “eu vou entrar”. Porque a galera do Poltava foi no velório do dido e fizeram uma homenagem maravilhosa pra ele, com banduras. Aí eu já queria entrar no Poltava, mas não tinha entrado porque sempre tinha uma coisa pra fazer. Mas agora vou entrar. Aí em fevereiro de 2017 eu entrei no Poltava. Daí, assim. A minha ligação com a Ucrânia é desde sempre, né. Minha é extremamente ucraniana. Os meus pais só são mais desligados na questão que a Ucrânia tem muito aqui no Brasil, lá na Ucrânia eu não vi tanto, mas assim, você vê muita ligação, como eu falo, religiosa. Mas a Ucrânia mais moderna. Do pessoal de Kiev, Lviu, que eu fiquei durante um bom tempo assim, é mais como nós assim. É aquele que acredita, mas que não fica só rezando, sabe. O povo que veio pra é extremamente devotado, mas a minha família já não é assim. Meus pais sempre foram mais tranquilos. Tanto que eu não fiz primeira comunhão ucraniana. Fiz no Santa Maria, colégio que estudei. Fui totalmente diferente nesse ponto. Mas a ucrânia é assim. Sempre ouvi falar, os meus avós falavam ucraniano porque dos dois lados são ucranianos. A família inteira é ucraniana. Eu cresci ouvindo, eu não sabia falar, mas eu aprendi o alfabeto na época que fazia escolinha no Barvinok. É um negócio que, quando você é criança, você não esquece mais. Tanto em 2017 quando eu fui pra Ucrânia pela primeira vez, fui com a minha mãe e minha tia. Fui numa excursão. Daí eu fui com a minha mãe e minha tia e eu tinha um amigo morando lá. E ele falou “você me encontra no metrô Liet Tolstói”. Aí eu fui encontrar. Só que o metrô era atrás de um muro, era absurdo. E quando cheguei pensei “como vou entrar nesse troço?” Aí eu olhei pra um negócio escrito e pensei “vou ler”
--	---

		e tava escrito em cirílico. Aí me salvou.
3	Schubert	Valeu a pena todo esse estudo.
4	Vivian	Depois daquilo decidi voltar a estudar. “Se eu lembro o que tá escrito, se eu sei ler, eu consigo falar”. Aí eu voltei. Então minha ligação com a Ucrânia é bem forte. Meu marido é ucraniano também. Tudo ucraino.
5	Schubert	Entrando na questão da bandura que é o objeto de estudo do meu trabalho, eu queria saber, do seu ponto de vista, qual é o significado da bandura pra você e o que ela representa
6	Vivian	Pra mim é totalmente meu vô. Totalmente. Porque assim, já vou adiantar uma outra pergunta que você fez. Ninguém na minha família toca bandura.
7	Schubert	Ninguém toca? Casa de ferreiro mesmo.
8	Vivian	O dido, quando eu era pequena, me mostrava bastante assim porque eu sou a neta mais nova dos dois lados. Eu sempre fui a netinha. Aquela que o dido carregava, o dido mostrava tudo. Eu sempre tava do lado. Quando eu tava na casa dele domingo, ele morava no Portão, eu tava com ele no paiol dele fazendo bandura, ou eu tava brincando de alguma outra coisa e eu sempre tava junto. Eu era muito grudada no dido. Mas finais de semana. Dia de semana eu morava com meus outros avós. Meus pais sempre moraram com os pais deles. Depois que meus outros avós morreram, o Dido Bojko e a Vó Bojko foram lá pro Bigorriho. Pra mim é totalmente ele a bandura. Tanto que eu falava “meu vô faz bandura”, meus amigos “o que que é isso?” A galera não era ucraniana, então tinha que explicar. Aí eu falava que era tipo uma harpa. O som é tipo uma harpa. Aí eu falava. “Parece um violão, mas não é um violão, é um negócio grandão” Bandura é totalmente meu vô, é ele.
9	Schubert	Quando você era pequena e visitava e ficava com ele lá

		enquanto ele fazia bandura etc., você tem alguma recordação de cheiro, dos sons. Isso ficou em você?
10	Vivian	Tinha. Ficou total. Tanto que se eu sinto cheiro de madeira serrada é a bandura, é o vô. É engraçado, mas isso marca. E tem um cheiro específico do paiol dele. E isso foi lá pra casa quando meu pai construiu lá atrás pro dido. Acho que você conheceu o paiol (oficina) do dido. Não tinha aquilo ali. Quando a casa foi construída ali, a casa não tinha aquela parte. Meu pai fez pro dido. Meu pai falou “como ele faz bandura e nunca vai parar de fazer, vamos construir pra ele” Aí fizeram. Agora meu pai que usa. Ele desce lá e faz a zorra dele lá. Assim, o cheiro de lá era o mesmo cheiro do Portão. Era a mesma coisa.
11	Schubert	A madeira serrada. É gostoso, né?
12	Vivian	Exatamente. É bom.
13	Schubert	Uma grande dúvida que eu tenho e que eu não sei se vou conseguir responder é se você sabe quais foram as motivações do seu avô pra dar início a essa construção de bandura. Eu sei que ele viu a foto no jornal, mas o que passava com ele pra construir a bandura.
14	Vivian	Na verdade, assim, o que eu sei, que ele falou pra mim, mas eu acho que deve ter mais outras. Eu lembro que uma vez a gente tava conversando sobre isso e ele disse que o que motivou, bastante, ele a construir bandura é que primeiro lembrava muito a Ucrânia pra ele e ele tinha bastante saudades de lá. A minha avó era a pessoa que mais tinha saudades de lá. E ele era muito ligado com a minha avó. Minha avó, por ela, não teria vindo muito pro Brasil. Nós achamos que eles teriam voltado pra Ucrânia. Minha avó não gostava daqui claramente. Ela falava assim que tudo que eu fazia, se eu cortava meu cabelo ela “porque na Ucrânia as meninas têm cabelo comprido”, então era tudo na Ucrânia. Então o dido queria muito

		lembrar, acho que também por ela, acho que pra tentar trazer um pouco pra ela um pouco também. Ele falava, também, porque a bandura é um instrumento ucraniano que meio que revolucionário. Tanto que Rússia, União soviética proibiu de tocar bandura. Meu vô, até onde eu sei, isso é uma coisa que a gente acha, ele não falava porque acho que pra ele não tinha sentido. Não que tivesse problema porque meu vô falava tudo. Vamos colocar aqui no Brasil. A direita e a esquerda. Então, digamos assim, meu vô era esquerda. Então ele era meio revolucionário. Isso também ajudou ele a querer, quando ele viu o negócio, viu o instrumento, ele decidiu fazer. O que ele mais falava é que era pra lembrar da Ucrânia mesmo, pra lembrar da época dele. Quem talvez saiba responder melhor essa pergunta, com mais detalhes, era o Guto. Porque como ele entregou os diários pro Guto, deve ter.
15	Schubert	Boa. Vou perguntar pro Guto isso. Você me deu uma luz muito boa nessa aí.
16	Vivian	O Guto sabe muita coisa por contas dos diários do dido. Ele traduziu tudo o que o dido deu. Não deu acho que tudo pra ele porque tem coisas lá em casa, sabe. As coisas mais importantes assim, pra ele fazer o filme, eu acho que tem tudo nos diários. Então, ele deve saber bastante coisa.
17	Schubert	Legal. A primeira vez que eu falei com o seu avô, eu tava tão impressionado porque ele não me conhecia e foi contando de tudo. E tinha hora que o olho dele enchia de lágrima e tal. E ele falou que, às vezes faltava um pouco de dinheiro pra ferramenta e tal. Eu não lembro exatamente ou se isso ficou marcado de outro jeito. Mas eu queria saber de você, porque minha pesquisa inteira é sobre as banduras e seu avô, mas eu queria saber o que que tua avó achava disso. Ela apoiava? Ou não ligava? Eu fiquei com essa dúvida. O que a esposa dele pensava dessa

		atividade dele?
18	Vivian	Eu entendo o que você quer dizer. Eu acho que a baba era mais desse jeito “é uma coisa dele, deixa ele fazendo”. Não é que ela super apoia ou não apoia, era “se faz bem pra ele, deixa que ele faça”. A baba Bojko era mais na dela. Ela era mais quieta. É que nem eu falo, eu acho que a gente percebia, o sonho dela era ter voltado pra Ucrânia. Ela não falava muito da Ucrânia. Tanto que a família da minha avó, de todos os meus avós, a única família que eu não conheço absolutamente ninguém é da minha baba Bojko. Porque do Dido eu tenho contato até hoje com meus primos. Quando eu fui pra Ucrânia eu conversei com ele. A parte dos Wons, que é do meu pai, do dido Waldomiro. Minha família tá 98% nos EUA e 1,98% no Canadá e a gente é o 0,2. E os Wolochyn, que era da minha avó, tá tudo lá na Ucrânia. Conversei com eles todos. Tem alguns perdidos aqui e a gente tem contato. Tanto que quando falando “Ai, fulano é Bojko” não é da minha família. Eu sei quem são as pessoas da minha família. Isso a gente sabe. Tanto na Ucrânia, quanto nos EUA, quanto no Canadá quanto aqui.
19	Schubert	Agora uma um pouquinho mais técnica, talvez, alguma recordação do seu avô comentando sobre o processo de construção da bandura. Ele chegava a falar sobre madeira, sobre cortar a madeira ou isso não era uma coisa que ele saia falando
20	Vivian	Ele falava, mas eu confesso que eu não prestava atenção. Eu ajudei ele, quando ele já tava mais velho, que era pra comprar corda pra bandura. Porque as cordas, não tinham no Brasil pra vender. Não tem até hoje, eu acho. Ele fazia as cordas. Ele tem lá, na verdade tá desmontado, mas tem lá em casa, em algum lugar, os negócio que ele colocava pra prender as cordas.
21	Schubert	Pra fazer a enrolação da corda?

22	Vivian	Isso. Eu não sei onde tá, mas tem. O que acontecia? Era umas cordas específicas. Eu acabava comprando pra ele porque, como eu falo inglês, eu acabava negociando com as pessoas. Então, eu acabava conseguindo as coisas da Inglaterra pra cá, dos Estados Unidos pra cá. Principalmente da Inglaterra. De lá que eu comprava as coisas. Tanto que me pediram lá no Poltava. Eu tinha, só que eu sei que alguém passou lá e pegou um tanto e um outro tanto o meu pai achou esses tempos, mas não tem o que fazer. Já está tão oxidado que vai estourar. Então meu pai falou que nem vale a pena.
23	Schubert	Quando eu fiz manutenção em algumas banduras, eu falava pra Júlia “Júlia, eu preciso de corda. As cordas que têm aqui não dá, não cabe. Você fala ucraniano, compre a corda, por favor.” Mas nunca deu. Mas a corda realmente era a parte mais difícil de tudo.
24	Vivian	E esse negócio da corda é engraçado. Porque eu fui pra Ucrânia duas vezes. 2017 à passeio e em 2018 eu estudei. Fiquei 40 dias na Ucrânias. Tirei férias no Tribunal. Tinha coisa vencida e emendei feriado, o que eu podia, e fiquei 40 dias na Ucrânia. E daí, onde fique em Liviv, tem a fábrica da Trembita. Que fazem tudo quanto é tipo de instrumento, mas eles tinham corda. E eu não me liguei, como não mexo com bandura, nem passou pela minha cabeça trazer corda. Mas eles podiam ter me pedido, do Poltava, que eu poderia ver tranquilo.
25	Schubert	Vou perguntar de novo, caso você lembre de alguma coisa. Se não lembrar, vamos pra próxima. Você sabe dizer os sentimentos do seu avô na construção da bandura. Mas eu acho que você já respondeu, né. Era mais trazer a Ucrânia pra cá, a lembrança da Ucrânia, agradar sua avó e etc.
26	Vivian	Acho que sim.
27	Schubert	Ele chegou a comentar com você se ele ficava preocupado

		em não ter alguém que assumisse esse papel dele de construir ou restaurar banduras. De repente ele morrer e acabar a história da bandura?
28	Vivian	Comigo ele nunca comentou. Eu nem sabia, mas parece que tem uma pessoa de Prudentópolis que faz bandura. Parece que tem, mas não tenho certeza, sabe. Comentaram comigo até, parece que ele conhecia, sabe. Mas a bandura, o fazer, é o dido. Ele que fazia pra tudo quanto é grupo. Mas, pra mim, ele nunca chegou a falar sobre isso assim.
29	Schubert	Na hora de escrever as perguntas, eu tenho medo de influenciar as respostas das pessoas, não dá pra não dizer que o trabalho do seu avô foi espetacular, né? Então, como você descreve o papel do seu avô na comunidade ucraniana de Curitiba?
30	Vivian	Na verdade, ele foi um pouco, eu acho, revolucionário nisso aqui. Porque antigamente não tinha bandura, né. O que tinha era só dança na comunidade. Isso sempre foi clássico. Quando ele começou a fazer bandura, eu soube que teve gente que não gostou muito assim.
31	Schubert	É mesmo?
32	Vivian	Não achou muito legal, não sei o que, pra trazer pro grupo essas coisas. O Poltava abraçou isso, traga a bandura pra tocar aqui. O dido era muito amigo do bispo, do Efrain. Tanto que, pra você ter noção, como que pode, né? Eu tenho uma mini bandura minha, mas é micro, que o dido fez de enfeite. Mas bandura eu não tenho nenhuma que ele tenha feito. A gente tem outros instrumentos que ele fez, mas a bandura não. A única bandura que ele tem foi o Don Efrain que trouxe da Ucrânia e deu. Essa que ele tocava e que tá lá em casa. Ele era apaixonado. Então o Don Efrain falou “vamos trazer bandura pro Poltava”. Isso foi um diferencial do outro grupo folclórico, porque o Barvinok só

		tinha dança e canto. E ele não foi muito valorizado ali. Ele foi valorizado no Poltava. Foi o outro grupo, né. Então, eu acho que foi, ele era super, como que posso falar, ele era super, ai, fugiu a palavra, mas ele sempre tava dentro da cultura.
33	Schubert	Participativo?
34	Vivian	Bem participativo. Toda vez que tinha almoço, principalmente no Poltava, eles davam um jeito de chamar meu vô, dar convite. Aquela festa junina que tem na Igreja, sempre meu dido ia um dia, na festa. Então assim, sempre, sempre, sempre participando, sabe. Tanto que assim, o amigo dele, a pessoa que era o melhor amigo dele aqui no Brasil era o vô do Igor Kovaliuk. Kovaliuk, vô dele, era o melhor amigo do dido. Sempre na música (risos) O Kovaliuk também.
35	Schubert	Desculpe te interromper, mas não posso não perguntar isso. Quando eu fui a primeira vez na casa do seu avô, eu lembro que eu conseguia vê-lo lá embaixo e eu toquei a campainha e ele não veio. E eu com medo de incomodar, mas precisava falar com ele. Fiquei pensando se ia embora ou não. Depois de uns cinco minutos de dúvida de ir embora ou não. Aí ele veio. Me apresentei, falei da manutenção das banduras e tal. Ele ficou meio desconfiado no portão. Depois ele pediu pra eu voltar outro dia porque já estava cansado de ter visitado três médicos. Falei que não tinha problema e que voltaria, só queria me apresentar. Aí ele perguntou se eu era músico. Eu falei que sim. Ele perguntou o que eu tocava, e eu respondi que tocava contrabaixo. Tanto o elétrico quanto o acústico. Aí foi interessante porque ele disse que tocava baixo acústico. Era isso que eu queria ver com você. Ele disse que tocou na banda da polícia. Aí ele pediu pra eu esperar, buscou a chave, abriu o portão e fomos lá pra oficina. Ele tava

		cansado, mas me recebeu. Depois dessa conversa da música que ele me levou lá pra baixo. E eu queria saber. Ele tocava baixo mesmo? Você sabe disso?
36	Vivian	Olha, eu não sabia. Porque o dido foi sapateiro da polícia militar.
37	Schubert	Ah, sapateiro lá.
38	Vivian	Mas ele tinha envolvimento com a banda também, sabe. Mas isso eu não posso te falar porque eu era muito, muito pequena. Eu não tenho, eu não sei se ele chegou. Talvez ele tenha tocado. Porque pra construir um instrumento e pra saber tocar um instrumento é porque ele sabia tocar alguma coisa.
39	Schubert	Com certeza. Pelo menos um ouvido musical ele tinha.
40	Vivian	Sim. Porque ele afinava toda bandura. Ele tinha os negocinho pra afinar, mas afinava de ouvido quando mais novo. Depois precisava do aparelho pra afinar, precisava de ajuda. Eu até acredito que ele tenha tocado. Eu posso perguntar pros meus pais e posso te mandar.
41	Schubert	Legal, quero sim. Por favor.
42	Vivian	Eu pergunto pra mãe e pro pai. Acho que isso quem sabe mais é mais meu pai do que minha mãe. Meu pai conversava sobre essas coisas com o dido. A mãe já era filha, então era outra relação.
43	Schubert	Certo. Vamos pra outra. Bom, você já respondeu se vocês tocam bandura...
44	Vivian	Não tocamos. Até meu marido fala que eu sou a ucraniana mais "migué" que ele conhece (risos). Ucraniano que não sabe tocar bandura.
45	Schubert	Quais os sentimentos em relação às banduras produzidas pelo seu avô?
46	Vivian	Olha, é assim. Eu tenho bastante orgulho porque, poxa, a pessoa vê uma reportagem e daquela reportagem ela tira uma bandura. Eu acho muito legal porque quando foram

		fazer o filme na Ucrânia com ele. Eu falava todo dia com minha mãe, porque na época eu morava junto com eles, então ela ligava todo dia pra falar o que tava acontecendo. Aí quando eles foram visitar a fábrica da Trembita. Meu vô conversou com o dono, tem cenas do filme, meu pai tava comentando que o cara ficou impressionado e falou “nossa, como que você faz isso na mão?” Então é uma coisa que eu tenho bastante orgulho. Eu lembro demais. Lembro de cenas dele passando, envernizando, pintando e envernizando a bandura no quintal lá de casa. Ele colocava a bandura em cima da mesinha e a gente tinha duas boxers, na época. Elas eram apaixonadas por ele. Era Deus no céu e o dido na terra. Tanto que eles tiveram que cercar todo o jardim na época porque quando o dido colocava as banduras lá fora, elas queriam brincar com a bandura. Então eu lembro delas derrubando a bandura e o dido louco da vida porque ia estragar. Então assim, essas coisas, sabe. É uma saudade que dá quando eu vejo as banduras dele e orgulho por tudo que ele fez. Bastante orgulho.
47	Schubert	Bom, agora está acabando. É uma outra pergunta meio parecida sobre as banduras. Mas quando você pesquisa sobre seu avô, tem muita coisa na internet né. Ele tem entrevista, filme sobre a vida dele e agora, do que eu tô fazendo, agora ele é tema de pesquisa acadêmica. O que você pensa sobre isso? Qual seu sentimento em relação a essa vida dele.
48	Vivian	Então, é muito engraçado de ver isso porque, pra mim, ele era meu vô só, né. E aí, na comunidade ucraniana, eles falam “essa é a neta do Iván Bojko” todo mundo olha. Nossa! “Meu Deus, o teu vô...” Então, pra mim, eu nem sei dizer. Fora o orgulho que a gente sente por tudo o que ele fez, por tudo que ele trouxe, com a bandura. É muito

		estranho assim, sabe (risos). Ter um filme baseado na vida do meu vô. É engraçado porque eu tenho várias amigas e amigos fora do Brasil que pediram pra levar o filme pra assistir. O meu tio, que mora nos EUA pediu. Agora tem na Amazon. Agora não, lá já tem faz tempo na Amazon. Aqui que começou agora. Então, todo mundo viu o filme. É engraçado. Acho que é bem diferente tudo isso.
49	Schubert	É porque você olha de dentro, né. Eu transcrevi não sei quantos programas de TV que ele participou. Eu consegui uma entrevista de uma menina chamada Natalia Lukjanenko. Ela fez um filme pra avô e, pra esse filme, ela veio entrevistas o Seu Iván.
50	Vivian	Eu acho que vi alguma coisa sobre essa menina
51	Schubert	Ela me deu uma entrevista de uma hora e pouco que ela gravou com ele lá na oficina. Olha como ele atrai a curiosidade das pessoas.
52	Vivian	Sim. Até hoje tem gente querendo comprar bandura e me ligam. Querem comprar bandura do meu vô. O que eu comento com as pessoas é pra procurar a Ana Ester ou procura a Júlia, procura alguém do Poltava porque do Barvinok é mais difícil. Hoje em dia ele é muito valorizado lá. Muito. Antes ele não era valorizado. Quando tudo surgiu, quando a bandura foi feita, ele não foi nada valorizado por eles lá. Mas assim, a Mirna, por exemplo, que te falei, da bandura que tava com ela, que é minha prima de segundo grau, mas eu não tenho contato. Quando era pequena nos víamos mais. Ela é sobrinha da Mirna, né. A Mirna era uma que guarda várias coisas do dido, sabe. Tudo que é reportagem, acho que você tem já, ela também tem
53	Schubert	Surgiu uma outra pergunta fora do roteiro, já que a gente tá falando da família e tal. Você tem um filho, né?
54	Vivian	Tenho.
55	Schubert	Você tem intenção de que ele entre nos grupos folclóricos?

		Que toque bandura? Que cante?
56	Vivian	Eu acho bem bacana. Mas como te falei, eu pretendo fazer, porque meu marido já é mais ucraniano. Porque o Igor foi coreografo do Poltava durante anos. Ele dança super bem. Ele cresceu lá dentro, fez primeira comunhão. Então ele tem uma ligação muito mais forte. Então, por ele, o Heitor vai. Mas é o que eu falo pra ele, se ele quiser dançar, ele dança. Se quiser tocar, toca. Mas sem forçar. Ele vai, já temos certeza disso. Só não quero que ele vire coreografo que nem você senão ele estoura o joelho. Isso eu tenho certeza que ele vai participar. Tanto que meu marido tem um traje de quando ele era um toco de amarrar bode. Ele tinha dois anos de idade e tem guardado. Daqui a pouco o Heitor tá usando.
57	Schubert	Eu fiz uma última que é extra, porque é mais curiosidade minha. Eu sempre estudei muito sobre segunda guerra e todo esse sofrimento. E eu sempre quis conversar com alguém que tivesse passado por isso. Obviamente, quando conheci seu vô, não toquei no assunto porque eu não queria ter essa indelicadeza. Eu sei que muitos deles nunca passaram pra família o que eles realmente passaram naquele absurdo. Eu gostaria de saber como esse assunto foi tratado na sua casa, se foi tratado. Como ficou essa questão?
58	Vivian	Pra mim era muito comum ouvir. A gente nunca teve problema com isso. Como toda minha família veio da Ucrânia, tanto minha avó quanto meu avô por parte de pai viveram a primeira Guerra. Porque meu vô tinha nascido em 1907 e minha avó 1915. Ela não lembra de nada porque era muito criança. Eles vieram pro Brasil em 29. Então eles passaram a primeira guerra. Meu Vô por parte de pai viu um soldado morrer no quintal da fazenda que eles moravam e o cara levou uma baionetada. Ele tinha 12 anos naquela época. Imagine uma criança de 12 anos ver uma coisa dessa. Mas ele era muito sossegado. Todos os meus avós eram muito tranquilos, eles não tinham, você vê que não era aquelas pessoas que tinham traumas. Mudança

	totalmente de vida, por não terem participado ativamente como soldados, acho que nenhum deles teve isso. O dido Bojko e a baba Bojko, eles já moravam em fazenda lá na Ucrania. Eles foram colocados no trem pra Alemanha, só que o que ele conta é que a primeira família que ele foi, ele diz que eles não deram nada pra ele. Nada. Diz que tava nevando horrores, ele tava com uma roupinha fininha assim, passando frio fora e ele chorava e pedia pelo amor de Deus pra Ele levar ele. Terrível, né. Mas assim, na segunda família que ele foi, onde conheceu minha vó, aí ele falou que já era diferente porque eram bacanas, pessoas boas. Mas é aquela coisa, tá na guerra, você precisa seguir o que o governo tá falando. Meu vô falou que era bem tratado, que tinha festa, que eles não eram maltratados onde ele tava. Tanto que ele tem fotos onde ele tá com cavalo e no cavalo tá montada a filha do dono da fazenda. Ele tá do lado do cavalo. Tem fotos na guerra. Fotos deles comemorando o Natal na guerra. Com minha tia. Minha tia nasceu na guerra, minha tia é Alemã. Tá Alemanha no passaporte. Então assim, o que ele contava assim, o trauma, pra ele, foi ser arrancado da família. Isso pra ele foi o trauma. A guerra mesmo que houve, nos anos de guerra, pra ele, não foi traumático. Pra ele o trauma foi, porque na verdade não era pra ele ter saído da família. Quem deveria ter saído era minha tia mais velha, mas ele foi no lugar. A baba Bojko já era, eu acho que a filha mais velha, talvez. Eu não sei direito assim. Contam que talvez minha avó seja judia, a gente não sabe, porque a baba, o meu bisavô lá na Ucrânia, diz que ele tinha fazenda, e na casa que eles moravam tinha obra de arte. Então, sim, pessoas que tinham dinheiro. Então, quando a União Soviética entrou, roubaram tudo. Então roubaram tudo dele. Então acho que ali já começou a, sabe, ir por água
--	---

		abaixo. Pra ela foi muito mais traumático do que pro meu vô. Sabe, ela não falava absolutamente nada. Nada, nada, nada. A única coisa que ela falava é que do lado da casa dela tinha um castelo e tinha um rio. A gente acha que ela nasceu em Caminhanestky Podiulski, que fica ali na Podilha, né. Eu fui visitar a cidade. E realmente, se for lá, tem tudo a ver com o que ela falava. Tinha um castelo e um rio. Pode ser que ela tenha morado ali. Na certidão de nascimento dela, daqui do Brasil, tá como se ela tivesse nascido lá. Mas o resto da minha família da parte dela eu não conheço. Do dido, quem tem mais problemas com a guerra foi minha tia que faleceu, faleceu antes do dido, minha tia-avó. Lá na Ucrânia, do filme. Ela sim teve traumas. A minha bisavó morreu na guerra, estourou, jogaram uma bomba onde ela tava e acharam pedaços dela. Minha tia era pequenininha. Aí com 12 anos foi levada pra trabalhar em ferrovias, tanto que minha tia nunca teve filho porque ela não pode. Ela perdeu. Ali foi pesado. Pro dido e pra baba foi difícil? Foi porque foram arrancados da família. Mas a guerra mesmo, a guerra <i>guerra</i>, não. Na verdade, o dido tem história engraçada na guerra. De ser parado, andando de bicicleta, não podia estar andando de bicicleta ele disse que entendia todo alemão, mas falava outra língua.
59	Schubert	Só pra confirmar uma informação que eu tava transcrevendo, só que o áudio tá ruim. O seu vô foi pra qual cidade na Alemanha pra trabalhar?
60	Vivian	Ai, eu li esses dias esse nome. Eu sempre confundia com a do Flautista de Hamelin. Eu vi esses dias, mas eu vou procurar e te falo.
61	Schubert	Claro. Era só pra confirmar.
62	Vivian	Quando você lê o nome, não é difícil. Mas agora eu não lembro. Te aviso

63	Schubert	Vivian, é isso aí. Foi. O que eu precisava saber, acho que a gente conseguiu tratar aqui. Você me deu informações novas, vou ter que pesquisar isso agora. Mas, assim, muitíssimo obrigado por me dar essa oportunidade de conversar com você e de saber um pouquinho mais da história do Seu Iván. É isso. Se você quiser falar mais alguma coisa que eu não tenha falado, fique à vontade. Se for isso aí mesmo, por mim tá ótimo e estou satisfeito.
64	Vivian	Olha, é isso. O que foi falado é o que é mais fácil de lembrar. O resto é tudo que já foi falado. Não tem nada de diferente assim. Como te falei, acho que mais detalhes, quem saiba melhor, é o Guto por conta dos diários. Então, se tiver umas coisas mais detalhadas, você pode perguntar pra ele e ele te fala. O que eu tenho mesmo é de convivência, né.
65	Schubert	Era isso que importava pra mim. Tá ótimo. Muito obrigado, mais uma vez. Se aparecer mais alguma dúvida, mais alguma coisa, te incomodo de novo no Whatsapp.
66	Vivian	Imagine. Desculpe por demorar um pouco pra responder. Está corrido. Se você realmente precisar falar comigo, pode me ligar. Se você precisa de uma resposta e eu não respondi, manda de novo. Porque eu acabo deixando passar mesmo. E com relação à pasta, vou falar com a mãe de novo e te aviso. Porque aquela pasta tem bastante coisa. Tem muita coisa que a Dona Isabel deu pra ele pra ele tocar. Então tem partitura, essas coisa. Eu lembro deles bastante lá em casa. E eu lembro da Dona Isabel levando bastante coisa pra ele tocar.
67	Schubert	Vamos conversando. Obrigado pelo seu tempo e sua disposição e vamos conversando.
68	Vivian	Ta bom. Obrigada, tá?
69	Schubert	Tchau. Obrigado.

APÊNDICE 3 – ENTREVISTA COM GUTO PASKO

Nome do entrevistado: Guto Pasko		
Vínculo do entrevistado: Diretor dos filmes <i>Iván</i> e <i>Made in Ucrânia</i>		
Data da entrevista: 05/12/2021		
Local da entrevista: Plataforma Zoom		
Horário de início: 14h		Horário de término: 15h20
Entrevistador: Fernando Schubert		Instituição: UFPR
Data da transcrição: 15/12/2021		
Turno	Legenda	Transcrição
1	Schubert	Então, Guto. Primeiramente obrigado pelo seu tempo, pela sua entrevista e pela sua disponibilidade e a gente começa... e eu peço pra você se apresentar, contar um pouco sobre você: quem você é e por aí.
2	Guto	Beleza! Eu sou o Guto Pasko, sou diretor e produtor de cinema. Essa é a minha atividade principal. Trabalho na área de audiovisual produzindo filmes e séries de TV sobretudo. Tenho uma produtora aqui em Curitiba chamada GP7 Cinema já há vinte anos. Eu comecei, na verdade, nessa área artística como ator, a minha formação inicial, e depois eu acabei (verificar) parte de trás das câmeras e aí, com o tempo, eu acabei constituindo uma produtora que existe desde 2001 e, desde então, a minha ocupação principal é manter a produtora em pé e produzir obras audiovisuais variadas pra você manter um negócio dentro do audiovisual que é uma coisa muito complexa no Brasil. Não só no Brasil, o audiovisual é uma atividade muito complexa... eu falo audiovisual porque aí já envolve como um todo porque nos últimos tempos eu tenho, também, enveredado para a produção de séries. Então,

		nesses vinte anos eu tenho me ocupado disso de manter uma produtora viável no Brasil com toda a complexidade e dificuldade porque não é uma atividade simples, barata, né, produzir cinema é uma coisa cara e a gente tem sempre (verificar) no Brasil sobretudo no campo político, por exemplo, nesse momento, no atual governo, nesses três anos que esse governo está aí, a cultura, pra eles, é algo irrelevante. Então o setor de audiovisual como um todo (verificar) as coisas estão bem complexas. A gente teve a pandemia aí no meio também. Mas o meu dia a dia é isso. Trabalho também com produção de obras. A gente acabou de produzir essa semana, terminar mais uma obra, que é a obra 57 da produtora. Entre filmes, séries e minisséries, telefilmes e episódios de TV... produzi muitos documentários, entre eles o do Iván, depois a gente vai entrar nisso, né. Então são 57 obras. Só que dentro da comunidade ucraniana, as pessoas têm a referência das obras que eu fiz que envolvem a imigração, né? Tipo “Made in Ucrânia”, que foi lá que eu conheci o Iván. O próprio filme sobre o Iván, tal, são os filmes que chegam dentro da comunidade. Então tem muita gente que acha que eu fiz aquilo só. Mas não. Meu dia a dia é isso. Então já produzi cinquenta e poucas obras. Agora em 2022 a gente vai produzir três longas de ficção. Eu dirigi dois desses três. Então, no contexto geral, o meu trabalho é esse.
3	Schubert	Beleza! Guto, e qual a sua ligação com a Ucrânia?
4	Guto	Então, ela, na verdade, é de alma, né? Eu sempre falo que nós somos brasileiros, mas a alma é ucraniana. Eu nasci dentro de uma família de imigrantes ucranianos, assim como Iván era um imigrante ucraniano, meus antepassados também. A minha família veio na primeira leva de imigrantes pro Brasil. Nós tivemos três levadas de imigração ucraniana para o Brasil. Cada uma (verificar)

		distintas e por motivações, também, variadas, mas sempre tinha alguma conexão com conflitos políticos, guerras e tal. Diferente da primeira grande leva, que era mais uma questão de necessidade, a minha família veio em 1896, tanto do lado do pai quanto do lado da mãe, vieram pra Prudentópolis. Os Pasko chegaram em abril de 1896 e os Ternoski, o lado da mãe, em junho de 1896. Então, a gente está falando agora, são 125 anos da chegada dos meus antepassados da Ucrânia aqui para o Paraná. Inclusive, acabei de terminar, finalizei esse ano, um novo documentário de longa-metragem, chamado “Aldeia Natal”, aonde eu fui investigar a história da minha família.
5	Schubert	Nossa, que legal!
6	Guto	Eu tinha feito, né, essas obras todas: Made in Ucrânia, Iván e outros filmes. É o quinto filme que eu faço que retrata, de alguma forma, essa questão. E agora eu foquei na família, na história da família. Eu fiz mais ou menos o que a gente fez com Iván, nesse retorno para a Ucrânia, eu fiz...peguei meus pais, botei num avião e fui com eles procurar, cento e vinte três anos depois, porque a gente filmou em 2019. Nesse período, em 2019, um pouco antes de começar a pandemia a gente tava filmando isso. Felizmente eu consegui terminar toda a produção, eu filmei em 2018/2019. Mas outubro, novembro e dezembro de 2018 eu tava filmando, né. Esse processo a gente tava na Ucrânia nesse momento. Aí filmei até dia 07 de dezembro de 2019. Então aí eu fui atrás da minha própria história. Depois disso, né. Atrás da aldeia natal da onde saíram, né. Tentamos descobrir da onde saíram os meus antepassados porque dentro da família essa memória estava perdida. Então passei mais de três anos fuçando, pesquisando aqui e não achava rastros deles nos navios, nada. Então foi um processo de busca genealógica,

	histórica, pessoal, familiar e pra encerrar esse processo, sabe? Eu acho que agora a minha contribuição enquanto cineasta dentro desse mosaico cultural ucraniano, desse resgate histórico através dos filmes, acho que agora para por aí porque foram cinco filmes que abordam a questão ucraniana, mas cada um com uma forma muito específica, diferente, porém complementares. Eu tratei essa, vamos dizer assim, pesquisa ou imersão cinematográfica dentro do universo ucraniano, o tratamento que eu dei tem muito a ver com o tratamento que vocês dão na academia quando vocês estão fazendo uma pesquisa de tema. Então é a mesma lógica. Então começou com Made in Ucrânia e a coisa foi...a minha ideia era fazer uma trilogia, na verdade, inicialmente. Então, Made in Ucrânia, que trata da história da imigração ucraniana como um todo no Brasil que retrata as três levas de imigrações, quando vieram, por que vieram. Paralelamente, narro um pouco da história da Ucrânia. Pra gente entender as motivações, tinha que entender um pouco do panorama, também, histórico da Ucrânia. Então é um filme mais histórico/didático amplo pra gente entender isso e, naquele momento, foi em 2005, então a gente tava falando dos 110 anos da imigração, foi o primeiro filme, né. Como, 100 anos depois, eles ainda preservam sua cultura aqui no Brasil. Então, Made in Ucrânia tem essa coisa ampla, aí depois em o Iván, que é específico que é o recorte dele, a história dele e o recorte histórico do pós Segunda Guerra, dos refugiados e tal, né, e aí eu fiz o “Entre nós, o estranho” que aí é um estudo de caso sobre Prudentópolis, onde eu nasci. Nasci em Prudentópolis. E aí é um documentário observativo sobre o cotidiano onde a gente... a minha ideia era fazer um estudo de caso com a ideia de aculturação que está acontecendo no município de Prudentópolis. Isso eu filmei
--	--

		em 2015, Iván eu filmei em 2010. E aí depois eu acabei fazendo esse sobre a família pra encerrar porque aí é uma coisa no núcleo familiar. Então, eles todos, quando você analisa todos os filmes, então você tem um mosaico e aí você tem (verificar) que aí se completam e se complementam, né. Então, a minha conexão com a Ucrânia vem daí porque aí minha família veio de lá, você veja, meus antepassados chegaram em 1896. Eu sou a terceira geração. Eu nasci em 1976, na cidade de Prudentópolis, numa colônia rural chamada Queimados. Meus pais vivem até hoje lá, agricultores e tal. Eu sou o primeiro filho de onze. Você veja só: eu nasci em 76, exatos 80 anos após a chegada dos meus antepassados e até os meus oito anos de idade eu não falei uma palavra em português.
7	Schubert	Caramba!
8	Guto	Então por aí você vê. Qual a minha conexão com a Ucrânia? É isso! Então eu fui criado como um ucraniano. Saí de casa com onze pra doze anos e aí caí nesse mundo nosso, contemporâneo, na cidade grande. E foi muito interessante para o meu processo de formação humana e isso só fui entender bem mais tarde, bem mais tarde. Porque na minha infância e adolescência eu cheguei a renegar o fato de ser ucraniano. Foi um processo muito interessante porque hoje a gente usa muito essa palavra bullying e tal, né, e eu sofri, nessa fase, porque não falava português, então sofria muito na escola, no colégio. Eu tinha uma dificuldade muito grande com a língua portuguesa, mas natural porque eu não sabia. Então falava tudo “erado”, nada “coreto”. Então era um problema. Então eu peguei uma aversão. Meu pai queria muito, naquela época, primeiro filho tinha que ser padre ou freira então gerou um conflito familiar. É uma coisa cultural deles. É

		muito importante a religião dentro das famílias ucranianas. Eu não quis seguir esse caminho, naturalmente, né. Então ali gerou uma rusga, sabe, e eu fiquei com uma certa rejeição ao fato de ser ucraniano, a comunidade, as coisas da comunidade. Naturalmente me isolei, me afastei e só com o tempo, e isso é uma coisa que só o tempo, e a medida que você também vai abrindo a cabeça e a própria formação, educação vai te trazendo isso. Então eu tive sorte de, em algum momento, ser resgatado por uma professora que mudou muito minha trajetória em função dessa questão da língua portuguesa e fez um processo comigo pra me ajudar a aprender o português. Eu que odiava a língua portuguesa, tinha muita dificuldade. Não é que eu odiava a língua portuguesa, tinha muita dificuldade, né, não conseguia ler. Hoje eu escrevo, mas teve uma professora que mudou essa minha trajetória e através dos livros me mostrou que tinha um outro mundo possível e isso me levou a virar ator e depois cineasta. Então, já nesse processo, iniciando como cineasta, esse discernimento, tudo isso, foi importante esse universo ucraniano que eu fui criado, foi para minha formação enquanto ucraniano, falei “de que forma eu posso contribuir, de que forma eu posso resgatar, através do meu trabalho, tentar dar a minha contribuição para esse patrimônio todo que a gente tem cultural e material através dos filmes?” E, indiretamente, isso pra mim, era uma forma de me entender, saber quem eu era, por isso que eu fui terminar agora esse processo com o filme da família pra fechar esse ciclo e foi um processo de autoaceitação, entender quem eu era e um processo de autoaceitação antes de tudo. Então foi mais ou menos por aí e é essa a minha relação com a Ucrânia. Então é isso. É ser ucraniano de alma.
9	Schubert	Que legal, Guto. E agora entrando um pouco mais nesse

		universo da bandura, eu queria saber como que ocorreu esse primeiro contato com a bandura? Você lembra?
10	Guto	Sim. Era lá. Lá em Prudentópolis tem, a gente chama de nossa pequena Ucrânia, então tudo lá é Ucrânia, se respira Ucrânia, o idioma, ainda hoje é muito falado, no meu caso, só falava o idioma ucraniano. Embora morasse na colônia, que dá 18 km da sede do município, da colônia rural em que meus pais vivem. Então eu saí de lá em 1988. A energia elétrica, na casa do meu pai, chegou em 1989.
11	Schubert	Caramba!
12	Guto	Vivia dentro de um contexto de um século atrás, preservado por esses imigrantes e seus descendentes, então foi muito interessante isso. Então, a gente não tinha muito acesso. Tinha ali na comunidade a Igreja do municipal ucraniano, tinha a igreja, todo domingo na igreja, catequese, mas na sede do município já existia o folclore, grupo folclórico, o Vecelka (verificar) que tem mais de 50 anos e integrado o grupo de banduristas que é o Soloveiko (verificar).
13	Schubert	Soloveiko?
14	Guto	É. Soloveiko é o nome de um pássaro ucraniano. É o rouxinol. Aí a gente chama de Soloveiko. Aí só depois quando, mais tarde, quando eu fui fazer o filme do Iván, tantos anos depois que eu fui saber que tem...o grupo surgiu como consequência do próprio trabalho do Iván, depois a gente chega lá, da fabricação de banduras. Então ele também contribuiu indiretamente. Principalmente com o Fialka aqui, mas lá em Prudentópolis tem o Soloveiko. Então foi o primeiro contato que eu tive com a bandura, mas ainda quando lá, muito jovem, sem... era coisa de ver uma ou outra apresentação ali. A gente, família muito humilde, não tinha condições nem de ir pra cidade. Meu pai, quando ia pra cidade, 18 km, ele ia de carroça, naquela

		época. Então a gente não tinha uma relação com a cidade, a gente vivia isolado nessa comunidade. Então o primeiro contato com a bandura é que a gente sabia da bandura, era de ver uma ou outra apresentação ali na cidade, uma questão esporádica. Não que eles se apresentassem esporadicamente, não. Era a minha família que não tinha condição de estar na cidade. Não tinha carro, não tinha nada. Era diferente. Não tinha nem energia elétrica, né. Então vivia, realmente, isolado. Então, esse foi o primeiro contato. E aí fui, naturalmente, ter contato maior depois já em Curitiba com o Fialka. E aí, sobretudo, quando fui fazer o documentário Made in Ucrânia, isso em 2005. Eu abri a produtora em 2001, em 2005 eu produzi o Made in Ucrânia que daí eu mergulhei mais, uma pesquisa ampla sobre a história da imigração ucraniana. Que fazer um documentário, você tá olhando pra história. Então pesquisei muito aqui e na Ucrânia. Então aí me envolvi mais com a coisa da bandura, mas meu primeiro contato foi lá em Prudentópolis. Quando eu conheci o Iván foi nesse período do Made in Ucrânia.
15	Schubert	E você nunca chegou a tocar a bandura quando criança?
16	Guto	Não. Tem essa bandura aqui ó (aponta para uma bandura pendurada na parede da sala de sua casa), essa foi o Iván que fez pra mim. Eu nunca toquei bandura, nunca participei de grupo folclórico, nada. Então, é isso: não toco bandura, não danço em folclore, não quis ser padre...como que eu posso contribuir com a comunidade? Vou fazer filme, já que eu sou cineasta (risadas). É a única coisa que eu posso contribuir (risadas). É mais ou menos esse o raciocínio. Não, nunca toquei. Aí tem sobrinhos, tal. Meus irmão também nunca. Também não. Nós somos em onze e a gente não tinha esse acesso por causa da dificuldade econômica mesmo. Vivia, realmente, uma dificuldade

		muito grande, no meio da roça, na colônia, era isso, né. A escola, por exemplo, era só até a quarta série. Era uma escola rural na colônia. Naquela época era só até a quarta série primária, então, era uma realidade muito distinta.
17	Schubert	Isolado mesmo, né?
18	Guto	Isolado!
19	Schubert	Agora, entrando em uma parte um pouco mais “humanas”. Qual é o significado da bandura pra você e o que ela representa?
20	Guto	Cara, eu acho que a bandura expressa a alma do povo ucraniano. Ela, de alguma forma, é a expressão desse sentimento do povo ucraniano. Essa coisa do espírito ucraniano. Essa coisa que eles chamam de “duchá ucráína”, a alma ucraniana. E a bandura, pra mim, ela é a maior expressão disso. Porque ela é um instrumento nacional dos ucranianos, ela é um símbolo muito forte, pra eles, de patriotismo. Não de nacionalismo. Acho nacionalismo uma palavra muito delicada, sobretudo no momento que a gente vive hoje no mundo. As pessoas confundem as coisas. Eu separo entre patriotismo e nacionalismo. Eu sou um patriota ucraniano assim como sou um patriota brasileiro. Não sou nacionalista, jamais. Então é muito bom separar isso, né. É um símbolo de patriotismo, pra eles, muito grande a bandura. Porque a Ucrânia sempre teve esse histórico muito complexo com invasões, com guerras, com conflitos, como agora se repete, infelizmente, novamente com a Rússia...Então, desde a poesia com Taras Shevchenko (verificar), então sempre a arte, a cultura, foi uma forma de se contrapor a isso. Desde Taras Shevchenko (verificar) e as poesias dele e a bandura, as letras das músicas populares ucranianas, as músicas patrióticas, elas são muito fortes e os ucranianos sabem essas letras de cor. Não sei se você

		lembra no filme Iván quando ele chega e os caras tocando, é isso, são essas músicas. Então a bandura tem essa função. Então ela representa muito essa resistência do povo ucraniano. Então é a resistência do povo ucraniano. Tá muito simbolizado ali. Na época, por exemplo, de Stalin, a bandura foi proibida. Eles cortavam o braço do bandurista. Faziam fogueira em praça pública de bandurista e jogavam o cara vivo ali, pra desestimular a existência da bandura porque era uma forma de oposição através da música, através do instrumento, através dessas canções populares patrióticas que continuam sendo entoadas no decorrer dos séculos. Então esse é o símbolo dela. Muito forte nesse sentido.
21	Schubert	Guto, você pode falar um pouco mais de como você conheceu o Iván?
22	Guto	Então, quando eu fui fazer o Made in Ucrânia, então pesquisando, eu fiz o recorte a partir do Paraná. Até tem o subtítulo “Made in Ucrânia e os ucranianos do Paraná”, tem um subtítulo aí, embora quase nunca apareceu mas ele tinha, tem esse subtítulo. Aí eu foquei aqui, como a maior parte da comunidade tá aqui, 80, 81% dos descendentes, naquele momento, estavam no Paraná, então daí foquei aqui. E também não tinha recursos pra filmar em outras regiões e aí viajei esse Paraná todo, as comunidades todas. Passei um bom tempo nesse processo de pesquisa pra daí estruturar uma narrativa, qual recorte que eu vou dar. Um filme é muito parecido também, quando a gente tá fazendo um roteiro, tipo você tá fazendo o seu mestrado. Qual é o recorte que eu vou dar? Você tem que achar um recorte. Nós, é a mesma coisa. Depois posso abrir mais isso quando for falar do filme do Iván. Ok, eu tenho a história do cara, tinha os diários nas minhas mãos. Ok. Agora, como contar a história dele?

23	Schubert	Pois é, né? Em duas horas, uma hora e pouco...
24	Guto	É, exatamente. Uma hora e quarenta e nove, no caso dele. Mas antes de tudo eu precisava pesquisar. Um documentário você tá lidando com fatos históricos, não pode alterar a história, né. Você está lidando com os fatos que estão aí, públicos, históricos. Na ficção você tem liberdade. Mesmo que seja inspirado em fatos reais...agora, nesse momento, estou trabalhando num roteiro, acabei de voltar de Madrid, na Espanha, fiquei lá quarenta e cinco dias em uma imersão num roteiro de ficção, que vou filmar agora em abril/maio um filme grande de ficção, de época, que trata do tema da ditadura militar no Brasil. É uma ficção inspirada numa história real, mas é inspirada. Então tem muita coisa que a gente ficcionalizou ali. A gente tem uma linha da história que é baseada numa história real, que aconteceu em 1970 aqui em Curitiba. Uma estudante aqui de Curitiba, os militares sequestraram ela porque desconfiavam que ela fazia parte de uma (verificar) Palmares que existiu na fronteira, ali na tríplice fronteira, ali em Foz do Iguaçu. Ela já tinha uma irmã presa há 18 meses porque era uma guerreira estudantil (verificar) da Federal. E aí pegaram a menina adolescente porque acharam que ela tinha conexões com o movimento estudantil. Tinha lá alguns elementos que faziam os militares crer que eles tinham, que ela pudesse ter conexão com uma célula aí do (verificar) Palmares, que era comandada por um casal de estudantes e pegaram ela, torturaram por dez dias aqui, em Foz do Iguaçu, depois devolveram pra família a menina toda estraçalhada “desculpem, foi um engano”. Essa é a linha da história, né. História real. Então, à partir daí, trabalhando o roteiro, aí tem muita ficção, porque aí é uma ficção inspirada em fatos reais, agora, documentário não. Você está lidando com

	esse retrato real. Eu pesquisando pra lá e pra cá. Eu não conhecia o Iván, até então, pessoalmente. E aí, à partir do momento que eu ia falando com as lideranças da comunidade, e as pessoas “ó, você tem que conhecer o Seu Iván”, “nós temos a bandura por causa dele”. Umas três pessoas me falaram do Iván. Eu tava pesquisando e eu ia falando pras pessoas “olha, to fazendo um documentário, quero fazer um documentário amplo e como que a gente manteve toda essas questões, a religião, o folclore, a música”. “Ah, mas se vai falar da música, tem que falar do Iván”, “vai falar da bandura, tem que falar do Iván. Ele tá vivo ainda e a gente só tem a bandura porque foi ele que inventou”. Inventou não. Produzir. “Começou a produzir”. Então, o Dom Efrain Krevey, que era o Bispo na época, me falou dele. O Vítório Sorotiuk, presidente da comunidade ucraniana hoje, naquela época, ele já era. A Oksana Boruzshenko, historiadora, me falou dele. E aí eu falei “Cara, vou ter que conhecer o Iván”. Aí eu conheci ele assim. Conheci ele nesse momento, um dia visitei ele pra entender um pouco da história dele. Ele tá no Made in Ucrânia, onde ele fala sobre a bandura, o meu foco era a bandura. Lá no Made in Ucrânia ele fala, tem ali, ele fala um pouco que ele era imigrante, refugiado da Segunda Guerra Mundial. Coloquei ali alguma coisinha à toa, mas não era o foco, não explorei muito aquela coisa de ele ter ido pra guerra naquele momento porque não era o foco. Meu foco com ele era a bandura. Porque no panorama histórico, eu não queria focar muito num tema específico, de um período. Eu queria dar esse panorama geral da imigração, esse panorama histórico didático, aquele filme pra mim tinha essa função por quê? Sobre tudo pra mim, eu também queria aprender sobre minha própria história, minha origem. Pra mim, cara, era uma confusão isso,
--	--

		sabe? Eu não entendia direito essas imigrações. Então, me dediquei a isso e vou tentar fazer um documentário que seja didático. Qualquer pessoa, mesmo os meus pais, que são pessoas muito humildes, ao assistirem, que entendam. Não podia ser uma coisa muito intelectualizada. Tinha que qualquer pessoa entender a história da Ucrânia por mais complexa que ela seja, porque ela é muito complexa, né. Não sei, você deve ter assistido o Made in Ucrânia.
25	Schubert	Assisti, assisti.
26	Guto	Então tinha essa função. Pra mim era importante que ele fosse didático. E aí foi quando eu conheci o Iván. Por isso que eu não explorei muito a guerra, embora tenha colocado um pouco lá. Eu conheci ele aí. Pra falar porque que ele começou a fazer bandura e tal. Então tá lá no Made in Ucrânia isso, né. Então daí, no filme específico dele, a gente explora mais isso, a relação dele com a bandura, tal. E aí a história dele que aí a bandura faz parte dessa trajetória dele também.
27	Schubert	Se misturam, né? Não dá pra falar da bandura sem falar dele e vice-versa.
28	Guto	É. A bandura fazia parte dele, ou passou a fazer parte dele de 62 pra cá.
29	Schubert	E como você descreve o papel de Bojko na comunidade ucraniana?
30	Guto	O Iván tem um papel muito importante pro nosso patrimônio cultural e imaterial. O Iván deu uma contribuição para o patrimônio cultural e imaterial não para comunidade ucraniana de Curitiba ou do Paraná, ele deu uma contribuição para o patrimônio cultural e imaterial brasileiro, para a história desse país. Porque a gente não tinha bandura e hoje a gente tem, né. Essa riqueza cultural da bandura, que é o patrimônio cultural e imaterial...a contribuição dele tá nesse campo. De repente a maioria

		das pessoas não conseguem perceber a importância disso. Olha só. Se ele tivesse feito a bandura, a gente não tava falando hoje disso. Você não estaria fazendo mestrado focado nisso.
31	Schubert	Exatamente.
32	Guto	Percebe? Ta aí! É isso! Então é uma contribuição que é inestimável do ponto de vista, sobretudo, imaterial, não de uma comunidade, mas de um país, porque hoje isso está integrado no Brasil. Isso faz parte da história brasileira, sobretudo aqui pra nós, né, no sul, onde está essa comunidade mais enraizada, mas se você for ver hoje, boa parte das pessoas que toquem o instrumento, nem são pessoas diretamente ligadas a comunidade, tem pessoas que não são, mas que têm essa ligação. Então é uma contribuição com o patrimônio. E pra história. Patrimônio cultural e imaterial e pra história. A história da comunidade ucraniana, a história da Ucrânia e, conseqüentemente para a história do Brasil. E hoje, por exemplo, tem uma bandura dele no museu em Kiev.
33	Schubert	Sério?
34	Guto	Tem um museu de banduras em Kiev e a gente levou uma bandura dele que a gente levou quando filmou. Ele teve reconhecimento do presidente da Ucrânia, um pouco antes de falecer, em função do processo dele da contribuição cultural que ele deu pra Ucrânia. O filme, claro, ajudou ele a chegar nesse lugar, esse reconhecimento, né. Então tá aí. Essa é a importância dele.
35	Schubert	Incrível, né. Se a gente parar pra pensar, é inacreditável mesmo.
36	Guto	Exatamente. Eu não sei se a Vivian chegou a falar dessa condecoração que ele recebeu.
37	Schubert	Não falou.
38	Guto	De repente você pode perguntar pra ela. Pode falar com o

		embaixador Tronenko, foi ele que trouxe essa comenda. Foi feito inclusive um evento no Palácio Iguaçu pra entregar isso pra ele, já no final da vida dele. Sempre no dia da independência, 24 de agosto, o presidente da Ucrânia sempre condecora com uma honraria muito importante, a principal do país, digamos assim, uma espécie de heróis nacionais, pela contribuição que deram ao país em vários campos e ele ganhou essa condecoração. Foi o embaixador Rotyslav Tronenko que trouxe essa medalha pra ele e aí foi feito um ato cívico no Palácio Iguaçu, Beto Richa era o governador naquele momento. Então foi governador, prefeito, embaixador. Então ele teve esse reconhecimento. Foi muito legal.
39	Schubert	Que legal. Não sabia desse fato.
40	Guto	Foi muito legal. Aí eu fui naquela semana visitar ele, eu tinha uma relação muito próxima com ele, aí ele tava me mostrando, né. Aí ele pegou assim, apertou meu braço e disse “chegamo longe né, Guto”. Foi muito legal.
41	Schubert	Po, que legal. Não sabia dessa história, a Vivian não falou. Vou perguntar se ela tem essa medalha ainda.
42	Guto	Tem. Com certeza.
43	Schubert	Guto, surgiu uma pergunta agora, fora do roteiro, mas já que você tinha essa relação tão próxima com ele, você sabe dizer quantas banduras ele fez? Ele tinha esse registro?
44	Guto	Ele não sabia exatamente quantas, mas ele estimava umas cinquenta. Não mais do que isso porque não é um processo simples de fazer. Leva um tempo. Ele fazia manualmente, né. Ali, uma a uma. Então, ele estimava uma cinquenta. Ele não sabia o número exato também. Porque ele começou a fabricar bandura em 1962.
45	Schubert	Isso.
46	Guto	Foi quando ele viu uma foto no jornal, né. A primeira

	bandura dele ficou pronta em 1964. Foi quando ele fez uma primeira a apresentação pública foi em 64. Então daí, de lá pra cá, ele veio fazendo essas banduras. Aí ele montou o primeiro grupo de banduristas, aqui no Brasil, que ele chamava “Banduristas Ucrrianos de Curitiba”. Cada membro tinha uma bandura e todas as banduras foi ele que fabricou. Uma a uma. Então, eles tinham, acho que, uns vinte integrantes, de quinze a vinte integrantes que tinha nesse grupo. Então aí ele fez esse lote de banduras pra eles montarem esse grupo. Aí eles se apresentavam por aí, na sociedade ucraniana, nas igrejas. Fizeram algumas apresentações, inclusive, fora do Paraná. Ele sempre falava de uma apresentação, da qual ele tinha muito orgulho, não lembro através de quem, mas eles foram se apresentar em Fortaleza, por exemplo. Eu tenho isso gravado, mas eu não lembro porque que eles foram se apresentar, mas eles foram pra Fortaleza. Então teve essas coisas de fazer apresentações fora. Foz do Iguaçu, uma vez ele foi se apresentar com esse grupo dele. Então essas banduras ele fez. Depois ele ia fazendo. Porque ele levava...ele dizia que se ele se dedicasse só a fazer bandura, todos os dias trabalhando naquela officininha dele, ele levava de trinta a quarenta dias pra fazer uma. Então olha. Até o próprio <i>time</i> de você fazer uma, não daria tempo de fazer tantas banduras. Então, ele próprio estimava que tinha feito umas cinquenta. E aí eu tentei encontrar a primeira bandura que ele tinha feito porque ele não sabia direito onde tava e eu queria saber a primeira. Porque ele falava que era toda torta (risos). E aí a que a gente conseguiu chegar mais próximo é a terceira e essa bandura tá lá em União da Vitória no grupo Kalena. Se você quiser falar com o Wilson (verificar) que é o presidente do grupo, não sei se ele tá na presidência, mas é o cara das
--	--

		pêssankas também. Eu tenho o contato, depois eu posso te passar. Essa bandura estava lá. Então, em tese, seria a mais antiga existente, né. Essa seria a terceira. Não lembro mais também como que parou lá, mas essa seria a mais antiga encontrada. Então não foi mais do que isso não. Essa que eu tenho aqui, ele fez pra mim em 2010. Ele continuava fazendo. Até pouco antes de ele falecer ele continuava lá fazendo manutenção. Ele fazia muita manutenção das banduras do Fialka. Aquelas primeiras do Fialka foi ele que fez também.
47	Schubert	Agora outra pergunta que foi surgindo no decorrer da nossa conversa. Eu lembro que na primeira vez que ele me recebeu na casa dele, ele falou por cima que era muito difícil fazer bandura porque faltava ferramenta, faltava dinheiro. Era uma luta, na verdade. Não era uma coisa tão simples assim. Você tem alguma recordação de ele falando sobre esse processo de construção? Dificuldades etc.?
48	Guto	Sim, sim. Claro. Era difícil porque custa, né. Claro. Quais as dificuldades que ele encontrou quando ele resolveu fazer. Primeiro de tudo foi achar uma madeira que funcionasse. A primeira coisa que ele bateu a cabeça foi madeira. Aí ele pesquisou o tipo de madeira. Lá na Ucrânia tem muito tipo de madeira específica, de árvore específica da qual eles fazem a bandura, porque ela não resistia, ela abria. Porque tem toda uma estrutura dela. Então ela não suportava. Quando começava a colocar as cordas ela cedia. A maior dificuldade dele foi ir testando. Ele foi testando possibilidades até chegar numa madeira que comportasse e que resistisse, né. Essa é uma coisa. Outra coisa é que não existiam cordas de bandura aqui. Então ele foi ter acesso a cordas de bandura, de fato, coisa mais recente, depois, né. É. E aí foi uma coisa tão incrível que ele fez que aí ele começou a fabricar as cordas. Ele

		começou a fabricar as cordas. E com espessuras, sei lá, de arames diferentes ele foi achando a sonoridade e o tom. Isso é incrível, né. Então a dificuldade maior pra ele era isso, né. Não ter corda, ele não tinha o manual de como fazer bandura. Então ele teve que ir fazendo intuitivamente. Tentativa e erro, tentativa e erro, madeira e cordas até chegar. Com base na foto, ele foi vendo o formato, ele tinha essa referência. E é muito interessante porque ele nunca foi músico, ele não era músico na Ucrânia. Ele era um aldeão, um agricultor, né. Fazia parte de uma militância política, era isso que ele fazia. Ele trabalhava no campo, ele nunca tinha tido uma bandura, nunca tinha tocado uma bandura. Ele sabia da importância, essa coisa dessa conexão, né, de almas. Então, pra ele, foi uma forma de ficar conectado com a sua Ucrânia, começar a desenvolver esse processo com a bandura. Então, pra ele, a dificuldade maior que ele sempre relatava foi essa. Aí depois que ele achou esse caminho que as coisas foram ficando.
49	Schubert	Mais fáceis?
50	Guto	Não mais fáceis, menos difíceis. (risos)
51	Schubert	Ele chegou a falar qual madeira que foi a melhor?
52	Guto	Cara, sim. Ele falou, mas agora não lembro. Eu teria que ver aqui nos meus arquivos, tentar achar. Talvez o Hamilton. Sabe o Hamilton Wons? Chegou a falar com ele?
53	Schubert	Não conheço.
54	Guto	O Hamilton é o genro dele, pai da Vivian. Você poderia conversar esses detalhes com o Hamilton porque ele vai saber te falar. Porque o Hamilton é o genro dele, aquele que viajou com a gente no filme. O Hamilton, cara, ele pode te dar muita informação sobre isso porque o que que acontece? O Hamilton é quem ia comprar as madeiras pra ele. Eles eram muito apegados. O Hamilton era um cara que assim, o Hamilton é um cara incrível, que é o pai da

		Vivian, ele vai te saber falar exatamente. Ele vai saber te falar que tipo de madeira exatamente ele testou e as tentativas que ele foi fazendo porque era o Hamilton que saia comprar as coisas pra ele. O Hamilton que ia pesquisar pra ele as coisas. Ele falava as dificuldades pra ele e o Hamilton corria atrás, o Hamilton era muito parceiro dele nesse sentido, sabe.
55	Schubert	Já entrou mais um pra entrevista aqui.
56	Guto	Fala com a Vivian. Eu tenho também o telefone do Hamilton e posso te passar.
57	Schubert	Que legal. A gente vai conversando e vai descobrindo muita coisa que não fazia ideia. Guto, você até já deu uma pincelada sobre isso, mas quando você fez “Iván, de volta para o passado”, qual era a ideia que você tinha em mente?
58	Guto	Então, primeiro que eu não tinha ideia de fazer um filme (risos). Já começa por aí (risos). A forma com que eu acabei fazendo o filme é que é muito peculiar porque eu fiz o Made In Ucrânia porque eu tinha essa necessidade de entender a história e me entender um pouco melhor e ok, eu queria fazer esse apanhado da história. A minha ideia não era ter estendido isso. Naquele momento, minha cabeça era isso: vou fazer o Made in Ucrânia e vou continuar tocando minha vida, os projetos que eu tenho. A gente trabalha o tempo todo produzindo. E aí produzi em 2005, 2006 a gente lançou o filme e aí a gente fez uma Avant Premiere. Não tinha nem sala de cinema, porque foi uma Avant Premiere grande, que comportasse o número de convidados que eu tinha naquele momento. Lá no Colégio Estadual do Paraná, não sei se você sabe, tem lá um auditório grande e é uma sala de cinema lá também. Tem lá um telão, tem um projetor. E a diretora do CEP era uma amiga minha, eu estudei no CEP. Fiz o segundo grau lá ou terminei o segundo grau lá porque eu comecei no

	CEFET e terminei lá. Então eu tinha uma conexão ali. Eles tinham o curso técnico com Audiovisual lá, eu conhecia a diretora que é a Salete Sirino, que hoje é a reitora da UNESPAR, que ela é da área de cinema também. E aí fizemos lá. Oitocentos lugares têm aquele auditório. É gigante e a gente lotou aquilo. Foi uma Avante Premiere fechada, pra convidados. Como tem tanta gente no Made In Ucrânia, tantos entrevistados, chamei todo mundo, o máximo de pessoas. Vieram muitos do interior, mas depois a gente fez, também, exhibições pelo interior. Aí a gente lotou o auditório, por isso que a gente fez lá. As salas de cinema hoje têm, no máximo, 120 lugares. Então, naquele momento, a gente precisava de um espaço grande e aí fizemos lá. Aí o Iván foi, naturalmente né, viu, o Made in Ucrânia, foi uma festa e tal. Aí no dia seguinte dessa sessão ele me ligou. Foi o Avant Premiere, não era o lançamento do filme ainda. Disse que precisava falar comigo sobre o filme que eu tinha feito, o Made In Ucrânia e tal, quando tivesse um tempo, que eu passasse na casa dele porque ele queria conversar. Mas ele falou que “quando você tiver tempo, não quero atrapalhar”. Eu confesso pra você que eu achei estranho o tom, a forma com que ele falou. Sempre muito, ele era um cara muito cordial, né, mas tinha alguma coisa ali. Eu falei “caramba, né, o que que incomodou esse homem no filme, né?”. Eu falei “ele não gostou de alguma coisa, né”. Mas isso ok. Eu não me incomodo com críticas porque você não tem como agradar todo mundo. É assim, você tem um recorte, tem um ponto de vista seu como idealizador, assim como você tem ali na sua pesquisa, aí pode ter gente que vai ler a sua dissertação e falar “pô, não concordo”. Não é concordo ou discordo. É teu ponto de vista e ponto. Teu recorte é sobre a bandura. De repente algum bandurista vai ler e vai dizer
--	---

		“pô, ele não deveria ter escrito isso”. Não, não é assim. É você que está escrevendo. É o seu olhar sobre. Faz parte do processo. A gente quando faz um filme, ou escreve um livro, a gente não pode achar que vai agradar todo mundo. Não vai. E isso faz parte do jogo. E acho que parte da coisa é não agradar. Exatamente você está cumprindo uma função porque despertou ali uma reflexão, uma crítica sobre aquilo. Eu fiquei preocupado. Eu fui no dia seguinte falar com ele, na casa dele. Eu falei “cara, eu fiz um documentário, histórico, sobre a imigração. Será que eu cometi alguma gafe? Posso ter cometido algum erro e ele percebeu” O filme era só uma Avant Premiere fechada. Melhor eu me entender com ele que ainda dá tempo de voltar pra ilha de edição e corrigir. Eu estava preocupado que tivesse algum erro, sobretudo, na parte da Ucrânia. Ele conhecia, era um estudioso. Continuava sempre lendo e estudando sobre a parte da Ucrânia. Posso ter colocado alguma bobagem no filme, né. Eu não quis usar material de arquivo, foi uma opção minha, é tudo no relato.
59	Schubert	História oral, né.
60	Guto	História oral. Foi uma escolha narrativa minha, poderia ter feito só com material de arquivo, né. Não quis fazer uma narração off, não quis criar eu um texto ligando as coisas. Então, fui conversar com ele e, pra minha surpresa, não tinha nada a ver com isso. Ele queria me agradecer por ter feito um filme sobre a história da imigração ucraniana, que até então não tinha um filme que tratasse por completo a história da imigração. A gente já tinha, sim, obras que, naquele momento a gente pode citar, tratavam das questões ucranianas de forma indireta, pelo menos. Um documentário de 1999 chamado Madre, que é do Beto Carminati que é um diretor aqui da cidade, um cineasta de uma geração anterior a minha, fez muitos documentários.

		Em 1999 ele produziu um documentário sobre a Madre Anatolia Bonnar, que é uma freira lá de Prudentópolis. Os padres chegaram ali após as levas dos primeiros imigrantes chegaram e já pediram padres ucranianos. Aí tem essa contribuição não só religiosa, mas cultural também. Em 1911, chegaram as primeiras freiras da Ucrânia. Foram muito importantes para ajudar os padres tanto na catequização quanto nos aspectos da educação e saúde. Então vieram sete freiras na primeira leva em 1911. Quatro delas foram pra Prudentópolis e três lá pra Iracema em Santa Catarina, no município de Taiópolis que tinha um núcleo forte, tem até hoje, lá essa comunidade ucraniana. E aí uma dessas quatro foi pra Prudentópolis, chama-se Anatolia, e ela fez um trabalho muito grande lá em Prudentópolis na área da saúde. Então o principal hospital lá de Prudentópolis é das freiras ucranianas. Elas têm colégio. Então elas foram pra essa... tem o colégio Madre Anatolia na Martin Afonso, ali do lado daquela igreja ucraniana ali atrás do SESC. Madre Anatolia é o nome do colégio em homenagem a essa... era dessas congregação aí das freiras. E aí foi interessante. Ela morreu em 56, essa freira, lá em Prudentópolis. Foi enterrada lá. Dizem que ela é santa. Começaram a atribuir milagres a ela. E começou todo um movimento no túmulo dela... tem novenas, tem peregrinações, sabe, ao túmulo dela lá em Prudentópolis. Tanto que lá em Prudentópolis tem o cemitério ucraniano. Isso chegou a tal ponto que as pessoas começaram a atribuir milagres a ela que foi aberto um processo de canonização dela no vaticano. Tá em curso isso.
61	Schubert	Ainda tá em curso? Ela não é santa?
62	Guto	Eles chamam de processo eclesiástico, acho que é esse o termo, e isso leva tempo, né, porque existe um tribunal no Vaticano e precisam ser provados milagres. Acho que no

		mínimo três milagres que precisam ser provados pra que essa pessoa vire, de fato, uma santa, seja reconhecida como santo ou santa. E aí, quando foi aberto esse processo de canonização dessa freira lá no final dos anos 90, os padres ucranianos de Prudentópolis, os basilianos, eles tiveram lá uma festividade, uma missa, um negócio disso com toda a cúpula da igreja, bispo, tal, não sei o que, Don Efrain era o Bispo na época. Aí os padres queriam registrar isso pra eles, né, e aí eles contrataram uma produtora de Curitiba, na época, pra filmar aquela missa de introdução ao processo de canonização dela lá em Prudentópolis. Aí contrataram essa produtora, que chamava-se Celuloide, existe até hoje, é uma produtora pequena que trabalhava muito com vídeo institucional, corporativo e era do Beto Carminati, Fernando Severo e Luciano Coelho, na época, eles eram sócios. Luciano Coelho é filho do Manoel Coelho, arquiteto que desenhou a PUC, a Positivo, faleceu o ano passado o Manoel. Aí foram contratados pelos padres e o Beto foi lá filmar isso para os padres. Foi lá, filmou, e entregou os VHS pros padres. Ele achou aquilo muito interessante “eles me contrataram pra filmar uma missa, foi pra isso que eles me contrataram”. Aí chegou lá, tomou conhecimento daquela cultura ucraniana, aquela coisa muito cênica, ele filmou impressionado com aquilo. Aí ele perguntou “como que alguém se transforma santo, né?” São Fernando da Bandura...
63	Schubert	(Risos)
64	Guto	Como que um cara, como que é esse troço, né? Po, a mulher vai...Santa? Mas como assim? Como que vai virar Santo? Aí ele partiu dessa curiosidade. Aí ele desenvolveu um projeto de documentário e tal, viabilizou via Fundação Cultural de Curitiba, lei municipal de incentivo a cultura, e

	aí em 99 ele filmou. Aí eu já tava na área, já trabalhava como ator, comecei trabalhando como ator. Já fazia um ou outro trabalho como assistente de produção em algumas coisas. Comecei em 96 já a trabalhar no audiovisual, mas sempre em obras de terceiros. Aí eu conheci o Beto e em 99 e ele sabendo que eu era da comunidade ucraniana de Prudentópolis, falava o idioma, me chamou pra ser assistente de direção do documentário dele, o Madre. Então foi a primeira oportunidade que eu recebi, profissional, no cinema, foi nesse filme e desse cara. Tenho um grande respeito por ele porque foi a primeira pessoa que me deu a oportunidade de verdade, numa função de maior responsabilidade, assistente de direção dele. Aí ele fez esse documentário que narra a história da madre e aí fala um pouco da história da imigração ucraniana porque ela veio de lá e tal, mas tá muito focado nesse processo dela de canonização. Então, aparece, até os banduristas lá de Prudentópolis tocando, mas tá focando nessa trajetória dessa freira. Então, a gente tinha esse documentário. Tem uma figura chamada Josina Melo, que ela trabalhou a vida toda, tá aposentada já, na Fundação Cultural de Curitiba, na área de patrimônio histórico ou coisa assim, inclusive tinha sido casada com o Beto Carminati, lá na juventude. Ela fez um documentário sobre a Helena Kolody, chama-se Helena de Curitiba, eu acho que é de 2003, 2002 por aí. Então, tinha essa obra, também, que falava da Helena Kolody, foi uma pouco antes da Helena falecer, ela conseguiu filmar, o que foi muito legal. E a Helena também da comunidade ucraniana, lá de Cruz Machado, os pais também imigrantes. Ela, na poesia dela, sempre tem essa coisa da Ucrânia. Então a gente tinha essas duas obras que tinham essa conexão com a imigração ucraniana direta, mas nada que completasse a história. Então foi aí
--	--

		que eu pensei em fazer um filme que retratasse bem a história, nossa, que antes de tudo era uma coisa do meu próprio processo pessoal também, de aprendizado e de autoaceitação (risos). Às vezes eu abro, né, você, por favor, me interrompa.
65	Schubert	Não, manda bala.
66	Guto	É pra você ir entendendo minhas conexões e como as coisas se conectam. Tudo isso está conectado com Iván, de forma indireta pelo menos. Aí teve o lançamento do Made in Ucrânia, eu fui lá na casa dele e aí não tinha nada a ver com isso. Ele só queria me agradecer por ter feito esse filme sobre os ucranianos e tava emocionado, me agradecendo por ter feito um filme com a história deles, nossa, no caso ele falou “nossa história”. Então eu não conhecia o Iván antes. Eu conheci nesse processo do Made in Ucrânia. Aí, foi mais ou menos com essas palavras, ele falou assim “olha, faz muitos anos que eu guardo algo comigo e eu não sabia com quem deixar. Mas, depois de ter visto o filme que você fez, de ter visto ontem, fiquei pensando muito sobre isso, entendi que você é a pessoa certa pra ficar com que eu tenho. Eu entendi que você se preocupa com a história”, ele falou isso.
67	Schubert	Olha, que legal.
68	Guto	Só quero que você, ele usava o termo bom grado, que você aceite de bom grado o que eu tenho pra te entregar. E ele tava ali emocionado e eu falei “claro, Iván”. Eu não sabia do que se tratava. Eu juro pra você que eu imaginei que ele fosse me dar uma bandura. Ele vai me dar, sei lá, a primeira bandura, uma coisa assim. Porque eu tinha perguntado da primeira bandura e ele falou que tinha um amigo e tal, talvez o cara tenha. Falei, de repente ele conseguiu essa primeira bandura e vai me dar. Falei, claro. E não tinha nada ver com isso. Ele foi lá, abriu aquela gavetinha da

		escrivaninha dele lá onde ele fazia bandura, na oficininha dele, e tira lá dois caderninhos manuscritos em língua ucraniana com os diários da vida dele. Não sei diários, na verdade, convencionais. São as memórias. Ele chamava de diários, mas são as memórias. Ele começou a escrever, na verdade, nos anos 80 aquilo aqui no Brasil. E ele faz um relato, desde as primeiras memórias da infância dele, na aldeia natal da infância dele naquele momento porque a Ucrânia estava sob o domínio polonês. Ele faz um relato da infância ainda na escola. Ele começa com a invasão de uma cavalaria polonesa na escola. Apedrejaram a escola, quebraram a escola. Ele vem vindo nisso e aí toda a experiência dele no governo soviético, na família. Depois na Segunda Guerra, na mão dos nazistas, as dificuldades tudo, o início das banduras. Então são as memórias dele. Ele falou assim “ó, pelo menos aquilo que eu vi, senti na minha própria pele, eu me senti na obrigação de escrever e deixar pra alguém porque as pessoas precisam ler e saber o que foi aquilo.”
69	Schubert	É. Essa frase é forte.
70	Guto	É. “As pessoas precisam saber o que foi aquilo”. “Como você se preocupa com a história, por favor, leve, fique com esses diários porque eu sei que você vai saber que destino dar pra eles. Eu só sei que eu não posso morrer sem passar isso adiante.” Ele completou, ele falou assim “Olha”, ele tava com 86 anos naquele momento, ele falou assim “Olha, eu escapei da morte por diversas vezes já, em diversas circunstâncias. Escapei das balas, passei pelas guerras, pelas bombas e tal, mas eu to com 86 anos e eu sei que meu tempo tá acabando, não tem como a gente escapar disso. Então, por favor, leve. Não tem como eu morrer e não passar isso adiante.”. E me deu os diários, né. Eu falei “então, Iván, eu faço uma fotocópia e trago de

		volta pro senhor”. “Não. Eu não preciso disso. Porque isso que tá aí fui eu que escrevi. Ta aqui e tá aqui (apontando pra cabeça e coração) isso não se esquece. Isso eu fiz pra alguém”.
71	Schubert	Caramba.
72	Guto	“Por favor, você vai saber o que fazer com isso. Ou vai doar pra uma universidade, pra um museu, você vai saber o que fazer com isso porque eu não sei onde deixar.”. E é muito interessante. Eu nunca quis perguntar pra ele isso, nunca quis perguntar, mas por que ele escolheu a minha pessoa? Por que ele nunca doou, por exemplo, pra um museu aqui em Curitiba? Pra própria comunidade? Por alguma razão ele, sabe, segurou isso. E aí elegeu a minha pessoa pra passar isso. E eu peguei e trouxe isso e, medida que eu ia lendo e traduzindo, eu falei “caramba, né”. Então, ali, essa situação dele de vida, né. “Que eu faço com isso?” No bom sentido, mas o desgraçado me deu uma missão. Só que aí saiu da gaveta dele e veio pra minha. E eu comecei a sonhar com as cenas que ele descreve no diário e aquilo começou a me incomodar. Eu fiquei três anos com isso martelando.
73	Schubert	Isso ele te deu em 2006 mais ou menos, depois do lançamento do filme?
74	Guto	2006. Aí, em 2009, eu tomei a decisão de fazer o filme. Que aí eu parti do seguinte princípio, porque eu não tinha realmente a intenção de fazer porque a minha ideia era o Made in Ucrânia. Aí eu parti do seguinte princípio. Depois que me interei da história dele, ficava refletindo sobre isso, sobre a trajetória dele e a contribuição que ele deu pra nós, a bandura e tudo. Essa grandeza do que ele fez, isso que a gente falou, dessa contribuição dele pro patrimônio cultural e imaterial. Falei, caramba, se ele se preocupou em escrever esses diários, como ele chamava, uma história

		dele porque ele não queria que a história morresse com ele porque as pessoas precisam saber o que foi aquilo e se ele confiou à minha pessoa esses diários por alguma razão e eu sou cineasta, nada mais justo, então, eu tentar em tempo que ele próprio conte essa história pro mundo num filme. A melhor forma de eu fazer minha parte é isso.
75	Schubert	Claro.
76	Guto	Onde deixar? Como contar a história? Num filme. O filme dele está, hoje, em 14 países na Amazon, por exemplo. Tá no History Chanel, tá circulando o mundo. Então foi daí que eu decidi fazer o filme. Isso foi em 2009, quando eu tomei a decisão. Só que, tomar a decisão de fazer um filme é uma coisa, agora levantar os recursos é outra porque não é barato. Aí eu comecei a correr atrás. O primeiro desafio foi como contar a história desse cara.
77	Schubert	Pois é.
78	Guto	Porque aí é o recorte, né, igual o recorte da sua pesquisa. A gente pode contar essa história de várias formas.
79	Schubert	E escolher, né? Um diário de tantos anos escrevendo...
80	Guto	Exatamente. Como contar? De que forma contar? Porque aí tem uma coisa que a gente chama, no cinema documental, quando a gente vai fazer um roteiro e dirigir um documentário, a gente tem uma coisa que a gente chama estratégias de abordagens. Através de que estratégias de abordagens eu vou contar a história dele? Escolho um recorte e que estratégias de abordagem eu uso pra contar essa história. Eu sabia que tinha uma história muito potente em minhas mãos, estava com os diários dele já há três anos. Lia, relia e refletia sobre isso. Agora, como contar isso bem, cinematograficamente e que desperte o interesse de todo mundo? Não só da família e da comunidade ucraniana. Fiquei cerca de um ano processando isso, porque as escolhas que a gente faz

	impactam diretamente no orçamento de um filme. Vamos pegar pra você entender o raciocínio, o que é essa estratégia de abordagem pra você entender. O quanto isso pode afetar, impactar pro bem ou pro mal de um filme. Elas podem inviabilizar, inclusive, um projeto. Vamos imaginar a estratégia de abordagem A. Pegava uma equipe aqui da produtora, pegava uma ou duas câmeras, uns meninos aí que trabalham comigo, chegava lá na casa dele, botava ele lá na oficininha dele de bandura, “senta aí Iván”, metia uma câmera no tripé, ligava as câmeras e falava “Iván, conta essas coisas que estão no diário e me conta a história de vida aí”. E aí ia perguntando “e aquela história lá?”. Sei lá. Gravava um, dois, três dias, uma semana, de depoimentos. Sei lá. Gravava cinquenta horas de depoimentos. Depois pegava esse material, igual você tá aí pegando um monte de referência, depois escolhe o que interessa. Na montagem é a mesma coisa, sobretudo num documentário. No Made in Ucrânia, tenho 72 horas de material gravado, de depoimento, e tem 102 minutos de filme. Então imagine o quanto tempo. Inclusive preciso organizar esse material e doar pra museus, universidades, tipo a Unicentro que tem lá o Centro de Estudos Eslavos. Porque tá ali, é uma coisa que já tem 15 anos e as coisas vão se perdendo com o tempo, as coisas vão mudando, no sentido não ruim da palavra, as coisas mudam. E aí a minha estratégia de abordagem podia ser essa: chegar lá, entrevistar ele e depois vir aqui pra ilha de edição na produtora e depois achar um recorte dentro do material todo gravado e teria lá um documentário de uma hora, uma hora e meia, duas horas com a história do Iván. Mas eu usei outra estratégia. A estratégia B. Que foi fazer essa viagem. Como contar essas história? Eu optei por contar daquele jeito. A estratégia era a viagem. Por exemplo, ele não sabia até o
--	---

		momento final em que a gente entrega a passagem. Isso também era uma estratégia de abordagem. porque me interessava ver a reação dele. E ele podia dizer não.
81	Schubert	Imagine. É possível, né.
82	Guto	E se ele fala que não quer ir? Aí eu tinha que ter uma outra estratégia de abordagem, já prevista no roteiro, “bom, se ele falar não, vamos contar a história dele de qualquer forma, mas como que eu dou a volta nisso?” Então você reflete sobre isso, estrutura isso. A história é a mesma. Então, se eu tivesse feito a estratégia A, continuaria sendo a história do Iván, mas jamais o mesmo filme. Percebe a diferença? A questão tá aí.
83	Schubert	Sim.
84	Guto	O grande X pra nós que trabalhamos com cinema é que filme eu quero fazer com essa história? Continua sendo a história do Iván, mas que filme que vai sair disso. Se eu tivesse usado a estratégia A, naquele momento com vinte mil reais eu teria feito o filme. Mas com a estratégia que eu usei, a gente filmou em 2010, naquele momento custou seiscentos mil.
85	Schubert	Caramba.
86	Guto	Naquele momento. Hoje seiscentos mil já é bastante, né? Em função das escolhas. Veja como isso impacta. Não estou falando do dobro, estou falando de muitas vezes mais. Aí você tem que correr atrás do dinheiro. E aí eu fui correndo contra o tempo porque eu não queria falar pra ele por dois motivos: primeiro que eu queria qual ia ser a reação dele. Aí flerta muito com reality show, naquele momento estava muito isso. Então tudo que você tem ali no filme é o ali e agora, não tem nada armado. É sempre o espontâneo. A gente sempre gravando automaticamente, então tem muitas horas, mais de 200 horas de material gravado com ele. Depois na ilha de edição dei o recorte

		final, mas já tudo estruturado em cima dessa estratégia, né. Então aí, correr atrás, levantar o dinheiro, essas coisas. Porque ele tava com 91 anos, embora bem. Faleceu com 97. Felizmente ficou bastante tempo ainda com a gente. Mas é uma pessoa que poderia não estar mais disponível pra filmar. Então ele não sabia por causa disso, era uma estratégia de abordagem e eu não me sentia no direito de gerar uma expectativa pra ele e falar “Olha, Iván, quero fazer um filme com sua história”. E se eu não viabilizo, não levanto essa grana? Imagine, gerar essa expectativa de voltar pra Ucrânia depois de tantos anos e eu não viabilizar isso. Não podia gerar essa expectativa e não cumprir. Então foi aí que nasceu o filme. Ele me deu essa missão e eu entendi que a melhor forma de cumpri-la seria fazer um novo filme contando a história dele. Mas aí, quando eu tomei a decisão de fazer o filme dele, tomei a decisão de fazer uma trilogia. Então tinha o Made In Ucrânia, o Iván e agora vou fazer um específico sobre Prudentópolis que eu filmei em 2015 que é o Entre nós, o estranho. Aí depois de concluído isso, ainda não tá completo. Aí fiz o familiar que ainda é inédito e que ficou pronto esse ano.
87	Schubert	Beleza. Uma pergunta que surgiu que eu queria saber de você, se você lembra se isso aconteceu, que é se ele pensava a respeito do futuro da bandura. Se ele tinha uma preocupação em continuidade. Você pode comentar alguma coisa sobre isso?
88	Guto	Ele tinha uma grande preocupação com isso e ele lamentava, inclusive, que não tivessem pessoas interessadas em continuar o ofício dele. Ele tinha essa preocupação. Quem ia continuar o legado? Isso é uma preocupação que ele tinha, ele sempre falava disso. E teve um menino que começou, não sei se você sabe essa história, que é um menino chamado Osiris Del Corso. Eu já

		te falo disso e você vai associar o fato, provavelmente. Senão você pesquisa aí, tá amplamente disponível isso. Quem era Osiris Del Corso? A gente teve uma tragédia, era período de férias, era janeiro, que o pessoal costuma ir pra praia. Esse menino fez parte do Barvinok, a mãe dele é de origem ucraniana, Del Corso deve ser italiano, né. Ele dançou no Barvinok. Isso foi em 2009. Em 2008 esse menino se interessou em aprender a fazer bandura com o Iván. E esse menino tinha uma namorada, chamada Monik, não me lembro o sobrenome dela. Em janeiro, janeiro de 2009 de aconteceu essa tragédia, eles foram pro litoral e aí tem o Morro do Boi.
89	Schubert	Lembrei. Lembrei.
90	Guto	Aí, no Morro do Boi, eles estavam fazendo uma trilha. Estavam tentando ir até uma praia mais isolada, acho que praia dos amores que tem ali. Aí um cara abordou eles, tentou violentar a menina e aí, pra proteger a menina, o cara matou ele, atirou na menina também, foi embora e ela ficou ali. A menina tá aí, tá viva. Ficou paraplégica porque ela levou um tiro na espinha, coisa assim. Então o cara matou o menino e ainda, depois, voltou pra estuprar ela lá, mesmo com um tiro. Se você jogar Morro do Boi no google você vai achar um monte de coisa. Esse cara, inclusive, esse assassino, chamava-se Juarez. Esse cara, inclusive, faleceu no presídio, em Piraquara, eu acho. Faz um dois ou três anos que esse cara morreu. Foi condenado e tal e depois acabou morrendo na prisão. Então esse menino foi o único que se interessou a aprender o ofício da bandura. Ele estava tendo aulas com o Iván. Acho que ele ia uma vez por semana ou a cada 15 dias, não sei bem. O Hamilton também vai saber dizer isso, se você quiser explorar um pouco mais isso. Não me recordo direito, mas ele ia lá na casa do Iván e tava fazendo sua primeira

		bandura e ele foi morto antes de terminar a primeira bandura que ele estava fazendo. Ele estava fabricando a primeira bandura sob a orientação do Iván. Esse menino foi o único que, de fato, tinha se interessado e aí aconteceu essa tragédia. E aí, depois do filme, tem uma conexão aí com a Federal, eu estudei na Federal também, tenho muitos amigos professores na Federal e tem o curso de Luteria na Federal também.
91	Schubert	É. Eu fiz esse curso lá.
92	Guto	Você fez?
93	Schubert	Sim.
94	Guto	Então, lá na época eu tentei aproximar o coordenador de vocês lá na época. Não era Juarez também o nome do coordenador?
95	Schubert	Sim. Juarez Bergmann.
96	Guto	Então. Lá atrás eu cheguei a falar com o Juarez. Eu falei “Cara, já que tem o curso de Luteria, aproveita que o Iván tá aí ainda e veja se vocês conseguem integrar aí uns alunos”. Que bom que você tá fazendo esse trabalho. Mas aí eu falei “já que vocês têm o curso de Luthier aqui, por que vocês não tentam integrar esse aprendizado do Iván?” Eu levei isso pro Juarez. Não sei se ele era coordenador, mas foi pro Juarez que eu falei. Mas isso foi lá nessa época, talvez 2015, eu não lembro, foi depois do filme já, depois do filme lançado.
97	Schubert	Eu lembro que o Juarez me falou uma vez que...o Juarez é meu orientador do mestrado agora.
98	Guto	Olha que legal. Então tá aí.
99	Schubert	E ele me falou uma vez que tava estudando um senhor que foi preso em campo de concentração e veio pra cá e começou a fazer bandura, e eu nem sabia o que era bandura na época. E ele me contou sobre isso aí, né. Isso foi em 2013 que ele me falou que tava em contato com o

		Iván.
100	Guto	Foi isso aí. Eu que fiz essa ponte na época.
101	Schubert	E aí teve um outro professor meu, o Leandro Mombach que me chamou num canto e falou “Schubert, eles precisam que alguém faça manutenção em bandura. O senhor que faz manutenção já está muito velhinho, já não consegue mais”. Aí eu fui fazer. Por isso que eu fui conversar com ele. Fui conhecer a Julia. Fiz manutenção em algumas banduras lá. E aí surgiu a ideia de estudar a história dele. Foi através do curso, por isso que eu conhecia ele.
102	Guto	Legal! Na época que eu falei com o Juarez, era exatamente isso, que à partir do curso de Luteria, que ainda pode ser feito em algum momento. Aí tem ali em Paranaguá tem o Aorélio Domingues, não sei se você conhece.
103	Schubert	Sim. Conheço.
104	Guto	É um cara do fandango, que faz as rabecas. Cheguei a falar uma vez com o Aorelio, porque eu produzi uma vez, em 2005, um documentário pra TV Cultura de São Paulo que falava sobre a história do barreado e dessa cultura em torno do barreado. Tem o Fandango que permeia essa coisa toda. Foi quando eu conheci o Aorelio. Aí tem lá a Orquestra Rabecônica dele lá na Ilha dos Valadares. Cheguei a falar pra ele “cara, você que já faz o troço, por que que não continua?” Mas, pra ele, já é mais complexo. Po, fazer as rabecas já é uma complicação danada. É muita responsabilidade, né. Então é uma pena, né. Foi por aí o processo. Então, esse menino era o que tava aprendendo e depois não teve outro, né. Aí você tinha perguntado, ou não lembro se foi no e-mail que você mandou, em relação a fábrica lá na Ucrânia, né, que a gente levou ele pra visitar. Agora lembrei e não quero esquecer.
105	Schubert	Manda bala.

106	Guto	Então, veja só. Aquela fábrica é a única lá na Ucrânia, mesmo lá na Ucrânia a coisa já tá se perdendo. Não se viabiliza mais. Aquela fábrica está lá. Estive na Ucrânia em 2019, chama-se Trembita. Tá lá ainda. Acho que ainda vai continuar, naturalmente, porque sempre vai ter a demanda, mas só tem aquela. E pra ele foi interessante, curioso visitar. Ele viu de perto como os caras fazem, o processo industrial da bandura.
107	Schubert	Como foi a reação dele?
108	Guto	Ele ficou surpreso porque é escala industrial. Cento e poucas pessoas trabalhando na fábrica. Não só fazendo aquilo, os caras fazem outros instrumentos também. É uma fábrica de instrumentos, não é só bandura, tem várias outras coisas lá. Pra ele foi bem interessante.
109	Schubert	Que legal. Guto, acho que a gente matou aqui. Inclusive, a última pergunta era sobre a fábrica de bandura. Eu tenho uma outra aqui, mas só se você se sentir à vontade, se você não tiver tratado ainda, pra você ficar à vontade pra falar alguma coisa sobre ele que eu não tenha perguntado e que você considera importante pra pesquisa. Se não, matou.
110	Guto	Tá. Eu vou te falar de uma curiosidade sobre a bandura que ele conversava comigo e eu não coloquei no filme porque não quis entrar nesse mérito, mas tem a ver com a bandura. Tem muitas coisas que não entraram no filme.
111	Schubert	Imagino.
112	Guto	Por questões políticas, por questões de cuidado com certos temas porque são coisas complexas, né. Não que tivesse alguma coisa aí que não pudesse ser colocada, mas mais por uma questão de evitar polêmicas e tal. Aí a bandura, porque é muito peculiar. Então, esse cara não... pô, como que uma pessoa que não era músico, nunca teve um instrumento, nunca tocou um instrumento, à partir de

	uma foto, faz o instrumento, começa a fazer o instrumento, aprende a tocar sozinho, porque ele tinha na memória essas músicas patrióticas, passa a ensinar as pessoas a tocarem, monta o primeiro grupo de banduristas ucranianos de Curitiba, que era o grupo dele, ensina todos eles a tocarem, forma essas pessoas, aí tá o legado dele. Como que acontece? É uma coisa improvável, né. Ele tinha uma resposta. É uma questão que eu não quis explorar. Ele tinha uma resposta não, ele tinha uma explicação. Ele falava comigo sobre isso e isso tá no diário também. Nos diários têm essa citação. Como é uma questão que pode abrir pra “como assim?” então eu não quis entrar nisso. Então ele, na juventude dele, nessas questões políticas, ele fazia parte de um grupo de resistência, sobretudo contra os soviéticos. Ele fazia parte dessa organização, que ele cita naquela conversa com o amigo dele que ele reencontra na aldeia na Ucrânia. Então tem a ver com aqueles contextos ali, políticos mesmo, eles faziam parte de uma organização de resistência lá. E aí, numa determinada situação, ele tinha um colega dele no grupo, jovem como ele. Quando levaram ele pra Alemanha ele tinha 22 ou 23 anos. Então, fazia parte do grupo dele. Eles estavam lá numa determinada circunstância onde foram encurralados pelos soviéticos e o cara foi ferido. Foi ferido na perna. Aí ele foi tirando o cara, pra tentar salvar o cara, né. O cara sangrando, se esvaindo. Levando o cara nas costas, o amigo dele, que era o principal amigo dele, o melhor amigo dele, pela mata tentando chegar num povoado pra tentar socorrer o amigo, né. E aí horas caminhando mata adentro, fugindo e tentando salvar o amigo e aí, quando ele já tava chegando, o cara morreu. O cara morreu no colo dele. O cara morreu no colo dele. E aí, o que o Iván sempre relata nos diários e sempre falava é
--	---

		que era o amigo que sempre orientou ele de como fazer a bandura.
113	Schubert	Olha só! Chega a arrepiar.
114	Guto	Então o amigo dele que pediu pra que ele fizesse a bandura pra continuar o trabalho deles. Era a forma dele continuar o trabalho deles.
115	Schubert	Cara, não sei nem o que falar.
116	Guto	Por isso que eu não entrei nesse mérito no filme, mas tô falando porque você tá pesquisando isso e talvez faça um pouco de sentido. Faz sentido. Mesmo que eu não seja um cara religioso, um dos conflitos que tive com a família foi por essa história religiosa, meu pai queria que eu fosse padre e tal. Cara, mas assim. Cara, o Iván continuava conversando com ele. E assim, tinha várias situações onde eu tava com o Iván e o Iván falava “Olha, ele pediu pra te falar isso, pediu pra te falar aquilo”. Em situações em que a gente tava na Ucrânia, em situações de saia justa que a gente passou lá, o Iván falava “Olha, o fulano de tal tá pedindo pra gente fazer isso ou aquilo”. Uma coisa assim. Imagine, se for entrar por essa... sabe? É complexo. Percebe? Então, tem isso. E aí, segundo ele, foi o amigo que sugeriu que ele deixasse os diários comigo.
117	Schubert	Caramba. Guto do céu.
118	Guto	Aí você entra numa outra seara. Então, por exemplo, essas coisas eu nunca conversei com a filha, com a neta. Não vou entrar nesse mérito. Então tô abrindo um particular. É isso, né. Se você quiser por isso ou não, aí é uma questão sua. Então tô abrindo uma particularidade do Iván. Então tinha isso. Aí, se você para pra pensar, uma pessoa que não tinha...pode fazer algum sentido por mais insano que isso pareça (risos). Então tem essa particularidade. Aí uma vez o Iván me disse que o amigo dele pediu pra que ele me falasse, ele estava ali com ele. Ele disse “olha, ele tá aqui

		e pediu pra te falar o seguinte: o que você faz com o teu trabalho, com o filme, é muito mais potente do que quando a gente tinha que pegar em armas. Porque é muito mais eficiente o que você faz em termos de mensagem, nesse sentido”. Então, foi o amigo dele que sugeriu que os diários tinham que ficar comigo. Enfim, essas coisas. Aí ele fez essa bandura que tá ali (aponta para a parede). Dentro tem uma carta dele.
119	Schubert	Ah, você tem uma carta dele?
120	Guto	O Iván escreveu um bilhete. Tá lá dentro. Ele falou assim “aqui dentro tem uma mensagem pra você. O dia que você achar que é o caso de você ler, tá aqui dentro. Só leia depois que eu me for daqui”. Tá aqui há dez anos, nunca... até agora acho que não estou preparado (gargalhada). São bastidores dessa relação pessoal que se construiu com ele. Muita confiança. Tanto é que os diários estão comigo até hoje. Não sei se vai ser o caso de abrir em algum momento, não sei. Estão comigo ali. Ele também falou “Isso também é uma decisão sua, Guto, depois. Depois que eu morrer”.
121	Schubert	Eu tenho aqui comigo um material dele. Quando eu visitei a oficina, eu fui em busca de informações sobre a bandura e ele tirou de uma pastinha preta, que ele tinha perto da janela. Esse aqui é um desenho que ele fez a mão. Ele tava me explicando como construir a bandura. E tem uma outra que ele me deu que é quase uma planta com medidas da bandura. E eu falei pra ele “Seu Iván, não me dê. Guarde aí” e ele disse “não, fica com você pra você construir e tal”. Aí tá guardado aqui. Quero ver como que eu vou tratar esse material, mas eu tava vendo com o pessoal do Poltava se eles tinham interesse em fazer um museu porque é muito importante o que ele deixou aqui.
122	Guto	É muito importante. Por exemplo, o Hamilton, eu falei com

		ele agora, antes de ir pra Madri, uns três meses atrás eu conversei com ele e ele disse que tava dando uma ajeitada lá na officininha dele que é na casa do Hamilton. Porque quando Iván foi ficando velho, o Hamilton acolheu ele na casa. Criou um espaço pra ele e pra Dona Ana, que era a esposa do Seu Iván. Porque eles moravam sozinhos e com idade. Moravam no Portão. E ele trouxe pra ficar ali mais perto, cuidando deles. Ele disse que tava organizando aquilo porque desde que o Iván morreu, aquilo ficou meio assim, né. Pra deixar lá meio organizado meio que um Memorial Iván Bojko, lá na casa mesmo, naquele espaço mesmo preservado.
123	Schubert	Conversei com a Vivian essa semana e ela sempre fala que está organizando lá.
124	Guto	Aí o Hamilton disse que ele tava em débito com a própria memória do Iván. Ele tava, agora, preocupado em reorganizar essas coisas.
125	Schubert	É necessário. Tem que ter.
126	Guto	É necessário.
127	Schubert	Guto, não tem palavras para agradecer pela nossa conversa. Foi muito bom mesmo. Muita informação que, obviamente, eu não fazia nem ideia e você seria a melhor pessoa mesmo pra me passar isso. Muito obrigado, de novo. Desculpe pela insistência em sempre te incomodar aí.
128	Guto	Imagina. Deixa eu só fazer uma pergunta. Você chegou a falar com a Dona Isabel Krevey ou não?
129	Schubert	Não cheguei. A Ana Ester falou assim, “você tem que falar com a Dona Isabel”. Já está aqui na minha lista.
130	Guto	Ela é realmente muito importante. Ela é a que coordena o grupo de banduristas ali do Fialka e tinha uma ótima relação próxima com Iván. Ela pode contribuir bastante. Eu não sei qual era a relação dela pessoal com o Iván, até que

		ponto ia. Mas o Iván gostava muito dela. Porque ela sempre que comandou o grupo de bandura desde que começou. Então ela sempre tava pedindo pro Iván, ou fazer bandura ou manutenção ou afinar bandura. Eu não sei como ela tá de saúde porque ela já está com a idade avançada.
131	Schubert	Ana disse que fazia um mês e pouco que tinha conversado com ela, mas ela tava num isolamento meio pesado por causa da pandemia. Eu não sei como que eu vou abordar, mas de alguma forma vou ter que conversar com ela porque vai ser bem importante.
132	Guto	Acho que agora eles voltaram as atividades lá no Poltava. Eu não sei se você consegue fazer com ela algo virtual. Talvez ela tenha dificuldade com essas questões tecnológicas. Ou alguém ajuda.
133	Schubert	Pois é. Eu já tinha a intenção. Aí você falou, a Ana falou...
134	Guto	Ela fez parte da história do Iván.
135	Schubert	Muito obrigado. Qualquer coisa eu te pergunto de novo.
136	Guto	Vai que ele e o amigo dele estavam escutando nossa conversa aí (risos).
137	Schubert	É, ué. De repente (risos). Valeu, Guto. Muito obrigado.
138	Guto	Boa sorte aí. Tchau.

APÊNDICE 4 – ENTREVISTA COM HAMILTON WONS

Nome dos entrevistados: Hamilton Wons e Lilia Wons		
Vínculos dos entrevistados: Genro e filha de Iván Bojko		
Data da entrevista: 21/12/2021		
Local da entrevista: Casa de Hamilton e Lilia		
Horário de início: 20h30		Horário de término: 21h40
Entrevistador: Fernando Schubert		Instituição: UFPR
Data da transcrição: 20/02/2022		
* A gravação começou a ser feita durante a conversa, então não tem uma introdução formal.		
Turno	Legenda	Transcrição
1	Schubert	Eu estava conversando com o Guto e grande parte do que ele não sabia a resposta, ele dizia: tem que ver com o Hamilton. Pergunte pro Hamilton... então, vamos lá. Você sabe dizer qual madeira ele utilizava para a construção das banduras?
2	Hamilton	Ele começou na casa dele lá com madeira comum: pinho. Aí, os primeiros braços ele fez com imbuia, mas ele acabava cedendo. Aí, depois, ele descobriu a peroba, a peroba rosa do Paraná. Uma madeira extremamente firme e ele começou a utilizar. Por incrível que pareça, comprava em Guaratuba. Tinha uma madeireira lá que tinha um estoque grande. Sempre comprei. A peroba tinha uma vantagem, além de não ceder à tensão das cordas, ela segurava as cravelhas. Então, até no início, ele tinha um amigo, eu não sei quem, mas ele trabalhava na fábrica de pianos Essenfelder. E ele fornecia as cravelhas de piano pra ele.
3	Schubert	Ah, era de piano, então?
4	Hamilton	Sim. Ele começou a fazer banduras, acredito que em 1962,

		1963, 1964. Nessa época que ele começou a fazer. Ele fez, praticamente, as ferramentas e as máquinas na casa dele lá. E sempre foi fazendo. E a gente ajudava dessa maneira. Depois, com o passar do tempo. Eu comecei a trabalhar numa empresa que importava muita coisa da Europa e ela vinha com o Pinho Europeu. Aí eu trazia a sucata das caixas pra ele. A gente importou máquinas pesadas. Então vinham blocos de cortes de madeira de muito boa qualidade. Aí eu trazia pra ele. Inclusive, até os compensados das caixas eram de uma qualidade boa. Uma madeira bem clara. Parecia o Pinho normal. O que ele fazia. Lá na Ucrânia, inclusive, quando a gente teve lá em 2010, ele mostrou as árvores que os ucranianos fazem a bandura. Como que é o nome? Eu não lembro o nome. É muito parecida com esse Chorão nosso. Aí tem tipo de pinheiro lá que é mais cônico. Não é como o nosso Pinus. Não consigo lembrar o nome dessa madeira na Ucrânia. Algum ucraniano te diz. Mas sempre sozinho. O compensando, ele comprava na região do Portão. O compensado tinha várias camadas. Quando conseguia que vinha caixa da europa com máquinas, então eu trazia pra ele aproveitar. Era mais leve e resiste. A cola era muito boa também. Algumas banduras ele mesmo laminou madeira. Não era compensado. A frente era feita de madeira que ele afinava, laminava. Normalmente Pinus.
5	Schubert	E ele afinava tudo na mão?
6	Hamilton	Tudo na mão. Pinus europeu. Inclusive, as primeiras banduras ele fez com uma ferramenta com dois cabos e um formão. É conhecida. Até, por coincidência, essa ferramenta meu pai que deu pra ele. Meu pai era carpinteiro. Meu pai veio da Ucrânia com a profissão de carpinteiro.
7	Schubert	Ah, também ucraniano.

8	Hamilton	Sim. Meu pai nasceu em 1907 na Ucrânia, muito próximo de onde Seu Bojko nasceu. Uma cidade chamada Cherná. E meu pai tinha essas ferramentas e um dia deu pra ele. Então ele fazia puxando a madeira, trabalhando na mão. Aí, depois ele conseguiu uma serra fita q facilitou pra ele. Ele desenvolveu uma lixadeira plana com cilindro e um tamborzinho. Como ele desenvolveu um sistema de fazer corda. Ele fez sozinho. Até pra ele encapar as cordas, também consegui cordas. Eu trabalhava numa empresa que trefilava. Aí eu trefilei várias vezes o material, o cobre, pra ele enrolar nas cordas.
9	Schubert	Aquilo lá era cobre? (referência ao material das cordas)
10	Hamilton	Sim. Cobre. E o centro de aço. Isso até deu problema porque depois que ele parou de dar manutenção o aço enferrujou e começou a romper. Não sei se é feito um tratamento. E eu cheguei a trazer pra ele, inclusive, o aço, deve existir ainda, uma fábrica de aço pra instrumentos em Wuppertal, do lado de Dusseldorf. Aí eu fui várias vezes pra Alemanha e eu sempre trazia esse aço de Wuppertal. É aço pra instrumento mesmo. Até lá embaixo, a gente pode providenciar, tem caixinhas vazias dessas cordas.
11	Schubert	Olha que legal. Qualquer hora eu passo pra ver.
12	Hamilton	Wuppertal é uma cidade bem bacana, do lado ali de Dusseldorf, onde tem Monorail de 1907, então, se você procurar na internet você vai achar. Lá tem essa fábrica de corda. A última vez que estive na Alemanha, 2014, ainda funcionava.
13	Schubert	Eu nunca tinha ouvido falar, mas eu vou dar uma pesquisada.
14	Hamilton	Inclusive a Vivian importou corda pra ele, através da Inglaterra, dessa fábrica em Wuppertal. Então assim, esse foi o avanço final dele. Qualidade de corda, as madeiras vinham da Europa em caixaria, que ele aproveitava. Pra

		nós era sucata e ele aproveitava pra fazer bandura. Ele adorava o que ele fazia. Ele ficava o dia inteiro naquela oficininha dele.
15	Lilia	Ele se internava.
16	Hamilton	Ele tinha uma oficininha na casa dele no Portão. Aí, quando ele mudou pra cá, aí a gente construiu aquela área pra ele e ele passou a viver lá.
17	Schubert	Ele chegou a comentar, uma pergunta que eu tentei fazer pra todos, qual foi a motivação dele pra começar a fazer bandura? Eu sei que ele viu a foto no jornal, mas o que ele queria?
18	Hamilton	Na realidade, ele sempre gostou de música. Ele chegou a tocar num conjunto. Ele veio depois da guerra. Meu pai veio em 1930. Ele saiu da Ucrânia e veio pra cá. Veio na profissão de carpinteiro. Foi trabalhar na construção na usina de chaminé na barragem. Inclusive, até outro dia, publicaram uma foto de um museu em São José dos Pinhais, da construção da barragem, tem uma foto que aparece meu pai sentado na escada do primeiro alojamento da usina. Junto com Seu Bojko vieram muitos ucranianos logo após a guerra. Veio um irmão do meu pai, também gostava de música, ele tocava um instrumento chamado tsembale. Não sei se você conhece. Ele tocava esse instrumento. Aí ele, esse meu tio, o nome dele era Iván também. O seu Bojko, no caso, tinha mais uma pessoa que tocava sax que era o Gizmo, que era ucraniano e tinha mais uma pessoa que tocava bateria. E eles gravaram alguns discos. Eu tinha cópia desse disco, mas era ainda um disco com núcleo de alumínio e um material que acabou se deteriorando. Isso foi em 60/61. Quando meu tio acabou indo morar nos EUA. O tsembale que ele tocava tá no Museu da Sociedade Ucraniana. Tem o nome do meu tio lá: Iván Wons.

19	Schubert	Aqui na Augusto Stelfeld?
20	Hamilton	É. Aí foi feito um outro pra ele lá em Apucarana. Tem um madeireiro lá, o Seu Barlack, e ele levou. E levou a fita original, uma magnética de rolo, que eles gravaram várias músicas. Eles fizeram gravações, não sei se mais alguém teria esses discos. Era alumínio com uma camada de polímero. Isso foi em 61 ou 60. Meu tio foi pros EUA em 61. Aí o Seu Bojko começou a querer fabricar bandura. Conhecia bandura. Quando a gente teve lá na Ucrânia com ele, inclusive a gente encontrou o pessoal, na realidade, só mulheres e um único amigo que aparece no filme, que ainda estava vivo, as mulheres comentaram que era a melhor voz que tinha no coral da região. Ele cantava muito bem e tinha uma voz muito boa e ele era muito bom em música. Então, isso já comentaram. Em segundo, veio esse grupinho que eles montaram. Aí se desfez esse grupo, alguns ficaram aqui no Brasil, todos já faleceram. E ele começou a querer fabricar bandura. Aí, com fotografias e desenhos ele conseguiu fabricar. Mas, fabricando mesmo na mão. Na mão. Ele cavava a madeira com formão. Trabalhava por fora com sistema de puxar, é ancinho? Tem um nome. Tem dois cabos de madeira. E assim ele começou. Aí evoluiu, começou a fazer as cordas. No começo ele pegava corda, eu não sei quem era esse amigo que ele tinha no Pianos Essenfelder, alguém de lá cedia cordas. Aí, quando a Essenfelder fechou, ele começou a fabricar as cordas em casa. Aí ele fez um dispositivo com dois motorzinho. Dois motor de ventilador. Sucata. Sucata.
21	Schubert	Sim. Eu lembro que vi em um programa de TV.
22	Hamilton	Tinha um senhor que era artesão. É o Seu...o pai da Nise, como é o nome dele? (pergunta pra esposa ao lado) Ele fundia algumas coisas.
23	Lilia	Kovaliuk, né? João Kovaliuk.

24	Hamilton	João Kovaliuk. Ele era muito bom com mecanismos, essas coisas. Ele tinha máquina. Ele tinha uma pequena fundição, ele tinha acho que até uma cromagem lá. Ele fabricava esses espelhos, lustres Joraina ou Joraima. Coisa assim. Então ele fazia muitas coisas pro Seu Bojko. Então, quando ele (Bojko) precisava de alguma coisa, ele (Kovaliuk) acabava desenvolvendo.
25	Schubert	Ele tinha o suporte dos amigos.
26	Hamilton	Exatamente.
27	Schubert	Uma vez eu estava conversando com ele aqui, só que eu estava tão impressionado de estar falando com ele que eu não lembro direito o que ele respondeu sobre os custos. Ele falou que às vezes era duro quando precisava comprar uma ferramenta e faltava dinheiro. Tinha que pagar alguma coisa. Você pode contar alguma coisa sobre esse momento?
28	Hamilton	Sim. Ele trabalhou numa fábrica de calçados aqui em Curitiba. Ele veio, ele mostrou uma foto, que tem essa foto lá embaixo, que logo após a guerra. Ele trabalhava quase um trabalho escravo, né. Aí quando ele foi liberado, eles formaram alguns cursos. E aparece ele em alguns cursos de sapataria. O pessoal aprendia a lidar com couro na Alemanha, pra fazer bota. Aí ele veio pra cá e começou a trabalhar numa fábrica de calçado em Curitiba, não lembro o nome. Começou a trabalhar nessa fábrica. Vamos dizer, como um técnico sapateiro. Trabalhava com couro. Depois ele trabalhou numa outra empresa. Dessa empresa, ele acabou entrando na APM, Associação da Polícia Militar, aí ele fabricava uniforme pra Polícia: Bota, cinto, essas coisas assim. E lá tinha a carpintaria. Aí ele ficou encarregado da carpintaria e da sapataria da Polícia Militar. Ele fabricava coturno. Depois o pessoal fechou e começou a comprar. Então ele trabalhou com isso. São histórias. Ele era

		praticamente assalariado. Então ele passava muita dificuldade. Inclusive, uma vez, ele contou que ele teve até, isso na década de 60, ele teve um problema lá de cortarem a luz por falta de pagamento porque ele não pagou a luz pra fazer instrumento.
29	Schubert	Então foi isso. Eu tava tentando lembrar. Ele tinha me contado algo sobre isso. Alguma coisa sobre conta de luz e ferramenta. Então foi isso?
30	Hamilton	Exatamente. Aí ele, porque assim, a casa dele ele comprou logo em seguida. Aquele esquema: europeu vem e quer uma casa, né. Ele comprou a casa e construiu. Foi pelos anos 60. Aí cortaram a luz da casa dele.
31	Schubert	E a esposa?
32	Lilia	Ela não deve ter gostado nada disso (rindo).
33	Hamilton	Ucraniano é sempre brabo, né? Então você imagina (risos).
34	Schubert	A família apoiava isso? Ou era uma coisa de “deixa ele lá fazendo bandura”?
35	Hamilton	Não. Era o hobby dele.
36	Lilia	Não. Era como um hobby mesmo.
37	Hamilton	Mas era viciante. Ele chegava em casa e sumia no quartinho dele que ele tinha lá e aqui em casa também, ficava o dia inteiro ali. Era impressionante. Na verdade, eu tô falando sem roteiro
38	Schubert	Não tem problema, é assim mesmo.
39	Hamilton	Ele tinha uma habilidade impressionante. Há muito anos, na época da máquina de escrever, eu comprei uma máquina digital. E ele aprendeu a escrever nessa máquina. Aí, depois, ele ganhou do bispo uma máquina com o alfabeto cirílico ucraniano. Então, tem muita coisa escrita à máquina.
40	Lilia	E ele adorava escrever. Tudo ele ia escrever.
41	Hamilton	Ele aprendeu sozinho, catando milho. Tanto a eletrônica que escrevia em português, depois ele passou...e essa

		máquina que ele usou do bispo usava aquela fita vermelho e preto.
42	Schubert	Sim. Eu era pequenininho mas eu lembro (risos).
43	Hamilton	Até essa máquina tá aqui ainda, a do alfabeto cirílico. É bem interessante. E assim foi. Era a vida dele, tá. Aí ele procurava sempre fazer apresentações no folclore. Aí quem apoiou muito ele foi a igreja da vila Guaíra. A mulher do Bispo. A Isabel
44	Lilia	A irmã do bispo (corrigindo).
45	Hamilton	A irmã.
46	Schubert	Isabel Krevey?
47	Hamilton	Isabel Krevey. Ela apoiou muito. Na realidade, ela que, vamos dizer assim, profissionalizou o Seu Bojko. Montaram um conjunto de banduras lá. Até 1992, a ucrânia pertencia a União Soviética, não tinham acesso lá, então as banduras que tinham no Brasil, diria que até 93/94 foram todas feitas por ele ou alguma coisa que veio do Canadá. Canadá e Estados Unidos mandaram alguma coisa, mas muito pouco.
48	Schubert	Então ele que introduziu a bandura no Brasil.
49	Hamilton	Sim. A primeira bandura que eu vi, eu dancei no folclore ucraniano, foi ele que fez. E tudo pesquisando fotografia e o que ele lembrava da Ucrânia de 1942/43, quando ele foi levado pra Alemanha.
50	Schubert	Só preciso confirmar uma informação. Lá na Ucrânia ele não chegou a ver uma bandura pessoalmente?
51	Hamilton	Olha, eu acho que não. Na realidade, já era meio raro e já estavam sob a opressão do sistema soviético. Então, até a própria língua ucraniana era proibida. Então, acredito que ele não tenha visto. A única coisa que eu lembro é de uma senhora lá, que conhecia ele, falou que a voz dele era a melhor voz que tinha no coral de Konyukhy e região.
52	Schubert	Como que pronuncia o nome?

53	Hamilton	“Coniúhi”. É com K.
54	Schubert	Eu sempre leio, mas não consigo...
55	Hamilton	É. Exatamente. Então, a casa dele é nessa aldeia lá. Até aparece no filme.
56	Schubert	Nossa, o que eu chorei nessa cena (risos).
57	Hamilton	E assim foi a vida dele. Mas realmente, olha, é admirável a habilidade manual dele, a facilidade que ele tinha nas coisas. Se bem que, na realidade, ele não tinha essa parte do dedo (aponta para o indicador da mão direita), ele perdeu.
58	Schubert	Foi na Guerra?
59	Hamilton	Não, é uma história engraçada. A segunda parte que vou contar foi confirmado. Quando eu conheci, ele já não tinha essa parte do dedo. Aí foi, em 92 ou 93...
60	Lilia	Isso, por aí.
61	Hamilton	Não, foi mais. Ele já estava morando aqui, enfim. Ele começou a, começou a inchar a mão. Começou a avermelhar. Aí levamos ele ao ortopedista. Tirou uma radiografia. Apareceu alguma coisa alguma metálica enfiada no osso. Eu não tinha tempo de acompanhar. Eu acompanhei ele no dia que ele foi fazer a cirurgia pra extrair isso. Foi lá no Hospital geral, lá no Hospital do Trabalhador. O Ortopedista marcou lá. Estou lá aguardando, era uma cirurgia simples, ele entrou lá e saiu. Na realidade era um procedimento pra tirar esse objeto. Aí eu li no prontuário “ferimento por arma de fogo”. Aí chamei ele “Seu Bojko, o que é isso aí?” Ele disse “em 1925”, eu lembro do ano que ele falou, ele tava arando ali nessa região, “tava arando e o arado virou uma peça metálica que parecia um cachimbo”. Ele juntou essa peça, ela era de um metal amarelo, provavelmente latão ou bronze. Ele levou essa peça pra casa, aí deixou lá o arado que era puxado a cavalo. Deixou o cavalo na estrebaria. Tinha uma bigorna.

		Ele resolveu abrir a peça. Pegou o martelo, deu uma martelada e a peça explodiu.
62	Schubert	Meu Deus.
63	Hamilton	Na realidade, era um detonador de alguma arma. Nessa explosão, arrancou o dedo dele e enfiou esse pedaço. Só que ficou de 1925 até agora. Aí provavelmente, com a idade, foi perdendo resistência e começou a inflamar. E daí, ele também ele tinha uma cicatriz aqui na barriga. Ele contou que essa cicatriz, ele tava em, na cidade de Hamelin, ele ficou em Hamelin na época da guerra. Aí ele escutou barulho de um avião, que devia ser um caça e ele escutou tiro, mas muito longe. Aí ele sentiu, depois de alguns segundos, um rasgo na barriga. Então, eu falava pra ele “Olha, seu Bojko, o senhor é a única pessoa que eu conheço que tá viva que tem ferimento de duas guerras”. Ferimento da I Guerra Mundial de um negócio que achou na lavoura. E tava na Alemanha e ele sentiu, ele tinha uma cicatrizinha que ele dizia que era alguma coisa que riscou Isso em Hamelin, do lado de Hamburgo, até tinha algumas fotos de lá ainda.
64	Schubert	Esse lugar que ele ficou era um campo de concentração?
65	Hamilton	Não. Ele trabalhava numa fazenda. Trabalhava como trabalho escravo. O pessoal trouxe mão de obra. A mão de obra masculina da Alemanha foi tudo pra guerra, aí trouxeram de vários países eslavos pessoal pra trabalhar. Como a mãe dela, a Dona Ana, que virou esposa do Seu Bojko. Mas ele realmente não tinha queixa nenhuma do pessoal que atendia ele. Ele disse que foi bem tratado. No que chegaram, já deram quarto bom pra ele...
66	Schubert	Ele só não ganhava.
67	Hamilton	Ganhava alimentação, mas nunca foi maltratado. Isso ele sempre falava. Ele dizia o nome do, ele chamava de Barão. Era um Barão alemão que tinha o pessoal trabalhado. Ele

		dizia que era tratado de uma forma impressionante. Era ucranianos, poloneses, pessoal da Tchecoslováquia, vários países eslavos que trabalhavam aí. Não sei a mãe dela. A mãe dela trabalhou em Hamelin mas não sei em que família. Talvez, pensando agora, não sabemos o nome da família. E ele foi assim: veio a ordem na aldeia “tem que mandar tantas pessoas pra Alemanha”. Era pra ir a irmã dele e ele foi no lugar da irmã. Nós estivemos em Lviv e ele lembrou perfeitamente, disse “olha aqui esperei o trem, aqui tinha um buraco mais pra frente, passei por esse buraco e consegui um pão”. Aí passou um frio danado no trem. Aí foi levado pra região lá, mas que, quando ele chegou lá, no que chegou, foi muito bem tratado. Já deram roupa, fizeram documentação, até aparece no filme a documentação com a suástica. A única coisa que aconteceu e isso também, esse documento está aqui embaixo, acho que é um documento histórico, quando ele tava fazendo a identidade na Alemanha, eles pegaram a digital do dedo. Ele tava tão cansado que não conseguia apertar o dedo. Aí o oficial deu um soco no dedo dele e no documento, até hoje, tem o sangue que espirrou debaixo da unha. É uma peça de museu.
68	Lilia	Esse documento está aqui.
69	Hamilton	Se um dia quiser ver, podemos te mostrar. Tem o documento lá. A digital dele e vários risquinhos de sangue “esse aqui foi o soco que o oficial me deu. Tá muito cansado”. Viajou dois ou três dias de trem, sem comer nem nada, pra ir trabalhar na Alemanha.
70	Lilia	Que vida, né?
71	Hamilton	E ele sobreviveu. E quantos ficaram por lá? E os que voltaram pra Ucrânia foram todos...
72	Schubert	Era uma pergunta que eu tinha. Antes de ele ir pra Alemanha, ele fazia parte de uma resistência?

73	Hamilton	Isso, uma resistência política.
74	Schubert	Não era uma resistência armada?
75	Hamilton	Eu acho que não. Não era armada. Por exemplo, o meu pai contava que teve que sair da Ucrânia por partido político. E o seu Bojko também. Ele tinha uma habilidade pra falar impressionante. Ele seria um grande político. Tinha muita capacidade de oratória, impressionante. Uma fluência impressionante.
76	Lilia	Ele falava...Ele falava principalmente com os padres.
77	Schubert	Tem aquela cena no filme que ele está na igreja e dá aquele discurso. Será q ele ensaiou, fiquei pensando.
78	Hamilton	Exatamente.
79	Lilia	Meu pai lia muito livro. Ele ia muito em biblioteca aqui. E mesmo os padres ali da igreja sempre mandavam jornal pra ele, de fora, da Ucrânia, Estados Unidos, ele gostava demais.
80	Hamilton	Aí uma época, quando existia a Rádio Kiev, eu instalei pra ele, meu hobby é radioamadorismo. Aí instalei um receptor e ele escutava direto a Rádio Kiev.
81	Schubert	Pegava direto aqui?
82	Hamilton	Pegava direto. Não sei onde era o transmissor. Ficava na região de Une da Ucrânia, tipo Voz da América, propaganda soviética. Aí ele escutava.
83	Schubert	Deve dar um alento você ouvir a voz do seu país, né?
84	Hamilton	Exatamente. Eles falavam em ucraniano, não russo. Então assim, as coisas que ele contava eram impressionantes mesmo.
85	Schubert	E ele não tinha problema de contar essas coisas?
86	Lilia	Não. E ele gostava de contar.
87	Hamilton	Nunca teve. Eu lembro de uma vez que a gente tava vendo televisão, sobre os bombardeios na Alemanha. Então ele falou que, quando passava os B-17, eles passavam em grande quantidade, em grande altura, mas, quando iam

		viram, o chão tremia. Provavelmente tinham que acelerar pra não perder altitude. Aí, a cidade dele, Hamelin, nunca foi bombardeada. Ele viu o bombardeio em Hamburgo. Ele falou que não existia nada, só montanha de destroços.
88	Schubert	Quando eu conversei com a Vivian, eu perguntei sobre o apoio da família. Ela disse que era mais um hobby dele. Ela falou que, principalmente, o pessoal do Barvinok não ligou muito pra ele.
89	Hamilton	Isso é verdade.
90	Schubert	Ele contava alguma coisa sobre esse assunto?
91	Hamilton	Não. Na verdade, ele tinha essa habilidade fantástica de falar, mas eu achava ele, nesse ponto, apolítico. Aquela história, ele foi bem recebido pela irmã do bispo. Ela que criou o conjunto de banduras infantis. Mas ele frequentava a sociedade aqui e nunca teve queixa de não apoiarem. Na realidade, aqui (Barvinok), a visão era um pouco diferente. A ponto que ele dizia o seguinte, até meu pai dizia isso, e ele dizia. “Eu não sou católico, não sou ortodoxo”. Aí tinha, eu lembro que na época, eu era muito novo pra frequentar a sociedade, eles faziam um negócio que era a “Akadémia”, uma apresentação lá. Aí tinha o tal de Petruta (difícil compreensão) que era um político ucraniano, um tal de Bandeira. Ele dizia, “olha, sou ucraniano. Não preciso ter partido”. Eu lembro que até a gente visitou lá em Zaporija um museu muito interessante, até lá tem uma das banduras mais antigas da Ucrânia, isso é 1700 e pouco. A ucrânia teve um presidente, não sei que época, mas é desse período. E esse presidente... a Ucrânia sempre teve meio dividida. Império Austro-húngaro, Rússia. Ela sempre, por azar, está numa região muito boa e muito fácil de chegar. Lá tem uma bandura, esse museu tem muito desse político ucraniano, e essa bandura e as cordas são feitas de fio de prata. Talvez pela dificuldade de trefilar um arame,

		mas tem essa bandura lá. E muitos instrumentos muito antigos.
92	Lilia	Eu acho que meu pai deixou uma bandura lá.
93	Hamilton	Deixou, mas num museu em Kiev. Existe na região ali, no vaticano de Kiev, a região das igrejas, e lá tem um museu que tem banduras. E ele deixou uma lá. Até outro dia, a mulher do cônsul, teve lá e colocou no Facebook e ela viu o nome dele e a bandura está lá.
94	Schubert	Quando conversei com o Guto, ele disse que o Seu Iván fez uma bandura pra ele e disse que, quando recebeu a bandura, Seu Iván falou “olha, aí dentro tem uma carta que você só vai ler quando você sentir que é a hora e só depois que eu morrer”. E o Guto falou que não leu até hoje. Que não acha que está pronto. Você dizer se é um hábito dele?
95	Hamilton	Olha, isso eu estou sabendo agora.
96	Lilia	Eu também. Acabei de saber. Acho que não era um hábito.
97	Hamilton	Eu sei que ele colocava o nome dele e o ano de fabricação. Ele escrevia a mão, por dentro. Com caneta ou com pirografo.
98	Schubert	Quando o Guto me contou...
99	Hamilton	Pois é. Isso eu não sabia, você que está contando.
100	Schubert	O legal da pesquisa é isso. A gente descobre um pouquinho sobre cada um.
101	Lilia	Meu pai tinha uns lances assim. Ele também fez uma carta e deixou essa carta guardada do lado da cama onde ele dormia, no criado mudo. Porque ele já estava se preparando pra morrer. Nessa carta, ele faz uma despedida. Então é uma coisa que eu guardei, claro, né. Mas ele tinha uns lances às vezes. Mas eu não sei o que que ele fez pro Guto.
102	Schubert	E o Guto falou que não acha que é o momento, mas dentro da bandura tem uma carta.
103	Hamilton	Na verdade, quem trouxe o Seu Bojko à tona mesmo, foi o

		Guto. Com aquele Made in Ucrânia, aparece ele falando. Na verdade, acabou dando um show no filme. Agora, a capacidade de oratória dele era impressionante. Na realidade, conheci uma outra pessoa, que não era político, que falava da mesma maneira. Que era o Aramis Bertoldi, ortopedista. Ele quando falava, arrasava. Um raciocínio sem ler, nem nada, escreve um livro.
104	Schubert	Eu lembro que quando conversei com Seu Iván e no próprio filme, acho que o Guto fala, que ele tinha essa preocupação de não deixar a história morrer. Tanto que ele escreveu os diários que deixou com o Guto. Não teve mais gente que se interessou em estudar e perpetuar essa história da bandura?
105	Hamilton	Na realidade o Brasil, culturalmente, é muito pobre. Pouca gente se interessou em vir aprender aqui com ele. Aí o negócio mais sério que fizeram foi o conjunto de banduras do Poltava. Foi isso. Não tem assim. Depois que ele faleceu teve alguém da Federal aqui, da Luteria, até queria levar alguma coisa pro Museu, mas depois acabou se desinteressando e alguma coisa foi lá por Poltava e o resto tá ali embaixo.
106	Schubert	Eu tenho comigo uns moldes que ele usava pra fazer a bandura. Eu vou replicar esses moldes e eu tava vendo com a Ana e com Júlia na época, pra fazer um museu lá no Poltava. Essa história não pode ficar perdida.
107	Lilia	Ali na Sociedade Ucraniana tem um museu. Ali iniciou. Mas não sei se tem bandura dele.
108	Hamilton	O tsembale que está ali era do meu tio.
109	Schubert	Nesse conjunto, Sr Bojko tocava o que? Porque ainda não tinha bandura.
110	Lilia	Não. Sabe o que que tinha ali e foi o primeiro que meu pai construiu? Foi um violoncelo.
111	Schubert	Ah, não...

112	Hamilton	Exatamente. Ele tocava violoncelo, agora eu tô lembrando.
113	Lilia	Ele queria construir e fez sozinho.
114	Hamilton	Agora eu tô lembrando, nesse conjunto, ele tocava violoncelo.
115	Lilia	Antes da bandura. E daí, por muito tempo, ele tocou violoncelo.
116	Schubert	Mas olha só, agora faz sentido. Desculpe cortar. Mas quando eu vim aqui a primeira vez, toquei a campainha e ele tava sentado com os cachorrinhos perto dele e ele não veio me atender. Acho que ele tava cansado, não me conhecia, não tinha por que me atender. Só que eu precisava muito falar com ele. Eu vou insistir mais um pouco. Daqui a pouco ele veio. Eu fiquei com vergonha porque ia fazer ele subir essa rampa. Aí começamos a conversar, e ele falou “volta outro dia porque eu já fui em três médicos e tô cansado”. Eu falei “não tem problema, só vim me apresentar e falar de bandura que estou restaurando.” e ele “você é músico?” e eu falei “sim. Eu toco contrabaixo”. E ele falou “sabia que eu tocava baixo também?” E eu “O senhor tá brincando?” e ele “espera um pouco que vou pegar minha chave”. Aí que fomos lá pra oficina.
117	Hamilton	Sim. Agora eu lembrei desse cello. Aí esse meu tio, quando foi pros EUA, vendeu tudo que tinha. Aí, antes de ir, ele morou aqui. Ele, o filho e a esposa. Na realidade, eu nasci aqui, nessa casa. Em 61 ele foi embora, ele tinha medo do comunismo e foi embora. Tava naquela coisa de Cuba e tal e ele acabou indo embora. Aí ele tocava aqui. E eu lembro que aqui na frente, aquela casa com muro na rua, aí tinha uma areazinha ali, aí meu pai tinha uma radiola ainda, daquela toca disco, com rádio. E eles sentavam ali do lado na sala e tocavam e o Seu Bojko tocando contrabaixo. Aí um tocava sax...

118	Lilia	Uma coisa que ele tanto fazia, mas não deu certo foi violino.
119	Schubert	Ele tentou fazer também?
120	Lilia	Por causa da madeira. O violino é muito difícil e complicado. E não se achava madeira certa e não sei o que. Depois que ele resolveu fazer bandura.
121	Schubert	E existe foto dele tocando esse cello?
122	Hamilton	Não tem.
123	Lilia	Olha, se procurar deve até ter.
124	Hamilton	Acho que não tem. Tem foto do meu tio tocando o tsembale na Sociedade Ucraniana.
125	Lilia	Mas, Hamilton, deve ter. Porque eles tocavam na igreja e eles tiravam muito foto.
126	Hamilton	Mas as fotos não chegavam na gente.
127	Schubert	Qual igreja é? Na Saldanha Marinho?
128	Hamilton	Não, ali na Martin Afonso. Igreja Ucraniana. É, no começo, ele frequentava a Vila Guaíra. Ele morava lá. Aí nos anos 2000 mais ou menos, minha mãe faleceu em 99, aí nós trouxemos ele pra cá. Na realidade, é uma pena que esses discos se destruíram. Antigamente se usavam muitos discos em propaganda e essas coisas, então esse disco foi feito pra alguém que fazia jingle e gravava pra televisão e esse tipo de coisa.
129	Lilia	Agora eu me lembrei. Como você é ligado à arte e música. Esses discos de vinil. Meu pai tem um monte desses discos. Você sabe onde eu poderia doar pra alguém?
130	Hamilton	Mas eu não quero que doe. Eu tenho uma radiola que quero restaurar. Minha formação é eletrônica. Só que sou da época da válvula, sou antigo. Mas eu tenho rádio a válvula, nunca tenho tempo, mas um dia vou mexer. Quero mexer.
131	Schubert	(Rindo) sempre assim. Bom, a bandura ele viu no jornal e de uma forma autodidata ele foi construindo. E esse cello?

		Como ele conseguiu?
132	Lilia	Nossa, eu lembro dele construindo, mas eu não sei. Eu sei que ele tinha várias fotos, isso eu lembro bem.
133	Hamilton	Não sei se ele tinha reformado algum antigo.
134	Lilia	Olha, eu sei que ele construiu inteiro. Vendo outros. Ele sempre foi assim. Ele via e imaginava que podia fazer.
135	Schubert	Olha, é impressionante.
136	Lilia	Ele não tinha medo. Tem aquele, aquele que também não deu certo. A lira
137	Schubert	Aquela que ficava na parede dele?
138	Hamilton	Sim e mais um instrumento que fazia ele lembrar da ucrânia. Mas lá na Ucrânia ele viu que era diferente, o teclado e tudo.
139	Lilia	Tanto que uns meses antes de ele falecer ele tinha voltado pra lira de novo pra ver se ele conseguia fazer. Meu Deus
140	Hamilton	Ele foi muito rápido, o final da vida dele. Ele, em maio, pegou uma pneumonia. Aí, ele recuperava, mas sempre num patamar um pouco mais baixo. Aí foi, foi, foi... ele foi internado na quarta à noite, na sexta ele faleceu.
141	Schubert	Eu lembro que um dia eu vim e estava muito frio. Com a Ana Ester. Eu trouxe um esqueleto de bandura que eu queria mostrar pra ele.
142	Hamilton	Ele já estava bem debilitado. Ele recuperava, mas não subia o degrau.
143	Schubert	Ele morreu com 97?
144	Hamilton	96.
145	Lilia	Não. 97. Ele fez 97 e morreu.
146	Hamilton	Na realidade, o aniversário dele era dia de São João. Mas ele nunca teve muita certeza disso. Porque ele saiu sem documento da Ucrânia. Não sabia a data exata.
147	Lilia	Exatamente. Ele não sabia direito.
148	Hamilton	Então ficou dia de São João. Imagine a dificuldade dele. Falando uma língua eslava. Só que o impressionante é o

		seguinte, quando esteve na Alemanha ele falava alemão.
149	Schubert	Eu vi no filme.
150	Hamilton	Eu tenho um amigo que é radioamador e fala alemão. Ele falava alemão com ele fluentemente. E ele dizia que o alemão do meu sogro era muito bom. Ele ficou lá na Alemanha sete anos.
151	Lilia	Polonês ele também falava.
152	Hamilton	Polonês porque uma época a Ucrânia ficou na mão dos poloneses. A Ucrânia sempre teve problema com vizinhança e sempre foi dominada. Agora os russos estão querendo invadir.
153	Schubert	Ucraniano, alemão, polonês e português. E olha que português é muito difícil.
154	Hamilton	E o português dele era bom.
155	Lilia	Chegou aqui sem falar nada. Nunca esqueço que minha mãe comentou que no Rio de Janeiro ela foi comprar uma fruta pra minha irmã, minha irmã nasceu na Alemanha. Aí ela achava que o chuchu...
156	Hamilton	Venderam pra ela um chuchu como pêra. Ela disse que nunca tinha visto uma pera tão grande. Ela comprou o chuchu pensando que ela pêra. Nunca tinha visto.
157	Lilia	Era difícil explicar. Como que fala uma língua assim?
158	Schubert	Eu até consigo ler, mas não falo. Agora imagine um ucraniano e um carioca conversando.
159	Lilia	Uma pessoa que veio lá do outro lado pra falar com brasileiro.
160	Hamilton	Você é descendente de.. ?
161	Schubert	Alemão e italiano. Mas sou alemão por ser, porque não tenho hábitos. Mas sempre gostei muito do alfabeto cirílico. Então eu já fiz aula, fiz aula de russo, aprendi sozinho também. Muitas das coisas eu consigo ler, mas não sei o quer dizer.
162	Hamilton	Já dá pra ter noção.

163	Schubert	Mas teoricamente eu sou alemão e italiano. Minha família veio pra construir a estrada de ferro de Curitiba-Paranaguá. Só mais uma perguntinha, a oficina dele ficava ali embaixo. O pessoal chegava a tocar aqui ou aqui era só manutenção? Era um ponto de encontro?
164	Lilia	Só manutenção. Mas vinha muita gente comprar
165	Hamilton	Tinha os amigos que vinham
166	Lilia	Ele fazia bandura pequenininha pra criança. Às vezes ele ficava meio preparado pro fim de ano e Natal e vendia super bem. Ele vendeu muita bandura.
167	Schubert	Vocês têm ideia de quantas ele conseguiu fazer?
168	Hamilton	Ele chegou a falar uma vez que...ele chegou a fazer, se não me engano, 72 banduras. É. Teve uma época que ele fez mais seriado. Ele montou a serra fita, fez a lixadeira elétrica, as cordas e tal...
169	Schubert	Aí facilita.
170	Hamilton	Exatamente. Foram 72.
171	Schubert	E estão espalhadas pelo Brasil.
172	Hamilton	Muitas delas acabaram partindo por causa da estrutura. E talvez a primeira nem exista mais.
173	Lilia	Lá na Ucrânia ele foi conhecer uma fábrica.
174	Schubert	A Trembita, lá em Kiev.
175	Hamilton	Na realidade, as melhores que ele fez mesmo, foi com essas madeiras que vinham da Europa.
176	Schubert	Ele chegava diferenciar uma bandura “boa” ou vou fazer uma bandura pra “iniciante”.
177	Hamilton	Ele identificava bem de ouvido a qualidade do som. A afinação da bandura que ele falava. Eu lembro que eu trouxe dos Estados Unidos um calibrador eletrônico, depois acabei trazendo um outro, até deve estar lá embaixo ainda.
178	Lilia	Tem uma bandura que está naquele bar. Era uma bandura ruim
179	Schubert	No Ukra?

180	Lilia	Sim. Ela estava aqui. Aí foi o meu genro que a moça perguntou se o Bojko tinha alguma coisa. Aí eu dei a bandura pra levar pra lá.
181	Hamilton	Antes desse Korg, ele usava diapasão. Existe aquele afinador de sopro, mas ele tinha aquele diapasão de garfinho mesmo.
182	Schubert	Esses dias foi uma moça na minha oficina. Acho que Angelina ou Angelita. É Boiko o sobrenome, só que com “i”. Ela disse “essa bandura quem fez foi o Sr. Bojko”. Mas tava muito diferente das banduras que eu tinha mexido. Eu fiquei em dúvida.
183	Hamilton	Ele foi evoluindo.
184	Schubert	Era uma bandura bonita. Mas era muito diferente das outras. Por isso que achei que ele tinha feito dois tipos de bandura.
185	Hamilton	Ele tentou. Tem banduras que tem subtom. Não sei se você chegou a ver. Você consegue mudar a posição das cordas.
186	Schubert	Eu vi a da Ana Ester. Ele chegou a fazer?
187	Hamilton	O dispositivo tá ali embaixo. Ele tentou de tudo quanto é jeito. Peças de guarda-chuva, cantoneira de alumínio, com a mecânica dele, mas ele não chegou a fazer funcionar. Ele tentou. Ele viu na Ucrânia o mecanismo, que na realidade é simples...
188	Schubert	É simples quando já tá inventado.
189	Lilia	É.
190	Hamilton	Eu de música sou negativo. Eu tenho uma grande frustração na vida. Eu queria aprender telegrafia. Eu sei todo código Morse, mas eu não consigo decodificar porque eu não tenho ouvido. Todos os meus amigos que são radioamadores que são bom em telegrafia, ou tocam violão ou coisa assim. Eu não tenho ouvido. Telegrafia é música.
191	Schubert	É ritmo, né.
192	Hamilton	Exatamente. Eu entendo como ponto e traço. O pessoal

		entende a sequência.
193	Schubert	Bom, agora já encerrando...
194	Hamilton	Não. Fique à vontade.
195	Schubert	Vocês sabem dizem em quais ocasiões a bandura é tocada? Porque a Ana me falou que no velório do Seu Bojko ele tocaram. Eu nunca imaginei que fossem tocar num velório.
196	Hamilton	Exatamente. Na verdade, é um instrumento popular. Só que é um instrumento popular mais sofisticado. Ele teve um período, talvez, pela opressão...
197	Lilia	Você já esteve na Ucrânia?
198	Schubert	Não. Só na Rússia.
199	Lilia	Na ucrânia você encontra pessoas tocando direto.
200	Schubert	Na praça, né? Tem aquela cena do filme com dois banduristas.
201	Hamilton	Mesmo em Yalta, hoje a Crimeia voltou pro domínio russo, aí justamente onde foi feito a conferência de Yalta, tinha um cara tocando bandura, um senhor de idade, até comprei um CD
202	Schubert	Mas em Curitiba...
203	Lilia	Na verdade, quando tinha apresentação do folclore, ou quando tinha aqueles negócio que ele disse as “akadêmias” ...
204	Hamilton	Exatamente. Não sei qual é a tradução pra palavra “akadêmia”, academia. Academia. Então eles colocavam a fotografia do político lá e os ucranianos antigos contavam, falavam, então tinha lá, eram uns partidos político. Não sei se você conhece o Toronenko, o embaixador, ele pode te explicar bem.
205	Schubert	Eu mandei um e-mail pra ele e ele não respondeu. Queria falar com ele, mas não deu. O Guto me falou que, um pouco antes do Seu Iván morrer, ele foi condecorado ali no Palácio.

206	Hamilton	Sim. Eu que fui receber porque ele não podia mais ir
207	Lilia	Ele tava ruinzinho.
208	Hamilton	Recebemos uma condecoração da Ucrânia bem importante, poucas pessoas receberam.
209	Schubert	É como se fosse um herói, né?
210	Lilia	É uma coisa que temos guardado. E ele, realmente, só não foi mesmo... porque ele ia em tudo.
211	Hamilton	Ele faleceu no dia 23. Essa homenagem pra ele foi bem no início de dezembro, pouco antes de ele falecer. Ele já não tinha mais condições de ir. Ele ficou muito feliz.
212	Schubert	O Guto falou que foi esse embaixador que trouxe essa medalha. Aí eu mandei um e-mail pra ele pra ver se ele podia falar sobre o Seu Iván, mas não deu certo.
213	Hamilton	Tinha uma pessoa na Embaixada que sempre falava comigo. Eu te passo o telefone.
214	Schubert	Claro, é um capricho pro trabalho porque, teoricamente, não precisa. Quanto mais informação eu tiver, melhor.
215	Hamilton	Uma coisa que o pessoal falou é que um Embaixador que recebeu a gente na Ucrânia, a gente pega uma bandura na Ucrânia e é uma pena (sentido de peso).
216	Schubert	Ah, é levinha?
217	Hamilton	A dele é bem mais pesada. Mas lá o processo de fabricação, ele escavava a madeira, lá não. Lá o pessoal faz com compensado, com vapor, como faz um violão.
218	Schubert	Pra entortar a madeira, né
219	Hamilton	Exatamente. Eu não consigo lembrar a madeira. Uma é o Losá, esse é idêntico ao nosso chorão.
220	Schubert	Parece um cipreste?
221	Hamilton	É um cipreste. Porque tem um pinheiro que eles chamam de Pinho de Riga e tem um que é mais cônico e mais verde. E a folha vai até embaixo. 'E parecido com o pinheiro de Natal, é o cipreste. É essa madeira que eles usam lá. Bem branquinha, bem levinha e extremamente estável. Então,

		eu lembro que eu estava lá e tinha um instrumento exótico, e era com essa madeira por causa da estabilidade.
222	Schubert	Eu nunca fui à Ucrânia, mas é muito mais frio que aqui, né. Então a madeira é muito mais dura, muito mais estável.
223	Hamilton	O meu pai fabricou um violino. Depois que trabalhou na Usina lá, ele foi trabalhar numa mina de ouro aqui em Ferraria. Trabalhou muito tempo ali, de carpinteiro. E ele também tinha uma habilidade boa de carpintaria e fez um violino. E ali na mina eles recebia dinamite da Noruega. E vinham em caixas de madeira. Meu pai fez um violino com as caixas de madeira das dinamites que vinham da Noruega. Esse violino está com meu sobrinho. Ele fez tanto o arco, com crina de cavalo.
224	Lilia	A bandura, só te cortando, que era do meu pai mesmo, está comigo.
225	Schubert	É uma que ele aparece tocando no filme?
226	Lilia	Sim. Ele já falou que tinha que ficar comigo. Minha irmã nunca se interessou muito. Tá lá embaladinha. Bonitinha.
227	Schubert	E você toca?
228	Lilia	Eu não sei tocar. Bem que eu quis aprender, mas não sei tocar.
229	Schubert	Olha aí, será que não tem uma cartinha lá dentro? (risos)
230	Lilia	Olha, eu vou olhar (rindo).
231	Schubert	Ficou com uma pulguinha atrás da orelha agora, né?
232	Lilia	Vou olhar.
233	Hamilton	Olha, o que eu puder ajudar, pode contar conosco.
234	Schubert	Muito obrigado. Agradeço demais e desculpe tomar o tempo de vocês
235	Hamilton	Olha, eu ainda trabalho. Eu tenho uma pequena fábrica e trabalho com condutores elétricos. Eu comprei uma máquina que chegou agora e é muito correria e hoje começou a acalmar.
236	Lilia	Tem muita coisa que eu não mexi do meu pai, sabe. Porque

		me dá uma tristeza. Porque, na verdade, eu conversava muito com ele. Quando minha mãe faleceu, ele sentiu muita falta dela. Então, todo dia de noite, eu descia aqui, ia lá e ficava ouvindo as histórias dele. Só que a gente não conseguiu ainda limpar aquela oficina dele. Então eu disse “como é que o rapaz vai entrar lá? Ele vai desmaiar”
237	Hamilton	A gente vai organizar lá. E vamos deixar a bancada que ele fez. Tá tudo lá.
238	Lilia	Depois minha filha teve neném, aí veio a pandemia...
239	Schubert	Essa da pandemia foi dureza. Mas assim, eu não preciso nem entrar, mas se der pra tirar uma foto da bancadinha dele pra ter um registro.
240	Hamilton	Eu vou arrumar minha estação de rádio lá embaixo e te aviso e você vem e fotografa o que quiser.
241	Schubert	Não tem pressa, tá tudo certo.
242	Lilia	Fica uma bagunça. Tá muito empoeirado. Nem sei por que ele guardava tanta coisa.
243	Schubert	Eu construo instrumento, né. Eu estou acostumado com pó em bagunça. Esse é meu dia a dia mesmo
244	Hamilton	Você tem oficina onde?
245	Schubert	Perto do Pollo Shop do Alto da XV, bem perto do Pollo Shop. Perto do trilho do trem lá. É pertinho.
246	Hamilton	Você tem quantos anos?
247	Schubert	37.
248	Hamilton	Eu tenho 71. Faço 72 agora em fevereiro. Eu parei de trabalhar, mas aguentei muito pouco. Se eu não tivesse voltado eu não estaria mais aqui.
249	Lilia	Eu acho que justamente por isso. Isso aconteceu com meu pai também. Meu pai não se deixava entregar por nada. Se ele não tinha o que fazer, ele ia ler. Sabe? Ele nunca parou de trabalhar.
250	Hamilton	Ele aposentou e continuou trabalhando. Sempre ocupado.
251	Lilia	Conversava com um, com outro. Deus me livre,

		conversava até demais. Todos os vizinhos conheciam. Aí paravam ali pra bater papo, aí ele ia contar as histórias. Coitada da pessoa que tava com pressa.
252	Hamilton	Vieram muitos ucranianos. Ele acabou morando na esquina da Padre Agostinho com a Presidente Taunay, ele morou ali alguns dias e depois ele comprou o terreno e ele mesmo construiu a casa dele. Ele com os amigos. Ele tinha uma agenda, toda escrita à mão e tinha o nome dos amigos. Quando ele morreu que a gente viu. Sobraram muito poucos. Ele foi um dos últimos a morrer. Todos tinham uma cruzinha. Ele anotou tudo. Colocou uma cruzinha no nome deles. Foi ela que viu.
253	Schubert	A organização dele é impressionante.
254	Hamilton	Muitos dos que vieram com ele para o Brasil, se bem qque se conheceram aqui, muitos acabaram migrando pros EUA em 60 e 61, até 68 houve uma imigração muito grande pros EUA. Em 61 foi muito grande porque o pessoal tinha muito medo do comunismo. Meu pai tinha pavor disso, eu lembro. Esse meu tio, que era fotógrafo profissional, tocava o tsembale, que está no museu ali. Na realidade, quem montou aquele museu foi minha tia, Maria Wolochyn.
255	Schubert	Wolochyn? Tenho um amigo chamado Fabiano Wolochyn.
256	Hamilton	Esse meu tio, irmão da minha mãe no caso, Serafim, até tem uma rua com o nome dele, foi o primeiro presidente da SANEPAR. Ele ela engenheiro civil ou mecânico. Era da turma do Ivo Arzua.
257	Schubert	Lá do Clube Curitibano?
258	Hamilton	Sim. O pessoal da época do nome dos famosos.
259	Schubert	Todos com nome de rua aqui em Curitiba.
260	Hamilton	É. Prefeito, governador e por aí.
261	Schubert	Vou fazer uma última pergunta...
262	Hamilton	Fique à vontade.
263	Schubert	Da mesma forma que perguntei pro Guto, pra Ana e pra

		Vivian, tem alguma coisa que deixamos de falar aqui e que seja importante e que eu não perguntei? Vocês querem falar alguma coisa? Alguma curiosidade?
264	Hamilton	Se eu lembrar eu anoto e te aviso. Assim, de momento, acho que foi tudo. Ele falava tanta coisa que você acaba esquecendo.
265	Lilia	É. Nossa. Falava muito, muito, muito, muito. Às vezes a gente lembra, claro
266	Schubert	A primeira vez que falei com ele foi mais de duas horas. E eu com peso na consciência com medo que ele ficasse cansado.
267	Lilia	Não. Ele gostava. A coisa que ele mais gostava na vida é quando aparecia esses caras que eram Mórmon...Deus o livre. Eu sempre dizia “pai, por favor”. As pessoas vinham evangelizar ele e ele evangelizava a pessoa. Ele adorava uma discussão política. Ele era bem conhecido. Quando ele faleceu, depois de um mês, as mulheres passavam aqui, tinha um pessoal que passava sempre, né, “e aquele senhorzinho?”, eu dizia “ele já está no céu”, “ah, mas a gente gostava tanto dele”.
268	Schubert	Uma pessoa muito querida.
269	Lilia	Os vizinhos “como está teu pai?” Quando eu falava que ele havia falecido eles ficavam bem tristes. Porque a turma que ia comprar pão de manhã ele falava, a turma que ia comprar a tarde ele falava e assim ia fazendo os amigos.
270	Schubert	Não tinha dificuldade nenhuma, né?
271	Hamilton	No filme aparece ele fazendo o discurso na igreja e o padre corta, né?
272	Schubert	Sim. Eu percebi.
273	Lilia	Até pra ir no mercado, ele ia muito comigo no Festival. Era muito engraçado porque ele chegava na panificadora e a moça dizia assim pra ele “moreninho, né? Bem moreninho” e ele “isso aí”. Elas já sabiam que o pão era moreninho

274	Hamilton	Quando lançaram o filme ali, passou ali no Shopping Crystal. Aí naquele dia até avisei o Guto “ó Guto, não deixa ele falar porque ele tá inspirado. A sessão não vai começar”.
275	Schubert	E ele gostou do filme?
276	Lilia	Gostou. Nossa Senhora. Esse era um grande problema dele. Sempre falava muito. Meu Deus do céu. Ele parava qualquer pessoa na rua e ia contar tudo. Aí o Guto “vamos, Seu Iván, temos que fazer tal coisa”.
277	Schubert	O Guto falou que tem mais de 200h filmadas...
278	Hamilton	O Guto ficou de me passar isso, mas perdi o telefone dele. Aí falei com o Guto pelo fixo dele. O Guto fez um simpósio há um mês, e ele ficou de passar. Mas não consegui até hoje o número. Preciso falar com ele. Passei ali na frente e não parei.
279	Schubert	Mas eu te passo o telefone dele.
280	Hamilton	Lá na Fagundes Varella. Vou ali comprar aço inox.
281	Schubert	Bom, pessoal. Acho que é isso. Muito obrigado. Qualquer coisa eu pergunto de novo.
282	Hamilton	Eu demorei pra te atender porque eu estava bem enrolado.
283	Schubert	Imagine. Não tem problema nenhum. Essa correria de final de ano é uma bagunça.
284	Hamilton	Qualquer coisa que precisar é só vir aqui. Prefiro falar pessoalmente.
285	Schubert	Claro. Muito Obrigado, então. Até a próxima.

ANEXO 1 – DOCUMENTÁRIO *MADE IN UCRÂNIA*

Título: Made in Ucrânia		Tipo: Documentário
Nome do/a entrevistado/a: Iván Bojko		
Diretor: Guto Pasko		Produtor: Pietro Barana
Produtora: GP7 Cinema		Ano: 2006
Link do programa: https://www.youtube.com/watch?v=UOq1gR2u-fg		
Data da transcrição: 17/07/2021		
Minutagem	Legenda	Transcrição
00:24:55	Fala nº 1	Já o regime moscovita invadiu e já começou a fazer como (inaudível) deles. Começaram a tirar tudo os bens do povo. Rússia queria adaptar todo mundo para o coletivo. Como a Rússia tem sempre e tinha sempre a vontade...e como eles chamaram a povo, não é? Quem tinha bem as coisas, não é? Teria abaixo-assinado que entrega bens para a Soviet Union. Como meu pai também tinha sítio, também foi lá na escritório deles e assinou. Ele assinou que assim que: eu assino abaixo assinado que entrego tudo os meus bem com boa vontade para regime comunista Soviet Union, não é? Quando papai assinou, papai devia dar tudo...entregar para governo, não é? O que papai tinha: carroça, cavalo...o que papai tinha. Só sobrou pra nós casa, mais nada.
00:27:05	Fala nº 2	A Rússia comunismo fugiu. Entrou Alemanha. Então Alemanha deu ordem: onde tem três pessoas juventude na casa, uma é obrigado a ir para a Alemanha trabalhar. Como minha irmã tava inscrita, eu queria defender minha irmã e foi e falei: onde eu vou? Só não deixo minha irmã sair da casa...troquei, minha irmã ficou em casa e eu fui. Quando cheguei na Alemanha já trabalhar 42 até 45.

00:30:35	Fala nº 3	Depois da Rússia ainda acusou que nós somos bandido, que nós trabalhamos na Alemanha, ajudamos Alemanha, fugiram ainda...é... alguém serviu o exército alemão e assim, por todo os lado, acusaram, não é? Aliados o que fizeram? Fazer interrogatório: Por que povo não quer voltar para a Rússia? Não é? Começaram aqueles imigrante esclarecer...por qual motivo? Assim como eu também, não é? Nós não queremos voltar para a Rússia. Como nós somos inimigos, eu quando a gente vai voltar saímos do Gestapo vamos para a KGB. E Rússia de novo vai mandar nós pra Sibéria em qualquer lugar.
00:35:27	Fala nº 4	Vou dizer pra vocês: vocês têm que se orgulhar, como se eu orgulho com povo brasileiro. O povo brasileiro não dá valor muito, não é? Não existe povo tão bondoso como Brasil.
01:15:20	Fala nº 5	Começo não Brasil não existiu nenhum instrumento. Como a primeira imigração veio para o Brasil, segunda veio para o Brasil não trouxe nenhum instrumento ucraniano. Nem de (inaudível). E depois alguém disse pra mim “faz esse instrumento”. E eu comecei a fazer esse instrumento. Próprio com a minha vontade, não é. Assim (inaudível) eu comecei a fazer.
01:16:00	Fala nº 6	Russo, inimigo, contra instrumento ucraniano, porque instrumento ucraniano dá pra cantar, executar, xxxx melodia, não é, e povo ucraniano, maioria, canta canção revolucionária, não é. E eles “não quero isso”. Até agora ninguém se interessou. Daquele 25, 27 anos, Graças a Deus, tudo produzi do meu bolso, sozinho.
01:17:31	Fala nº 7	O repórter me perguntou, disse: a instrumento bandura tem futuro no Brasil? Digo: Sim. Digo: violão tem futuro? Viola tem futuro? Qualquer um instrumento tem futuro, por que esse instrumento não pode ter futuro? Nós temos que ter orgulho que nós temos feito começo no Brasil, não é

		comprado de fora. Temos no Brasil.
01:29:32	Fala nº 8	Nunca voltei. Eu queria voltar, ver. Só, não é, muito, muito despesa. A minha renda não cobre isso. Eu queria ver. Só não cobre.

ANEXO 2 – ENTREVISTA DE CARLA LIMA COM GUTO PASKO

Programa: Cine Ó		Canal: Ó TV
Nome dos entrevistados: Guto Pasko e Iván Bojko		
Nome da entrevistadora: Carla Lima		
Data da entrevista: -----		
Link do programa: https://www.youtube.com/watch?v=8CQey-f0_6k		
Data da transcrição: 20/05/2021		
Turno	Legenda	Transcrição
1	Carla Lima	Iván, de volta ao passado, de Guto Pasko, diretor, cineasta que está aqui comigo. Muito bem. Obrigada de novo por ter aceitado nosso convite para esse bate papo nesse lugar lindíssimo que é o Memorial Ucrâniano que fica aqui em Curitiba no Parque Tingui, nós estamos aqui. E a gente resolveu te convidar para bater um papo e conhecer um pouco dessa cultura incrível que é a cultura ucraniana. E o mais interessante é o seguinte, é que ele é a melhor pessoa para falar sobre o assunto porque Pasko é ucraniano.
2	Guto Pasko	Ucraniano.
3	Carla Lima	Fala um pouquinho sobre a sua vivência ucraniana pra gente começar esse bate papo gostoso.
4	Guto Pasko	Então, eu sou nascido em Prudentópolis, não é? Já me perguntaram em algumas ocasiões: Guto, você é ucraniano? Sim, nasci em Prudentópolis. É a resposta que um bom prudentopolitano sempre dá, né.
5	Carla Lima	Aham.
6	Guto Pasko	Prudentópolis é a Meca ucraniana no Brasil. 75% da população de Prudentópolis, que o município tem 52 mil habitantes e 75% são ucranianos e descendentes, né.

7	Carla Lima	Como é que foi a criação de Iván? De sentar e bolar: vamos fazer um filme, um enfim...e sobre Iván? E fazer essa coisa de meio que uma surpresa pra ele assim, né. Tipo, “você vai rever sua família depois de quase 70 anos de, de distância. E assim, ele não tinha contato por telefone nem nada assim com a família...
8	Guto Pasko	Não. Ele ficou muito tempo sem contato. Depois de um certo tempo, agora, ele mantinha contato por correspondência, mas com a irmã nunca mais se falou e tal, nunca mais se viram, né. Das duas irmãs, uma ainda está viva na Ucrânia. E na verdade, o Iván eu conheci ele quando da produção de <i>Made in Ucrânia</i>, que é um filme que eu produzi em 2005, lancei em 2006, que é um filme que é muito diferente desse e faz um resgate história da imigração ucraniana no Brasil. É um filme que retrata as três levas de imigração para o Brasil. Nós tivemos três levas de imigração e elas aconteceram em períodos específicos. Então o <i>Made in Ucrânia</i> retrata essas três levas de imigração, ao mesmo tempo faz um panorama dos primeiros 110 anos da imigração ucraniana, esse ano a gente ta comemorando 120 aqui no Brasil e mostra como é que eles mantiveram, um século depois, todas as suas tradições, seus costumes. Então esse filme retrata mais esse aspecto, né. Foi quando eu conheci o Iván. Porque dentro dessas várias manifestações culturais, a gente tem a bandura, que é um instrumento nacional ucraniano, que parece uma harpa paraguaia, cinquenta e poucas cordas e a gente não tinha esse instrumento no Brasil e o Iván chega em 48 e em 62 ele começou a fazer o instrumento. E eu vejo, e ele começou a fazer o instrumento pra se sentir próximo. É uma extensão dele com a Ucrânia, né. Ele não é músico, não é músico, nunca foi músico. Era agricultor lá na Ucrânia, nunca tinha tido uma bandura. e à partir de uma foto no

		jornal, né...então o sentimento, o patriotismo falou mais alto e ele, à partir da foto, intuitivamente, com machadinho, martelinho foi fazendo. A primeira toda torta, fez a segunda, fez a terceira. Então no Made in Ucrânia, fui atrás dele, ele ta no Made in Ucrânia justamente pra mostrar esse aspecto da bandura, né...que ele introduziu no país. Aí, a partir daquele filme, depois do lançamento daquele filme, que eu tive acesso aos diários. Foi à partir daí que veio a ideia do filme, né...
9	Carla Lima	do filme, com essas histórias aqui (aponta para o diário de Iván). E você fez uma viagem inversa no teu filme porque você pegou Iván e levou ele pra Ucrânia.
10	Guto Pasko	O filme é uma espécie de <i>reality show</i> . A gente acompanha essa trajetória dele desde o momento que a gente dá a notícia e depois a gente vai acompanhando ele no dia a dia dele. A expectativa, a preparação pra viagem, desde tirando o passaporte, arrumando as malas e todo o trajeto de viagem: nos aviões, aeroportos, trens...fomos para a Alemanha e depois pra Ucrânia e percorremos cinco mil quilômetros pra Ucrânia sempre filmando tudo. É um <i>road movie</i> , né. Então a gente alugou um ônibus e transformamos esse ônibus num estúdio móvel. Com toda a estrutura de produção, ilha de edição. E aí a gente controlava nosso tempo. Parava onde queria, a hora que queria. Ah, o Iván queria parar no meio de uma rodovia, interior na Ucrânia, porque ele queria ver o campo de girassol, a gente parava. Era ele o comandante. Então, pra facilitar isso. Então a gente montou toda uma estrutura, né. Pra exatamente a gente não tivesse nunca compromisso com horário. Ah, o Iván cansou. A gente para em qualquer cidade na beira, arruma um hotel e vai descansar.
11	Carla Lima	E vocês foram só com ele?
12	Guto Pasko	Foi uma das filhas e o genro.

13	Carla Lima	Essa história é incrível, é linda, quer dizer, a gente consegue mostrar uma cultura maravilhosa. Eu até comentei contigo antes, quando a gente chegou aqui no memorial, que foi o seguinte: Como que você conseguiu e consegue até o momento editar tudo isso sendo também ucraniano, sendo descendente de ucraniano? Porque o teu amor por essas duzentas horas que vão se transformar em uma ou uma hora e meia é muito grande, né. Pra você fazer esse desapego com as imagens, com esse material riquíssimo que você tem assim.
14	Guto Pasko	É. Não é uma tarefa...
15	Carla Lima	Fácil.
16	Gusto Pasko	Fácil. São 200 horas de material captado e o filme ficou com duas. Então 1% do material captado é o que vai estar no filme, né. E o restante eu vou trabalhar num projeto, numa perspectiva de ter uma série de tv. Reeditar esse material, em formato de seriado, que é um <i>reality show</i> que a gente tem.
17	Carla Lima	Vai ser super aproveitado então esse material.
18	Guto Pasko	Sim. Tem no mínimo 25 horas, dessas 200, que é um material inédito muito bom que não dá pra deixar fora. Então a gente vai trabalhar isso na sequência numa outra perspectiva. Agora, quando você chega nessa hora, chega na ilha de edição e começa a mexer com isso tudo, aí você tem que deixar o lado pessoal de lado.
19	Carla Lima	Profissional total.
20	Guto Pasko	O profissional tem que falar, né. Então eu tive que exercitar com o tempo muito essa questão do desapego. Hoje eu acho que já tenho isso bem resolvido comigo mesmo. Olhar, primeiro de tudo, profissional e a coisa vai.
21	Carla Lima	Com certeza. Bem, parabéns de novo. Eu só tenho a agradecer mais uma vez...

22	Guto Pasko	Eu que agradeço a oportunidade.
23	Carla Lima	Né. Nossa, eu tô muito feliz, viu, por ter esse material aqui nas minhas mãos e saber de toda essa história, saber um pouco do Iván e saber um pouco de você, da tua vivência enquanto descendente e conhecer esse lugar maravilhoso que você vai conhecer agora.
1	Carla Lima	Entrevista com Iván, de volta ao passado, com o próprio Iván, que é o personagem do filme. Nós estamos aqui na casa dele, nesta oficina de banduras dele.
2	Iván Bojko	Boa tarde, senhora.
3	Carla Lima	Muito obrigado por ter aceito nosso convite e por ter nos recebido aqui na sua casa e na sua oficina.
4	Iván Bojko	Obrigado pela visita.
5	Carla Lima	Iván, pra gente iniciar nossa conversa, como é que foi conhecer o Guto? Guto Pasko, que é o diretor tanto do Made in Ucrânia quanto o diretor do filme o qual o senhor é o personagem principal.
6	Iván Bojko	Ah, sim. Guto como, né, foi conversa passada, ele apareceu na minha casa sem querer por motivo comprar bandura. E quando ele viu bandura começou conversa como nós (aponta para a repórter) dois começemo a conversar. Conversa aí, conversa daqui nós peguemo conhecimento.
7	Carla Lima	Aí fizeram amizade.
8	Iván Bojko	Aí depois com amizade, já começou com serviço dele. Ele procurou, no serviço dele, um número o que ele queria. Depois ele telefonou pra mim, que eu aceito ou não aceito. Falei que sim, por que não aceito? Como agora com senhora também (aponta para a repórter). E ele veio e começou, devagarzinho, montar filme. Como todo mundo de que ele montou daquela história.
9	Carla Lima	Foram quase 70 anos, né, longe da sua família, longe da

		sua terra natal. O senhor desejava muito voltar um dia pra lá ou o senhor já tinha meio que perdido as esperanças assim?
10	Iván Bojko	Eu não tinha esperança. Não tinha. Só sempre, toda vida, eu imaginava. E depois Guto chegou e viagem para a Ucrânia. Digo: Guto, olha tá brincando. Não faça brincadeira brincando. “Não, não. Viagem para...” Digo, “não. Tá de brincadeira, Guto”.
11	Carla Lima	O senhor não acreditava?
12	Iván Bojko	Nunca. Nunca. o que é isso, não é? Depois a minha filha disse e meu genro e, se não fosse eles, eu não pegava viagem da mão deles, da mão dele. Depois já, minha filha e genro disse: Olha, Iván, não tem escapa.
13	Carla Lima	Você vai...
14	Iván Bojko	“Não tem escapa. Senhor vai, senhor pega viagem e eu também vou e filha também vai e toda equipe vai e o senhor vai”.
15	Carla Lima	E quando o senhor chegou lá, como que foi?
16	Iván Bojko	Quando cheguei lá e na capital Kiev (<i>Keiu</i>) e desembarquei-se lá e Guto disse: A Ucrânia. Ô, meu Deus! Peguei lenço, fiz cruz, peguei lenço, passei na rosto, tirei lágrima. Passeei daqueles artesanato, de feira artesanato, muito bonito, tanto bordado, tantas coisa. No domingo, foram para a minha aldeia onde eu nasci. Quatro aldeia para chegar não existe.
17	Carla Lima	Não existia?
18	Iván Bojko	Não existe. Os russos liquidaram com eles. Chegemo na minha aldeia. Quando passemos divisa de uma aldeia para minha aldeia e minha prima disse “olha, dido (como vô, disse), essa já divisa já chama-se Konyukhy. Chegemo na igreja, padre nos recebeu muito bem na igreja. Cumprimentei sacerdotes na igreja, nós, saíram na frente

		da igreja tem uma cova. Naquela cova tem enterrado 25 fuzilados.
19	Carla Lima	Nossa.
20	Iván Bojko	Eu fui lá prestar meu dever. Rezei Pai Nosso. E de lá levantei e queria visitar descanso minha mãe onde minha mãe e meu pai descansando.
21	Carla Lima	Onde eles haviam sido enterrados.
22	Iván Bojko	Na cemitério, não é. Porque a igreja junto com cemitério. E disseram pra mim e como minha prima também disse “Olha, dido, eu não sei onde sua mãe ta enterrado por aí. E daqueles povo ninguém também não sabia onde eles tão descansando.
23	Carla Lima	E daí? Como é que o senhor fez?
24	Iván Bojko	Isso deu pra mim choque. Senti muito mal. E pedi pra gente rezar Pai Nosso e Ave Maria pela alma do meu pai e da minha mãe. De lá, eles me levaram naquele lugarzinho onde eu nasci. (pausa) Meu Deus! (pausa) Quando olhei, deu grande susto. Mato, capim...
25	Carla Lima	E o senhor já havia, nesse momento, encontrado com a sua irmã ou ainda não?
26	Iván Bojko	Eu fui na irmã. Voltemo do Konyukhy, da minha aldeia e Guto disse “agora viajamo para Nicolaiu” para a minha irmã. Ainda não se salvei daquilo que eu foi na minha aldeia. Agora vou se encontrar de novo. Precisava saúde de novo. Tinha comprimido calmante da minha, do bolso e chegemo lá. Ela, coitadinho (se emociona).
27	Carla Lima	Emocionante
28	Iván Bojko	Chegou da casinha, com pãozinho na mão...
29	Carla Lima	Ai, que linda.
30	Iván Bojko	(Chora)
31	Carla Lima	O senhor se emociona quando lembra dela, né?

32	Carla Lima	E é uma tradição, né, de vocês de levarem o pão, o sal, né?
33	Iván Bojko	(Chora)
34	Carla Lima	Pode respirar. O senhor que uma água?
35	Iván Bojko	Isso foi encontro que nós se nasceram outra vez. Porque saiu do casa sem despedida...de ninguém. Parece Deus queria isso: nós se encontrar, antes de morrer, encontrasse junto. E gente no último dia (pausa)... caiu lágrima, não é, e saímos de lá. Graças a Deus, fiz cruz, pedi pra Deus voltar com boa vontade para o Brasil. Cheguei pra cá, já veio neta e ainda já do meu lado filha e o genro, não é. Sempre segurança. Aí Andreia sempre do meu lado. De saída até na volta. Toda vida com água...
36	Carla Lima	E o senhor ficou tantos anos aqui no Brasil e o senhor não tinha visto, ainda, uma bandura. O senhor não conhecia o instrumento ucraniano.
37	Iván Bojko	Não conhecia.
38	Carla Lima	E como o senhor fez uma bandura?
39	Iván Bojko	Assim... pela fotografia.
40	Carla Lima	A primeira ficou bonita assim? Toda redondinha?
41	Iván Bojko	Não, não.
42	Carla Lima	Ficou meio tortinha?
43	Iván Bojko	(Rindo) tinha mais ou menos o original, não é. Só que eu queria saber quem é tem essa bandura. Não sei.
44	Carla Lima	Olha só.
45	Iván Bojko	Não sei.
46	Carla Lima	É muito difícil aprender a tocar?
47	Iván Bojko	Olha, pra mim, agora é difícil...
48	Carla Lima	Mas pra uma pessoa que queira aprender a tocar. É muito complicado?
49	Iván Bojko	Não.
50	Carla Lima	Porque ele não é que nem um violão, né?

51	Iván Bojko	Não. Aprender, aprende. Só uma coisa, tem que ter treino. Eu já não se interesse mais. Já faz mais que dez anos, não é. Então a gente destreinado. Eu me lembro. Só acertar bem corda certa.
52	Carla Lima	(Narrando) No programa de hoje você conheceu a história de Iván, um ucraniano de muita garra que se tornou um excelente exemplo mostrado no longa-metragem de Guto Pasko. No próximo Cine Ó, você não vai perder, hein, a viagem que vamos fazer pelo cinema e pelas produções que têm o dedinho paranaense. A gente se vê.

ANEXO 3 – ENTREVISTA DE NATHÁLIA LUKJANENKO COM IVÁN BOJKO

Nome do entrevistado: Iván Bojko		
Vínculo do/a entrevistado/a: N/A		
Data da entrevista: 2016		
Local da entrevista: Oficina de Iván Bojko		
Duração: 59m16s		
Entrevistadora: Nathália Lukjanenko		Instituição: N/A
Data da transcrição: 24/07/2021		
Turno	Legenda	Transcrição
1	Iván Bojko	Como eles trabalharam escravo na governo União Soviet comunismo, agora continuam trabalhar escravo na fazenda de governo. Governo democrático só é continua assim, não é. Então esse problema é desse pequeno, não é. E tenho saudade, não é, daquele gente. Gente trabalha por metro quadrado e vivia no meu tempo o papai tinha chácara, não é. (inaudível) Agora não existe, eles pegaram do povo. (inaudível) Ainda declarou que ele entrega bens com boa vontade (inaudível) E agora, quando cheguei lá, mostraram daquela casinha o que se aconteceu só sobrou esqueleto...
2	Nathália	Era sua casa?
3	Iván Bojko	Ainda essa casa existe. Depois de 68 anos, quando eu voltei, ainda ela, coitada, com porta aberta que ela me recebeu.
4	Nathália	Que emocionante que deve ter sido
5	Iván Bojko	porque saí da casa em 42. Foi defender a minha irmã. quando eu saí de casa eu já disse que eu vou defender. Só as duas irmãs ainda dormiram e papai ficou lá com o gado na cocheira, mamãe também, não é, e eu foi lá na aldeia do mandante, do presidente da aldeia. Então já não voltei mais.

		E deixei elas dormindo. Elas não saberam que eu saí.
6	Nathália	Nem se despediu?
7	Iván Bojko	Depois de 68 anos eu voltei se encontrar com a minha irmã. Olha, doeu muito. E ainda cheguei lá naquela igreja onde eu fui batizado. Velhinha, tem 440 anos. Antiga. Outra aldeia também tem mais ou menos 380 anos, não é.
8	Nathália	Nossa.
9	Iván Bojko	No meu tempo, quando a soviet union ocupou e fizeram a inscrição do povos, quantos tem populidade da aldeia. Eu me lembrei, mais ou menos, quatro mil, quarenta ou quatrocentos. Agora eu recebi que a aldeia tinha, naquele tempo, de quatro mil até seiscentos.
10	Nathália	Seiscentos mil?
11	Iván Bojko	É.
12	Nathália	Nossa, bastante.
13	Iván Bojko	Então nem imaginava assim. Ta certo. A juventude, mais ou menos, pouco se conheceram, não é. Aquele de idade não se conheceram. De onde veio? Na igreja. No encontro. Konyukhy. É, eu também Konyukhy. De Konyukhy é aldeia grande. Agora eles falam que a populidade é nova. Ou quando pouco cresce mandam se vai embora pra cidade com a divisa aberta, não é. Todo mundo foge pra Portugal, Alemanha. Procuram idade pra sobreviver e só sobram mulher velhas.
14	Nathália	Entendi.
15	Iván Bojko	Quando perguntei por que abandonaram, a mulherada responderam “mas o que você está querendo, Iván? Eu com a minha enxada vou arrumar rua? Não precisa. Pode se mandar trator arrumar. Eu com enxada, com oitenta anos, vou trabalhar na rua? É triste. Triste.
16	Nathália	Como chama a aldeia?
17	Iván Bojko	Aldeia? Konyukhy. Tem aqui escrito. É a única aldeia, que

		eles escrevem e mandam pra mim, a aldeia é a única estado inteiro, não é, Ternópil, ela é única. Tão grande, não é. Ainda as outras pequena. Sim, daqueles pequenas também, gozado, Quando cheguei na Liviv (ou navio?) em viagem para Ternópil no mais ou menos no meu tempo como juventude tinha assim encontro e tal, não é. Aldeias com aldeias, cidade com cidade. Mais ou menos gente pouco participava. E, to viajando, e assim olhando pela janela. Cadê a aldeia daquela? Cadê a aldeia daquela? Destruído. Das aldeias fizeram pra lavoura. E a gente, população, não se sabe onde está, não é. Onde, assim. Cheguei numa cidade, chamava Sburil (?), chegada minha casa tinha quatro ou cinco aldeia. Não tinha nenhuma, só sobrou minha. E eu perguntei, daquele tava guia, esqueci de nome dele, não é. Digo: o que se aconteceu? Ele também não sabe. Naquele tempo ele não sabia. (inaudível). E depois, ele, o Guto, pegou dele, acompanhar nós, mostrar tudo viagem. As ruas, não é. Então ele, 14 dias ou 17 dias, ele acompanhou eu, não é, por todos os lugares. Então a gente foi ver o que se aconteceu, o que a vida deles, é triste.
18	Nathália	É muito triste.
19	Iván Bojko	A cidade é outra coisa. Muito bonito, bem pintadinho, respeitoso, e começaram assim, fazer por conta qualquer uma coisinha, não é. Abrir individual, não é. E naquele tempo, comunismo, não podia isso. Então eles, com jeitinho, começaram. Só não é como aqui no Brasil. Cada vitrine no Brasil é famosa, não é. Lá não. Um par de sapato, dois par de sapato na vitrine. Roupa também. Uma coisinha, não é. Então vida deles é comércio (começo?). Muito, muito bonito. Gostei muito porque leio muito sobre a Ucrânia. Ler é uma coisa, ver é outra coisa.
20	Nathália	Ah, com certeza.
21	Iván Bojko	Não é. Pessoalmente, quando chega lá e assim, olhei, Meu

		Deus, o que é isso? Paraíso, não é. Visitei todas 14 igrejas. Como é que é, porque naquele tempo, comunismo, como minha irmã também falou que a igreja tinha, não é, todas, tinha oficina mecânica. Porta tava fechada, não podia entrar. E você ver, queria ver, que antigamente e agora eles tão renovando tudo. Tinha igreja, chamava-se Andriulka. Cheguei lá, é muito, tem muralha construído lá. Desculpe, começa a atacar (tosse). Eu fui ver daquela igreja. Se a parede eles lavaram, só pintura aparece como antiga. Não é como original. Só aparece que tava pintada, não é. Também disseram que era (inaudível) todos, não é. É muito bonito, muito bonito. E essa viagem eu fiz história. Como Guto fez comigo. É uma coisa que nem sei contar, não é. Ele achou minha casa, queria comprar bandura. Começou a conversar comigo, devagarzinho, devagarzinho. Aí eu quero fazer fotografia, quero filmar isso, quero filmar isso e começou, não é. E não me contou nada. Faça. Ele pediu, tem que fazer, não é. Até chegar a ponto que ele veio com filmagem, todos, não é, e com equipe toda. E eu perguntei, digo: qual é essa palhaçada? Ah, não é nada. Eu vou faço uma coisinha, não é. Ta bom. Faz coisinha. Depois ele veio papel, viagem e prazo pra mim. Parece sete dias. Sete dias, uma semana. Você viaja para Ucrânia. Digo: tá brincando? Você sabe o que é? Quanto custa passagem? Não,não. Tudo pago. Hotel. Aí começou. Eu queria rasgar. Já peguei. Aí meu genro chamou atenção e disse não, eu também viajo. Filha também viaja. Aí fui obrigado. Aí eu cheguei lá sem orientação nenhuma. Essa coisa que é a pior que existe: viajar sem orientação. Quando cheguei, na primeira coisa o que? Queria visitar onde descansando meu pai e minha mãe. Ninguém não sabe onde. Já choque deu. Cheguei na igreja, no cemitério e ninguém não sabe. Pedi pro povo rezar Pai Nosso. Vamos na sua casa. Cheguei na minha casa. O que se aconteceu? Casa só
--	--	--

		sobrou pedacinho de casa. Ainda a entrada com terra quase até a janela.
22	Nathália	Nossa!
23	Iván Bojko	Assim. Pensa bem como eu me senti.
24	Nathália	Nossa! Uma emoção muito grande.
25	Iván Bojko	É. Sentimento. Não. Tá bom. Viagem foi, história feita. Ele queria fazer assim, Guto. Eu não queria. Ele manda porque ele é dono do filme. E ainda colocou meu nome. Eu não queria. Disse não: Iván, de volta para o passado. Eu aceitei. Agora tem esse filme, não sei quem viu. Você assistiu o filme ou não?
26	Nathália	Eu vi uns trechos. Só não consegui ver inteiro ainda.
27	Iván Bojko	Vale a pena. Esse filme faz história. Quem assiste, não é só para ucranianos, não é. Porque eu sou testemunho único e filme é vivo. (inaudível). E esse filme mostra, cada uma pessoa que assiste esse filme tem que pensar. Não é, como eu disse, não é só ucraniano. Qualquer uma nacionalidade porque estamos na Brasil é assim, não é. Por que veio pai dele? Por que veio vô dele? Bisvovô dele? Por que eles deixaram o lar deles e veio para o Brasil? Então fazer (inaudível). Essa história conta vida da pessoa porque pessoa não tem direito defender próprio nome. Só toda vida calado e “sim, senhor”.
28	Nathália	Muito triste. Quero muito assistir. Lá em São Paulo ainda não chegou, mas estou correndo atrás.
29	Iván Bojko	É triste. Triste. O que fazer? Porque sai do comunismo, entrou no fascismo. Fascismo mesma coisa, não é. Pior coisa é que eu tinha meses, mês, 1942, no fim do ano novembro e dezembro. Fim de novembro entra na dezembro. E lá é quando já começa inverno, geada, neve, chuveiro, vento. Eu não tava preparado, não tinha roupa. Essa roupa que eu tinha, saí da casa. Essa roupa servia para domingo, para

		trabalho, pra dormir e assim, não é, desse jeito. E foi trocado de um lavrador para outro lavrador. E quando foi para eu sair do trabalho, muito neve, geada e eu desse jeitinho, pelado. Então fiquei congelado e chamei minha mãe. Por que ela não me afogou quando ela me deu o primeiro banho? Aí esse dia, essa semana, dia, pior coisa que eu tinha. Depois, quando já trocaram pra outro lavrador. Outro lavrador já tava pouquinho mais, pouco melhor dia dele, não é. Porque existe, entre a gente, tem gente boa, tem bondosa, não é. Então desse jeito vivi quando entrei nos primeiros meses no lavrador ruim, daquela partida do Hitler. Não, pra ele não interessa se você tem, não tem, sofre, não sofre, comeu, não comeu. Pra ele não interessa. Já o outro lavrador velhinho, já pouquinho manso, não é, já estava pouco melhor. Então fiquei lá 3 anos naquele lavrador.
30	Nathália	Qual região da Alemanha que era?
31	Iván Bojko	Alemanha. Alemanha, Hannover.
32	Nathália	Ah, sério? Os meus avós também. Próximo de Hannover.
33	Iván Bojko	Hannover.
34	Nathália	Olha só quanta coisa semelhante.
35	Iván Bojko	Cidade bem grande. Foi bombardeado todos, não é. Cidade industrial. Então aliados bombardearam noite e dia. Bomba uma atrás da outra.
36	Nathália	Destruíram tudo, né?
37	Iván Bojko	Hamilton tava lá e diz que cidade não aparece que tava assim. E também, quando cheguei na aeroporto na Alemanha também fiquei “Nossa!” é luxueto. Tava destruído.
38	Nathália	Posso te mostrar as fotos dos meus avós? O senhor quer ver ou não? Eu achei que tem bastante semelhança a sua história com a história dos meus avós. Ó, essa daqui era minha avó pequenininha. Essas fotos ainda na Ucrânia, né. Os meus bisavós. A minha avó eu conheci. Ela faleceu quando eu tinha

		quatro aninhos, mas eu conheci.
39	Iván Bojko	Essa ainda (inaudível).
40	Nathália	Tá um pouco fora de ordem mas aqui são eles. Minha avó...
41	Iván Bojko	Mas essa já diferente. Ó, isso tradição antiga.
42	Nathália	Dá pra ver melhor assim.
43	Iván Bojko	É. Tradição antiga. Essas tradição que eu vivia.
44	Nathália	De juntar todo mundo pra tirar foto?
45	Iván Bojko	Esse sistema assim. (Inaudível)...essa nossa vida.
46	Nathália	Esse aqui já era na Alemanha também. Meus avós foram pra Alemanha, ali perto de Hannover também, mas era uma cidade menorzinha chamada Bordorf. Isso foi no campo que eles ficaram depois da guerra enquanto eles não sabia pra onde eles iam e eles formaram esse grupo de teatro.
47	Iván Bojko	Essa. Pra vocês. Vocês nem imaginam o que nós sofreram. Cada um, cada um. Um trabalhou na lavoura, outro trabalhou na fábrica, mina de carvão, como eu fui escalado na mina de carvão. Depois, Graças a Deus, que deu jeitinho pra escapar e fui trabalhar pra lavoura.
48	Iván Bojko	Entendi.
49	Nathália	Olha, esse acho que é meu avô caracterizado aqui.
50	Iván Bojko	Que coisa linda. (inaudível)
51	Nathália	Ainda bem que eles mantiveram esse registro, né? Hoje eu consegui fazer a pesquisa.
52	Iván Bojko	Ó. Esse boné soviético.
53	Nathália	Esse acho que era o irmão da minha avó. Muita gente ainda eu não sei quem é, né. Estou ainda descobrindo.
54	Iván Bojko	Dá pra descobrir. Agora nós temos sistema que é muito fácil, muito fácil.
55	Nathália	Ah, é? Mas lá na Ucrânia isso?
56	Iván Bojko	Não. Em todos lugar assim. Vocês também, pela internet, não é. Como eu telefono pra lá. Como telefone, internet,

		peessoalmente falo, não é. Dá pra ver uma pessoa e outra.
57	Nathália	Eu pretendo ir pra lá ano que vem também, continuar as pesquisas, conhecer melhor.
58	Iván Bojko	E geração sua? De onde? Qual lugar? Vovô, bisvovô...
59	Nathália	Então, nos documentos diz que eles eram de Ludsk.
60	Iván Bojko	Onde?
61	Nathália	Ludsk. Não sei falar. Deixa eu pegar aqui. Acho que é uma vila. Skariulska. Mas eu acho que minha vó era de lá, o meu vô eu ainda não tenho certeza. Eu acho que não era do mesmo lugar. Mandeí e-mail pra lá perguntando se tem registro. Por enquanto não encontraram nada, mas ainda tô insistindo.
62	Iván Bojko	É. Muito bonito as coisa.
63	Nathália	Esse é na Alemanha ainda. Meu tio nasceu lá.
64	Iván Bojko	É bom que vocês guardam isso.
65	Nathália	E você não tem, você não fica triste, você não tem nenhum problema de contar como foi as coisas. Pra você isso não é um problema? Você gosta de contar pras pessoas ou te incomoda, assim, passar isso adiante?
66	Iván Bojko	(inaudível) Feito antigo. O que eles faziam. Encontro...
67	Nathália	Aqui já é no Brasil mesmo. Família reunida aqui na janela. Aqui são eles também, com meus tios.
68	Iván Bojko	É muito bonito. Epa: laulka. Foi feito aqui, não é.
69	Nathália	Essa não tenho certeza. Essa é minha tinha Tamara. Pode ser que tenham trazido de lá porque ela manteve contato com alguns familiares dela que vieram visitar depois, então pode ser que tenham trazido.
70	Iván Bojko	(inaudível) Folclore que nós temos. Quando eu cheguei para Brasil não tinha folclore.
71	Nathália	Não tinha folclore?
72	Iván Bojko	Não. Nem bandura, nem folclore nem nada. Folclore foi,

		começo parece, cinquenta um ou cinquenta dois. Veio um senhor do norte América, Vassil Avermenko, ele profissional. E começou a falar com presidente da sociedade também pároco da Martin Afonso, não é, e começaram fazer. Naquele tempo parece, mais ou menos, deu pra montar, mais ou menos, cinquenta componentes e ainda nos deram passagem pelo Rua XV. O povo viu como que é e tal. E, naquele ano, Vassil Avermenko foi para Norte América e começaram...guardar isso. E sempre mais, cada ano mais, mais e já coral e tal. Coral não tinha tantos problemas porque nós tinha coral na igreja Martin Afonso, não é. No coral da igreja, assim, eu participei. Naquele não entrei, não é, porque sistema. Nem traje não tinha e tal e começaram a fazer traje e naquele tempo chama-se fita ponto russo, não é. Começaram pregar na camisa e por por aí, não é. E sempre apresentação. Só única coisa: nossa tradição ucraniana, sempre, a canção (ucraniano) banduro. (Iván canta trecho da música). E sempre acharam que ninguém não trouxe bandura. Eu recebi jornal, assim como esse. E naquele jornal, posso mostrar lá, tinha, é, banduristas, coral com Taras Schevtchenko. E de lá, eu comecei. Primeira bandura em 61. Em 61, como daquela bandura como pessoa nunca viu e tal só deu pra tocar (risos). Depois daquela uma, montei mais três, apresentei na Tarumã já no folclore com quatro menina. Também tem fotografia. E de lá, começaram montar conjunto.
73	Nathália	Entendi.
74	Iván Bojko	E conjunto saiu sempre melhor, melhor, não é. Depois eu se recebi mais instrução sobre instrumento, mais fotografia, como é que é e comecei. Agora tem muitos instrumentos no folclore.
75	Nathália	Sim. E agora você ensina as pessoas a fazerem também, né?
76	Iván Bojko	É. 62, já 61 quando eu comecei a fazer bandura, não é, eu já

		desafastei-se do coral. Só trabalhei com isso. É difícil, não é. A principal ferramenta...
77	Nathália	Eu imagino. Deve ser bem trabalhoso mesmo.
78	Iván Bojko	Muitas coisas ainda...e hoje, Graças a Deus, que nós temos uma coisa no Brasil, maravilhosa, única: História ucraniana no Brasil. Muitas coisa. Porque, assim, Vila Guáira, Poltava, também eles começaram por pouco tempo, não é. Ainda eles não tinham clube, clube por pouco tempo fizeram, não é. E também terreno, precisava se comprar e tal. Com sacrifício montaram, não é. E depois surgiu Duadorsk) deram umas banduras do norte américa e (inaudível) e ela tava na música e tal. Depois ela recebeu mais ajuda, instrução. Então, ela começou e tem paciência com criancinha e tal e começou. Eu não sei (inaudível) ela vai longe porque é difícil. Ninguém não dá valor, só eu sei porque trabalhei com isso, pra ensinar criança. Criança não obedece, não é.
79	Nathália	Dá trabalho.
80	Iván Bojko	Gritaria, depois a criança corre mamãe. (inaudível) Só não é agradar. Deixar na escola bem direitinho tudo. Graças a Deus vamos ver o que é amanhã. Vamos firmar (ou filmar??) e vamos ver amanhã.
81	Nathália	Ainda bem que o pessoal continua transmitindo a tradição. Ver as crianças aprendendo...
82	Iván Bojko	Minha vida, como eu digo assim, pessoa perdida no mundo, não é, deixar (inaudível) e depois vou lá procurar abrigo, procurar fazer ninho pra chocar-se. E assim, cheguei ao Brasil e vivi mais no Brasil do que vivi na Ucrânia.
83	Nathália	Mas sem abandonar as tradições. Isso é bem legal.
84	Iván Bojko	Sempre a gente sente, não é. Porque, assim como eles disseram, as casas muitas abandonadas, não existe moradores, abandonaram casas e foram embora. Como disseram “não voltam, pode escolher qualquer uma coisa”

		então costuma se viver, voltar nunca.
85	Nathália	Infelizmente.
86	Iván Bojko	Tá bom.
87	Nathália	O senhor quer compartilhar mais alguma coisa com a gente? A sua história é muito interessante, muito triste, mas muito interessante.
88	Iván Bojko	Agora vai ver minha fábrica.
89	Nathália	Ai, estou curiosa. O senhor falou que chegou ao Brasil em 47, foi isso?
90	Iván Bojko	Em 48. Mês de maio. 29 de maio. 1942 (confunde-se), às nove horas da noite pra Curitiba. Eu tinha filha, não é. Ela tinha 3 aninhos, não é. Eu cheguei, também frio. A noite tava um pouco duro, não é. Na outro dia, veio uma família e eles me colheram, não é. Já cheguei na casa deles, tinha colchão de palha e dormia no assoalho até adaptar-se. Primeiro, dinheiro não tinha, não é. Falar, não sabe. E desse jeito começa. É duro, não é. Assim como trouxe bicicleta e naquele tempo, bicicleta precisa-se emplacar como se emplacando carro ou moto, não é. E perguntei cidadão, onde ele me acolheu, como eu posso fazer isso. Aí ele disse sabe o que? Escreve “eu quero placa para bicicleta”. Não. “Onde prefeitura? Quero placa bicicleta”. (inaudível) Perguntava Guarda. Cheguei na rua XV, tinha guarda e mostrei pra ele: onde prefeitura? Quero placa para bicicleta. Tá escrito. Ele, coitadinho, ajoelhou-se (Iván ri) começou a discar (???) onde cheguei até a prefeitura, Generoso Marques, naquela velha casa. Cheguei lá: onde prefeitura? Quero placa bicicleta. “Prefeitura aqui. Placa bicicleta na rua Barão”. Uma menina, mal, mal, ela de origem polonesa, mal, mal mostrou. Cheguei lá, viu que era emplacamento, tal. Veio cidadão “O que você quer?”. “Aonde prefeitura? Quero placa bicicleta”. “Prefeitura foi lá” (ri).

91	Nathália	Ah, não acredito.
92	Iván Bojko	(inaudível). Pregou placa na bicicleta. Qual descritório tá chamando atenção. Qual é marca bicicleta? Só eu entendi de que ele quer. Pegou bicicleta. Disse “Dier Kop” (pesquisar) (inaudível). E saí desse jeito. Também adaptei-se na rua Riachuelo. Tinha fábrica de calçados, não é. São origem alemão, tal. Também o chefe alemão. Então falou pra mim: melhor sempre comunicação alemão, não é. O que fazia e tal, ele me explicou. Assim, a gente devagar, devagar...
93	Nathália	O alemão você aprendeu quando você foi pra Alemanha?
94	Iván Bojko	Sim. (inaudível) E desse jeito a gente chegou até ponto onde sempre troquei serviço pra onde paga um pouco mais, não é. Colega diz “vem trabalhar, pagam tantos”. Deixei lá, fui pra lá. E assim vida. Até cheguei ponto final.
95	Nathália	A gente vai batalhando, né?
96	Iván Bojko	Ah, é duro. Assim como bandura. Fazer bandura. Trabalhei na firma. Lá na firma a gente trabalha também de noite e domingo fazia bandura. Já viu como é. Tem que trabalhar pra sobreviver. Eu é daquele origem que você tem (inaudível) com tudo as força. Juntei as madeiras, onde qualquer uma e fazer bandura. Só foi. Deu pra tocar, não é. E, desse jeito, também já na último vinte anos que trabalhei na firma Polícia Militar. Tinha, eles tem fábrica de roupa, moveis, tudo. Então eu usei a maquinário deles de madeira, não é. Na hora de almoço, almocei e fui na oficina e usei. Só também eu tinha atrás de mim Coronel (inaudível). Duas ou três semanas que eles morreu, não é. (Iván fala pra alguém: o Romano Orestein? Pessoa não sabe). Mais ou menos, no começo do mês ele morreu. Só ele sempre deu mãozinha pra mim.
97	Nathália	Ah, que bom.
98	Iván Bojko	Lá na firma. Ucraniano sempre puxa assim (Iván ri). Então nós vamos na minha fábrica.

99	Nathália	Vamos! Quanto anos você tinha quando chegou aqui no Brasil?
100	Iván Bojko	Parece trinta anos, parece trinta.
101	Nathália	Meu avô tinha 35 já, quando ele chegou.
102	Iván Bojko	Aqui, veja. Todos os arquivos quando procura alguma coisa. Daqui eu tirei fotografia que eu comecei fazer bandura. Essa fotografia.
103	Nathália	Ah, entendi. Olha só, que legal.
104	Iván Bojko	Primeira bandura. Tá escrito, parece, 61. No mês de abril. Aqui já em Tarumã, que eu falei. Já quatro banduras.
105	Nathália	Quatro. Lindas fotos também.
106	Iván Bojko	Essa mesmo. Essa eu comecei (inaudível) três pessoas. Já também no palco.
107	Nathália	Legal! Isso em 1970?
108	Iván Bojko	essa o que é?
109	Nathália	Deve ser muito difícil, né, fazer e tocar também.
110	Iván Bojko	Aqui, sobre banduras escrito. O que é bandura. Aqui, em Rio. Aqui tudo escrito sobre apresentação que eu tive lá no Rio.
111	Nathália	Ah, sim.
112	Iván Bojko	Então aparece um pouquinho. Essa o que é? (som de papéis sendo mexidos) Koniukhy, a minha aldeia. Aqui é Konhiukhy. Aí aldeia. Aqui é juventude. Trinte e sete. Coral, dançarinos. Aqui o que é? É coral. Naquele tempo 37. Aqui parece tem cozinha. (inaudível). Aqui juventude ainda.
113	Nathália	Essas fotos todos você conseguiu através de pesquisas ou elas eram suas.
114	Iván Bojko	Aqui eu foi onde. Aqui. Naquele tempo. Aqui já com bandura.
115	Nathália	É você?
116	Iván Bojko	É. Tá vendo? Na minha casa. Essa mesma coisa. Eu fiz mapa da minha aldeia, não é. Então fica onde igreja uma, igreja outra, igreja tem...por aí. Aqui, não é. Essa. Veja, só sobrou

		essa casa aqui, não é. Essa casa, aqui tem porão. Eu entrei nessa casa visitar. Já telhado não existe mais. Tá abandonada. Aqui cocheira. Aqui abrigo dessas carroça e tal, não é. Aqui um paiol, colher trigo. Aqui, cocheira de cavalo. Aqui de vaca. Isso não existe. Tiraram tudo. Telhado também tiraram.
117	Nathália	Só ficou estrutura, né?
118	Iván Bojko	Aqui cadeia. (inaudível). Aqui nós estamos. Aqui praça, hotel, nós dormiram aqui. Depois de lá eu cheguei. Deputado federal, ele levou eu e disse: “eu vou te mostrar as coisas”, não é. Então foi pelo praça, não é. Cheguei aqui na rua principal. Aqui cheguei. Rua principal. Aqui tem memorial dos mortos, aqui tem quatro mil e parece quarenta, por aí, (inaudível) todos mortos que foram sacrificados nessa cadeia. Chama-se cadeia Brigik. Então eu cheguei, fui ainda entrado aqui, fui ver daquele terreno e eles disseram pra mim que eles querem fazer museu nessa cadeia, não é. E aqui desse lado, campo verde, daquele deputado falou ainda que eles acham que tem três mil e pouco cabeças mortas.
119	Nathália	Caramba, quanta gente.
120	Iván Bojko	Aqui, o meu conjunto.
121	Nathália	Ai, que legal.
122	Iván Bojko	inaudível) morreu por pouco tempo. Esse é meu conjunto. Sempre conjunto não tava um só porque começaram e saíram. Um vem, outra entra. E nunca montaram o original. Então é assim, não é. Veja. Ó. Veja. Esse conjunto famoso. Paraná.
123	Nathália	Ai, que legal. Olha as roupas todas. E todas essas banduras foi você que fez?
124	Iván Bojko	Isso. Isso tava meu conjunto.
125	Nathália	Muito lindo.
126	Iván Bojko	Aqui parece onde estou? Aqui.

127	Nathália	Muito legal. Todo feliz.
128	Iván Bojko	Tava bonito o conjunto.
129	Nathália	Sim.
130	Iván Bojko	Bonito. Ó, depois, também, o conjunto foi montado. Um vem outro não. Aqui, Bispo que morreu (inaudível). Conheceu, não conheceu?
131	Nathália	Eu sei quem é, mas não conheci ao vivo.
132	Iván Bojko	Aqui Isabel que é minha esposa e eu
133	Nathália	Isso aqui em Curitiba mesmo ou não?
134	Iván Bojko	eu cossaco. Assim, como eu disse, que trinta anos de serviço e trinta ano de conjunto e vida dessa.
135	Nathália	Olha que lindo. Aquelas ali são suas também.
136	Iván Bojko	Tudo réplica. Como é assim, por fotografias, não é. Como foi montado primeiro instrumento naquele tempo, não é. Cada um fazia instrumento como podia. Só no Kiev eu deixei uma bandura e lira, não é. Eu tinha duas. Então deixei lá no museu. Uma bandura. (Iván tosse e diz que começa a atacar).
137	Pessoa 1	Quanto tempo demora pra fazer uma bandura?
138	Iván Bojko	Aqui bandura minha que eu...
139	Nathália	Que você tocava?
140	Iván Bojko	Tocava. já mais ou menos 18 anos não...
141	Nathália	Ah, não toca?
142	Iván Bojko	Eu tirei dela para limpar muito sujeira. Já tantos anos não é.
143	Nathália	Pesada, né?
144	Iván Bojko	Pesada.

ANEXO 4 – ENTREVISTA DE MALU MAZZA COM IVÁN BOJKO

Programa: ParanáTV		Canal: RPC TV
Nome do entrevistado: Iván Bojko		
Nome da entrevistadora: Malu Mazza		
Data da entrevista: 06/11/2015		
Link do programa: https://globoplay.globo.com/v/4591957/		
Data da transcrição: 14/07/2021		
Minutagem	Legenda	Transcrição
Parte 1		
00:02:51	Fala nº 1	Eu vi na página essa fotografia. Eu senti xxx. Parece revolta para o passado, não é? Então, tava no domingo. Na segunda-feira, peguei martelo e procurar madeira e comecei a fazer instrumento.
00:03:28	Fala nº 2	Eles me pegaram e prenderam. Já disseram: quem vai querer fugir, então tem saber. A família dele vai no campo atrás do arame farpado. Então, a gente já tem que socorrer a família. Eu pensei em fugir. Não deu tempo pra fugir.
00:04:05	Fala nº 3	Essas roupa serviu pra trabalhar, pra domingo, passear, não é? E pra dormir, levantar e pra de novo trabalhar. Muito geada, neve, frio demais...eu na mesma posição, não é? Sem roupa, sem nada. E aquele patrão não se interessou do povo. Morre, morre...parece um homem sem... sem alma...o dia inteiro nessa geada. Eu tremia. Até chorei... (inaudível) até a gente não queria viver. Chamei minha mãe. Isso nunca me esqueço. Isso tá me doendo. Chamei minha mãe, chorei e disse: minha mãe, por que você não me afogou quando me deu o primeiro banho?
00:05:20	Fala nº 4	Cinco horas da manhã veio tanque americano. Chegou

		soldado e disse: você aceita a roupa americana? Eu disse: eu aceito. Então vai lá no caminhão e vista roupa americana e você essa tira fora. E assim, eu recebi... salvei-se, não é?
00:06:00	Fala nº 5	Cheguei para o Brasil 29/05, nove hora de noite, para Curitiba.
00:06:50	Fala nº 6	Conheceu Polônia, conheceu Rússia, conheceu americano e veio ao Brasil. Olha, o Brasil mais querido de todos. Eles são...deviam mais orgulhosos, mais firmes. E no Brasil, é um país que ele forma com o planeta inteiro gente. Todas qualidades, todas raças.
Parte 2		
00:06:30	Fala nº 1	Ela me esperou 66 anos com porta aberta fazer visita
00:06:38	Fala nº 2	Ajoelhei, beijei na porta, chamei pai, chamei mãe. Eles não vêm. Entrei na casa, na casa vazia, abandonada, não tinha ninguém. Aí isso começou ou segura-se ou cai. Deu tremedeira, eu caí com a mão na parede. Minha prima segurou no braço e eu saí de lá.
00:07:24	Fala nº 3	Deixei ela em casa de 12 anos. Velhinha. Olhei na cara dela. Ela me contava o que se aconteceu com todas as histórias. Senhora, até hoje eu não se conformo, não sei, não posso dizer nem contar, o que se aconteceu, por que isso.
00:08:46	Fala nº 4	Eu vivo aqui. Trabalho o dia inteiro, não é? Eu adoro então é... A gente levanta, toma cafezinho e chega nessa casa pra sempre tem alguma coisa pra fazer.

ANEXO 5 – ATA DE FUNDAÇÃO SOCIEDADE “BANDURRA” DE FOLCLORE UCRANIANO NO BRASIL

7/6 1967

SOCIEDADE "BANDURRA" DE FOLCLORE UCRANIANO NO BRASIL

ATA DE FUNDAÇÃO

Aos seis (6) dias de julho digo agosto de mil novecentos e setenta e quatro, das vinte e uma às vinte e três horas e cinqüetaminutos, na sede da União Agrícola Instrutiva, Filial do Portão, por iniciativa dos senhores Iwan Bojko e Basilio Juzwa, reuniram-se as pessoas que assinam esta ata, sendo-lhes explicado pelo primeiro dos citados acima que a reunião era para discutir a possibilidade de organizar uma sociedade que tivesse por fim cultivar a prática do folclore ucraniano no território da República Federativa do Brasil, com sede em Curitiba, capital do Estado do Paraná. Após várias proposições a respeito da idéia, foi finalmente aprovada por unanimidade a proposta pelo senhor Iwan Bojko, que ao mesmo tempo foi eleito para presidir a assembléia de fundação daqui por diante, sendo convidado para secretariá-la o senhor Vacelh Kovaliuk. O senhor presidente declarou que, havendo sido criado Órgão oficial, pelo Governo do Estado, para coordenar as atividades dos vários grupos folclóricos operantes na área territorial paranaense, ele presidente e o senhor Basilio Juzwa foram lembrados numa das reuniões da Diretoria daquele Órgão como sendo integrantes de um grupo de tocadores de bandurra, instrumento típico ucraniano, por eles difundido nesta região meridional brasileira e que diante disso veio a idéia da fundação desta sociedade, para possibilitar melhor desenvolvimento dessa arte, a par da prática de outros ramos do folclore ucraniano, com a participação de maior número de interessados amantes de música e canções de gênero. Ficou, a seguir, eleita a Diretoria provisória da Sociedade recém fundada, devendo ser elaborado o projeto do respectivo Estatuto para o fim de ser discutido e aprovado na assembléia seguinte. A Diretoria provisória compõe-se de Presidente, Vice-dito, Secretário e Tesoureiro, sendo eleitos, respectivamente, com mandato até a eleição da Diretoria definitiva, os senhores Iwan Bojko, Basilio Juzwa, Vacelh Kovaliuk e Joao Kovalyuk. Os fundadores delegaram poderes plenos para a representação, na qualidade de Delegados da Sociedade "Bandurra" de Folclores Ucraniano no Brasil, perante os Poderes Públicos nacionais, aos senhores Iwan Bojko, como Delegado, e Joao Kovaliuk, como seu Suplente. Foi, ainda, eleito Representante da Sociedade, junto às autoridades judiciárias e administrativas, o senhor Vacelh Kovaliuk, nas funções de Secretário da Diretoria provisória, cujos membros assumiram neste ato os respectivos cargos e funções. Nada mais havendo, foi redigida esta ata em duas vias de igual teor, sendo ambas assinadas pelos fundadores da SOCIEDADE "BANDURRA" DE FOLCLORE UCRANIANO NO BRASIL, a seis de agosto de mil novecentos e setenta e quatro.

Iwan Bojko
Joao Kovaliuk
Basilio Juzwa
Nicoloni Porcok
Andrie Zajac
Hamilton Wons
J. Janickij
Ch. Paz Cub
Mac Brynnmiec

ANEXO 6 – DISCURSO DE 15 DE JUNHO DE 1972

Palavras dos BANDURISTAS UCRANIANOS DE CURITIBA

Em primeiro lugar as nossas cordiais saudações a todos que estão nos ouvindo... do conjunto dos Banduristas Ucranianos de Curitiba...

HISTÓRICO

Quando citamos o nome "Bandurista", tão logo, vem a pergunta - qual é o seu significado?... Banduristas - são as pessoas, que se dedicam à arte de música, executada num instrumento chamado Bandura, instrumento este que os Srs. estão vendo.

BANDURA

É um instrumento tipicamente ucraniano, que conta com aproximado 1.200 anos de existência. De princípio, a bandura compunha-se de 3 cordas, mas com o tempo e evolução da arte, a mesma passou a ser aumentada de tamanho e acrescida de mais cordas, assim que hoje conta com 32 a 54 cordas. Bandura é o instrumento tradicional do nosso povo, que era usada desde as grandes cidades, até os menores vilarejos... assim como por exemplo : o violão ou a viola, aqui no Brasil . Chamavam-na instrumento do povo, ou amor do povo...

UCRANIANOS

Povo que passou a maior parte de sua história em guerras, a saber: de início lutava contra os bárbaros, que passavam pela Ucrânia rumo a Europa, depois contra os seu vizinhos, os quais cobiçavam e queriam apoderar-se do seu território, rico em minérios, e das terras mais férteis em trigo do mundo. E, ultimamente a Ucrânia foi invadida pelos comunistas Sovieticos, que fizeram e obrigaram com que o povo se despersasse e imigrasse para diversos países, como: - França, Itália, - Austria, Inglaterra, Austrália, Alemanha, Estados Unidos, México, Canadá, Brasil, Etc. Mesmo dispersados, levaram consigo a cultura, a arte, os costumes, o folclore, as tradições, etc. e no exílio, deram continuidade... Assim no Brasil, está sendo preservada e desenvolvida a continuidade desta cultura, que já passou a fazer parte integrante da cultura brasileira... Razão pela qual, hoje a nossa arte, folclore e música, fazem parte das festas, apresentações, exposições - aqui no Brasil, como sendo parte da cultura brasileira e do povo que o integra...

ENCERRAMENTO

Pelo que falamos acima, nós Banduristas, convidamos a todos aqueles que queiram e tenham vontade, venham conhecer a Bandura, venham aprender a tocar ... pois, juntos conheceremos melhor a arte e assim / contribuiremos com o desenvolvimento cultural do Brasil ...

E, de nossa parte, os nossos sinceros agradecimentos pela acolhida que estamos tendo, deste povo hospitaleiro e alegre e, como sendo esta oportunidade, congratulamo-nos com todos ...

Salve o Brasil !

dia- 15/6, 1972.

J. Boiko T. V. CHNHL 12.

ANEXO 7 – DISCURSO DE 15 DE JUNHO DE 1970

Senhores:

O SER HUMANO veio ao mundo para lutar. Lutar incessantemente durante toda a existência. Trabalhar individual ou coletivamente. Braçal ou intelectualmente, - visando, sobretudo, dar o exemplo às gerações porvindouras.

A pessoa já nasce com o natural amor à vida.

Alguns são predestinados a se dedicar à medicina, outros ao magistério, engenharia, direito, etc., chegando muitos a serem dirigentes, Chefes de Nação.

Muitos têm pendor para o esporte.

Outros para a arte.

A arte é universal. A música é melodia. A música gera a canção. Nas canções se condensam as recordações, o sofrimento, a alegria, a revolta, o amor ...

Enfim, tudo aquilo que a pessoa vive sobre a terra.

E já que falamos em arte, desejo aqui lembrar algumas passagens minhas. Minhas e de meus companheiros: ... Devido às vicissitudes da guerra, fomos obrigados a deixar a nossa terra de nascimento - a UCRÂNIA, escolhendo para nova Pátria este querido Brasil, Terra de Santa Cruz, e aqui trabalhar e, nas horas vagas, dedicar-se à arte, à música, formando aqui e acolá, grupos de BANDURISTAS, para que no futuro, essa música popular ucraniana seja propalada, seja lembrada.

O início, como tudo na vida, foi difícil. Comecei organizando um grupo feminino. Ele não foi adiante... Quatro anos após, ~~estou reconhecendo~~, chegando a isto que os senhores estão vendo.

Existem ainda dificuldades e, com elas, as naturais falhas.

Mas, graças ao CANAL 6, que nos deu a oportunidade destas apresentações, como convidados, penso que as coisas vão melhorar. ...

Quero por isso, com estas breves palavras, deixar consignado aqui o nosso melhor agradecimento à Diretoria do CANAL 6, aos senhores Deslandes e seu Filho Hamilton, aos srs. locutores e apresentadores, aos funcionários da casa e, enfim, a todos os srs. telespectadores de Curitiba, do Paraná e de Santa Catarina.

Os BANDURISTAS ucranianos de Curitiba desejam a todos saúde e felicidades.

A todos as nossas respeitosas saudações.

O nosso MUITO OBRIGADO.

O nosso SPASSÉBIH.

IVAN BÔIKO

dia 15/6/1970

ANEXO 8 – IVÁN É CHAMADO DE PROFESSOR

CENTRO DE HUMANIDADES
DEPT. DE LETRAS ESTRANGEIRAS

Prof. Ivaneza dos Santos Dias Soares
CHDPE

Ilmo. Sr.
Prof. Jaroslau Woloshchuk
Folclore Ucrainiano "Barvinok"
Alameda Augusto Stelfeld 795
Cx Postal 666
80410 Curitiba Paraná

RESIDÊNCIA
Rua Faria de Castro, 511
Fam. 211 5111
80134 - Curitiba - Paraná

Faculdade de Humanidades - UFRJ
Fax: 757-8131 - Ramal 2
Rua S. J. J. - Curitiba - Paraná

Fortaleza, 11 de julho de 1988

Prezado Senhor,

Nós, que fazemos a Universidade Federal do Ceará, tivemos imensa satisfação em receber, pela primeira vez, em Fortaleza, um grupo folclórico de tamanha importância quanto o foi o grupo do Professor Ivan Boiko. Agradecemos, profundamente, à V.Sa. a vinda deste grupo de banduristas que veio proporcionar ao povo fortalezense a oportunidade de conhecer outras culturas.

Pedimos desculpas pela falta de conhecimento em relação aos instrumentos, que em alguns boletins e jornais, foram confundidos com a "balalaika". O importante, porém, é que fomos esclarecidos e a comunidade teve o prazer de conhecer uma arte tão extraordinária como a que vocês todos difundem no nosso querido país.

Reiteramos nossos agradecimentos e, particularmente, reconhecemos a atenção dispensada pelo Senhor Ivan Kovalyuk, que foi também um dos grandes responsáveis pela vinda dos artistas.

Ficando, aqui, à disposição de todos vocês que formam a colônia ucraniana no Paraná, apresentamos-lhe nossa mais profunda consideração e amizade.

Ivaneza dos Santos Dias Soares
Prof. Ivaneza dos Santos Dias Soares

Esplanada Praia Hotel
Av. Presidente Kennedy, 2000 - PABX (085) 224.8555 - Telex (085) 11103
FORTALEZA CEARÁ

ANOTAÇÕES

*Передування бандуристів
у нашу готель 11/7 88р.*

ANEXO 9 – JORNAL O LAVRADOR



O LAVRADOR

ЖАЇБОРОБ

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA
 PERIÓDICO INDEXADO
 BIBLIOTECA MAD 05/12/2004

Nº 172 (3617) SETEMBRO 1988 — BOLETIM INFORMATIVO DA UNIÃO AGRÍCOLA INSTRUÍVA — ALAMEDA AUGUSTO STELLFELD Nº 795 — CAIXA POSTAL, 666 CURITIBA - PARANÁ - BRASIL — DIRETORA RESPONSÁVEL: HELENA Lychatchenski — IMPRESSO PELA CROMOGRÁFICA EDITORA LTDA. — DISTRIBUIÇÃO INTERNA

ГОВОРІТЬ ОКСАНА МЕШКО

Мельбурн, Австралія (УІС «Смолоскип»). Член Української Гельсінської Групи Оксана Мешко, яка перебуває на лікуванні в Австралії, виступила 13 березня ц. р. з доповіддю перед українською громадою Австралії. У своєму виступі Оксана Мешко згадувала свої позитивні відчуття ряду актуальних проблем і поділяла нові інформації про події в Україні. Нижче подаємо текст її виступу.

ДОРОГІ МОЇ СПІВІТЧИЗНИКИ НЕДОЛЕГО ТЯЖКОЮ ЗАНЕСЕНІ В ЧУЖУ НАМ ЗЕМЛЮ!

Вітаю вас всіх на австралійській землі, що дала вам притулок і волею — неволою стала Вашою другою Батьківщиною.

Будемо вірити і сподіватися, що діти, нащадки Ваших в недалекому майбутньому в 21 столітті повернуться в нашу обітвану ботом і історією многотрагедіальну Україну.

ІДЕЮ ПОВЕРНЕННЯ НА СВОЮ ЗЕМЛЮ ПРИШЕПІЛЮЄТЕ ДІТЯМ З ПЕЛЮШОК. ХАЙ ЗНАЮТЬ, ЩО МИ — НЕ БЕЗВАТЧЕНКІ ХАЙ ВИРОСТАЮТЬ СВІДОМИМИ СВОГО ПРЯМОГО І СВЯТОГО ОБОВ'ЯЗКУ ТВОРИТИ НА ЗЕМЛІ ДОБРО. І ВІДБУДОВУВАТИ СВОЮ ДЕРЖАВУ В ДУСІ ГУМАННОСТІ І РІВНОСТІ СЕРЕД РІВНИХ.

Хай будуть горді користуватися з комфортом і навіть стати можливими жертвами заради ідеї відродження України, нашої єдиної Батьківщини. Мусять вертатися в Україну з місцями дати свій повсякденний вклад в справу відбудови і творення нового суспільства, суспільства правдиво нового мислення.

Пробу не вважати це за сенсативну стару історію: ідеї і принципи ці я ствердила всім своїм довгим життям.

Тарас Шевченко писав «немає на світі України, немає другого Дніпра» — і як це співпадає з новим науковим твердженням, що країно, багатій землі за нашу Україну справді немає на всій нашій планеті — землі.

Волинське і сумно, що миші за всіх політичних генерацій і гноблення колись квітучі села, села про які Тарас Шевченко писав: «село на нашій Україні, як писана село, зеленим тавом поросло, цвітуть садки, блиють хати...», змиряють. Ще в час зародкового процесу колективізації їм завдано непоправної шкоди. А нині урбанізація проковтнула молоді, старі хлібороби в самоті докичують свій вк...

«Роботилим рукам, роботилим умам» справжнім патріотам належить повернутися в діло свої скривдженої Батьківщини!

Вітаю вас не тільки від себе особисто, а і від нашої київської громади, від всієї української патріотичної

„Барвінок” на 27-у Фолклорному Фестивалі Етній Парани

22-го серпня ц.р. в Театрі Гваїра, Курітіба, відбулося закінчення 27-го Фолклорного Фестивалю Етній Парани. На завершення цього 7 Фестивалю виступав Український Фолклор „Барвінок”.

Перед початком виступу, відбулась спеціальна програма на сцені, де були вшановані визначні особи, засновники Фестивалю: актор Телмо Фарія; консул Голяндії, Теніус / ван ден Берг і його дружина Гелена, вже покійні, репрезентовані їх дочкою проф. Віргінією ван ден Берг. Також були вшановані: пані Вера В. Ахіберт, посолка Союму штату Парани; п. Мирослав Мазепа, президент Інтер-етнічного Товариства; п. Ярослав Волошук, президент Українського Фолклору „Барвінок”.

Виступ нашого „Барвінка” пройшов під стягом 1000-ліття Хрещення Русі-України.

Глибина сцени була прикрашена, величезного розміру, панелем з надписом:

Бандуристи
Коломийка
Ой чорна я
Повзунець
Простий гопак
Київський вальс

пісня
пісня/хор
танець
танець
танець
пісня/хор

/сольо — Я. Волошук/ танець

Успіх був надзвичайний. Рясні заслужені оплески не впухали. Вже той факт, що наш фолклор був представлений на закінчення 27-го штатного фолклорного фестивалю в Парані, вказує на його високий престиж як аматорської одиниці народного українського мистецтва.

Треба згадати невисипу роботу адміністративної та фахової частини „Барвінка”, які в великій мірі спричинилися до високого рівня того знаменитого виступу в честь і / славу нашого християнського тисячоліття:

Хореографія — Роберто А. Орестен
Одесь Іван Сисак
Група молоді — Софія М. Прийма Сисак
Мірна С.К.В. Коваленко

ANEXO 10 – BANDURA DE IVÁN NO UKRA BAR

ANEXO 11 – QUADRO DE DESTAQUE SOBRE IVÁN NO UKRA BAR

